

JULIO RIBEIRO

Grammatica Portugueza

*Tentei ensinar aos meus naturaes
o que eu de outrem não pude apren-
der.*

DUARTE NUNES DE LEÃO.

*Pour les langues, la methode es-
sentielle est dans la comparaison et
la filiation.—Rien n'est explicable
dans notre grammaire moderne, si
nous ne connaissons notre grammaire
ancienne.*

LITTRÉ.

*En aucune chose, peut-être, il n'est
donné à l'homme d'arriver au but;
sa gloire est d'y avoir marché.*

GUIZOT.

QUINTA EDIÇÃO, CUIDADOSAMENTE REVISTA

POR

João Vieira de Almeida

PROFESSOR DE PORTUGUEZ



S. PAULO

MIGUEL MELILLO—EDITOR

65. Rua de s. Bento, 65

1899

Classif	469.5
Autor	R 359g
V.	Ex
Ex.	
Tombo BC	75829
	64160

81B1D338780

S. PAULO
 Typ. da CASA ECLECTICA
 Rua Direita, 6
 1899

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

As antigas grammaticas portuguezas eram mais dissertações de métaphysica, do que exposições dos usos da lingua.

Para afastar-me da trilha batida, para expôr com clareza as leis deduzidas dos factos do fallar vernaculo, não me poupei a trabalhos.

Creio ter ferido meu alvo.

Os erros de etymologia e distribuição de materia que a critica honesta e illustrada de Karl von Reinhardstoettner ⁽¹⁾ e de Alexandre Hummel ⁽²⁾ descobriu na primeira edição do meu livro, corriji-os eu nesta segunda.

Acceitei grato os elogios da imprensa brazileira: com os louvores dos competentes, de Ruy Barbosa, de Theophilo Braga, do conselheiro Viale, exultei.

As criticas injustas e virulentas de gente atrabiliaria que, á mingua de sciencia, lança mão do insulto, não havia resposta a dar. Não é de bom conselho perder tempo, com cousas que a ninguem aproveitam.

Duas palavras sobre esta grammatica, e em particular sobre esta edição.

Abandonei por abstractas e vagas as definições que eu

(1) Professor da Polytechnica de Munich.

(2) Distincto p

residente em Tietê.

«Words or the Parts of Speech (Taxeonomia); 2nd. Inflection (Kamphenomia); 3rd., Derivation (Etymologia). have been separately discussed. This method I think better adapted for conveying grammatical information than the elder one, of exhausting successively each of the Parts of Speech in all its relations.

«For the sake of the accurate definition of the Parts of Speech, as well as for General Syntax, the recently introduced system of the Analysis of Sentences is fully explained. On this subject the method given by Mr. C. P. Mason has been principally followed (1)»

Ocioso seria confessar o muito que devo a Paulino de Souza, a Theophilo Braga e a outros grammaticographos portuguezes. Quem fôr versado em estudos de lingua vernacula, facilmente verá de quanto me valeram esses mestres.

Pelo que respeita a Adolpho Coelho, pergunto: quem poderá escrever hoje sobre philologia portugueza, sem tomal-o por guia, sem se ver forçado a copial-o a cada passo?

Apresento ao publico esta segunda edição do meu livro, escudando-o com os louvores de tres homens venerandos, Ruy Barbosa, o conselheiro Viale, André Lefèvre.

Por falta de espaço, deixo com pezar de adduzir as opiniões de Sylvio Romero, de Capistrano, de Arthur, de Theophilo Braga, de tantos outros competentissimos.

Faço votos para que uma critica severa, mas honesta, me auxilie sempre em melhorar um trabalho, que tanto favor tem merecido.

Capivary, 30 de Dezembro de 1894.

1) Desvaneço-me de que até na escolha de guia a seguir me tenha eu encontrado com o grande philosopho inglez.

tomára de Burgraff: preferi amoldar-me ás de Whitney, mais concretas e mais claras.

O systema de syntaxe é o systema germanico de Becker, modificado e introduzido na Inglaterra por C. P. Mason, e adoptado por Whitney, por Bain, por Holmes, por todas as summidades da grammaticographia saxonica.

O meu modo de expôr, a ordem que segui em distribuir as materias, é de Bain. Cumpre notar que, ao dar á luz, em 1881, a primeira edição desta grammatica, eu ainda não tinha visto a «*A Higher English Grammar*».

Folgo de que, sem prévio accordo, eu tenha, no campo do pensamento, caminhado a par de espirito tão elevado. Que se concluirá de ter a minha obscuridade achado sem guia o mesmo caminho seguido pelo eminente logico inglez?

É que, sendo identicos os processos que empregámos na distribuição dos factos glotticos e na maneira de os encarar; identico foi o resultado.

É de crer que tenhamos ambos acertado; que se possam applicar ao caso as palavras do snr. Michel Bréal ⁽¹⁾ sober facto semelhante, o encontro, a homogeneidade das grammaticas gregas dos srs. Chassang e Bailly: «*Quoique les auteurs aient travaillé d'une façon independante, leurs ouvrages présentent des nombreuses analogies, qui prouvent en faveur de l'un et de l'autre, puisque le champ de l'erreur est trop vaste, pour qu'on puisse aisément s'y rencontrer*».

Agora faço minhas a seguintes considerações de Bain, *mutatis* levemente *mutandis*; «*While availing myself of the best words on the English Language, I have kept steadily in view the following plan. Under Etymology (Lexicologia) the three departments: 1.st Classification of*

(1) *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*. Paris, 1887. pag. 335.

Fragmento de uma carta do conselheiro Antonio José Viale ao Exm.^o Sr. Dr. Rozendo Muniz.

«Li com grande satisfação a nova Grammatica Portugueza do professor paulista (*) o Sr. Julio Ribeiro. Aprendi nella muita e muita cousa. Na minha opinião, leva a palma a quantas grammaticas portuguezas conheço, algumas das quaes tenho approvado na junta central de instrucção publica, de que sou vogal.»

Parecer e projecto da Commissão de Instrucção publica, apresentado á Camara dos Deputados, em 12 de Setembro de 1882; relator Ruy Barbosa. Pagina 172; nota:

Louvores ao nosso distincto philologo, o Sr. Julio Ribeiro, pela intelligencia com que comprehendeu e traduziu esta nova direcção (a de Whitney,) dos estudos grammaticaes. «Grammatica, diz elle, é a exposição methodica dos factos da linguagem.»

Paris, 26 Janvier, 1882

21, RUE HAUTEFEUILLE

Monsieur et cher confrère,

Je n'ai pas voulu vous remercier sans vous avoir lu, ou plutôt sans m'être quelque peu familiarisé, à l'aide de votre grammaire même, avec les formes et l'organisme de la langue portugaise.

J'ai donc suivi, avec attention et plaisir, le développement de votre pensée; et j'ai fait mon profit, au point de vue de la grammaire comparée, de votre phonétique, de vos comparaisons étymologiques, de vos beaux travaux

(*) Julio Ribeiro ra mineiro.

sur les désinences et suffixes. Il est impossible, en parcourant vos nombreux paradigmes de substantifs, de particules et de verbes, de ne pas admirer cette richesse linguistique qui se manifeste dans le tronc aryen, et qui, après s'être épanouie en sept familles d'idiomes indoeuropéens, a su encore faire jaillir de chaque rameau des floraisons aussi variées, aussi nettement caractérisées que les sept ou huit filles du latin.

L'intime fraternité de ces belles langues romaines, loin de nuire à leur originalité respective, en fait seulement comme un de ces chœurs harmonieux où la variété des timbres et des voix accentue l'unité fondamentale du thème et de la mélodie.

Pourquoi, cher moi sieur, me sens-je plus voisin de vous à travers l'Atlantique que de l'Anglais ou de l'Allemand, à peine séparés de Paris par une journée de chemin de fer ? C'est à la science du langage de répondre à cette question, trop négligée des hommes d'état à courte vue. La parenté des langues, qui est celle des idées, implique nécessairement l'amitié et l'alliance des peuples. Sans aucune pensée de dénigrement et d'envie à l'égard des autres groupes aryens ou humains, les membres de la grande société latine doivent marcher la main dans la main vers le progrès social, et faire sentir leur poids dans la balance de l'équilibre universel.

Agréez, cher monsieur Julio Ribeiro, l'assurance de mes sentiments de confraternité.

André Lefevre

A MEMÓRIA VENERANDA

DE

Luiz de Camões, Friedrich Dies e Émile Littré

AOS COLENDOS MESTRES

*André Lefèvre, Michel Bréal e Adolpho Coelho ;
ao eruditissimo polygrapho Theophilo Braga; ao mais robusto
manejador actual da Língua Portuguesa,
Camillo Castello Branco; á maior gloria do magisterio
official brazileiro, Capistrano de Abreu*

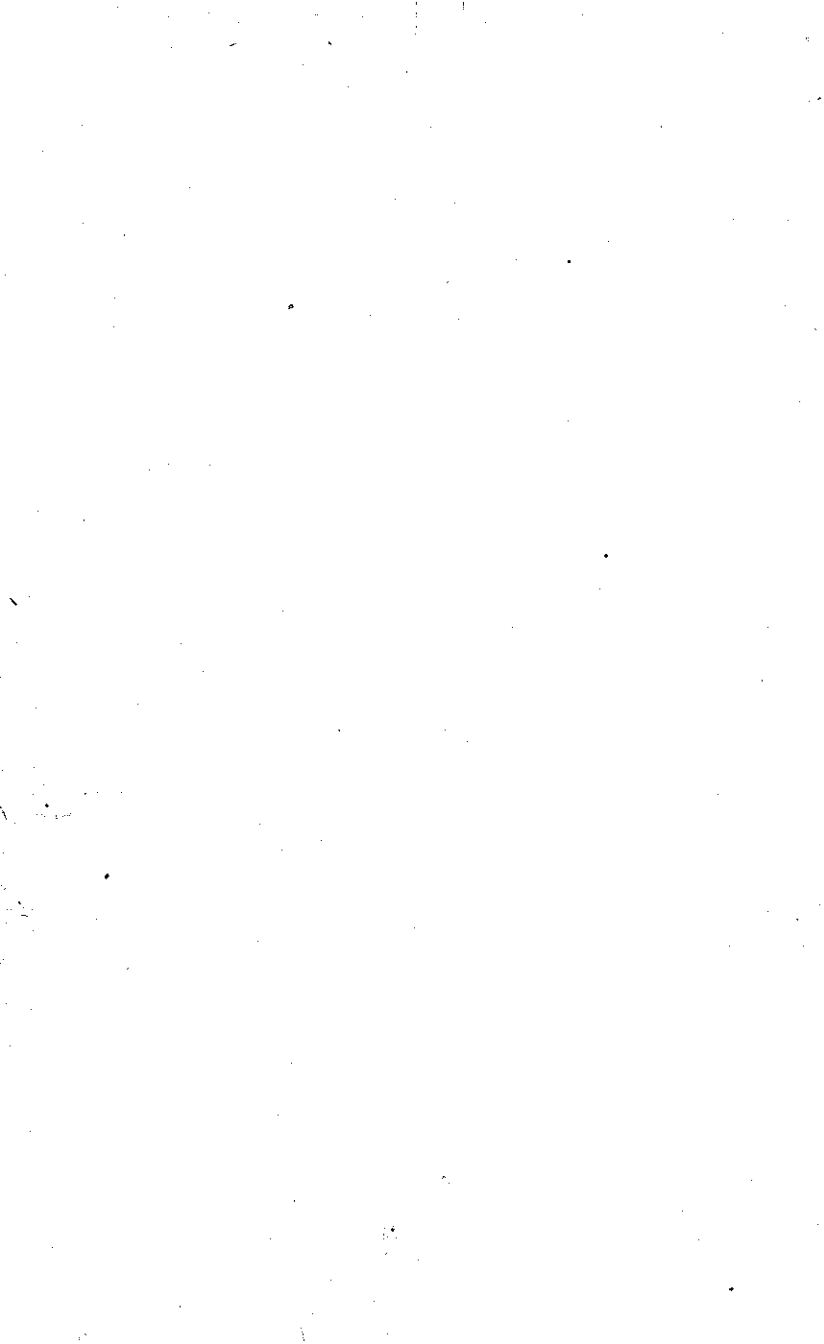
AOS DISTINCTÍSSIMOS PROFESSORES

*Vieira de Almeida (Campinas); Thomaz Galhardo
(S. Paulo) e Serafim de Mello (Capiwary)*

*Dedica esta segunda edição da
«Grammatica Portuguesa»*

© auctor

(Dedicatória da 2.^a edição)



GRAMMATICA PORTUGUEZA

INTRODUCCÃO

1. Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem ⁽¹⁾.

A grammatica não faz leis e regras para a linguagem; expõe os factos della ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. O estudo da grammatica não tem por principal objecto a correcção da linguagem. Ouvindo bons oradores, conversando com pessoas instruidas, lendo artigos e livros bem escriptos, muita gente consegue fallar e escrever correctamente sem ter feito estudo especial de um curso de grammatica. Não se póde negar, todavia, queas regras do bom uso da linguagem, expostas como ellas o são nos compendios, facilitam muito tal aprendizagem; até mesmo o estudo dessas regras é o unico meio que têm de se corrigir os que na puericia aprenderam mal a lingua.

2. Ha muitos outros pontos de vista sob os quaes é util o estudo da grammatica.

Nós começamos a aprendizagem da falla, aprendendo a entender as palavras que ouvimos pronunciar aos outros. Depois aprendemos a pronunciar-as nós proprios, e a coordenal-as, como os outros fazem, para exprimir as nossas impressões, os nossos pensamentos. Um pouco mais tarde, temos de aprender a entendel-as, quando apresentadas á nossa vista, manuscriptas ou impressas: temos de apresental-as tambem desse modo isto é, de escrevel-as. Será então dever nosso usar da linguagem, não só com correcção, mas tambem de modo que agrade aos outros, que sobre elles exerça influencia. Muitas pessoas terão ainda de aprender linguas estranhas, linguas que servem aos mesmos fins a que serve a nossa, mas de modo diverso. Nós temos mais de estudar as formas varias por que passou a nossa lingua, temos de comparar essas fórmas com a fórma actual para que melhor entendamos o que esta é, e como veio a ser o que é.

1) William Dwight Whitney, *Essentials of English Grammar*; London. 1887, pag. 4—5.

Não nos basta usar da linguagem; é mister saber o que constitue a linguagem, e o que ella nos importa. O estudo da linguagem diz-nos muito sobre a natureza e sobre a historia do homem. Como a linguagem é o instrumento e o meio principal das operações da mente, claro esta que não podemos estudar essas operações e a sua natureza, sem um conhecimento cabal da linguagem.

Para todos estes fins, é o estudo da grammatica o primeiro passo; e o estudo da grammatica de nossa lingua, o passo mais seguro e mais facil.

O estudo da grammatica divide-se em diversas partes: nunca se acaba, começa em nossa infancia, e dura toda a vida. Os homens mais intelligentes e doutos têm sempre alguma cousa a accrescentar ao seu conhecimento da linguagem, mesmo da materna.

3. *Linguagem* é a expressão do pensamento por meio de sons articulados.

4. Sons articulados significativos, quer proferidos, quer representados por symbolos, chamam-se *palavras*.

Consideradas relativamente á sua significação, chamam-se as palavras *termos*; consideradas relativamente aos seus elementos materiaes, chamam-se *vocabulos*.

5. A grammatica é geral ou particular.

6. *Grammatica geral* é a exposição methodica dos factos da linguagem em geral.

7. *Grammatica particular*, é a exposição methodica dos factos de uma lingua determinada.

8. *Grammatica portugueza* é a exposição methodica dos factos da lingua portugueza.

9. Divide-se a grammatica em duas partes: lexeologia e syntaxe (1).

1) Burgraff, *Principes de Grammaire Générale*, Liège, 1863, pag. 11. Allen and Cornwell, *Englis Grammar*, London, 1865, pag. 9. Ayer, *Grammaire Comparée de la langue Française*, Paris, 1876, pag. 12. Bastin, *Étude Philologique de la Langue Française*, St. Petersburg, 1878, vol. I, pag. 1. Chassang, *Nouvelle Grammaire Grecque*, pag. 1. e 131.

PARTE PRIMEIRA

LEXEOLOGIA

10. A *lexeologia* considera as palavras isoladas, já em seus elementos materiaes ou sons, já em seus elementos morphicos ou formas.

11. A *lexeologia* compõe-se de duas partes: *phonologia* e *morphologia*.

LIVRO PRIMEIRO

ELEMENTOS MATERIAES DAS PALAVRAS

12. *Phonologia* é o tratado dos sons articulados.

13. A *phonologia* considera os sons articulados:

1) isoladamente, como elementos constitutivos das palavras;

2) aggrupados, já constituídos em palavras;

3) representados por symbolos.

14. As partes, pois, da *phonologia* são tres: *phonetica*, *prosodia* e *orthographia*.

SECÇÃO PRIMEIRA

PHONETICA

15. *Phonetica* é o tratado dos sons articulados, considerados na sua maxima simplicidade, como elementos constitutivos das palavras (1).

1) Bergman, *Résumé d' Études d' Ontologie Générale et de Linguistique Générale*, Paris 1875, pag. 261.

Som é a impressão produzida no organ auditivo pelas vibrações isochronas do ar.

Voz é o som laryngeal de que se servem os animaes, para estabelecer entre si certas relações.

O ~~orgão~~ organ essencial para a produção das vozes é o *larynge*; os *pulmões* fazem as vezes de um folle, e a *trachea-arteria*, as de um portavento.

Voz articulada é a voz humana modificada por movimentos voluntários do tubo vocal.

O aparelho, pois, da voz articulada é o *tubo vocal*, isto é, a *pharynge*, a *bocca* e as *fossas nasaes*.

O larynge humano tem dous estreitamentos formados por dous pares de linguetas—*glotte inferior* e *glotte superior*, chamados também *cordas vocalicas*.

Usualmente a denominação «*glotte*» comprehende ambos.

Através da *glotte* effectuam-se a aspiração e a expiração. Durante esta é que se produzem as vozes, cuja intensidade está sempre na razão directa da força com que é expellido o ar.

As vozes vão modificar-se especialmente na parte superior do tubo vocal. Este é um aparelho composto de membranas e de musculos; tem organs moveis e organs immoveis.

Os organs moveis são :

- 1) *véo do paladar*, divisão musculo-membranosa, quasi quadrilateral, cuja margem superior apegase á abobada palatina, ao passo que a inferior fluctúa livre sobre a base da lingua, apresentando na sua parte média a saliencia chamada *úvula* ou *campainha*, e continuando-se de cada lado com a lingua e com a *pharynge* por meio das prégas conhecidas anatomicamente por *pilares do véo do paladar* ;
- 2) a *lingua*, corpo musculoso, maravilhosamente flexivel, que, ligado em parte á mandibula inferior, contraí-se, alonga-se, dobra-se, vibra, podendo ir tocar com sua extremidade quasi todos os pontos da cavidade buccal. Comparam-na a pitorescamente, e com muita justeza, ao badalo de um sino ;
- 3) as *faces* e os *labios*. Os labios formam a abertura da bocca, e, fechados estes, torna-se impossivel a emissão de sons articulados;
- 4) a *arcada dentaria inferior*.

Os organs immoveis são :

- 1) as *fossas nasaes* ;
- 2) a *abobada palatina* ;
- 3) a *arcada dentaria superior*.

Cerrar os dentes não impede a passagem do ar ; póde-se, pois, fallar com os dentes cerrados.

Eis, em resumo, o mecanismo da palavra: o ar expirado pelos pulmões entra em vibração nos estreitamentos do larynge, onde se forma a voz, e atravessa a bocca, onde se faz a articulação. Os musculos do larynge modificam, a primeira; os do véo do paladar, da lingua, das faces e dos labios se encarregam da segunda.

16. De tres maneiras modifica-se o aparelho vocal na prolação de sons laryngeos; ha, conseguintemente, tres categorias de vozes articuladas, a saber; vozes livres, vozes constrictas, vozes explodidas.

A velha distribuição dos elementos phonologicos em *sons simples* e em *articulações*, em *vozes* e em *consonancias*, provém da observação imperfeita que dos phenomenos de vocalisação têm feito os grammaticos (1).

De facto, as chamadas *vozes* são em essencia sons produzidos pela passagem do ar nas cavidades pharyngeas e buccaes que se dispõem de modo particular, e que, por conseguinte, resoam diversamente em cada uma das prolações.

As pretendidas *consonancias* não são sons como as *vozes*; são *ruidos*, isto é, vibrações irregulares, mixtas e confusas demais, para poderem ser percebidas em separado: estes ruidos não podem fazer-se ouvir distinctamente por si, mas differenciam-se pela maneira por que deixam começar ou acabar a emissão de uma voz. As *consonancias* não se podem pronunciar sem que se associem a uma voz: dahi o seu nome—*cum sonare*.

No momento de emittir-se uma voz, a cavidade buccal e o pharynge dispõem-se de modo tal, que apresentam ao ar, que vai produzir a voz, certos *obstaculos* que elle abala, donde o ruido mais ou menos accentuado das *consonancias* (2).

Em resumo, tanto *vozes* como *consonancias* não passam de *sons laryngeos de vozes* propriamente ditas, que se modificam diversamente ao atravessarem a parte superior do tubo vocal.

O erro dos grammaticos consiste na apreciação falsa dos ruidos da bocca, ou de qualquer outra parte do aparelho de phonação: todo o som

(1) Girault, Duvivier, *Grammaire des Grammaires*, édition de Lemaire, Paris, 1873, vol. I, pag. 4 Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica*, Lisboa, 1871, pag. 2—6

(2) Mathias Duval, *Cours de Physiologie*, Paris, 1870, pag. 504 e 505.

é a voz a que dá modo do ser, a que imprime fórmã o jogo continuo ou momentaneo dos orgams moveis da bocca (1).

Os grammaticos da India conheceram e discriminaram bem estes factos: ás vozes chamaram elles *svara* (sons), ao passo que ás pretendidas *consonancias* deram o nome dè *vyanjana* (o que torna distincto, o que manifesta). (2).

17. Todós os sons laryngeos que têm passagem livre pelo tubo vocal mais ou menos alongado, são *vozes livres*.

De todos os elementos da linguagem o menos complexo, o que com mór facilidade se produz, é a voz livre **a**: consiste ella em uma mera emissão de som larygeo por entre os labios descerrados.

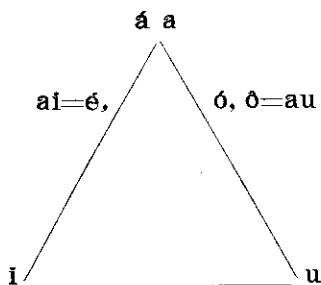
A voz livre **i** é produzida pela maxima dilatação horizontal da bocca, ou, em outros termos, é a voz livre em cuja enunciação a abertura oral estende-se longitudinalmente até o ultimo gráu.

A prolação da voz livre opposta **u** effectua-se pela maxima aproximação dos cantos da bocca, perante a emissão do som.

As outras vozes livres são intermediarias, em relação ás tres principaes; assim **e** fica entre **a** e **i**; **o** entre **a** e **u**.

Em Francez representa-se frequentemente **e** por **ai**, e **o** por **au**, ex: «*maison—vrai—auteur—chaud*».

As vozes livres typos pôdem ser propriamente dispostas assim:



(1) **Burgraff**, *Obra citada*, pag. 34 e 38; **De Brosses**, citado já pag. 46 da mesma obra; **Barbosa Leão** *Coleção de Estudos e Documentos*, Lisboa, 1878, pag. 3.

(2) **Max Muller**, *Nouvelles leçons sur la Science du Langage*. trad. de Harris et Perrot, Paris, 1867, vol. 1, pag. 155.

As vozes da esquerda do diagramma são produzidas por dilatação do orificio da bocca, e as da direita por contracção do mesmo orificio; as vozes mais distantes de **a**, isto é, **i** e **u**, são as que assim se modificam em mais elevado grau; as intermedias, isto é, **e** e **o**, produzem-se por uma alteração menor do feitiço natural da bocca; e participam tanto da forma mais simples **a**, como das mais profundamente modificadas **i** e **u** (1).

A generalidade dos grammaticos confundem estas vozes com as letras que as representam, e tanto a umas como as outras dão elles o nome de *vogaes* (2).

As vozes livres podem ser classificadas segundo os orgãos que mais concorrem para a sua formação: **a** é, pois, guttural; **e** palatal; **u**, labial.

18. Se na emissão das vozes livres contrai-se o véo do paladar, de modo que passe o ar para as fossas nasaes, obtêm-se vozes *an, en, in, on, un*, chamadas *compostas* ou *nasaes*, em opposição ás primitivas *a, e, i, o, u*, consideradas *puras*.

19. Todos os sons laryngeos, modificados por estreitamento parcial do tubo vocal, são *vozes constrictas*.

Esse estreitamento do tubo vocal pode ter lugar em diversos pontos: ao nível mais ou menos do meio da lingua elle dá **che, je, lhe, nhe**; na altura da lingua, **se, ze**; entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, **ne**; entre o labio inferior e a borda dos mesmos dentes incisivos **fe, ve**; entre os labios, **me**. Para pronunciar **le**, que é **re** enfraquecido, a ponta da lingua achata-se de encontro ao paladar, e a voz passa pelos vãos que ficam entre a lingua e as partes lateraes das arcadas dentarias. **Re** é um som vibrante rolado.

A generalidade dos grammaticos confundem estas vozes com as letras que as representam, e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *consoantes semivogaes* (3).

(1) Nordheimer, *A Critical Grammar of the Hebrew Language*,—New-York, 1838, vol. I pag. 10—11.

(2) Emmanuel Alvarus *Instit. Grammatica*. Romæ, 1860, pag. 174.

(3) *Idem*, *Opus citatum*, pag. 174.

20. Todos os sons laryngeos modificados por occlusão subita e completa do tubo vocal, em qualquer de seus pontos, são *vozes explodidas*.

Variam estas vozes conforme o ponto do tubo vocal em que se opera a occlusão: realisando-se entre o meio da lingua e a abobada palatina, produzem-se *ke, ghe*; entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, estando um tanto separadas as arcadas dentarias, effectuam-se *te, de*; entre os labios obtêm-se *pe, be*. Quando o som se faz ouvir no momento em que se separam os pontos occlusos do tubo vocal, ha explosão que póde ser precedida de murmurio vocal, de um como esforço primo para vencer o obstaculo.

A pluralidade dos grammaticos confundem estas vozes com as letras que as representam, e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *consoantes mudas* (1).

21. Em resumo, si se querem distinguir estas tres ordens de vozes, basta determinar:

- 1) para as vozes livres—a forma do tubo vocal;
- 2) para as vozes constrictas—o ponto do estreitamento do mesmo tubo;
- 3) para as vozes explodidas—os orgams que operam a occlusão delle.

As vozes modificadas labiaes e sobretudo as labiaes explodidas são as mais facéis de pronunciar, attenta a simplicidade de movimentos que exigem; são as primeiras pronunciadas pela creança—*papá mamã* etc.; são as que com mór facilidade se consegue fazer repetir a certos animaes, e que se encontram naturalmente formadas no balido, no mugido, etc. (2)

1) *Ibidem*.

2) Mandl, *Hygiène de la voix parlée ou chantée*. Paris, 1879.

Eis as vozes constrictas e explodidas methodicamente classificadas segundo estes principios:

	Vozes constrictas				Vozes explodidas	
	Sibilantes	Nasaes	Liquidas	Vibrantes	Surdas	Sonoras
<i>Gutturaes</i>					ke	ghe
<i>Palataes</i>	je, che	nhe				
<i>Linguae</i>		lhe	le, re	rre		
<i>Dentaes</i>	se, ze	ne			te	de
<i>Labiaes</i>	fe, ve	me			pe	be

Este diagramma apresenta uma classificação approximativa; é susceptivel de modificações.

Com effeito, as vozes constrictas e explodidas resultam em sua maxima parte da acção concurrente de varios orgams: **me**, por exemplo, ao mesmo tempo nasal e labial; **ne**, dental e nasal; **le, re, rre** ão, linguae, palataes e dentaes; **fe, ve**, labiaes e dentaes.

A differença entre as vozes explodidas *surdas* e as *sonoras*, é que estas se produzem com vibração das cordas vocalicas (glotte) e aquellas ão.

22. As vozes livres puras mais importantes são oito :

- 1) *a* agudo como em chá
- 2) *a* grave » » mesa
- 3) *e* agudo » » pé
- 4) *e* fechado » » mercê
- 5) *i* commum » » vil
- 6) *o* aberto » » mó
- 7) *o* fechado » » avô
- 8) *u* commum » » sul

23. As vozes livres compostas ou nasaes mais importantes são cinco :

- 1) *an* como em **tampa, canja**
- 2) *en* » » **tempo, dente, refém, joven**
- 3) *in* » » **limpo, tinta**
- 4) *on* » » **tombo, sonda**
- 5) *un* » » **calumba, mundo**

As vozes livres estudadas á luz de uma analyse severa apresentam gradações em numero infinito (1): todavia para as necessidades da pratica bastam algumas principaes de entre ellas, as quaes possam servir de typos a todas.

As treze vozes livres acima especificadas capitulam todas as vozes livres da lingua portugueza, aliás abundantissimas.

24. As vozes constrictas e explodidas são dezenove :

- 1) *be* como em **boi**
- 2) *ke* » » **cal**
- 3) *de* » » **do**
- 4) *fe* » » **fé**
- 5) *ghe* » » **gado**
- 6) *je* » » **jaca**
- 7) *le* » » **luz**
- 8) *me* » » **mó**
- 9) *ne* » » **nó**
- 10) *pe* » » **pé**
- 11) *re* » » **caro**
- 12) *rre* » » **rei**
- 13) *se* » » **sol**
- 14) *te* » » **til**
- 15) *ve* » » **voz**
- 16) *ze* » » **zebra**
- 17) *che* » » **chá**
- 18) *lhe* » » **lhama**
- 19) *nhe* » » **cunha**

1) Max Muller, *Obra citada*, vol. 1, pag. 146.

25. Trinta e duas são, pois, as vozes elementares essenciaes da lingua portugueza.

Ha mais dous sons distinctos banidos hoje do uso da gente culta : *dje*, *tche*.

Os caipiras de S. Paulo pronunciam *djente*, *djogo*. Os mesmos e tambem os Minhotos e Transmontanos dizem *tchapéo*, *tchave*.

F. Diniz pensa que *dje*, *tche* são as formas primitivas de *je* e *che* (1), e tudo leva a crêr que realmente o são.

Dje é som romanico genuino ; existe em Provençal, em Italiano, e no seculo XIII existia no Francez que o transmittiu ao Inglez, onde até agora se acha ; ex. ; «*jealousy*». Em escriptos latinos do seculo IX encontram-se as formas *pegiogentur*, *pedioventur* por *pejorentur*.

Tche é tambem som romanico castiço : existe em Provençal, em Italiano, em Hespanhol, e existiu no Francez, donde passou para o Inglez que ainda hoje o conserva, ex., «*chamber*».

A existencia de ambas estas formas, no fallar do interior do Brazil, prova que estavam ellas em uso entre os colonos portuguezes no seculo XVI. A antiguidade e a vernaculidade do *tche* attestam-se pela sua permanencia na linguagem do Minho e de Tras-os-Montes : como se sabe, o povo rude é conservador tenaz dos elementos archaicos das linguas.

26. Casos ha em que uma só voz experimenta duas modificações simultaneas : as ~~vozes~~ assim modificadas chamam-se complexas. São : *ble*, *bre*, *cle*, *cre*, *cse* (orthographado por *cc*, *cç*, *x*), *cte*, *dre*, *fle*, *fre*, *gle*, *gme*, *gne*, *gre*, *mne*, *ple*, *pre*, *pse*, *pte*, *ske*, *sche*, *ste*, *tle*, *tme*, *tre*, *vre*, ex. : *bleso*—*brado*—*clero*—*credo*—*nexo*—*bacterias*—*draga*—*flecha*—*frota*—*globo*—*zeugma*—*digno*—*grado*—*mnemonico*—*planta*—*prato*—*lapso*—*aptero*—*eskeleto*—*eschema*—*estylo*—*atlas*—*tmese*—*trapo*—*lavra*».

Toda a voz póde sempre passar por duas modificações, se fôr uma dellas antecedente e a outra subsequente : em *dor*, por exemplo, a modifica-

1) *Grammaire des Langues Romanes*, Trad. d'Augusto Brachet et Gaston Paris, 1874, vol. 1, pag. 358—360.

ção *d* precede a voz *o*, e segue-a a modificação *r*. Só nos casos da presente especificação é que duas modificações se conglobam para preceder a voz.

SECÇÃO SEGUNDA

PROSODIA

27. *Prosodia* é o tratado dos sons articulados em relação á sua intensidade comparativa, quando constituidos em palavras.

Prosodia é o mesmo que *accentuação*: ambos os termos etymologicamente considerados referem-se á modulação dos sons, porquanto entre os Gregos e entre os Romanos a enunciação era uma como toada melodiosa (1). Nas linguas modernas prosodia tem a accepção restricta da definição.

28. *Syllaba* é o som articulado expresso por uma só emissão de voz.

Sem voz livre não ha syllaba (3): já ficou dicto que o chamado som consoante não é som, mas apenas fórma de som.

29. A combinação de duas vozes livres distinctas em uma só syllaba, de modo que se ouçam as duas vozes elementares, chama-se *diphthongo*.

F. Diez (3), seguindo a opinião de Constancio (4) e de outros grammaticos, entende que existem em Portuguez verdadeiros triphthongs, e cita para exemplos: *eguaes*, *averiguaes*, *averigueis*.

1) *Accentus* dictus est ab *accinendo*, quod sit quasi quidam cujusque syllabæ cantus: apud Græcos ideo *prosodia* dicitur quod **Diomedes**, edit! *Putsch*. pag. 425.

«Est autem in dicendo etiam quidam cantus.» **Cicero**, *Orator*, XIII.

3) **Balmes**, *Curso de Filosofia Elemental*, Paris, 1872; pag. 234.

3) *Obra cit.* vol. I pag. 354.

4) *Novo Dicionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza*, Pariz, 1873, «Introducção Grammatical», pag. XIII.

30. Vozes livres puras junctas a vozes livres puras formam diphthongos puros; vozes livres nasaes junctas a vozes livres puras, formam diphthongos nasaes.

31. Os *diphthongos puros* são dezenove :

- | | | |
|-------------------|---------|-----------------------|
| 1) <i>ae, ai</i> | como em | pae, esvai |
| 2) <i>au</i> | » » | pau |
| 3) <i>ea</i> | » » | láctea |
| 4) <i>ei</i> | » » | lei |
| 5) <i>éi</i> | » » | papéis |
| 6) <i>eo</i> | » » | niveo |
| 7) <i>éo</i> | » » | céo |
| 8) <i>eu</i> | » » | judeu |
| 9) <i>ia</i> | » » | gloria |
| 10) <i>ie</i> | » » | série |
| 11) <i>io</i> | » » | vário |
| 12) <i>iu</i> | » » | feriu |
| 13) <i>óe, ói</i> | » » | heróe, Nitéroí |
| 14) <i>oi</i> | » » | foi |
| 15) <i>ou</i> | » » | sou |
| 16) <i>ua</i> | » » | agua |
| 17) <i>ue</i> | » » | guela |
| 18) <i>ui, uy</i> | » » | fui, Ruy |
| 19) <i>uo</i> | » » | arduo |

A primeira voz componente de um diphtongo chama-se *prepõsitiua*, segunda, *subjunctiva*.

32. Os *diphthongos nasaes* são tres :

- | | | |
|-------------------|---------|--------------------|
| 1) <i>ãe</i> | como em | mãe |
| 2) <i>ão, am</i> | » » | mão, bençam |
| 3) <i>õe, òem</i> | » » | põe, põem |

Ui só é diphthongo nasal em *mui, muito*, que se lêem *muin, muinto*.

33. Os vocabulos podem constar de uma syllaba, ou de mais de uma syllaba. Chamam-se

1) os de uma	syllaba	<i>monosyllabos</i>
2) » » duas	syllabas	<i>dissyllabos</i>
3) » » tres	»	<i>trissyllabos</i>
4) » » quatro ou mais	»	<i>polysyllabos</i>

34. *Accento tonico* é a predominancia do tom que no mesmo vocabulo tem uma syllaba sobre outras.

As syllabas são longas ou breves, conforme a duração do tempo que se gasta em proferil-as ; esta duração chama-se *quantidade*.

Em Grego e em Latim a quantidade (*chrónos, tempus*) não dependia do accento tonico (*tonos, tenor*).

Em portuguez, bem como na pluralidade das linguas modernas, quantidade e accento tonico confundem-se, e só é considerada verdadeiramente longa, a syllaba predominante [1]. Soares Barbosa [2], apreciando erroneamente o mecanismo phonetico das linguas modernas, tenta em vão combater esta doutrina que já era corrente entre os grammaticos do seculo passado [3].

35. O accento tonico recai em Portuguez sobre uma das tres syllabas finaes dos vocabulos polysyllabos : não recua para aquém da antepenultima.

Exceptua-se o verbo seguido de encliticas, ex. : «Aos pobres annuncia-se-lhes o Evangelho.» (PEREIRA DE FIGUEIREDO).

36. Relativamente ao accento tonico, dividem-se os vocabulos em oxytonos e barytonos. São *oxytonos* os que

1] J. A. Passos, *Diccionario Grammatical Portuguez*, Rio de Janeiro, 1865 art. *Prosodia*. Sotero dos Reis, *Grammatica Portugueza*, Maranhão, 1871, segunda edição, pag. 229.

2] *Obra cit.* pag. 19--35.

3] A. J. R. Lobato, *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, Pariz, 1837, pag. 145.

têm o accento tónico na ultima syllaba, ex.: «*vapor—canhão*», são *barytonos* os que não têm o accento tónico na ultima syllaba. Subdividem-se os *barytonos* em *paroxytonos* e *proparoxytonos*: são *paroxytonos* os que têm o accento tónico na penultima syllaba, ex.: «*cidade*»; são *proparoxytonos* os que o têm na antepenultima, ex.: «*câmara*».

Os vocabulos oxytonos são também chamados *agudos*; os *paroxytonos*, *graves*; os *proparoxytonos*, *esdruxulos* ou *ductylicos*.

37. São oxytonos os vocabulos acabados.

- 1) por *á, é, ê, i, y, ó, ô, u*, ex.: «*alvará—café—mercê—nebri—guarany—avó—avô—bahu*».

Exceptuam-se *álcali, júry, tilbury*, e os vocabulos latinos em *i, is, u, us*, admittidos em Portuguez sem mudança de forma, ex.: «*quási—ársis—bilis—cutis—paréntesis—tribu—Vénus—virus*».

(S final nunca influe sobre a collocação do accento tónico).

- 2) por voz livre nasal, ex.: «*irmã—palafrém—marfim—semitôm—jejím*».

Exceptuam-se dos acabados

- a) por *ã—iman, orphan*

(*An* é a forma graphica de *ã* breve).

- b) por *em—ádem, hómem*, e seus compostos *gentilhómem* e *lobishómem*; *hóntem* e seu composto *antehóntem*; *jóven, núvem, órdem*, e seus compostos *contraórdem, desórdem*; os vocabulos latinos admittidos em portuguez sem mudança de forma, ex.: *cerumen, regimen*; os terminados por *gem*, ex.: «*págem—verti-*

gem — salsugem ; as fórmās verbaes, ex. : «*ámem — entêndem — pártē*», Destas tiram-se as terceiras pessoas de ambos os numeros do presente do indicativo, e a segunda do singular do presente do imperativo de *ter*, *vir* e de seus compostos, os quaes seguem a regra geral.

En nunca representa terminação de palavra oxytona.

c) por *on* (1)—*cánon*—*cólon*

b) por *um*—*álbum*—*últimálum*, e mais vocabulos latinos em *um*, admittidos em Portuguez sem mudança de fórmula.

- 3) pelos diphthongos puros *ae*, (*ai*), *au*, *ei*, *éi*, *éo*, *eu*, *iú*, *óe*, *oi*, (*õe*), *ou*, *ui*, ex. : «*amáde — esvai — saráu — lerêi — papéis — chapéo — camaféu — rtu — herôe — depôis — rebôe — Guardafui*».

Exceptuam-se dos acabados por *ei* as fórmās em *eis* do imperfeito e do mais que perfeito do indicativo, do imperfeito do condicional e do imperfeito do subjunctivo de todos os verbos, ex., «*amáveis — entendereis — partirieis — vísseis*» ; o plural dos substantivos em *avel* ex. : «*sáveis* (afóra *cascavéis* que segue a regra)» ; o plural dos adjectivos em *avel* e em *il* breve, ex. : «*fridaveis — fósseis*».

- 4) por todos os diphthongos nasaes, ex. : «*Guimarões — capitão — propõe*».

Dos que acabam por *ão* exceptuam-se *accórdam*: *bênçam*, *frángam*, *lódam*, *médam*, *orégam*, *ór-gam*, *pégam*, *órpham*, *rábam*, *sótam*, e *sángam*,

1) Veja-se a orthographia (67, 2).

as fórmulas verbaes em *ão* (afóra as do futuro que seguem a regra) ex.: «*amam—entendêram—partirlam*».

Am é a fórmula graphica de *ão* breve.

- 5) por *l*, *r*, *s*, ex.: *mainél*—«mulhêr—rapaz».

Exceptuam-se dos acabados

a) por *l*—*Anníbal*, *Asdrúbal*, *Setúbal*, *Tentúgal*, *Túbal*, *arrátel* e *cónsul*; os substantivos acabados por *avel*, ex.: «*condestável* (afóra *Asavél* e *cascavél* que seguem a regra)» e por *evel* e *ível*, ex.: «*casével—nível*»; os adjectivos terminados por *avel*, *ével*, *ível*, *ovel*, *uvel*, ex.: «*friável—indelével—terrível—móvel—solúvel*»; alguns adjectivos terminados por *il*, ex.: *ágil*,—*débil*—*dócil*—*fácil*—*fértil*—*fóssil*—*fútil*—*hábil*—*ignóbil*—*inconsútil*—*móbil*—*pénsil*—*portátil*—*projectil*—*reptil*—*útil*—*verosímil*—e seus compostos». Os mais adjectivos em *il* e também *revél* e *novél* seguem a regra, querendo alguns grammaticos e lexicographos que *pénsil*, *projectil*, se pronunciem *pensil*, *projectil*, *reptil*.

b) por *r*—*alcáçar*, *aljôfar*, *almíscar*, *âmbar*, *asúcar*, *cadáver*; *câncer*, *dura-máter*, e *pia-máter* *carácter*, (plural *caractêres*), *cathéter*, *crémor*, *éter*, *júnior*, *Júpiter*, *mártir*, *nâcar*, *néctar*, *prócer*, *revólver*, *sênior*, *síler*, *sôrôr*, *súlphur*. *Tânger*, *Víctor*.

Grammaticos ha (1) que contam *Gibraltar* entre estes exceptuados: enganam-se, *Gibraltar*, corruptela do arabico «*Ghibalfetah* (monte de entrada)». é vocabulo oxytono.

Caldas o rimou com mar;

«Jaz sepultada
«No fundo do mar,
«Perto do estreito
«De *Gibraltar*. (2)»

1) M. R. Costa, *Grammatica Portuguesa*, segunda edição, Rio de Janeiro, pag. 6.

2) *Parnaso Lusitano*, Paris, MDCCCXXVII, pag. 149.

Gibráltar é modo inglez de accentuar o vocabulo: a verdadeira pronuncia hespanhola, como se póde ver em Webster (1), é tambem *Gibraltár*.

38. São paroxytonos os vocabulos acabados

- 1) por *a, e, o*, ex.: *mêsa—bálde—ládo*.
- 2) pelos diphthongos *ea, eo, ia, ie, ia, ua, uo*, ex.:
láctea—níveo—vária—sêrie—vigário—mágua—árduo.
- 3) por *x*, "*calix*".

Ea, eo, são sempre diphthongos. De *ea*, encontram-se como excepções *Cananéa. Paulicéa*, que por analogia melhor se escreveriam: *Canandêa, Paulicêia*.

Ia é diphthongo nos substantivos terminados

- 1) por *bia*, ex.: «*lábua—tíbia*».
Destes exceptuam-se *hydrophobia, mancebia*.
- 2) por *cia*, ex.: «*enxárcia—philáucia*».
Destes exceptuam-se *advocacia, aristocracia, bacía, delegacia, democracia, diplomacia, legacia, melancia, prophacia, supremacia, theocracia*.
- 3) por *chia*, ex.: *paróchia*.
- 4) por *pia*, ex.: «*cópia—prosápia*».
Destes exceptuam-se *pia, utopia* e os derivados gregos *anthropos, lycanthropia, philanthropia*, etc.

Ia é tambem diphthongo

- 1) na terminação feminina dos adjectivos em *io*, ex.:
«*vária—viciária*».
- 2) na terminação de nomes proprios femininos, ex.:
«*Zenóbia—Márcia—Canídia—Pelágia—Thessália—Mesopotámia—Oceânia—Tartária—Asia—Hypátia—Morávia—Eudóxia—Thomásia*».

1) *An American Dictionary of the English Language*, Springfield Mass., 1869. pag. 1643.

Destes exceptuam-se *Albergara, Alcobia, Alexandria, Almeria, Anadia, Andaluzia, Antiochia, Armia, Bahia, Berberia, Cafraria, Deidamia, Faria*, (Masculino e feminino), *Freiria, Garcia*, (masculino e feminino), *Hungria, Iphigenia, Iria, Laudamia, Leiria, Lombardia, Luiza, Malvasia, Maria, Mendia, Nicomedia, Normandia, Picardia, Samaria, Seleucia, Sophia, Thalia, Trafaria, Turquia*.

Ia não é diphthongo, e fica o **i**, consequentemente, debaixo do accento tonico.

1) nas terminações verbaes, ex. : «*amaria—fazia*».

2) na terminação de substantivos appellativos, quando precedido, por *ch, qu, d, f, ph, g, l, m, n, r, s, t, v, x, z*, ex. : «*monarchia—franquia—abbadia—almofia—philosophia—theologia—revellia—anemia—manta—drogaria—poesia—quantia—avarria—coxia—azia*». Exceptuam-se dos terminados

a) em *chia—aristolochia*.

b) em *dia—balbúrdia, comédia, concórdia, custódia, desídia, discórdia, encyclopédia, enxúndia, estúrdia, facúndia, gymnopédia, inédia, insídia, iracúndia, mesericórdia, orthopédia, palinódia, paródia, perfídia, pericárdia, prosódia, psalmódia, rhapsódia, salabórdia, tragédia, túndia*.

c) em *fia—basófia, embófia, empáfia*.

d) em *gia—estratégia—régia*.

e) em *lia—algália, bromédia, camélia, contumélia, dália, eutrapelia, família, magnolia, tília, vigília*.

f) em *mia—alchimia, blasphemia, homonymia, infâmia, lipothymia, metonymia, mumia, synonymia*.

g) em *mia—acrimónia, actínia, agrimónia, begónia, bignónia, cachimónia, calcedónia, celi-dónia, cerimónia, colónia, colophónia, demónia, gloxínia, ignomínia, insónia, parcimónia, santimónia, sardónia, ténia, vénia, sizânia*.

- h) em *ria*—*albuminúria*, *alimária*, *ucária*, *ária*, *artéria*, *candelária*, *centúria*, *cúria*, *decúria*, *desyntéria*, *dysuria*, *escória*, *estrangúria*, *féria*, *fragária*, *fimberia*, *phylactérias*, *fumária*, *fúria*, *gíria*, *glória*, *hematúria*, *história*, *incúria*, *injúria*, *ischúria*, *lamúria*, *léria*, *lesiúria*, *lipúria*, *luminária*, *luxúria*, *matéria*, *memória*, *miséria*, *mollúria*, *palmatória*, *penúria*, *pepitória*, *sória*, *vanglória*, *victória*.
- i) em *sia*—*amásia*, *antonomásia*, *ardósia*, *cásia*, *colocásia*, *geodésia*, *magnésia*, *paranomásia*.
- j) em *tia*, *angústia*.
- k) em *via*—*anadúvia*, *ignúvia*, *lascúvia*, *lixúvia*, *protérvia*.
- l) em *zia*—*dúzia*.

Ie não é diphthongo nas terminações dos verbo ex.: *annuncie*, *pronuncie*, etc.

Io é diphthongo

- 1) na terminação dos substantivos, ex.: «*Januário*—*critério*».
- 2) na terminação dos adjectivos, ex.: «*plenário*—*divisório*».

Exceptuam-se :

- a) dos substantivos—*adubio*, *alvedrio*, *amavios*, *armentio*, *arripio*, *assobio*, *atavio*, *baftio*, *baillo*, *baixio*, *brio*, *bugio*, *calafrio*, *chio* *cicio*, *cio*, *Clio*, *corruptio*, *Chio*, *cunhadio*, *Dario*, (em Camões *Dário*), *desafio*, *desfastio*, *desvario*, *desvolo*, *estio*, *fastio*, *feitio*, *fio*, *frío*, *gentio*, *gio*, *Io*, *mio*, *mulherio*, *navio*, *passadio*, *pavio*, *plo*, *planlio*, *poderio*, *pousio*, *rapazio*, *rio*, *ripio*, *rocio*, *rodopio*, *saftio*, *talhafrío*, *lio*, *tresvario*, *trincafio*, *vadio*.
- b) dos adjectivos—*alfario*, *algarvio*, *arredio*, *balidio*, *bravio*, *corredio*, *doentio*, *erradio*, *escoregadoio*, *esguio*, *lavradio*, *macio*, *novedio*, *tardio*.

regadio, sadio, sombrio, tardio, valadio, vadio, vasto.

Io não é diphthongo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos em *iar*, ficando, consequentemente, o *i* sob o accento tónico, ex.: "*pronuncio*".

Ua, ue, uo, não são dyphthongos nas terminações dos verbos, ex.: *accentúa, continúa; accentúe, continúe; accentúo, continúo*; *Ua* também não constitue diphthongo, quando terminação feminina de substantivos e adjectivos acabados em *u*, ex.: *perúa, núa, de peru, nu*.

Em geral, todo o concurso de vozes livres no meio de vocabulos fórma diphthongo, se uma dellas é *i* ou *u*.

Exceptuam-se

a) *heroína, paraíso, ruína, ruído*, e todos os vocabulos em que *i* soffre modificação subsequente, ex.: *Coimbra—ruim*; os verbos, como *arguir, constituir*, etc.

b) *ataúde, alaúde, saúde* e todos os vocabulos em que *u* soffre modificação subsequente, ex.: *Ataúlpho, paúl*.

39. São vocabulos proparoxytonos em geral

- 1) as primeiras pessoas do plural do imperfeito e do mais que perfeito do indicativo, do imperfeito do condicional e do imperfeito do subjunctivo, ex.: *dávamos—entendêramos—partiríamos—vissemos*.
- 2) todos os superlativos proprios, ex.: *brevíssimo—celeberrimo—facilimo—máximo—mínimo—óptimo—péssimo*.

3) os adjectivos terminados pelas desinencias latinas

<i>aco</i> , a	ex. <i>mantaco</i> , a	<i>loquo</i> a	ex. <i>ventríloquo</i> , a
<i>aro</i> , a	» <i>sáfaro</i> , a	<i>nubo</i> , a	» <i>prónubo</i> , a
<i>cola</i> , a	» <i>agrícola</i> a	<i>paro</i> , a	» <i>ovíparo</i> , a
<i>fero</i> , a	» <i>luctifero</i> a	<i>pede</i>	» <i>bípede</i> ,
<i>fluo</i> , a	» <i>melífluo</i> , a	<i>peto</i> , a	» <i>centrípeto</i> , a
<i>frago</i> , a	» <i>saxífrago</i> a	<i>sono</i> , a	» <i>altísono</i> , a
<i>fugo</i> , a	» <i>prófugo</i> a	<i>ubo</i> , a	» <i>íncubo</i> , a
<i>geno</i> , a	» <i>nubígeno</i> a	<i>ulo</i> , a	» <i>crédulo</i> , a
<i>gero</i> , a	» <i>armígero</i> a	<i>uplo</i> , a	» <i>sêxtuplo</i> a
<i>ico</i> , a	» <i>económico</i> a	<i>volo</i> , a	» <i>benévolo</i> a
<i>ido</i> , a	» <i>esquálido</i> a	<i>vomo</i> , a	» <i>ignívomo</i> , a
<i>imo</i> , a	» <i>décimo</i> , a	<i>voro</i> , a	» <i>carnívoro</i> , a
<i>iplo</i> , a	» <i>múltiplo</i> , a		

Exceptuam-se dos terminados

- por *aco*, a *opáco*, a ; *poláco*, a *velháco*, a.
- por *ico*, a *apríco*, a ; *pudico*, a e seu composto *impudico*, a
- por *ido*, a—os participios aoristos dos verbos da segunda e da terceira conjugação, ex.: *entendido*—*rostido*.
- por *imo*, a—*cadimo*, a.
- os substantivos terminados por

<i>gena</i>	ex. <i>indígena</i>	<i>ula</i>	ex. <i>espórtula</i>
<i>olo</i>	» <i>vítriolo</i>	<i>ulo</i>	» <i>cúmulo</i>

Exceptuam-se dos determinados

- por *olo*—*carôlo*, *cebôlo*, *Consolo* e seu composto *desconsolo*, *miolo*, *rebolo*, *tijolo*.
- por *ula*—*casúla*, *cogúla*, *escapúla*, *medúlla*, *matúla*.

- c) por *ulo* — *Catúllo*, *casúla*, *cogúlo*, *Iúlo*, *Lucúllo*, *miúlllo*, *Tibúlllo*.
- 5) os substantivos terminados pelas desinencias gregas

<i>a da</i>	ex. <i>lusiada</i> ,	<i>phoro</i>	ex. <i>phosphoro</i>
<i>allage</i>	» <i>enállage</i> ,	<i>phrase</i>	» <i>antiphrase</i>
<i>anthropo</i>	» <i>misánthropo</i> (1)	<i>phyto</i>	» <i>neóphyto</i> ,
<i>bole</i>	» <i>hypérbole</i> ,	<i>poda</i>	» <i>antipoda</i> ,
<i>cephalo</i>	» <i>hydrocéphalo</i>	<i>polis</i>	» <i>pentápolis</i>
<i>dromo</i>	» <i>hippódromo</i> (2)	<i>ptero</i>	» <i>lepidoptero</i> ,
<i>gamo</i>	» <i>bigamo</i>	<i>pylo</i>	» <i>eolipylo</i> ,
<i>grapho</i>	» <i>telégrapho</i> ,	<i>scapho</i>	» <i>pyroscapho</i> ,
<i>gono</i>	» <i>polygono</i> ,	<i>scopo</i>	» <i>horóscopo</i> ,
<i>logo</i>	» <i>prologo</i> ,	<i>sopho</i>	» <i>philosopho</i>
<i>meno</i>	» <i>energúmeno</i>	<i>sporo</i>	» <i>Zoósporo</i> ,
<i>metro</i>	» <i>thermómetro</i> ,	<i>stole</i>	» <i>diástole</i> ,
<i>nomo</i>	» <i>astrónomo</i> ,	<i>stoma</i>	» <i>peristoma</i> ,
<i>onymo</i>	» <i>homonymo</i> ,	<i>strophe</i>	» <i>epistrophe</i> ,
<i>phago</i>	» <i>lotóphago</i>	<i>syllabo</i>	» <i>polyssyllabo</i> ,
<i>phalo</i>	» <i>bucéphalo</i> ,	<i>these</i>	» <i>antithese</i> ,
<i>phano</i>	» <i>diaphano</i> ,	<i>tomo</i>	» <i>cistótomo</i> ,
<i>philo</i>	» <i>Théophilo</i>	<i>tono</i>	» <i>monótono</i> ,
<i>phobo</i>	» <i>photóphobo</i> ,	<i>typo</i>	» <i>archétypo</i> .
<i>phono</i>	» <i>teléphono</i>		

Ha muitos vocabulos que são proparoxytonos sem es-

1) Os adjectivos gregos *misanthropos*, *philanthropos* etc., origem immediata dos nossos substantivos *misánthropo*, *philánthropo*. etc., têm o accento na antepenultima syllaba.

2) Hippódromos em grego é a «raia de carreiras»; Hippodrómos é o jockey. Segue-se que o termo Portuguez *hippodromo*, que significa sómente raia de carreira», deve ser pronunciado *hippódromo* e não *hippodrómo*,

tarem incluídos nestas regras, ex.: «*Relampágo—êmbolo.*» Só a pratica poderá servir de guia nestes casos.

40. Nos vocabulos polysyllabos, além de accentto tónico, ha accentos secundarios: são as predominancias dos elementos componentes que ainda se fazem sentir, apezar de subordinadas á syllaba regente do composto. Facil é conhecê-las pela dissecção da palavra; *bárbaramente* tem o accentto secundario na primeira syllaba; *cortêsania* o tem na segunda; em *vantajôssíssimo* recai elle sobre a terceira, exactamente como acontece com as primitivas *bárbara*, *cortês*; *vantajoso*.

É um verdadeiro *schibboleth* (1) para o estrangeiro a collocação do accentto secundario: note-se a differença entre *apparentemente*, pronuncia correcta, e *appárentemente*, pronuncia viciada pela retrocessão do referido accentto.

41. Os substantivos, adjectivos e participios de duas ou de mais syllabas, que na penultima têm a voz fechada **ô**, mudam essa voz para a aberta **ó** nas terminações femininas do singular, e nas de ambos os generos do plural ex.:

ôvo, nôvo, pôsto,
óva, nóva, pósta,
ôvos, nôvos, pôstos,
óvas, nóvas, póstas,

42. Têm sempre a voz fechada **ô** na penultima syllaba

1) *abandôno, abôno, algôz, alvorôço, alvorôto,*
apôio, arrôcho, arrôto, arrôlo, balôfo, barrôco,
bôbo, bôdo, bôjo, bôlbo, bôlo, bôlso, bôto, ca-
chôrro, dôrso, côco, colôno, côrro, côto, dôno,

embôno, encôsto, endôssô, engôdo, ensôssô, entôno, entrecôsto, enxacôco, esbôço, escôlho, espôso, estôfo, entôrno, farricôco, ferrôlho, fôfo, fôjo, fôrro, (liberto), frôxo, gafanhôto, garôto, gôdo, gôgo, gômo, gôrdo, gôsto, gôto, gôzo, (cão) jôrro, lôbo, lôdo, lôgro, marôto, minhôto, môço, môio, môlho (adubo), mômô, môno, môrno, môrro, môsto, môcho, nôjo, ôco, ôlmo, patrôno, Peixôto, perdigôto, pilôto, pimpôlho, piôlho, pôlvo, pômbo, pômo, Pôrto, (quando appellido de familia), pôtrô, rapôso, repôlho, rôdo, rôlho, rôlo, rôsto, rôto, rôxo, salôbro, sôlido, (estipendio), sôco, (murro), sôlho, sômno, sôpro, sôro, sôrvo, Tino-co, tôdo, tôlo, tômo, tôno, tôpo, (summidade) tôscô, trambôlho, trhôno, vôlvo, vôo, zarôlho, zôrro, chamôrro, chôcho, e os derivados destes.

Nem todos os mestres da lingua se acham de accordo sobre o som do *o* no plural destes nomes; a presente lista é em parte extrahida de obras que tratam do assumpto, e em parte organizada segundo o parecer de pessoas doutas consultadas pelo auctor.

2) os nomes femininos terminados

a) em *olha*, ex.: «*fôlha—rôlha*»,

b) em *ôra* (designando pessoas), ex.: «*professôra—protectôra—senhôra*.»

Exceptua-se *nôra*

c) em *ôrra*, ex.: «*gôrra—zôrra*.»

Exceptua-se *desfôrra*.

3) *alcôva, arrôba, bôlsa, carôcha, cebôla, côlea, côlea, côlea, côlea, escôva, fôrca, fôrça, fôrma, lagôsta, môsca, ôstra, pôlpa, rôla, sôpa, sôrda, etc.*

43. Têm a voz aberta *ô* na penultima syllaba—*abrôlho, apôdo, apôllo, bolinhôlo, canôro, cochichôlo, cóllo, còpo,*

cópto, cornizólo, demagógo, devóto, dólo, Dóto, emmenagógo, Eólo, jóco, flóco, hydragógo, hyssópo, ignóto, Isidóro, lóro, mólho, (feixe), módo, móto, nósso, nóto, pedagógo, pólo, póro, próto, protocóllo, pyrópo, remórso, remóto, rógo, sialogógo, sócco, (calçado), sólo, sonóro, subsólo, Theodóro, tiracóllo, torcicóllo, tópo, (encontro), tóro, trópo, vósso, vóto, chóque.

Demagógo, emmenagógo, hydragógo, pedagógo, sialogógo, etc são usualmente pronunciados *demagôgo, emmenagôgo, etc.*

44. Alteram-se os vocabulos por addição, por eliminação, por transposição e por absorpção de vozes ou de modificações.

Os modos de se realisarem estas alterações, chamam-se *figuras de metaplasma*.

Ha tres figuras de addição, tres de eliminação, duas de transposição, uma de transformação, e duas de absorpção.

Chama-se a addição, de voz feita

- 1) ao principio de um vocabulo—*próthese*, ex.: «*acrêdor*» por «*credor*»;
- 2) ao meio—*epenthese*, ex.: «*Mavórte*» por *Marte*;
- 3) ao fim—*paragóge*, ex.: «*martyre*» por «*martyr*».

Chama-se a eliminação de voz feita

- 1) ao principio de um vocabulo—*aphérese*, —ex.: «*liança*» por «*aliança*»;
- 2) ao meio—*syncope*, ex.: «*inigo*» por «*inimigo*»;
- 3) ao fim—*apócope*, ex.: «*marmor*» por «*marmore*».

A transposição de uma voz ou de uma modificação chama-se *metáthese*, ex.: «*vigairo—frol*» por «*vigario—flor*».

O futuro do indicativo e o imperfeito do condicional dos verbos admittem entre o thema e a desinencia as fórmas complementares dos pronomes pessoaes, ex.: «*dir-te-ei—fal-o-ias—amar-nos-emos—pôr-vos-ão*» em vez de «*direi-te—faria-te—amaremos-nos—porão-vos*». Esta figura, que é realmente uma variedade da *metáthese*, chama-se *tmése*.

A transformação de uma voz ou de uma modificação chama-se *antithese*, ex.: «*Sulla—amal-o*» por *Sylla—amar-o*.

A absorpção da voz livre pura, que termina um vocabulo, pela voz livre inicial do vocabulo seguinte, chama-se *synalepha*. ex.: «*da, mo*» por «*de-a. me-o*».

A synalepha não se effectua quando está sob o accento tónico, a voz livre terminal do primeiro vocabulo, nem tampouco na inserção por *tnése* de pronomes em verbos.

A pratica da synalepha é mais seguida em Portugal do que no Brazil, todavia ella é de rigor na leitura corrente, bem como a ligação dos vocabulos, quando seus elementos o permittem, ex.:

"Dom donzel, onde é que está el-rei? dizia Affonso Domingues ao pagem" (Alexandre Herculano).

lê-se

"Dom donzé londé questá el-rei? dizi Affonso Domingue záo pagem".

A absorpção da voz livre nasal, que termina um vocabulo, pela voz livre inicial do vocabulo seguinte chama-se *ecthlipse*, ex.: *"co'as—c'os"*, por *"com as—com os"*.

A *ecthlipse* só se empréga na poesia e na conversação familiar.

SECÇÃO TERCEIRA

ORTHOGRAPHIA

45. *Orthographia* é o tratado da representação symbolica dos sons articulados.

Não está ainda fixa a orthographia da lingua portugueza: prevalece comtudo nella o elemento etymologico.

Varias tentativas se têm feito para estabelecer, em portuguez, a orthographia exclusivamente phonetica; todas têm abortado.

Ainda ultimamente, subiu em Portugal á consideração da Academia Real das Sciencias o parecer de uma commissão que advogava e punha em pratica tal systema (1): nada produziu.

Orthographia phonetica em Portuguez é utopia: como muito bem disse o snr. Theophilo Braga (2), "os partidarios da orthographia phonetica representam, modernamente, na grammatica o papel dos que procuravam a linguagem natural".

1) *Representação á Academia Real das Ciências sobre a Refórma da Orthografia*, Lisboa, 1878.

2) *Grammatica Portuguesa Elementar*, Porto, 1876, pag. 146.

46. Os symbolos das modificações que no tubo vocal experimentam os sons laryngeos chamam-se *lettras*.

Som expresso por uma lettra chamava-se em Grego *dtocheia* e a propria lettra *gramma*; em Latim o som era *elementa*; e a representação graphica delle *littera*, lettra.

Lettra não é *signal*: a lettra representa um só elemento de palavra; o signal representa uma palavra inteira. A expressão arithmetica "*dous mais quatro*" escreve-se com quatorze lettras, ao passo que lhe bastam tres signaes "*2+4*".

Quando a palavra consta de um só elemento phonico, é possível represental-a por uma só lettra, ex.: os artigos "*o, a*".

Tanto lettras como signaes comprehendem-se na denominação geral *caractères*,

47. Chama-se *alphabeto* o systema de lettras usadas, para representar os elementos phonicos de um idioma.

48. Constan em geral os alphabetos de *lettras simples* e de *lettras compostas*.

A lettra é simples, quando consiste em um só symbolo, ex.: "*a, t*": é composta quando formada por um symbolo e por uma notação, ou por mais de um symbolo.

Uma reunião de symbolos só constitue lettra composta; quando toda ella representa um valor unico, ex.: "*phth*" que vale *t* simples: se cada symbolo conserva seu valôr proprio, já a reunião não fórma lettra composta; porém sim grupo de lettras ex.: "*cl—pr*".

A lettra composta tambem se chama *digramma*.

49. O alphabeto portuguez consta de 25 lettras simples e 83 compostas.

As simples são — *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z*.

As compostas são :

á, ah, —a de caso.

ã, am, an, han —an de ganso.

bb, bh —b.

cc, cqu, qu—k.

bb, cd, dd, dh, gd—d.

é, eh, he—e de méta.

é—e em sebo.

em, en, hen—em de tempo.

ff, ph—f.

gh, gh, gu—g em paga; gg tambem—j.

i, ih, hi, hy—i.

im, in, ym, yn—in, de sinto.

ll—l.

gm, mm—m.

gn, nn, nn—n.

ó, oh, ho—o de cóva.

ö—o em povo.

õ, om, on, hom, hon—nn de conde.

pp—p.

rh, rr, rrh—r.

cc, ç, cç, pç, ps, sc, ss—c em face.

bt, ct, phth, pt, th, tt, tth—t.

uh, hu—u.

nm, un, hum,—um de chumbo.

w—u e v.

ch, sch, sh—x.

ss—s.

lh—lh de telha.

nh—nh de tenho.

50. Dividem-se as letras em vogaes e alterantes. São *vogaes* as que representam vozes livres, e *alterantes* as que symbolisam as modificações de *constricção* e de *explosão*, por que passam os sons laryngeos no tubo vocal.

As *vogaes simples* são seis—*a, e, i, o, u, y*.

As *alterantes simples* são dezenove—*b, c, d, f, g, h, j, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z*.

Inclue-se o *h* entre as letras, por uniformidade de classificação: na maioria dos vocabulos portuguezes, elle não passa de signal etymologico, cuja utilidade é indicar a aspiração da palavra de raiz estrangeira. Todavia, em *bahia*, *cahia*, *alahude*, *atahude*, etc., serve para marcar a separação de vozes, que sem o seu auxilio poderiam ser tomadas como formando diphthongos,

51. *Accentos* são notações orthographicas com que se compõem letras para exprimir a natureza, a predominancia, a contracção, a supressão de vozes livres.

52. Ha em Portuguez quatro accentos: o *agudo* (´), o *circumflexo* (^), o *nasal* ou *til* (~), e o *suppressor* ou *apostropho* (').

Alguns lexicographos usam do *accento grave* (˘), para marcar os sons fechados (1): tal *accento*, estranho ao Portuguez, acha-se banido do uso geral (2).

53. O *accento agudo* colloca-se

- 1) sobre *a* inicial para indicar contracção de vozes semelhantes, ex.: «á» por «aa», «áquelle» por «a aquelle».

Escreve-se «*Vestido á Luiz XI—Estylo á Camões*», porque em taes locuções ha ellipse da palavra «*moda*»: *vestido á Luiz XI* é ellipse de «*vestido á moda de Luiz XI*». Em francez diz-se até *Habillé á la diable*.

- 2) no corpo dos vocabulos, sobre todas as vogaes excepto *y*: serve então para indicar a tonicidade da syllaba, ex.: «*dádiva—tétrico—maníaco—córrego—lúrido*».
- 3) sobre *a*, *e*, *o*, na terminação dos vocabulos; serve

1) *Moraes, Diccionario da Lingua Portuguesa*, 7. edição, Lisboa, 1877—1878.

2) *Garrett, Da Educação*, 2. edição, Porto. 1869, pág. 11—12.

em taes casos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o abrimto da voz, ex.: «*alvará—café—mocotò*».

54. O accentto circumflexo colloca-se

- 1) sobre *e*, *o*, no corpo e no fim dos vocabulos, para indicar tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o fechamento da voz, ex.: «*quêdo—côvo—mercê—avô*».
- 2) sobre *e* para indicar contracção de vozes semelhantes, ex.: «*têm*» por «*teem*».

55. O accentto nasal ou til colloca-se

- 1) sobre *a* no fim dos vocabulos, para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente a nasalidade da voz, ex.: «*galã—manhã*».
- 2) sobre a prepositiva dos diphthongos nasaes, ex.: «*mãe—ganharão—põe*».

Seria erro escrever *âê*, *ão*, *ôê*, com til na subjunctiva: a voz nasal destes diphthongos é a prepositiva, e sobre a lettra que a representa, é que deve cahir o signal de nasalidade.

Pela historia das fórmas do Portuguez, vê-se que o til é uma abreviação de *m* ou *n*: os antigos escreviam *têpo*, *pôte*, por *tempo*, *ponte*.

56. O apostropho colloca-se no logar de uma vogal suppressa, ex.: «*d'este—p'ra*» em vez de «*de este—para*».

O uso do apostropho vai-se tornando cada vez mais raro na prosa. Escreve-se hoje *delle*, *do*, *lho*, etc., e não mais *d'elle*, *d'o*, *lh'o*. A differenciação necessaria entre certos vocabulos faz-se por meio do accentto agudo: assim *dêsse*, *dêstê*, fórmas do verbo *dar*, levam accentto que as distinga de *desse*, *deste*, contracções de *de esse*, *de este*.

Escrever *n'um*, *n'uma*, etc., como geralmente se faz, é absurdo. Taes fórmas são contracções de *em um*, *em uma* etc.: a usar do apostropho

ha de ser escrevendo 'num, 'numa de modo que elle occupe o logar da vogal e desaparecida.

Melhor é seguir o caminho mais curto, e escrever *num*, *numa*.

57. A voz aberta tónica *á* representa-se

- 1) por *a* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: «*chato—retalho*».
- 2) por *á* no fim dos vocabulos, ex.: «*alvará—pachá*».
- 2) por *ah* na interjeição *ah* e nas palavras estrangeiras que tem por etymologia essa lettra composta, ex.: «*dahlia*».
- 3) por *ha* nas palavras que tem por etymologia essa lettra composta, ex.: «*habil—harmonia*».

O accento que em *cáfila*, *sáfaro*, e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores, nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *ca*, *sa*, etc.

58. A voz aberta tónica *é* representa-se

- 1) por *e* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: «*elo—tareco*».
- 2) por *é* no fim dos vocabulos, ex.: «*café—maré*».
- 3) por *eh* e *he* nos vocabulos que por etymologia têm essas lettras compostas, ex.: «*Menzaleh, he-liaco*».

O accento de *pégo* (abysmo) e o de *prégar*, (declamar sermões) são usados para differencar esses vocabulos de *pego* (presente de *pegar*) e de *pregar* (cravar pregos).

O accento que em *lépido*, *tétrico*, e em outros vocabulos proparoxytonos, collocam alguns escriptores, nada têm com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *le*, *te*, etc.

59. A voz fechada tónica *e* representa-se por *ê* (accentuado sómente quando é terminal de vocabulo) ex.: «*mercê—você*». Nos mais casos escreve-se com *e* (simples), ex.: «*medo—remo*».

O accento de *pêgo* (participio irregular do verbo *pegar*) é usado para differençar esse vocabulo dos dous outros acima referidos *pego* e *pêgo*.

60. A voz tónica commum *i* representa-se

1) por *i* (simples) no corpo dos vocabulos em geral, e na terminação dos vocabulos oxytonos, ex.: «*ensino—javalí*».

2) por *í* (accentuado) nas syllabas cuja tonicidade se quer indicar ex.: «*annuncío—varío*» dos verbos «*annunciar—variar*».

O fim do accento neste caso é o mesmo que o dos accentos de *a* e de *e*, já vistos; serve para differençar vocabulos.

3) por *e* na terminação de todos os vocabulos barytonos e na conjuncção *e*; ex.: «*cidade—mosarabe—montes—e valles*», que se lêem «*cidadí—mosarabí—montis i vallis*».

A maioria dos Brasileiros assim pronuncia: em Portugal diz-se «*cidade—mosarabê—montés e vallés*» dando á voz terminal um som abafado, muito distincto de *i*.

4) *y* nos vocabulos derivados de palavras gregas escriptas com *o*, e nas terminações dos nomes tupys, ex.: «*hypóthese—typo—Jacarehy*».

É uso representar por *y* a voz commum *i* que ocorre entre duas vozes livres: escreve-se, pois, «*Goyaz Goyana*».

Cumpre, todavia, notar que tal pratica só está em voga com os nomes proprios; *caiar*, *goiabada*, etc., escrevem-se com *i*.

5) por *ih* na interjeição *ih*!

6) por *ih* e *hy* nos vocabulos que por etymologia têm essas lettras compostas, ex.: «*hippico—hydra*».

61. A voz aberta tónica *ó* representa-se

- 1) por *o* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: «*oleo—minhoca*».
- 2) por *o* (accentuado) na terminação dos vocabulos, ex.: «*enxó—filho*».
- 3) por *oh* na interjeição «*oh!*».
- 4) por *oh* nos vocabulos que têm por etymologia essa lettra composta, ex.: «*hora—hospede*».

Os compostos de vocabulos oxytonos, terminados em *ó* retêm o accento, ex.: «*avósinha—sómente*».

O accento que em *estólido*, *sólido* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores, nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *tó*, *só*, etc.

62. A voz fechada *ô* representa-se por *ô* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: «*ar—bisa-vô*». Nos mais casos, escreve-se com *o* (simples), ex.: «*povo—rodo*».

63. A voz tonica commum *u* representa-se

- 1) por *u* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: «*tuba—entruído*».
- 2) por *ú* no fim dos vocabulos, ex.: «*tatú—urubú*».
- 3) por *uh* e *hu* nos vocabulos que têm por etymologia essas lettras compostas, ex.: «*uhlano—humido*».

Em alguns vocabulos inglezes, admittidos em Portuguez sem alteração de fórma graphica, a voz *u* representa-se por *w*, ex.: «*whig whist*».

O accento que em *húmido*, *lúrido* e em outros vocabulos proparoxytonos, collocam alguns escriptores, nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *hú*, *lú*, etc.

Observação.—As vozes *a*, *e*, *ô*, quando não são tonicas; representam-se sempre pelas lettras simples *a*, *e*, *o*, ex.: «*cadoz, mezinha, polido*». As vozes abertas *é*, *ó*, passando na derivação dos vocabulos de tonicas, a atonicas retêm o accento, ex.: «*pésinho avósinha* (61, 4). A voz *u* atonica final

representa-se por *u* no vocabuto *tribu*; nos outros casos representa-se sempre por *o*, ex.: "*livro, macho*".

64. A voz nasal *an* representa-se

- 1) por *ã*—na terminação dos vocabulos; oxytonos, ex.: «*gálã—irmã*».
- 2) *am*—no corpo dos vocabulos antes de *b, m, p*, ex.: «*ambos—gramma—rampa*».
- 3) *an*—em todos os outros casos, ex.: «*canja—iman*».
- 4) por *han* em vocabulos derivados de linguas estrangeiras, assim originariamente escriptos, ex.: «*hãgho—hanseatico*».

65. A voz nasal *en* representa-se

- 1) por *em* na terminação dos vocabulos; no corpo delles antes de *b, m, p*, nos compostos de *alem, aquem, bem, decem, sem*: ex.: «*ordem—palafrem—emboço—emmoldurar—temporão—alemtejano—aquemgangético—bemdizer—decémviro—sem-saborão*».
- 2) por *en*—na terminação do vocabulo *joven*, e nos casos comprehendidos acima.

Escrevem-se tambem com *en*—*espécimen, gluten, hymen, hyphen, lichen, pólen* e outros vocabulos tomados do Latim, sem mudança de fórma: em taes casos, porém, a terminação *en* não é nasal.

- 2) por *hen*—nos vocabulos derivados do grego *endekph* ex.: «*hendecasyllabo*»; e tambem em alguns nomes proprios derivados do Saxonio, ex.: «*Henrique*».

66. A voz nasal *in* representa-se

- 1) por *im*—na terminação dos vocabulos, e no cor-

po delles, vindo antes de *b*, *m*, *p*, ex.: «*assim—imbuir—immediato—impedir*».

- 2) por *in*—em todos os casos não comprehendidos acima, ex.: «*lindo—pinto*».
- 3) por *ym*—no corpo de vocabulos derivados do Grego, antes de *b*, *m*, *p*, ex.: «*Symbolo—Symacho—tympano*».
- 4) por *yn*—no corpo de vocabulos derivados de Grego, em todos os outros casos, ex.: *synodo—syn-taxa*».

67. A voz nasal *on* representa-se

- 1) por *om*—no fim dos vocabulos, e no corpo delles, vindo antes de *b*, *m*, *p*, ex.: «*semiton—bomba—gomma—romper*», e tambem em *commigo—comtigo—comsigo—comnosco—comvosco*, e em outros compostos de *com* ex.: «*comtanto, comtudo*».
- 2) por *on*—na terminação dos vocabulos *cánon*, *cólon*, nos derivados destes e nos casos não comprehendidos acima, ex.: «*redondo—tonto*».
- 3) por *hom*, e *hon* nos vocabulos que por etymologia têm o *h* que entra nessas letras compostas, ex.: «*hombro, honra*».

68. A voz nasal *un* representa-se

- 1) por *um*—na terminação dos vocabulô's; no corpo delles, vindo antes de *b*, *m*, *p*; dos compostos de *circum*, *duum*. *trium*, ex.: «*atum—chumbar—summulista—cumprir—circumstancia—duumviro--triumviro*».
- 2) por *un*—nos casos não comprehendidos na regra acima, ex.: «*fundar—mundano*».
- 3) por *hum* em *humbral*, *humbreira*.

69. O plural dos nomes terminados por *an*, *en*, *em*, (nasal) *im*, *om*, *um* escreve-se sempre com *n*, ex.: «*orphans — ordens — palafréns — jovens — patins — sons — jejuns*».

70. A modificação vocal *be* representa-se

1) por *b*—na maioria dos casos, ex.: «*ambos*»—«*siba*».

Ha como já ficou dicto, (16—21) differença entre *modificação vocal* e *voz modificada*: modificação vocal é simplesmente a fórma que imprime ao som laryngeal tal ou tal jogo das partes moveis da bocca; voz modificada é o som laryngeal já revestido dessa fórma. Assim, *b* é uma modificação vocal, *be* uma voz modificada.

A vogal *e* que na exposição de cada uma destas regras sobre orthographia acompanha as alterantes (*be*, *ke*, etc.) é posta para obviar á impossibilidade de proferir modificação sem som.

2) por *bb*—em *abbade*, *abbreviar*, *gibba*, *rabbi*, *sabbado*, e nos derivados destes.

3) por *bh*—em *abhorrecer*, e em seus derivados, bem como na transcripção de certas palavras sanskritas, ex.: «*bhavam*».

71. A modificação vocal *ke* representa-se

1) por *c*—antes de *a*, *o*, *u*, ex.: «*cabo — copa — cuba*».

2) por *cc*—em *acclamar*, *acclimar*, *acclive*, *accommodar*, *accurrer*, *acrescentar*, *acrescer*, *accúbito*, *accumular*, *accurado*, *accusar*, *bocca*, *ecclesiastico*, *ocasião*, *occaso*, *ocorrer*, *occultar*, *ocupar*, *peccar*, *seccar*, *socco*, *socorrer*, *succo*, *succumbir* e nos derivados destes.

3) por *cqu*—em *acquição*, *acquirir*, *acquiescencia*, *aquiescer*.

4) por *k*—em *kabyla*, *kadosck*, *kakatus*, *kaleidoscopo*, *kali*, *kan*, *kandjar*, *kangurú*, *kaolin*, *ka-*

raita, karakusa, karmatico, kava, kerozene, kenosoico, kepi, keratite, kerauno, kermes, kermesse, keroda, kino, kiosque, kirsch, klopemania, knut, kremlim, kufico, kusso, killopodia, kymrico, kyrie-eleison, kiriologia, kyrios, kistos, nos derivados destes e em varios outros vocabulos, oriundos de linguas estrangeiras, mórmente da grega em que esta modificação é representada por *k*.

Escreve-se geralmente *paróchia*, e para isso ha razão: S. Jeronymo e Isidoro de Sevilha escreveram em Latim *parochia*. Este vocabulo, porém, não é de bom cunho: veio do Grego *párochos* por uma confusão. A palavra genuina emprega-a Santo Agostinho: é *paracia* do Grego *paroichia*. A seguir a melhor etymologia deve-se escrever em Portuguez *parokia*. O uso porém auctorisa—*parochia*.

- 5) por *ch*—nos derivados de raizes gregas escriptas por *ch* e em algumas palavras oriundas de linguas orientaes, «*anachronismo—archetypo—Achmet*».
- 6) por *cch* nos derivados de raizes gregas escriptas por *kkh*, ex.: «*Baccho—ecchymose*».
- 7) por *q*—antes de *u* nos vocabulos em que *u* representa voz.

U representa voz

- a) antes de *a, o, u*, ex.: «*quadro* (afóra *quadero*, *quatorze*, que se lêem *caderno, catorze*), *quociente—equuleo*».
- b) nos vocabulos *adquirir, antiquissimo, delinquir, deliquescencia, deliquio, eloquencia, exequente, exequivel, frequencia, inquerito, liquido, obliquidade, questão, questor, quiproquo, Quirites, sequela, sequencia, sequestro, tranquillidade, ubiquidade*, e nos derivados destes, bem como nos derivados das raizes latinas «*æquus, equus, quinque, sequor*», ex.: «*equidade—equino—quinquefolio—sequencia, etc.*»

“*Questão*” pronunciam alguns; “*hestão*” dizem outros: a setima edição do Diccionario de Moraes segue o primeiro modo.

8) por *qu*—antes de *r*. e de *i*, ex.: “*quero—quilha.*”

O *u* neste caso não representa voz, é mero signal orthographico; as excepções já ficaram notadas na regra antecedente.

Em vocabulos bérberes escreve-se *q* (simples) antes de qualquer vogal, ex.: “*Barqah, Qoceyr.*”

72. A modificação vocal *de* representa-se

1) por *bd*—em *subdito*.

2) por *cd*—em alguns vocabulos derivados do Grego, ex.: “*anecdota.*”

3) por *d*—na maioria dos casos ex.: “*dar—Dido.*”

4) por *dd*—em *addensar, addição, addicionar, addido, addir, additar, addução, adduzir, reddito.*

5) por *dh*—em *adhesão, adherir, adhortar*, nos derivados destes e na transcripção de algumas palavras sanskritas e de outras linguas estrangeiras, ex.: “*dhuli.*”

6) por *gd*—em *Emygdio, Magdala, Magdalena*, etc.

73. A modificação vocal *fe* representa-se

1) por *f*

a) nos vocabulos primitivos, simples, ex.: “*afan, Africa.*”

b) nos derivados destes, ex.: “*afanoso, africano.*”

c) nos derivados puramente portuguezes, ex.: “*afo- cinhar—afofar.*”

d) nos compostos com os prefixos *de, pre, pro, re*, ex.: “*defender—preferir—professor—refutar.*”

2) por *ff*—nos compostos latinos começadas por *a di, e, o, su*, que passaram para o Portuguez quasi sem alteração, ex.: “*affecto—differir—efficiente—offender—suffragio.*”

74. A modificação vocal *ghe* representa-se

- 1) por *g*—antes de *a*, *o*, *u*, ex.: «*gato—gota—gula*».
- 2) por *gg*—nos compostos latinos começados por *a* e *su* que passaram para o Portuguez quasi sem mudança de fôrma, ex.: «*aggravar—suggesto*».
- 3) por *gh*—em muitos vocabulos estrangeiros, principalmente arabes, ex.: «*Almhogreb—Gharb—Ghez*, etc.»
- 4) por *gu*—antes de *e* e *i*, ex.: «*guerra guita*».

Antes de *e* e de *i* a letra *u* é simples signal orthographico, e só serve para mostrar que *g* representa a modificação explodida *gh*, e não a constricta *j*. Todavia antes de *e* e de *i* conserva a letra *u* seu valor proprio em *ambiguidade*, *antiguidade*, *aguentar*, *arguir*, *contiguidade*, *guela*, *languidez*, *linguistica*, *linguiça*, *unguento*.

75. Como já ficou dicto o *h* em Portuguez a nenhuma modificação de voz corresponde; verdadeiramente não é letra: é antes uma notação etymologica e orthographica. Como notação etymologica recorda a aspiração das raizes latinas, gregas e de outras linguas; como notação orthographica entra na formação das letras compostas *ah*, *bh*, *ch*, *dh*; etc.

Deve-se pois escrever com *h*.

- 1) as interjeições *ah*, *oh*.
- 2) as palavras em que o uso o admite, para marcar a não existencia de diphthongo, ex.: «*alahude—alahude*».

Muitos marcam esta existência de diphthongo por accento agudo, escrevendo *alahude—saúde*: Garrett propõe para o mesmo fim a diereze (¨) (1).

1) *Obra citada*, pag. 10—12.

- 3) os vocabulos que têm de origem, ex.: «*haver—heliometro—hippodromo—hora—humildade—hyperbole—ulhano*, etc.»

Sobre escreverem-se com ou sem *h* as terminações do futuro do indicativo e do imperfeito do condicional dos verbos, não ha e nem pôde haver duvida fundada: o *h* deve ser eliminado. Com effeito, em *amar-te-ei*, *far-te-ia* e outras fórmás similares, *amarei*, *faria* etc. scindem-se em *amar-ei* *far-ia*, e no ponto de scisão insere-se por tmése um pronome pessoal no objectivo ou no objectivo adverbial. Nada mais simples. A querer-se por amor da etymologia escrever *amar-te-hei* *far-nos-hias*, tambem se deverá escrever *amarhei*, *farhias* nos casos mais simples. A não se usar do *h* etymologico nestes ultimos, tambem se não poderá usar nos primeiros.

76. A modificação vocal *je* representa-se

- 1) por *g*—antes de *e*, *i*, *y*, ex.: «*gelo—gibba—giro*».

Dos vocabulos que começam por *je* exceptuam-se *Jebus*, *jecorario*, *jectigação*, *jecuíva*, *Jehovah*, *jeitar*, *jejum*, *jejuno*, *jellala*, *jencionaes*, *Jenissey*, *jenipapo*, *jenolim*, *jequiry*, *jequitibá*, *Jequetinho*, *jerataca*, *jerepemonga*, *jererê*, *Jeremias*, *Jericó*, *jerimun*, *jerivá*, *Jersey*, *Jerumirim*, *Jerusalem*, *Jesus*, *jetahy*, *macujê*, e os derivados destes, ex.: «*jesuita—jehovista—jetahy-péva*, etc.»

Entre *Geropiga* e *Jeropiga* ha differença: *Geropiga* (com *g*) é um licor feito de mosto e vinho. *Jeropiga* (com *j*) significa uma especie de tisana.

- 2) por *j*

- a) antes de *a*, *o*, *u*, ex.: «*joca—jota—juba*».
- b) na terminação da terceira pessoa do aoristo do indicativo, e nas de todas do presente do subjunctivo dos verbos em *jar*, ex.: de «*festejar*» *festejei*—

festeje—festejes—festeje—festejemos—festejeis—festejemos».

- c) nos derivados do verbo latino, *jacio*, ex. : «*adjectivo—conjectura—objecto—projectil—sujeito*».

São estas as regras possíveis sobre o emprego de *g* em *j* para representar a modificação *je*; e é o que basta. A excepção que pretendiam estabelecer alguns grammaticos, mandando escrever *laranjeira*, *anjinho*, sobre especiosa, é pouco seguida.

77. A modificação vocal *le* representa-se

1) por *l*

- a) nos vocabulos começados por *a*, ex. : «*alegrar—alugar*».
- b) nos vocabulos começados por *e*, ex. : «*elaterio—elucidario*».

Exceptuam-se destes *ella*, *ellas*, *elle*, *elles*, *ellipse* e seus derivados, *ello*, (variação antiquada de *elle*).

- c) nos vocabulos começados por *o*, ex. : «*olaia—oleo*»,

Exceptuam-se destes *olla*, *ollaria*, *olleiro*.

2) por *ll*

- a) nos compostos de vocabulos começados por *l* com os prefixos *al*, *col*, *il* derivados dos latinos *ad*, *con*, *in*, ex. : «*alludir—colligir—illegitimo*».
- b) nos compostos de *mel* e de *mil* ex. : *mellifluo—millenio*»
- c) nas syllabas *bel*, *cel*, *del*, *gil*, *gril*, *mil*, *nel*, *pel*, *pil*, *tel*, *til*, *vel*, *zel*, quando sobre ellas re-cahir o accento tonico, seguindo-se-lhes uma vogal, ex. : «*barbella—canella—cadella—pugillo—grillo—mamillo—panella—pelle—pupillo—martello—scintilla—novella—donzella*».

Ha muitas excepções a esta regra: só um bom dictionario póde ser guia seguro para todos os casos.

78. A modificação vocal *me* representa-se

- 1) dor *m*—na pluralidade dos casos, ex.: «*Allema-nha—amor*»,
- 2) por *gm*—em *apophthégma*, *augmento*, e nos derivados destes.
- 3) por *mm*
 - a) em muitos vocabulos derivados do Latim e do Grego, ex.: «*gemma—grammatica*».
 - d) nos compostos de vocabulos começados por *m* com os prefixos *com*, *em*, *im* (alterações de *con*, *in*), ex.: «*commover—emmadeirar—immortal*».

79. A modificação vocal *ne* representa-se

- 1) por *n*—na pluralidade dos casos, ex.: «*cano—tenas*».
- 2) por *gn*—em *assignar—malignar—signal*, nos derivados destes, e em *Ignes—Ignacio*, etc.
- 3) por *mn*—em alguns vocabulos tomados do Latim e do Grego e nos derivados desses vocabulos, ex.: «*alumno—columna—hymno—mnemonico*».
- 4) por *nn*—nos compostos do vocabulos começados por *n* com os prefixos *an*, *en*, *in* (alterações de *ad*, *in*), ex.: «*annunciar—ennobrecer—innocente*».

80. A modificação vocal *pe* representa-se

- 1) por *p*—na pluralidade dos vocabulos, ex.: «*apa-gar—eponymo*».
- 2) por *pp*
 - a) nos compostos de vocabulos começados por *p*

com os prefixos *ap*, *op*, *sup*, (alterações de *ad*, *ob*, *sub*), ex.: «*applaudir—oppugnar—supprimir*»

b) em *Aggripa*, *Aggripina*, *cippo*, *Joppe*, *Oppia*, *Poppa*, e nos vocabulos derivados do nome grego *hippo* (cavallo) ex.: «*hippodromo—hippico—Hippolyto—Philippe*».

81. A modificação vocal *re* (*r* brando como em *caro*) representa-se sempre por *r* ex.: «*furo—saracura—tóro*».)

Depois de *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *p*, *ph*, *t*, *v*, a letra *r* serve para representar o elemento brando das modificações compostas *br*, *cr*, etc., ex.: «*bródio—cravo—droga—frota—grato—primo—phrenético—trama—livro*».

82. A modificação vocal *rre* (*r* forte como em *roda*, *Conrado*) representa-se

1) por *r*

a) no principio dos vocabulos usuaes, ex.: «*roda—rumo*»;

b) depois de *l*, *m*, *n*, *s*, ex.: «*chilrar—Amrão—Conrado—Israel*».

c) nos vocabulos compostos com os prefixos *a*, *de*, *pre*, *pro*, ex.: «*arraigar—derrogar—prerogativa—proromper*».

Nos vocabulos compostos com o prefixo *a* vai prevalecendo o uso do *rr*, e muitos escrevem *arraigar*.

2) por *rh*—no principio de vocabulos derivados do Grego, ex.: «*rhethorica—rhombo*».

3) por *rr*—entre vogaes no corpo de vocabulos, ex.: «*carro—murro*».

4) por *rrh*—entre vogaes nos vocabulos derivados do Grego, ex.: «*arrhas—catarrho*».

83. § 1.º A modificação *se* no principio dos vocabulos representa-se.

- 1) por *c*—antes de *e* e de *i* nos derivados e compostos de *centum*, *circum*, *cis*, ex.: «*centena—centumviro—circo—circumstancia—cisaipina—cisangetico*», e em muitissimos outros vocabulos.
- 2) por *s*
 - a) sempre antes de *a*, *o*, *u*, ex.: «*sapo, sola, sumo*».

Até o principio deste seculo escreviam-se com *ç* inicial muitas palavras, ex.: «*çapato—çorda—çurriada*».

- b) antes de *e* e de *i* na maioria dos vocabulos da lingua, ex.: «*seda—siba*».
- 3) por *ps*—em *psalmo* e em seus derivados, ex.: «*psalterio—psalmodia*, etc.»

§ 2.º A modificação vocal *se* no corpo dos vocabulos representa-se

- 1) por *c*
 - a) antes de *i* nos substantivos derivados de adjectivos verbaes, ex.: «*constancia—confidencia*» de *constante—confidente*».
 - b) nas diversas terminações dos tempos dos verbos ex.: «*conhecer—rociar—empeciamos*, e no adjectivo *reféce*».

Exceptua-se *ser*.

 - c) nos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ci* ou *ti*, ex.: «*officio—vitio*».
- 2) por *cc*
 - a) antes de *e* e de *i* nos compostos de vocabulos começados por *c* com o prefixo *ac* (alteração de *ad*), ex.: «*acelerar—accidente*».

- b) antes de *i* nos verbos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex.: «*fraccionar* de «*fractio*».
- 3) por *ç*
- a) antes de *a* e de *o* em muitos verbos tanto da primeira como da terceira conjugação ex.: «*roçava—roço—reconheça—reconheço*».
- b) antes de *a*, *o*, *u*, em *açacalar*, *açafata*, *açafate*, *açafrão*, *açafrôa*, *açamo*, *açodar*, *açofeita*, *aôçr*, *açorar*, *açôrda*, *açotêa*, *açougue*, *açoute*, *açude*, *açular*, etc.
- c) antes das terminações *ão*, *ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ti*, ex.: *locução*—«*loçuções—turbação—turbações*» de «*locutione—turbatione*».
- d) na terminação de muitos substantivos depois de *a*, *an*, *ar*, *e*, *en*, *er*, *i*, *in*, ex.: «*chalaça—melaço—pujança—engrimanço—garça—cadarço—peça—codeço—licença—lenço—terça—berço—linguiça—chouriço—pinça—painço* etc.
- 4) por *çç*—antes das terminações *ão*, *ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex.: «*acção—acções—satisfacção—satisfacções*» de «*actione—satisfactione*».
- 5) por *pç*—antes das terminações *ão*, *ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *pti*, ex.: «*descripção—descripções—subscripção—subscripções*» de «*descriptione—subscriptione*».
- 6) por *s*—nos compostos dos vocabulos começados por *s*, com os prefixos *a*, *de*, *pre*, *pro*, *sobre*, ex.: *asellar*—*deservir*—*presentir*—*proseguir*—*sobresahir*».

Nos compostos com os prefixos *a* e *de* vai prevalecendo o uso de *ss*: muitos escrevem *assellar*, *desservir*.

- 7) por *sc*—em derivados de vocabulos latinos em que figura a modificação *sc*, ex.: «*condescender—rescindir—sciencia—scintillar*».
- 8) por *ss*—entre vogaes
 - a) na terminação do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos, ex.: «*amasse—entendesse—parlissem—compozesse*».
 - b) na terminação dos superlativos proprios, ex.: «*confessor—professor*».
- 9) por *x*—em *anxiedade, apoplexia, auxilio, defluxo, maximo, proximo, syntaxe* e nos derivados destes.

§ 3.º A modificação vocal *se* no fim dos vocabulos representa-se

- 1) por *s*—na pluralidade dos casos, ex.: «*alas—altares—narizes—Páris—vozes—urras—surris*».
- 2) por *x*—em varios vocabulos tomados do Latim sem alteração ou com pequena alteração de forma graphica, ex.: «*appendix—calix—duplex—Felix—index—phenix*, etc.
- 3) por *z*
 - a) nas terminações *as, es, is, os, us*, do singular dos vocabulos oxytonos, ex.: «*matras—reves—nariz—cados—lus*».

Exceptuam-se *gurupés* o os monosyllabos *mes, tres, pus, sus*.

- b) nas terminações *as, es, is, os, us*, dos tempos dos verbos *dizer, fazer, querer, trazer, conduzir, deduzir, induzir, produzir, reduzir, seduzir, pôr*, e nos derivados destes (á excepção de *requerer*) ex.: «*faz—fez—dis—quis—pôs—pus compuz—redus*, etc.».

84. A modificação vocal *te* representa-se

- 1) por *bt*—em *subtil* e em seus derivados, ex.: «*subtilisar*».
- 2) por *ct*—nos derivados de vocabulos latinos e gregos em que se encontra essa modificação ex.: «*conjectura—dáclylo*».
- 3) por *phth*—em varios vocabulos derivados Grego, ex.: «*apophthégma—diphthongo*».
- 4) por *pt*—nos derivados de vocabulos latinos e gregos em que se encontra essa modificação, ex.: «*proscripto—symptoma*».
- 5) por *t* na maioria dos vocabulos, ex.: «*cantar—propheta*».
- 6) por *th*—nos derivados de vocabulos gregos em que se encontra a modificação *th*, ex.: «*Athenas—theósopho—thia—thio* (1)».

«*Th*—lettra composta, representante do *thêta* do alphabeto "Grego, como um *methodo*, *thema*, *theoria*, *theatro*, (vocabulos originarios).

«Havia antigamente abuso no emprego desta lettra, escreven-do-se com ella palavras em que nem a etymologia, nem a «pronuncia a exigem, como *theor*, *cathegoria*, *author*, *authori-dade*; e ainda hoje se vê esse abuso em o nome proprio *Ni-theroy*, que assim é geralmente escripto, como se na lingua «indigena brasileira houvesse aquelle caracter grego.

«Convem corrigir a orthographia desta palavra, assim como «se tem corrigido a de outras.

«Nem se pôde dizer que o *th* fosse alli introduzido para in-dicar a aspiração, que naquella lingua sem escriptura tinha o

(1) Do Grego *theios*. E' curioso que o Hespanhol, Italiano, o Por-tuguez e o dialecto da Picardia tenham tomado este termo do Grego, dei-xando de parte os vocabulos latinos *avunculus* e *amita* dos quaes os fran-cezes derivam os seus *oncle* e *tante*. *Tia*, *Tio* (Hesp.), *Zia*, *Zio*, (Ital.), *Thia*, *Thio*, (Port.). *Thie*, *Théion* (dialecto picardo).

“som consoante *t* de tal vocabulo, pois não é crível que só “neste houvesse a aspiração, quando todos os mais se escrevem “com *t* simples” (1).

7) por *tt*

- a) nos derivados de compostos de vocabulos latinos começados por *t* com o prefixo *at* (alteração de *ad*), ex.: «*atenção—attrahir—attributo*».
- b) nos derivados dos vocabulos latinos *littera*, *mittere*, e nos derivados e compostos de taes derivados, ex.: «*lettra—metter—illitterato—permittir*, etc.».
- c) em varios outros vocabulos derivados do Latim, ex.: «*atticismo—setta*».

85. A modificação vocal *ve* em vocabulos propriamente portuguezes representa-se sempre por *v*, ex.: «*ovo—relva—reviver*».

Em alguns vocabulos estrangeiros, mórmente allemães, admittidos em Portuguez sem alteração de fôrma graphica, a modificação *v* representa-se por *w*, ex.: “*thalwey Wurtemberg*”.

Nos vocabulos que, assimilados pelo uso geral, fazem já parte integrante do cabedal da lingua, deve-se sempre escrever com *v*, ex., “*valsa—visigothico*”.

Constancio (2) estende este preceito até aos nomes geographicos, e quer que se escreva *Veimar*, *Vestphalia*.

E' excesso de rigor; mas antes isso do que o inqualificavel dislate de escrever-se com *w* vocabulos que não têm de origem: *revólver*, por exemplo, escripto usualmente *revolver*. O vocabulo é inglez, derivado do verbo *to revolve*, de pura procedencia latina. Lê-se em Webster: (3)

“*Revólve*, v. i. (imp. & p. p. *revolved*; p. pr. & vb. n. *revolving*). (Lat.

(1) J. A. Passos, *Obra citada*, art. Th.

(2) *Obra citada*, letra W.

(3) *Obra citada*, artigos *Revolve* e *Revolver*

"*revolvere, revolutum*, from *re* again, back, and *volvere* to roll, turn round; "O. Fr. *revolver*, Sp. & Port. *revolver*, It. *rivolvere*).

"1. To turn or roll around on an axis.

"2. To move round a center; as, the planets revolve round the sun.

"To return (Rare) *Ayliffe*.

"*Rèvolv'er*, n. One who, or that which revolves; specially, a fire-arm "with several loading chambers or barrels so arranged as to revolve on "an axis and be discharged in succession by the same lock; a repeater;— "chiefly used of pistols of such construction".

Si se escrevesse *revolver*, dever-se-ia lêr, segundo as regras da phonetica ingleza *riuvólvar* e não *revólver*.

É realmente vergonhoso nada ter a dizer, quando Americanos e Inglezes nos perguntam pela causa da deturpação sandia do seu vocabulo...

86. A modificação vocal *xe* representa-se

- 1) por *ch*—tanto no principio como no corpo da maioria dos vocabulos, ex.: «*chave—cacho*».

Nos vocabulos *catechismo*, *schisma* o *h* não serve para formar letra composta: é mudo por uso. Taes vocabulos lêem-se *catecismo*, *cisma*, e alguns escriptores já assim os orthographam.

- 2) por *x*

a) depois do som nasal *en*, ex.: «*enxada—enxêrto—enxuto*».

Exceptuam-se *enchacotar*, *enchamel*, *encharcar*, *encher*, *enchouçar*, *enchouricar*, e os derivados destes.

En nestes casos todos é mero prefixo, e os themas de si começam por *ch*.

b) depois de diphthongo, ex.: *cixo—peixe—frouxo—paixão*.

c) em vocabulos da origem arabe; os principaes

são : *oxalá, xacoco, xadrez, xgirel xamate, xaque, xaqueca, xaquema, xara, xarafim, xarão, xaraque, xareta, xaroco, xarope, xanter, xelma, xeque* (Herculano escreve *cheik* ⁽¹⁾), *xergão*.

d) em *abexim, Alexandre, annexim, bexiga, bocaxim, bruxo, buxa, buxo*, (arvore), *cartaxo, coaxar, coxa, coxia, coxim, coxo, debuxo, dixe, faxa, faxina, graxa, laxante, lixa, mexer, pixe, praxe, puxar, rixa, roxo, taxa, vexar*, e nos derivados destes.

3) por *sch* em vocabulos tomados das linguas orientaes, ex : *padischad, schibboleth*.

4) por *sh* em vocabulos inglezes admittidos em Portuguez sem alteração graphica, ex : "*Shakespeare—Sharp*„.

87. A modificação vocal *se* representa-se

1) por *s*

a) depois de vogal, no corpo de vocabulos derivados de raizes latinas, em que tal modificação se escreve por *s* ex; «*accusar—casa—mesa*» de «*accusare—casa—mensa*».

b) em *obsequio, subsistencia, extrinseco, intrinseco*, e em alguns compostos com o prefixo *trans*, ex : «*transacto—transitorio*».

2) por *x* depois de *e* inicial ex : "*exacto—eximir*„.

Queren os grammaticos Portuguezes que *ex* neste caso valha eiz e, que *exacto, eximir*, etc. leiam-se *eizacto, eizimir*, etc.

3) por *z*

a) no principio dos vocabulos, ex : «*zelo—zimbro*».

(1) *Eurico*, 4.^a Edição Lisboa pag. 187 e *passim*.

- b) depois de *a* inicial, ex. : «*azougue—azul*».
Exceptuam-se *asar*, *Asia*, *asinha*, (adv.), *asir*,
asinino, *asylo*.
- c) nas terminações *asa*, *esa*, de vocabulos propriamente portuguezes, ex. : «*rasa—cruesa*».
- d) nos derivados de vocabulos latinos em que a modificação *s*, está por *c*, *d* ou *t* ex. : «*dizer—fazer—presa—razão*» de «*dicere—facere—præda—ratione*».
- e) no plural dos nomes que terminam no singular por *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, ex. : «*rapazes—veses—codornizes—piozes—alcatruzes*».
- f) nos verbos em *ar* cujo thema não tem *s*, ex. «*organizar—prophetizar*».
- 4) por *sz*—em alguns nomes proprios da lingua arabe, ex. : «*Azzarat*».

88. A modificação vocal *lhe* representa-se sempre por *lh*, ex. : «*colheita—mulher*».

Em *gentilhomem*, *philharmonica*, etc., o *h* não fórma com o *l* letra composta; é simples signal etymologico : taes vocabulos têm-se *gentilhomem*, *philharmonica*. Seria mais judicioso escrever *gentill-homem*, *philharmonica*, etc.

89. A modificação vocal *nhe* representa-se sempre por *nh*, ex. : «*canhoto—manhã*».

No seculo XVI a modificação *nhe* representava-se tambem por *gn* : lê-se nos *Lusiadas* (1):

“D’estes arrenegados muitos são

“No primeiro esquadrão que se adianta

“Contra irmãos e parentes (caso estranho !)

“Quaes nas guerras civis de Julio e *Magno*.”

Em *anhelar*, *anhelito* etc., e nos compostos derivados latinos com o prefixo *in* como *inhabíl*, *inherente*, o *h* não fôrma com o *n* letra composta; é simples signal etymologico: taes palávras lêm-se *anelar*, *anélito*, *inábíl*, *inerente*, etc.

90. As modificações vocaes compostas (26) representam-se sempre pelas letras simples, correspondentes aos seus elementos: assim a modificação composta *tm* (do vocabulo *timése*) é representada por *t* e *m*, e não por *phth* e *gm*, porquanto a letra simples correspondente ao elemento *t* da modificação acima é *t* e não *phth*, e a correspondente ao elemento *m* é *m* e não *gm*.

91. A modificação vocal *cs* representa-se:

- 1) por *cc*—em *acceder*, *accepção*, *accesso*, *accional*, etc.
- 2) por *cç*—em *convicção*, *faccção*, *ficção*, *fracção*, etc.
- 3) por *x*—em *axilla*, *convexo*, *crucifixo*, *fixar*, *fluxo*, *flexível*, *genuflexo*, *heterodoxo*, *inflexão*, *influxo*, *nexo*, *orthodoxo*, *paradoxo*, *plexo*, *prolixo*, *reflexo*, *sexo*, *xiphoides*, *xylographia*, *xyloide*, etc., e nos derivados destes,

92. O diphthongo *ae* representa-se:

- 1) por *ae*
 - a) em *pae*.
 - b) no plural dos nomes em *al*, ev.: «*capitales—salgueirales*».
 - c) na segunda pessoa do plural do presente do imperativo dos verbos da primeira conjugação, ex.: «*amae—dae—perdoae*».
- 2) por *ai*—em todos os outros casos, ex.: «*aipo*, *balai*—*amais*—*dais*—*perdoais*—*sais*—*vais*».

93. O diphthongo *au* representa-se sempre por *au*, ex.: «*auto—cauto—grau—pau*»,

Alguns mestres da lingua mandam escrever sempre por *ao* este diphthongo quando é final da syllaba (1): outros fazem uma distincção cerebrina, preceituando que se escrevam por *au* os vocabulos *grau* e *nau*, e por *ao* todos os mais, ex.: «*mao, pao*» (2).

Com grande impropriedade, diz Garret, escrevem alguns com «*ao*» as palavras *pau*, *mau* e semelhantes: as vogaes *a*, *o* não produzem o som «daquellas» palavras, nem fazem diphthongo senão o nasal—se é que diphthongo se lhe póde chamar (3).

94. O diphthongo *ea* representa-se por *ex*, ex.: «*lactea—nivea*».

95. O diphthongo *ei* representa-se sempre por *ei*, éx.: «*lei—notaveis—sahireis—vestireis*».

96. O diphthongo *éi* representa-se sempre *éi*, ey.: «*pa-péis—revéis*».

97. O diphthongo *eo* representa-se sempre por *eo*, ex.: «*lacteo—niveo*».

98. O diphthongo *éo* representa-se sempre por *éo*, ex.: «*chapéo—escarcéo*».

99. O diphthongo *eu* representa-se sempre por *eu*, ex.: «*feudo—judeu—meu—comeu—lambeu*».

A respeito da materia desta regra diz Timotheo Lecussan Verdier (1):

“Daremos outra satisfação orthographica acerca da desinencia em *u* “da terceira pessoa do singular de alguns preteritos, no modo indicativo “dos verbos. Os nossos maiores sempre a terminaram em *u*, e nunca em “*o*. Hoje algumas pessoas escrevem *lêo*, *ouvio*, *ferio*, etc., e carregam a “penultima com accentos, ora agudos, ora circumflexos. Os antigos sem- “pre escreveram *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc., sem accento algum”.

(1) J. A. Passos, *Obra citada*, pag. 33. T. C. Portugal, *Orthographia da Lingua Portugueza*, Paris, 1837, pag. 11.

(2) Vergueiro e Pertence, *Compendio da Grammatica Portugueza*, Lisboa, 1871, pag. 136.

(3) *Obra citada*, pag. 11 nota.

(4) O *Hyssope*, Paris, 1817, prefacio, pag. XIII.

100.—O diphthongo *ia* representa-se sempre por *ia*, ex.: “*gloria—memoria*”.

101. O diphthongo *ie* representa-se sempre por *ie*, ex.: “*serie—superficie*”.

102. O diphthongo *io* representa-se sempre por *io*, ex.: “*rosario—vario*”.

103. O diphthongo *iu* representa-se sempre por *iu* na terceira pessoa do singular do aoristo da segunda e da terceira conjugação, ex.: “*feriu—sahiu—vestiu—viu*”.

Alguns mestres da lingua querem nestes casos que o diphthongo *iu* seja orthographado *io* (1). Não têm elles razão: a judiciosa observação de Garret, acima citada (93), milita tambem para este caso.

104. O diphthongo *oe* representa-se

1) por *oe*—na pluralidade dos casos, ex.: “*heróe—pharóes—remóe*”.

1) por *oy*—em alguns nomes proprios, ex.: “*Eloy—Godoy*”.

Sobre a orthographia do outro nome da bahia de Guanabara, diz o erudito snr. Capistrano de Abreu (2); *Nyteróe* e não *Nitheroy*, *Nitherohy*, *Nitherohi*, *Nitheroy*, como **erradamente** se escreve”.

105. O diphthongo *oi* representa-se sempre por *oi*, ex.: “*boi—depois—foi*”.

106. O diphthongo *ou* representa-se sempre por *ou*, ex.: “*ouro—louro—mandou—tomou*”.

(1) **Constancio**, *Obra citada*, “Introducção Grammatical”, pag. L.; **T. C. Portugal**, *Obra citada*, pag. 12.

(2) **Valle Carral**, *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1882, pag. 9.

Este diphthongo é por alguns escripto e pronunciado *oi* no corpo dos nomes: assim, em vez de *agouro*, *couros*, *louro*, etc., lêem elles *agoiro*, *coiro*, *loiro*, etc. Esta substituição justificavel em certos casos (*agoiro*, *coiro*, por exemplo de *augurium*, *corium*) em muitos outros o não é. A maioria dos escriptores emprega sempre *ou*, excepto em *oito* e seus derivados.

107. O diphthongo *ua* representa-se sempre por *ua*, ex.: "*agua—magua*".

Alguns escriptores escrevem anti-etimologicamente *agoa*, *magoa*.

108. O diphthongo *ue* representa-se sempre por *ue*, ex.: "*guela—lingueta*".

109. O diphthongo *ui* representa-se

1) por *ui*—na maioria dos casos, ex.: "*fui—fluido*".

2) por *uy*—em alguns nomes proprios, ex.: "*Guy—Ruy*".

110. O diphthongo *uo* representa-se sempre por *uo*, ex.: "*arduo—exiguo*".

111. O diphthongo nasal *ãe* representa-se sempre por *ãe*, ex.: "*capitães—mãe*".

Os portuguezes pronunciam *em* final como o diphthongo *ãe*: vem dahi a rima tão estranha aos ouvidos brasileiros, de *mãe*, com *ninguem* *tambem*, etc., ex.:

"Triste de quem der um ai

"Sem achar echo em *ninguem*!"

"Felizes os que têm pae,

"Mimosos os que têm *mãe*!" (1)

112. O diphthongo nasal *ão* representa-se

1) por *am*—quando sobre elle não cái o accento tónico (37-4), ex.: "*bençam—amam—entenderam—partiriam*".

(1) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*, Canto IV.

- 2) por *ão* quando sobre elle cái o assento tónico (27-4),
ex.: “*amarão—entenderão—botão*, etc.”

113. O diphthongo nasal *õe* representa-se

- 1) por *õe*—na maioria dos casos, ex.: “*botões—tu pões—elle põe*”.
2) por *õem*—sómente na terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos em *or*, ex.: “*elles põem—repõem—compõem*, etc”.

114. Algumas regras geraes se pôdem estabelecer para a regularisação da orthographia ; são :

1.^a

Seguir fielmente a etymologia, quando se lhe não oppõe a pronuncia, ex.: “*atheu—sciencia*” e não “*ateu—ciencia*”.

«Eu não creio em nenhuma orthographia, diz Garret (1), senão na etymologica por ser aquella em que pôde haver menos questões, schismas e heresias».

2.^a

Modificar o rigor etymologico quando se lhe oppõe a pronuncia, ex.: “*esse—estatua—olhos—princeza*” e não “*epse—statua—oelhos—princepsa*”.

Das letras compostas de *s* com outras alterantes, só pode ser inicial *sc* antes de *e*, de *i* e de *y*, ex.: “*scena—sciencia—scylla*». A todas as outras antepõe-se um *e* euphonico, ex.: “*esbrizar—escala—escoria—escudo—eschema—esclerotica—escriba—espuria—estyllo*, etc.”.

Esta prothese euphonica (ainda mais rigorosa entre os Hespanhóes que até com *sc* antes de *e* e de *i* a praticam escrevendo *escena*, *escitico* por *scena*, *scythico*) já era usada no Latim da decadencia, nas inscripções christãs de Roma, nas inscripções africanas.

(1) *Obra citada*, pag. 61.

“Encontra-se mais frequentemente um *i* diante dos grupos *sc st, sp:* “*isculasticus, iscripta, istatuam, istudio, istipendiis, Istiliconis, ispumosus, ispeculator, ispes, Ispartacus*; por vezes é um *s*: *escole, Estefanioc*. O *i* “apparece alli pelo segundo seculo. e torna-se mais usual nos fins do quarto e no principio do quinto. Mais tarde, é elle substituido pelo *e*, e é “justamente o *e* que se encontra diante da lettra sibilante, seguida de uma “explodida surda nas linguas novo-latinas: *especie, escada, estabulo, es-pada*” (1).

3.^a

Seguir sómente a pronuncia, empregando as alterantes conforme as modificações que ellas em geral representam, quando não ha razão de etymologia para dobrar lettras simples, ou para empregar lettras compostas, ex.: “*tabóca*” e não “*tabbóca*” e nem “*phthabhoka*”.

4.^a

Pôr accento sobre a vogal predominante dos vocabulos pouco usuaes, quando pelas regras prosodicas se não puder conhecer a predominancia, ex.: *dáctylo—thálam*o, etc.» ou quando houver necessidade de distinguir uma voz aguda de uma voz fechada, ex.: “*côvo*” (adj., concavo)—*cóvo* (subs., cesto de apanhar peixe)”.

5.^a

Preferir uma lettra a um accento, para melhor distincção dos vocabulos, sempre que não haja nisso inconveniente, ex.: “*Sahir—bahu*”—e não “*Sahír—bauí*”.

6.^a

Conservar as alterações feitas na etymologia em prol da pronuncia, ou para distinguir um vocabulo de outros, ex.:—

(1) **Guardia et Wierzeyski**, *Grammaire de la Langue Latine*, Paris, 1876, pag. 69.

«conceição—por—concepção—catarata (doença de olhos)
—e—cataracta (catadupa); *maça*—e—*massa*, etc».

Observação n.º 1.) As palavras portuguezas genuinas terminam ou por voz livre, ou por alguma destas sete modificações—*l, m, n, r, s, x, z*.

Observação n.º 2.) Nenhum vocabulo principia ou acaba por vogal dobrada.

Foi uso dobrarem-se vogaes no fim de vocabulos, para ^{3a}indicação de tonicidade de syllaba: escrevia-se *saa, see, soo, sá, sé, só*. Ainda hoje, ha quem escreva *teem, veem*, etc. para distinguir a terceira pessoa do plural da terceira do singular:

É desnecessario. Um accento produz o mesmo effeito que a repetição da vogal, «*elle tem, elles têm, elle vem, elles vêm*», evitando-se uma forma graphica absurda e desgraciosa. Quando se encontram duas vogaes no fim de um vocabulo, como em *môo, vôo*, etc., é porque são tambem duas ao distinctas as vozes representadas: realmente *môo, vôo*, lêem-se *mô-u, vô-u*.

Observação n.º 3.) Nenhum vocabulo Portuguez principia ou acaba por alterante dobrada.

Nos seculos XV e XVI dobrava-se *l* no principio e no fim dos vocabulos, escrevendo-se por exemplo «*Llourenço—anell*»; do seculo XIII e XIV dobrava-se *r* no principio dos vocabulos, e no corpo delles depois de letra alterante, ex.: «*rrreceber—honrra*; desde o principio da monarchia até o seculo XV, escrevia-se *ssa ssas* por *sa, sas* (sua, suas).

Observação n.º 4.) Antes de *b, m, p*, usa-se de *m* e não de *n*, ex.: «*ambos—grammatica—trompa*».

Exceptuam-se alguns substantivos proprios allemães, ex.: «*Oldenburg—Schoenbrunn*».

115. Ao partirem-se vocabulos em fim de linha observem-se as seguintes regras:

1.ª

Respeite-se sempre na pratica a integridade das syllabas, «*am-bar—pau-ta—vo-a-dor*».

2.^a

Separem-se os vocabulos compostos pelos seus elementos de composição, ex.: «*con-star-in-spirar*».

3.^a

Lettras alterantes, que parecem independentes ou que não sôam, acompanham a syllaba subsequente, ex.: «*afflicto—prom—pto*».

LIVRO SEGUNDO

ELEMENTOS MORPHICOS DAS PALAVRAS

116. *Morphologia* é o tratado das fórmãs que tomam as palavras para constituir a linguagem.

117. A *morphologia* considera as palavras sob a relação de fórma

- 1) como constituindo grandes grupos de idéas de que se compõe o pensamenio;
- 2) como entidades phonicas, que se modificam individualmente, para representar cada idéa em particular;
- 3) como originando-se umas de outras.

118. As partes, pois, da *morphologia* são tres; *taxeonomia*, *kampenomia* ou *ptoseonomia* e *etymologia*.

SECÇÃO PRIMEIRA

TAXEONOMIA

119. *Taxeonomia* é a distribuição das palavras em grupos, correspondentes aos grupos de idéas, de que se compõe o pensamento.

120. Dividem se as palavras em oito grupos ou categorias, a saber: Substantivo, Artigo, Adjectivo, Pronome, Verbo, Adverbio, Preposição e Conjuncção.

121. Estes oito grupos arranjam-se entre si, em tres divisões naturaes ; são :

- 1) tres grupos de palavras independentes das outras, capazes de formar sentenças per si e entre si—o *substantivo*, o *pronome* e o *verbo*.
- 2) tres grupos de palavras qualificadoras, dependentes sempre de outra palavra que ellas descrevem ou limitam—o *artigo*, o *adjectivo* e o *adverbio*.
- 3) dous grupos de palavras connectivas, que juntam uma palavra com outra, ou uma sentença com outra—a *preposição* e a *conjunção*.

A pluralidade dos grammaticos conta mais o Participio e a Interjeição.

Ora, o participio é parte integrante do verbo e, como tal, não deve formar categoria á parte.

A interjeição, grito involuntario, instinctivo, animal, não representa idéia, não constitue parte do discurso, é mais som do que palavra. (1)

122. As oito categorias de palavras arranjam-se ainda em dois grupos: o das palavras sujeitas á flexão ou *variaveis*. São variaveis, o artigo, o adjectivo, o pronome e o verbo : são invariaveis o adverbio, a preposição e a conjunção.

As palavras hoje invariaveis já gosaram de vida, já tiveram fórmulas moveis nas linguas matrizes: são, se é permittido o simile, organismos inferiores cujas junctas ankylosaram-se, cujas partes fluidas solidificaram-se por uma como crystallisação linguistica. No adverbio encontram-se ainda vestigios de flexão.

A linguagem, interprete da intelligencia, é um instrumento de analyse: com effeito, as palavras servem para distinguir os seres, os objectos, as qualidades, as substancias reaes ou abstractas, as acções, os estados diversos das pessoas, das cousas, todas as manifestações da vida, todos os phenomenos, até mesmo os que caem sob o dominio da imaginação e do fu-

(1) Guardia et Wierzeyski ; Obra citada, pag. 72—75 Rurgraff, Obra citada, pag. 526; Bastin, Obra citada, pag. 303.

turo, o contingente, o absurdo, o impossível. Ajuntem-se ainda as relações innumeráveis de tempo e de lugar, de género e de espécie, de numero e de qualidade, de causa e de effeito; as relações e as correlações infinitas de tudo o que existe, e que se póde conceber; passe-se dos elementos simples da linguagem, do som laryngeo, da articulação, da syllaba á palavra; da palavra á proposição; da proposição ao discurso... Passará a mente ante a simplicidade desse mechanismo assombroso, ou antes dessa organização pujante, cujas funções multiplas executam-se por meio de um numero tão limitado deapparelhos. (1)

I

SUBSTANTIVO

123. *Substantivo* é o nome de um *objecto*, de uma coisa, ex.: “*agua—floresta—passaro*”.

Qualquer palavra pertencente a qualquer categoria das partes do discurso torna-se substantivo, quando usada como nome de uma coisa distincta, ex.: “*Vives é um verbo*”: neste exemplo “*vives*” é substantivo, porque é usado para indicar uma palavra particular.

124. Dividem-se os substantivos em substantivos proprios e em substantivos appellativos.

125. *Substantivos proprios* são os nomes individuaes, ex.: “*Amazonas—Saldanha*”.

Os substantivos proprios tornam-se appellativos, quando significam mais do que um individuo e quando são empregados para representar uma classe ex.: “*Os Macaulays e os Herculanos não abundam—Pedro V foi um Marco Aurelio*”.

Todavia taes palavras são melhor consideradas como substantivos proprios quando são applicadas a uma raça, a uma familia, a uma dynastia, ex.: *Os Malaio*s—*os Andrad*as—*os Orlé*ans.

(1) Guardia et Wierzeyski, *Obra citada*, pag. 72; F. Dubner *Grammaire Élémentaires et Protique de la Langue Grecque*, Paris 1855, pag.

126. *Substantivos appellativos* são nomes que competem a classes de cousas, e podem ser applicados a qualquer membro da classe, ex.: "*homem—cavallo—cidade—espingarda*".

Os substantivos appellativos tornam-se substantivos proprios ou partes de substantivos proprios, quando usados como nomes de cousas individuaes, ex.: "*Bahia—Porto—Rio-Grande—Villa-Bella*".

127. Os substantivos appellativos subdividem-se em concretos, abstractos, collectivos, verbaes e compostos.

128. *Substantivos concretos* são nomes de cousas que têm ou que se suppõe terem existencia actual, ex.: "*não—firmamento—ouro—unicornio*".

Palavras como algodão, cobre, *oxygeneo*, etc., chamam-se *substantivos materiaes*.

129. *Substantivos abstractos* são nomes de qualidades ou de propriedades consideradas á parte das cousas a que existem ligadas, ex.: "*bondade—peso—sciencia—virtude*".

As palavras desta classe não exprimem existencias independentes, mas sómente abstracções architectadas pela mente, ao attentar nas existencias que ellas caracterisam. Por meio do emprego de adjectivos ou de participios podem taes abstracções ser espressas como attributos das cousas a que pertencem, ex. "*menino bom—martello grande—homem sciente—general experimentado*". Os attributos, quando são considerados á parte das causas, recebem nomes e formam substantivos abstractos.

130. *Substantivos collectivos* ou *substantivos de multidão* são os nomes que denotam muitos individuos, considerados como formando um todo ou aggregado, ex.: "*armada—exercito—povo*".

As cousas significadas pelos substantivos collectivos existem realmente, mas só pela conjuncção de suas partes constituintes: envolvem sempre, pois, idéias de pluralidade.

Os substantivos collectivos têm significação singular, quando é ideia predominante a união das partes que constituem a concepção. Nesta proposição "*A camara foi dissolvida*" são topicos que com força maior se apresentam ao espirito a união dos deputados em um corpo, e a destruição dessa união; prevalece, consequentemente, a significação singular. Nesta outra "*A plebe estava amotinada*" o que attrai, a attenção vêm a ser os actos de rebeldia e os excessos por parte de muitos individuos da plebe: predomina o sentido de plural.

Ha certos *collectivos* que se podem chamar *especies*, porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra; são entre outros;

<i>Alcatéia</i> de lobos	<i>Fato</i> de cabras
<i>Armento</i> de bois	<i>Jolda</i> e <i>choldra</i> de assassinos
<i>Bando</i> de { aves	<i>Malta</i> de capoeiras
{ ciganos	<i>Manada</i> de bois
{ salteadores	<i>Matilha</i> de cães
<i>Cáfila</i> de camelos	<i>Manga</i> de arcabuzeiros
<i>Cardume</i> de peixes	<i>Nuvem</i> de moscas
<i>Corja</i> de { bebados	<i>Ponta</i> de mulas
{ ladrões	<i>Rancho</i> de soldados
{ tratantes	<i>Récula</i> de cavalgaduras
{ vadios	<i>Roda</i> de homens
<i>Chusma</i> de criados	<i>Sucia</i> de velhacos
<i>Enxame</i> de abelhas	<i>Vara</i> de porcos

131. *Susbtantivos verbaes* são certas partes do verbo empregadas como substantivos, ex.: "*Fallar é prata—callar é ouro*".

Em todas as línguas é o infinito empregado como substantivo.

132. *Substantivos compostos* são os nomes que se fórmam pela reunião

- 1) de dous substantivos, ex.: "*couve-flor*".
- 2) de um substantivo e de um adjectivo, ex.: "*pedreiro-livre*".
- 3) de um verbo e de um substantivo, ex.: "*saca-trapo—saca-rolhas—tira-pé*".

- 4) de uma preposição e de um substantivo, ex.: "*sub-chefe; sub-delegado*".
- 5) de dous substantivos ligados por preposição, ex.: "*cabo-de-esquadra*".
- 6) de dous verbos, ex.: "*ruge-ruge, corre-corre*".
- 7) de um verbo e de um adverbio, ex.: "*falla-man-sinho*".
- 8) de tres palavras diversas, ex.: "*mal-me-quer*".

II

ARTIGO

133. Artigo é uma palavra que se antepõe ao substantivo afim de particularisar-lhe a significação.

Palavra átona, que nada exprime por si, o artigo contribue poderosamente para a clareza da expressão: tornando as palavras precisas e vivazes dá elle calor á phrase, veste-a de realidade. A este respeito fica o Latim classico muito abaixo das linguas neolatinas; estes dous sentidos diversissimos "*dá-me pão, dá-me o pão*" traduzem-se em Latim pela forma unica "*da mihi panem*", ficando á conta do contexto a elucidação do dizer.

134. O artigo é o (1).

III

ADJECTIVO

135. *Adjectivo* é uma palavra que descreve ou determina o substantivo:

136. Divide-se o *odjectivo* em *adjectivo descriptivo* e *adjectivo determinativo*.

(1) Chassang (*Nouvelle Grammaire Française*, Paris. 1881) elimina o chamado artigo indefinito, que vai com toda a razão occupar o seu logar de *adjectivo determinativo* indefinido.

137. O *adjectivo descriptivo* denota a qualidade ou a propriedade da cousa significada pelo substantivo a que elle se refere.

Este adjectivo chama-se tambem *qualificativo*.

138. O adjectivo descriptivo é *restrictivo*, quando denota uma qualidade accessoria do substantivo, ex.: "*homem bom—cavallo preto*"; é *explicativo*, quando denota uma qualidade essencial, que já se inclue na idéa do objecto, ex.: "*diamante duro—homem mortal*". O mesmo adjectivo é muitas vezes tomado em ambos os sentidos.

Observação n. 1.) O adjectivo descriptivo não tem significação por si: denota sempre alguma qualidade ou propriedade que se suppõe existir ligada a um sujeito.

Observação n. 2.) O adjectivo descriptivo é facilmente convertido em substantivo; isto em consequencia de se empregarem palavras que significam qualidade, em vez das que significam cousas em que residem qualidades.

139. O *adjectivo determinativo* denota o numero, a posição ou qualquer outra limitação da cousa significada pelo substantivo a que elle se refere.

Este adjectivo chama-se tambem *limitativo*.

140. Subdivide-se o adjectivo determinativo em numeral, demonstrativo, distributivo, conjunctivo, possessivo e indefinido.

141. *Determinativo numeral* é um adjectivo empregado para designar limitação numerica, ex.: "*um—dous—tres; —primeiro—segundo—terceiro;—duplo—triplo—quaduplo*".

142. O determinativo numeral chama-se

- 1) *Cardial*--se só denota numero, sem referir-se a ordem de successão, ex. "*Des homens — Cem moedas*".

Os determinativos numeraes cardiaes, são :

Um, dous, ambos, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezeseis, dezeseie, dezoito, dezenove, vinte, vinte-um, vinte-dous, trinta, quarenta, cincoenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos, mil, dous mil, um milhão, dous milhões, etc.

- 2) *Ordinal*—se denota a ordem em que occorrem as cousas, com relação ao numero de cousas semelhantes que as precederam, ex.: «*o quarto rei — o decimo filho*».

Os determinativos numeraes ordinaes, são :

Primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, setimo, oitavo, nono, decimo, undecimo, ou decimo,-primeiro, duodecimo ou decimo segundo, decimo-terceiro, decimo-quarto, decimo-quinto, decimo-sexto, decimo-setimo, decimo-oitavo, decimo-nono, vigesimo vigesimo-primeiro, vigesimo-segundo, trigesimo, quadragésimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo, octogésimo, nonagesimo, centesimo, ducentesimo, trecentesimo, quadrigentesimo, quingentesimo, sexcentesimo, septingentesimo, octingentesimo, nongentesimo, millesimo, millionesimo, etc.

- 3) *Multiplicativo*—se denota o numero de vezes que

uma coisa é augmentada ou multiplicada, ex.:
«*duplo—triplo—centuplo*».

Os determinativos numeraes multiplicativos são:

Duplo, triplo, quádruplo, quintuplo, sêxtuplo, décuplo, céntuplo, múltiplo.

Ha muitas fórmãs numericas que não pertencem ao adjectivo, ex.:

Substantivos) *metade, dobro, dezena, cento, milhão*, etc.

Verbos) *dobrar, quartear, dizimar, centuplicar*, etc.

Adverbios) *primeiramente, secundariamente*, etc.

143. *Determinativo demonstrativo* é o que designa pessoas ou cousas, distinguindo-as de outras, no que diz respeito a logar ou a tempo, ex.: «*Estã espingarda—essa faca—aquelle—veado*».

Os determinativos demonstrativos, são: *este, esse, aquelle, este, outro, esse, aquelle, outro.*

Este indica proximidade em relação á pessoa que falla; é o demonstrativo da primeira pessoa: «*esta espingarda*» indica a espingarda que está juncto da pessoa que falla. *Esse* indica proximidade em relação á pessoa com quem se falla; é o demonstrativo da segunda pessoa: «*essa faca*», indica a faca que está perto da pessoa com quem se falla. *Aquelle* indica distancia absoluta ou proximidade com relação a terceiro; é o demonstrativo da terceira pessoa: «*aquelle veado*», indica o veado que se vê ou que se supõe ao longe.

144. *Determinativo conjunctivo* é o que indica que os individuos que compõem um todo ou aggregado devem ser considerados separadamente, ex.: «*Cada terra tem seu uso—cada soldado levava a sua barraca*».

Os determinativos distributivos são *cada, cada um, cada qual.*

145. *Determinativo conjunctivo* é o que conjuncta clausulas, ex.: «*Um homem, o qual eu vi—os amigos aos quaes mandamos as fructas*».

Os determinativos conjunctivos são *qual, o qual, cujo*.

Muitos grammaticos admittem uma classe de determinativos interrogativos; não ha razão para a existencia de tal classe. Em todo o periodo interrogativo dá-se a ellipse da proposição principal, e o chamado determinativo é, sem tirar nem pôr, o determinativo conjunctivo servindo para ligar duas proposições.

146. *Determinativo possessivo* é o que indica senhorio ou posse, em referencia ás cousas significadas pelos substantivos a que elle se junta, ex.: «*Minha espingarda—teu cavallo*».

Os determinativos possessivos são *meu, teu, seu, nosso, vosso, proprio, alheio*.

Muitos adjectivos qualificativos parecem involver uma idéia de possessão, ex.: «*Fazenda nacional—familia imperial*», isto é «*Fazenda da nação—familia do imperador*».

Ao contrario, os adjectivos possessivos perdem por vezes a sua acceção propria para tomar um sentido vago, indeterminado ex.: «*Vou bem de musica: já toco minhas valsas—Já faz seu frio*».

147. *Determinativo indefinido* é o que limita pessoa ou cousa, sem indicação de individualidade particular, ex.: «*Alguns homens—certos negocios*».

Os determinativos indefinidos são: «*Algun, bastante, certo, mais, menos, mesmo, muito, nenhum, outro, pouco, qualquer, quanto, quejando, só, tal, tanto, todo um*».

O que carecterisa terminantemente o adjectivo, e o discrimina de qualquer outra especie de palavras, é a circumstancia de andar elle sempre ligado a um substantivo ou pronome, na qnalidade de attributo ou na de predicado. Vindo a preencher outra funcção, isto é, a de figurar por si só, quer de sujeito, quer de complemento directo, quer emfim de complemento indirecto, elle deixa de ser adjectivo para assumir uma qualificação diversa. Neste novo estado, os descriptivos passam a ser tidos como substantivos, e os determinativos como pronomes (1).

1) Grivet, *Obra citada*, pag. 90.

Todavia o distributivo *cada* nunca se emprega sem substantivo claro; os numeros cardiaes, embora empregados sós, não são considerados pronomes; os numeraes ordinaes e multiplicativos bem como os possessivos, quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo artigo.

IV

PRONOMES

148. *Pronome* é uma palavra usada em lugar de um substantivo.

149. Divide-se o pronome, em pronome substantivo e em pronome adjectivo.

150. *Pronome substantivo* é o que está em lugar do substantivo, sem limitá-lo por maneira nenhuma, ex. : «*Elle falla*» em vez de «*Pedro falla*».

151. *Pronome adjectivo* é o que está em lugar do substantivo, limitando-o ao mesmo tempo de alguma maneira, ex. : «*Este relógio é bom, aquelle é ruim*». O pronome *aquelle* está em lugar do substantivo *relógio*, e ao mesmo tempo limita-o, indicando a distancia em que se acha a cousa que elle representa.

Eu, tu, elle, nós, vós, elles são pronomes substantivos: *este, esse, aquelle, este outro, esse outro, aquelle outro* são pronomes adjectivos.

152. Os pronomes substantivos são chamados pronomes pessoaes.

153. Os pronomes pessoaes denotam pessoas.

154. *Pessoa* é a maneira por que se relaciona o sujeito com o predicado.

Parece quasi impossivel dar uma definição clara e distincta do termo *pessoa*: adquire-se, porém, exacto conhecimento da palavra, quando se atende á significação dos pronomes pessoaes.

155. Ha tres pessoas: a *primeira* denota quem falla;

a *segunda*, o interlocutor; a *terceira*, o assumpto; ex.: «*Creio EU que TU não poderás cortar o PAU: ELLE é duro.*»

156. Ha tres classes de pronomes pessoaes, a saber: *pronomes da primeira pessoa; pronomes da segunda pessoa; pronomes da terceira pessoa.*

São:

da primeira) *eu, nós,*
da segunda) *tu, vós;*
da terceira) *elle, elles;*

157. O pronome adjectivo divide-se em *demonstrativo, distributivo, conjunctivo, possessivo e indefinito.*

O pronome adjectivo, como já se deu a entender na observação final do capitulo antecedente, nada mais é do que o adjectivo determinativo empregado na sentença sem substantivo claro. Todavia nesta classe ha pronomes essenciaes que não são empregados como adjectivos, isto é, que não podem ser construidos com substantivos. Taes são:

demonstrativos *isto, isso, aquillo.*

Isto corresponde á primeira pessoa: *isso*, á segunda: *aquillo*, á terceira.

conjunctivos *que, quem, o que quer que, quem quer, quem quer que.*

indefinitos *al, algo, alguém, beltrano, fulano, homem, nada, ninguém, outrem, cicrano, tudo.*

Observação n. 1.) Que nas phrases interrogativas e exclamativas emprega-se tambem adjectivamente, ex.: «*Que homem aquelle?*»—«*Que mulher!*»

Observação n. 2.) Sobre o uso do *homem* empregado como pronome, diz o sr. Theophilo Braga:

“No Portuguez do seculo XV e XVI, e ainda hoje na linguagem popular, encontra-se o substantivo *homem* usado como pronome indefinito. “El-rei D. Duarte, traduzindo o tratado *De modo confitendi* de S. Thomaz de Aquino. traz «*Porém não pôde homem têr-se que alguma cousa não diga...*» A phrase latina era: “*Hæc tamem tacere non valeo*”. Ainda hoje “é popularissima na fôrma de *home*, e no provincialismo insulano “*home*”.

“No *Cancioneiro Geral*, em Sá de Miranda e Ferreira, usa-se esta fór-

ma pronominal tão peculiar hoje ao Francez *on*, de *om* e de *homem*, «ex.: «*Leixar homem liberdade (Cancioneiro Geral)*—*Cuida homem que bem escolhe—Que se não pôde homem erguer (Sá de Miranda)*. No ane-
xim popular «*home pobre uma vez á loja*» a sua fórmula indefinida é “*Quem é pobre vai uma vez á loja*”. Sobretudo nos anexins populares é bastante frequente este facto: “*Anda homem a trote para ganhar capote*” por “*Anda-se*”, etc. “*Deita-se homem pelo chão para ganhar gabão*”. O substantivo *gente* também se emprega neste sentido, sobre tudo no dialecto brasileiro: *Quando a gente está com gente... Gente me deixe..*: (1).

Grammaticos ha que consideram como pronomes os adjectivos numeraes, quando sós na oração (2).

V

VERBO

158. *Verbo* é uma palavra que enuncia, diz ou declara alguma cousa. O verbo implica sempre uma asserção ou predicação.

159. Divide-se o verbo em verbo intransitivo e verbo transitivo.

160. *Verbo intransitivo* é o que enuncia um estado, ou mesmo uma acção que se não exerce directamente sobre um objecto.

161. *Verbo transitivo* é o que enuncia uma acção que se exerce directamente sobre um objecto.

Esta classificação funda-se na natureza do predicado, contido no verbo. O predicado apresenta-se ao nosso espirito:

- 1) como simples estado, como puro modo de *ser* (*idiopatheia*) *status*, *habitus*) de um objecto, ex.: *estar—sentar—tombar—morrer*. Chamam-se intransitivos os verbos que envolvem taes predicados. Assim, *tombar* é um verbo intransitivo, porque a qualidade que notamos no objecto, que é tombante (termo ficticio) nos apparece

(1) *Obra citada*, pag. 64.

(2) *Grivet, Obra citada*, pag. 96.

como puro, modo de ser desse objecto, como simples mudança de logar que elle effectua de um momento para outro.

- 2) Como o estado de um objecto, como um modo de ser desse objecto, que pôde produzir, ou que realmente produz algum effeito sobre outro objecto, ex.: *«ferir--quebrar-amar--odiar»*. Chamam-se transitivos estes verbos, porque o objecto a que elles se referem exerce uma acção que actúa sobre outro objecto estranho, que passa sobre elle.

Para que o estado de um objecto qualquer se nos apresente como transitivo, preciso é que envolva idéia de movimento. E ainda não basta. E' tambem preciso que esse estado se apresente, em virtude do movimento, como produzindo um effeito qualquer sobre outro objecto, ou ao menos como capaz de o produzir.

Assim; *andar,—tombar* não são verbos transitivos, porque as idéias das qualidades *andante, tombante* que elles encerram, não representam o objecto de que taes qualidades são predicados, como exercendo acção sobre outro. Ellas nol-o mostram em simples estado de movimento.

Verdade é que se diz vulgarmente «a acção de *andar, de tombar*». Neste caso a palavra *acção* está tomada em sentido lato, quicá improprio, e não indica por fórma alguma que o objecto que *anda, tomba*, actúe sobre objecto estranho.

Apezar de tudo, tal classificação não é nem pôde ser absoluta: muitos verbos empregam-se indifferentemente como intransitivos ou como transitivos, e quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez, que se não possa empregar como intransitivo.

162. Os verbos transitivos podem estar na voz activa ou na voz passiva. Estão na *voz activa*, quando a acção transitiva que representam é exercida pelo sujeito da oração; estão na *voz passiva*, quando, pelo contrario, tal acção é exercida sobre esse sujeito.

Os Estoicos chamaram ao verbo transitivo em voz activa—*Kattegorena-thon—verbum rectum, verbo direito*; ao verbo transitivo em voz passiva deram o nome de *uption—verbum—supinum, verbo deitado de costas*; ao

ao verbo intransitivo classificavam elles como—*oidetéron—verbum neutrum*, verbo que não era direito, nem deitado de costas. Estas denominações foram tomadas, ao que parece, das attitudes diversas dos atletas ao darem e receberem golpes (1).

163. O verbo chama-se mais

- 1) *Auxiliar*—quando empregado como elemento subsidiario na formação
 - a) dos tempos compostos de todos os verbos.
 - b) de todos os tempos dos verbos passivos.
 - c) de todos os tempos dos verbos periphrasticos e frequentativos.

Os verbos auxiliares são *haver*, *ter*, e *ser*.

- 2) *Regular*—quando segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: «*louvar—defender*».
- 3) *Irregular*—quando não segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: «*dar—caber*».
- 4) *Impessoal*—quando, em accepção propria, não póde ter por sujeito um nome de pessoa, ex.: «*trovejar, —acontecer*».
- 5) *Defectivo*—quando não é empregado em todas as fórmulas, ex.: «*feder—colorir*».
- 6) *Periphrastico*—quando ao seu infinito ligam-se, por meio da proposição *de*, os tempos dos verbos *haver* ou *ter*.
 - a) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *haver* chama-se *promissivo*, ex.: «*Eu hei de comprar*».
 - b) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *ter* chama-se *obligativo*, ex.: «*Eu tenho de comprar*».

(1) R. Schmidt, *Stoicorum Grammatica*, Halis, 1839, pag. 63

7) *Frequentativo* — quando ao particípio imperfecto ajuntam-se tempos seus ou do outro verbo, para denotar duração e progresso do estado de movimento ou de actividade, marcado pelo seu predicado, ex. : «*Ir indo—vir vindo—estar cahindo—andar estudando*».

8) *Terminativo* — quando o predicado nelle contido exige um termo indirecto de acção: *dar, usar* são verbos terminativos, porque os predicados *dante, usante* (palavras ficticias) nelles contidos requerem termos indirectos de acção, ex. : «*Dar alguma coisa a alguém—usar de alguma coisa*».

São *terminativos* verbos intransitivos e transitivos.

9) *Pronominal* — quando por uso da lingua empregase sempre com um pronome adjectivo que representa o sujeito, ex. : «*Queixar-se—condoer-se*».

A distribuição da acção do verbo em *reciproca, reflexiva*, etc., está mais no dominio da logica do que no da grammatica. Diz Garret (1) :

«O verdadeiro systema de grammatica devêra ser «o de simplificar, mas parece que acintemente não «tratam sinão de augmentar entidades e fazer diffi-
«cultoso o que é simples e facil, multiplicando ter-
«mos e categorias de divisões e subdivisões em cou-
«sas que as não precisam. Que quer dizer, por
«exemplo, *verbo reciproco*? E' um verbo activo,
«nem mais, nem menos, com um pronome no ob-
«jectivo, assim como podia ter um nome».

(1) *Obra citada* pag. 237.

VI ADVERBIO

164. *Adverbio* é uma palavra que modifica um verbo, um adjectivo ou um outro adverbio.

Prisciano, grammatico latino do seculo VI, definiu o adverbio «*Est pars orationis indeclinabilis, cujus significatio verbis adjicitur*»; Court de Gébelin (1) e outros grammaticos modernos (2) têm o mesmo modo de entender; isto é, que o adverbio só modifica verbos. Chamam ao adverbio *adjectivo do verbo*, e dão-lhe superlatividade em phrases como «*muito eloquentemente, pouco prudentemente*». A opinião mais seguida é que elle modifica adjectivos, verbos e outros adverbios.

165. Conforme a natureza da modificação que exprime, divide-se o adverbio em *adverbio*

- 1) *de tempo*—*agora, ainda, amanhã, antes, cedo, hoje, hontem, depois, já, jamais, logo, nunca, ora, quando, sempre, tarde, então,*
- 2) *de logar*—*onde, aqui, ahi, alli, aquém, além, acima, arriba, avante, cá, lá, acolá, fóra, dentro, algures, alhures, perto, longe, trás.*

Aqui é o adverbio de logar da primeira pessoa; *ahi*; da segunda; *alli, lá, acolá*, etc., da terceira.

- 3) *de ordem*—*primeiramente, ultimamente, depois.*
- 4) *de modo*—*bem, mal, assim, como, acintemente*, e a mór parte dos que se formam pela adjução da terminação *mente* a um adjectivo.
- 5) *de conclusão logica*—*consequentemente, consequentemente.*
- 6) *de quantidade*—*muito, pouco, assás, mais, menos, tão, quão, tanto, quanto, como, quasi.*

(1) Burggraff, *Obra citada*, pag. 522.

(2) Bergman, *Obra citada*, pag. 448.

- 7) de afirmação—*sim, verdadeiramente, effectivamente, realmente, certamente.*
- 8) de negação—*nada, não, ~~nunca~~, nunca, jamais,*
- 9) de duvida—*talvez, acaso, quiçá.*
- 10) de exclusão—*só, sómente, apenas, unicamente, siquer, sinão.*
- 11) de designação—*eis.*

166. Chama-se *locução adverbial* uma reunião de palavras que faz as vezes de um adverbio, ex.: «*de balde—às direitas*».

VII

PREPOSIÇÃO

167. *Preposição* é uma palavra que liga um substantivo ou um pronome a um outro substantivo ou a um outro pronome, a um adjectivo, a um verbo, mostrando a relação que ha entre elles.

168. As preposições portuguezas são: *a, ante, após (pos) até (lé), com, contra, de, desde, (des), em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre, trás.*

169. *Abaixo, acerca, acima, afóra, além, antes, áquem, á roda, ao redor, atrás, dentro, depois, diante, excepto, junto, longe, perto, perante, etc.,* são adverbios ou mesmo locuções prepositivas, sem o serem realmente.

170. Póde-se juntar uma preposição a outra para modificar a natureza da relação, ex.: «*por entre—de sobre*».

A este respeito diz Moraes: «Outras vezes o nome se offerece ao nosso entendimento em duas relações: v. g. «a porta *de sobre* o muro»: onde «muro» se offerece como possuidor da «porta», e como lugar sobre que ella estava» (1). E accrescenta em nota: Os Hebreus tinham o mesmo uso. V. Oleastri, Hebraism. Canon 5'—*Non auferetur sceptrum de Jehudah, et Scriba de interpedes ejus, donec veniat Siloh et ei obedientia gentium.*—Os Latinos usaram o mesmo: v. g.—*in ante diem; in su-*

(1) *Epitome da Grammatica Portugueza*, na 7.^a edição do *Diccionario*, pag. XIV.

«per rogos ; de sub ; de super.—Nós dizemos—de entre muros ; perante ;
«empós, após de ; desno tempo ; desde de des e de—Foram-me tirar dos
«claustros e de sobre os livros (Vida do Arcebispo). De sob as arvores (Me-
«nina e Moça) ; Mora a sobripas, etc».

171. Chama-se *locução prepositiva* uma reunião de palavras que faz as vezes de uma preposição, ex. : «*Em cima de—a cavalleiro de*».

VIII

CONJUNCCÃO

172. *Conjunccão* é uma palavra que liga sentenças entre si, e que prende também entre si palavras usadas do mesmo modo em uma sentença.

Burgraff (1) entende que a conjunccão só liga *proposições* e a maioria dos exemplos em contrario explica-os elle por meio de ellipse : na expressão «*tres e seis são nove*» opina o douto philogo que «*e*» seja uma verdadeira preposição equivalente a «*com*».

173. Divide-se a conjunccão em conjunccão *coordenativa* e conjunccão *subordinativa*.

174. *Conjunccão coordenativa* é a que liga entre si asserções independentes umas de outras, ou que prende umas com outras palavras, usadas do mesmo modo em uma sentença.

175. A conjunccão *coordenativa* é

- 1) *Copulativa*—e, também, nem.
- 2) *Continuativa*—pois, ora, outrossim.
- 3) *Explicativa*—como.
- 4) *Disjunctiva*—ou, quer.
- 5) *Adversativa*—mas, porém, todavia.
- 6) *Conclusiva*—logo, pois.

176. *Conjunccão subordinativa* é a que liga entre si asserções dependentes umas de outras.

(1) *Obra citada*, pag. 237.

A conjuncção subordinativa nunca liga palavras entre si.

177. A conjuncção subordinativa é

- 1) *Condicional—si,*
- 2) *Causal—porque, como, que.*
- 3) *Concessiva—embora, quer,*
- 4) *Temporal—como, quando.*
- 5) *Integrante—que, como, si.*

Deve-se antes escrever *si* do que *se*: este modo de orthographar a palavra, sobre ser mais conforme com a pronuncia, identifica o derivado com a raiz latina. Em Francez e em Hespanhol adoptou-se *si* e em Italiano, *se*,

A este respeito escreve Timotheo Lecussan Verdier ⁽¹⁾ “Acerca da conjuncção condicional *si* que hoje vertemos em *se*, observará o leitor “que em muitos logares deste poema ella se acha impressa *si* Seguimos “este modo de escrever, não só por ser mais etymologico e adoptado em “outras linguas que, como a nossa, derivam da latina; mas tambem por- “que em manuscriptos e livros antigos portuguezes temos encontrado esta “condicional, escripta *si* e não *se*. Ainda mais, como esta conjuncção *si* “sempre precede e começa todo o inciso que a pede, é indubitavel que “nunca se pode equivocar com o pronome *si* que sempre tem de ser pre- “cedido e acompanhado de alguma preposição — *a si, de si, por si, após* “*si*, etc. Observará, outrosim, o leitor que o pronome *si*, e quando regido “por verbo, muda-se em *se*, e que neste caso muitas vezes precede o ver- “bo; e, essencialmente, si o inciso é condicional: ora, encontrando-se com “a conjuncção *si*, si esta se escrever e pronunciar *se*, e si o verbo que se “segue começa pelas syllabas *se* ou *ce*; o triplice successivo som de *se* “será sem duvida sobejamente desagradavel, por exemplo: *Se se separa; se* “*se segura; se se segue; se se celebra; se se semeia; se se ceifa; se se* “*sega; se se ceia*, etc. Observa finalmente o leitor que, si a euphonia das “linguas modernas pede muitas vezes alguma alteração na prolação de pa- “lavras, que nas linguas de que são derivadas, se pronunciam bem diversa- “mente; em a nossa, como a mais chegada de todas á latina, a mesma “euphonia pede tambem em alguns casos, e mórmente neste, que não des- “vairamos da etymologia e da orthographia, e que evitemos tão ingratas “cacophonias, como a que fica apontada. As linguas hespanhola e franceza,

1) *Obra citada*, pag. X.

«hoje mais distantes que a nossa da fonte latina, de que ellas manam, conservaram a orthographia e a pronuncia do condicional *si*; os nossos maiores assim a pronunciaram e escreveram; escrevamos-a, pois, e pronunciemos-a como elles. Declaramos que sempre escreveremos desta maneira, e que nos peza de algumas, e não poucas, condicionaes que ainda se acham nesta edição, impressas em se por haverem escapado á nossa correcção».

178. Chama-se *locução conjunctiva* uma reunião de palavras que faz ás vezes de uma conjuncção, ex.: «*logo que —comtanto que—si bem que*, etc.

IX

INTERJEIÇÃO

179. *Interjeição* é um som articulado que exprime um affecto subito, ou que imita um som inarticulado, ex.: «*Oh!... disse o principe. Esta unica interjeição lhe fugia da bocca; mas que discurso houvera ali que a equalasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fôjo sobre a preia descuidada* (A. HERCULANO). — *Paf!..., um primeiro tiro. Paf!... um segundo tiro Paf!.. uma saraivada* (ANONYMO)».

Os Gregos não consideram a interjeição como verdadeira palavra, por isso que ella é antes clamor instinctivo do que signal de idéia; por conveniencia classificaram-na entre os adverbios; foram os grammaticos latinos que lhe assignaram logar distincto entre as partes do discurso. Scaligero, De Brosses, Destut Tracy e muitos outros grammaticos celebres tiveram-na como a palavra por excellencia, como a parte primitiva e principal do conjuncto de signaes que exprimem o pensamento. Era justa a opinião dos mestres gregos: a interjeição não envolve noção; é articulação instinctiva, é grito animal, não é palavra (1).

1) Guardia et Wierzeyski; Obra citada. pag: 75. Bastin, Obra citada, pag. 303. Brugraff, Obra citada, pag. 527—528.

180. As interjeições exprimem

- 1) a dôr—*ai! ui!*
- 2) o prazer—*ah! oh!*
- 3) o allivio—*ah! eh!*
- 4) o desejo—*oh! oxalá!*
- 5) a animação—*eia! sus!*
- 6) o applauso—*bem! bravo!*
- 7) imposição de silencio—*chiton! psio! caluda!*
- 8) a aversão—*ih! chi!*
- 9) o appello—*ó! olá! psit! psiu!*
- 10) a impaciencia—*irra! apre!*

Ha interjeições onomatopaicas, isto é, que imitam ruidos, ex.: «*Zas! trus!*»

Ha ainda uma interjeição de duvida, muito usada em Portugal e quasi desconhecida no Brazil: é *ágora*. Diz-se, por exemplo «*Pedro está rico*». Responde o interlocutor, para mostrar a duvida no mais alto ponto: «*Ágora está!*». O tom em que se pronuncia esta interjeição é especialissimo.

181. Chama-se *locução interjectiva* qualquer reunião de palavras empregadas exclamativamente, ex.: «*Pobre de mim!—que gosto!*»

SECÇÃO SEGUNDA

KAMPENOMIA OU PTOSEONOMIA

182. *Kampenomia* ou *Ptoseonomia* é o conjunto das leis que presidem á flexão das palavras.

183. *Flexão* é a mudança que experimenta a palavra variavel para representar as diversas gradações da idéia.

184. Distinguem-se na palavra variavel dous elementos principaes: o *thema* e a *terminação*.

- 1) *Thema* é o elemento da palavra, que indica em generalidade a idéia que ella é chamada a representar.
- 2) *Terminação* é o elemento da palavra, que restrin-

ge de um ou de outro modo a idéia indicada pelo *thema*. Em *ingestão*, *ingesto*, *ingest* é o *thema*, e *ão*, o *são* terminações, o *thema* chama-se também *radical*; e a terminação *desinencia*.

Ha differença entre *thema* e *raiz*: *raiz* é o elemento primo da palavra, o som que encerra a idéia matriz, conservada pura através das migrações etymologicas. Em *ingerir* a terminação é *ir*, o *thema* *inger*; a *raiz* *ger*:

in é que se chama um *prefixo*. Ás vezes é o *thema* constituido pela *raiz* em sua pureza, ex.: de *gerir*, *ger*; ás vezes é elle formado pela *raiz* modificada por um *prefixo*, ex.: de *ingerir* *inger* (*ger-tin*); ás vezes altera-se a *raiz* para construil-o, ex.: de *saber*, *saiba*, *insipiencia* *themas* *sab*, *saib*, *insipi*; *raizes* alteradas *sab*, *saib*, *sip*; *raiz* primitiva *sap*.

185. São palavras sujeitas á flexão o nome e o verbo.

O adverbio marca a transição das palavras variaveis para as invariaveis: com effeito, é elle como que um adjectivo ankylosado, e, si, rigorosamente fallando, não recebe flexão, modifica-se todavia para exprimir grau de comparação, ex.: "*lindamente*, *lindissimamente*".

186. Ha *flexão nominal* e *flexão verbal*; *themas* e *terminações nominaes*, e *themas* e *terminações verbaes*.

O *thema* é o desenvolvimento da *raiz* primitiva (monosyllabica sempre nas linguas indo-germanicas): modifica-se ou converte-se elle em substantivo ou adjectivo, si a flexão é nominal, e em verbo; si ella é verbal.

187. *Flexão nominal* é a união das terminações nominaes com o *thema*.

188. Por meio da *flexão nominal* representa-se o genero, o numero e grau de significação.

189. *Genero* é a distincção flexional dos nomes, em relação aos sexos das cousas por elles significadas ou modificadas.

A expressão *nome* comprehende tanto o substantivo como o adjectivo.

190. As palavras que representam cousas que não tem sexo assumem genero, na maioria dos casos; por analogia de flexão.

191. Ha em portuguez dous generos : o *masculino* e o *feminino*.

192. *Numero* é a distincção flexional dos nomes em relação ao facto de representarem, ou de modificarem elles uma só cousa ou mais de uma cousa.

193. Ha em portuguez dous numeros : o *singular* e o *plural*.

- 1) Um nome que representa, ou que modifica uma só cousa está no singular, ex. : «*navio espaçoso, vela branca*».
- 2) Um nome que representa ou que modifica mais de uma cousa está no plural, ex. : «*navios espaçosos, velas brancas*».

194. *Grau*

- 1) em relação ao substantivo, é a faculdade de poder elle representar uma cousa ou em estado normal, ou augmentada, ou diminuida.
- 2) em relação ao adjectivo, é a faculdade de poder elle qualificar o substantivo
 - a) sem comparal-o com outro,
 - b) comparando-o com outro,
 - c) exaltando-o pela comparação acima de todos os individuos da especie, representada pelo substantivo,
 - d) exaltando-o em absoluto.

195. Ha em portuguez tres graus de significação para substantivo, normal, augmentativo, diminutivo; e tres tam-
em para o adjectivo: positivo, comparativo e superlativo.

196. *Flexão verbal* é a união das terminações e desinencias nominaes com o thema.

Relativamente ao verbo deve haver differença entre *terminação* e *desinencia*. Em rigor, *terminação* é o elemento do verbo que restringe a significação do thema verbal em relação ao modo e ao tempo, e *desinencia* é o elemento que restringe esse mesmo tempo, em relação ao numero e pessoa. Praticamente, mesmo em referencia ao verbo, na palavra *terminação* comprehendem-se *terminação* e *desinencia*.

197. Por meio da flexão verbal, representa-se o modo, o numero e a pessoa do verbo.

198. *Modo* é a forma que o verbo assume para qualificar a sua enunciação.

199. Ha em portuguez quatro modos: o indicativo, o condicional, o imperativo e o subjunctivo.

200. A enunciação do verbo é representada

- 1) pelo *indicativo*, como real,
- 2) pelo *condicional*, como depende de uma condição.
- 3) pelo *imperativo*, como exigida por uma ordem, por uma manifestação da vontade,
- 4) pelo *subjunctivo*, como contingente.

201. O *infinito* e o *participio* são antes *formas nominaes* do verbo, do que modos: o infinito representa o substantivo; o participio, o adjectivo.

A este respeito diz o grande philologo indianista, snr. Miguel Bréal (1): «Ha erros mais graves que se deveriam expungir dos livros de estudos: esses erros imbuem no espirito de nossos meninos idéias que «prejudicam mais tarde a intelligencia da syntaxe.

«Nada é mais simples que a noção do modo, si nos limitamo ao «indicativo, ao imperativo e ao subjunctivo. O modo, diremos nós ao menino, muda conforme a maneira por que se apresenta a proposição.

1) *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*, Paris, 1877 pag. 328 —329.

“Si nos contentarmos com expôr ou enunciar um factô, empregaremos o indicativo. Si quizermos dar uma ordem, será o imperativo. O subjunctivo serve para exprimir uma acção que é considerada como possível ou como desejavel. Obscurecemos, porém, a idéia de modo desde que estendemos a fórmãs impessoaes, como são o infinito, o supino (1), os participios. Realmente elles não são modos, mas sim formações de uma natureza á parte, a que é preciso dar um outro nome.

“Com effeito, o que caracteriza o verbo é que elle por si só pôde representar uma proposição, como o vemos em phrases taes como *audio*, *pergite*, *taceat*. Para empregar a linguagem da logica, o sujeito, nestas proposições, é representado pela desinencia, o predicado pela raiz ou *thema*: quanto á copula que os reúne, é ella supprida por nossa intelligencia. Mas da-se cousa inteiramente diversa com fórmãs como *legere*, *amans*, *monitus*; por si proprias, ellas não apresentam sentido completo, porquanto nestas palavras nosso espirito concebe de maneira diversa a relação entre a flexão e o radical. A copula interior não é subentendida, de modo que não ha proposição. *Legere*, *amans*, *monitus* são na realidade formações nominaes. Tocamos aqui na differença essencial que ha entre verbo e nome. Todas as outras noções que o verbo serve ainda para notar, são accessorias. O tempo, a voz, a pessoa, o numero, a força transitiva, são de importancia secundaria, e vêm de certa maneira por accrescimo. Já se deixa ver que confusão se introduz no espirito das crianças, quando se reúnem sob a mesma designação de modo fórmãs verbaes como *venite*, *lege*, *eamus*, e formações nominaes como *audire*, *legendi*, *lusum*».

O sr. Adolpho Coelho (2) tambem considera o infinito e o participio fórmãs nominaes do verbo.

O infinito Portuguez tem a peculiaridade de ser sujeito a flexão pessoal e numerica.

202. *Tempo* do verbo é a forma que elle assume para determinar a época do seu enunciado.

203. As épocas são tres: presente, passado e futuro.

(1) Nas linguas romanicas não ha supino; o sr. Bréal refere-se ao latim.

(2) *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*. Lisboa, 1870, pg. 124 e seguintes.

204. Para determinar as varias gradações de anterioridade e de posterioridade das tres épocas, nos diversos modos e fórmas nominaes, tem o verbo portuguez vinte e quatro tempos, como se pode ver deste quadro.

	Indicativo	Imperativo	Condicional	Subjunctivo	Infinito	Participio
<i>Presente</i>	1	1		1	2	1
<i>Imperfeito</i>	1		1 (2)	1		
<i>Perfeito</i>	1		1	1	2	
<i>Aoristo (1)</i>	1					1
<i>Mais que perfeito</i> ..	1			1		
<i>Futuro</i>	2			2		
<i>Gerundio</i>					2	

205. Em geral

- 1) O *presente* indica a actualidade daquillo que o verbo enuncia, ex.: «*Pedro é Imperador*».
- 2) o *imperfeito* indica a actualidade, em relação a uma época passada, daquillo que o verbo enuncia, ex.: «*Em 1798 ERA Whashington presidente dos Estados-Unidos.—Eu ESTAVA almoçando, quando elle chegou*».

(1) Do grego *aóristos indefinido, indeterminado*: tomou-se da grammatica grega a denominação de tempo, e a maneira de classificar-o.

(2) Em geral considera-se este tempo como presente: alguns grammaticos têm-n-o como futuro. Pelo estudo comparativo da grammatica latina, vê-se que é imperfeito, e como tal o avaliam, entre outros, o sr. Bento José de Oliveira, na *Nova Grammatica Portugueza*, (13. edição, Coimbra 1878) e o sr. Adolpho Coelho. *Obra citada*, pag. 18.

- 3) o *perfeito* indica a reiteração preterita do enunciado do verbo, ex. «TEMOS ESTADO *em Paris* quatro vezes. — O *ministerio* TEM SIDO muito GUERREADO».

Tem escapado a todos os grammaticos esta feição característica do *perfeito* português—a reiteração do enunciado do verbo, em um tempo passado. Com effeito, a distincção entre tempo inteiramente decorrido e tempo que ainda perdura, nada faz em relação ao emprego exacto de *ao-*risto e do *perfeito*. O *ao-*risto, como se vai vêr, enuncia indeterminadamente uma coisa passada: o *perfeito* declara que essa coisa foi repetida. É intuitivo pelo simples confronto destas phrases :

Comi laranjas.: Tenho comido laranjas.

Estive em Roma.: Tenho estado em Roma.

- 4) O *ao-*risto indica em absoluto a preteritividade do enunciado do verbo, ex.: «*Pedro morreu.*—*Perdeu-se o navio.*».
- 5) o mais que *perfeito* indica a preteritividade do enunciado do verbo, com referencia de anterioridade a uma época passada, ex.: *Quando chegou Blucler a Waterloo, já as tropas francezas TINHAM PERDIDO a esperança da victoria.*
- 6) o *futuro* indica simples futuridade do enunciado do verbo, ex.: «*Paulo será ministro.*».
- 7) o *futuro anterior* indica a futuridade do enunciado do verbo com anterioridade a uma circumstancia qualquer, ex.: «*Pedro já TERÁ SIDO acclamado, quando chegarem as tropas.*».

206. Os tempos são *simples* ou *compostos*: *simples* são os que se formam pela adjuncção da terminação e da desinencia ao thema: *compostos* são os que se formam pela adjuncção dos tempos dos verbos auxiliares ao participio *ao-*risto.

207. *Numero* do verbo é a forma que o verbo assume para indicar a unidade ou a pluralidade do sujeito.

208. *Sujeito* é aquella coisa a cujo respeito se faz o enunciado do verbo.

209. *Pessoa* do verbo é a forma que o verbo assume para indicar que seu enunciado se faz em relação a quem falla, ao interlocutor de quem falla, ou a respeito de terceiro.

210. *Conjugar* um verbo é fazel-o passar por todas as suas flexões.

I

SUBSTANTIVO

§ 1.º

Genero

211. O genero do substantivo é determinado pela significação do thema ou pela flexão.

A flexão nominal, perfeita relativamente ao numero e ao grau, é deficiente no que diz respeito ao genero: na mór parte dos casos ha necessidade de pedir ao thema a significação do substantivo para, determinar-se o genero a que elle pertence. Em geral, pôde-se dizer que as regras tiradas da desinencia para determinar o genero de um substantivo, estão sempre subordinadas ás que se tiram da significação do thema.

212. São masculinos em virtude da significação do thema :

- 1) os substantivos que significam macho, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex.: «*Homem—Cavallo—Caligula—Incitatus*».
- 2) os nomes proprios de anjos, demonios, deuses, semideuses, e outras creações anthropomorphicas a que se attribue o sexo masculino, ex.: «*Azrael—Satanaz—Jupiter—Hercules*».
- 3) os nomes proprios de ventos, ex.: «*Bóreas—Zephyro*».
- 4) os nomes proprios de montes, ex.: «*Himalaya—Ossa—Pelion—Itatiaia—Jaraguá*»;
- 5) os nomes proprios de rios, ex.: «*Lima—Parahyba—Sena—Tieté*».

- 6) os nomes proprios de mares, ex.: «*Baltico—Caspio*»
- 7) os nomes proprios de mezes, ex.: «*Janeiro—Abril*».
- 8) os nomes das lettras do alphabeto, os dos algarismos e os das notas musicaes, ex.: «o *J*;—o *R*;—o *4*;—o *5*;—o *dó*;—o *fá*».
- 9) os infinitos dos verbos e quaesquer palavras, phrases ou sentenças empregadas como substantivos, ex.:—«O *dar*;—o *partir*;—o *bom*;—o *sim*;—o «*não posso*» do *rei*».

213. São femininos em virtude da significação do thema :

- 1) os substantivos que significam fêmea, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex.: «*Mulher—leão—Dido—Estricte* (cadella de Acteon)».
- 2) os nomes proprios de deusas, nymphas e outras divindades e personificações allegoricas, a que se attribue o sexo feminino, ex.: «*Juno—Eucháris—Clotho—Tisiphone—Discordia*, etc.».
- 3) os nomes proprios de cidades, villas e aldeias, ex.: «*Bysancio—Trancoso—Saint-Nasaire*».

Os nomes proprios que foram primitivamente appellativos têm o genero que indica a sua desinencia, ex.: «O *Porto—Bahia*»:

- 4) os substantivos que designam cousas abstractas, ex.: «*Pallidez—saúde—superficie*».
- 5) os nomes dos dias da semana, ex.: «*Segunda-feira—Sexta-feira—*». Exceptuam-se *Sabbado* e *Domíngo*, que são masculinos.

214. Os substantivos que têm uma só fórma para designar ambos os sexos chamam-se *communis de dous*, ex.: «*Artifice—conjuge—guia*».

A estes se podem juntar os nomes proprios de familia, ex.: «O *sr Peixoto—o sr.^a Peixoto—o sr. Miranda—o sr.^a Miranda—o sr. Cardoso—o sr.^a Cardoso*».

215. Os nomes que sob um só genero indicam tanto o sexo feminino como o masculino, chamam-se *epicénos*, ex. : «*Jacú—Leopardo—Tigre*».

Em relação ao genero regem-se estes nomes pelas desinencias ; para distincção dos sexos aggregam-se-lhes as palavras *macho* e *fêmea*, ex. : «*O jacú fêmea—a onça macho*». *Macho* e *fêmea* são usados como adjectivos de dous generos, si bem que se encontrem nos escriptos classicos portuguezes as variações *macha* e *fêmeo*.

216. São masculinos em virtude da desinencia os substantivos terminados :

1) por *á, e, é, i, o, ó, u, y*, ex. : «*Alvará—balde—café—javalí—livro—cipó—avô—peru—jaboty*». Exceptuam-se os acabados

a) por *á—pá*.

b) por *e—Arvore, ave, carne, cidade, couve, fonte, lebre, parede, parte, planicie, ponte, rede, sebe, séde, serpente, torre, vide, chave*, e todos os substantivos abstractos (que são numerosos), ex. : «*séde, tolice, virtude*».

c) por *é—Ckaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*.

d) por *ó—Eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró*.

e) por *u—Tribu*.

f) por *y—Juruty*.

2) por *au, éo, eu*, ex. : «*Pau—chapéo—breu*».

Exceptuam-se dos acabados em *au—Nau*.

3) por *ak*, ex. : «*Almanak*»

4) por *al, el, il, ol, ul*, ex. : «*Pinhal—marnel—barril—lençol—paúl*».

Exceptuam-se dos acabados em *al—cal* e varios adjectivos substantivados, ex. : «*Capital—moral*».

5) por *em, im, om, um*, ex. : «*Armazem—marfim trom—jejum*».

Exceptuam-se dos acabados por *em—ordem, nuvem*, e bem assim aquelles cuja terminação *em*

é modificada por *g*, ex.: «*vertigem*». *Ádem* é masculino no singular e feminino no plural.

6) *an, en, on*, ex.: «*Iman—hyphen—colon*».

7) por *ar, er, ir, or, ur*, ex.: «*Altar—talher—nadir—valor—catur*».

Exceptuam-se dos acabados

a) em *er—colher*,

b) em *or—Côr, dôr; flôr*.

8) por *is, us*, ex.: «*Lapis, virus*».

Exceptuam-se dos acabados em *is, bilis, cutis, phenis*.

9) por *az, ez, iz, oz, uz*, ex.: «*Matraz — revez—matis—cados—capuz*».

Exceptuam-se dos acabados

a) em *az—Paz, tenaz*

b) em *ez—rez, tez, torques, vez*.

c) em *iz—aboiz, cerviz, cicatriz, matriz, raiz, sobrepelliz, variz*.

d) em *oz—Foz, noz, pios, voz*.

e) em *uz—Crus, luz*.

10) por *ão* ex.: «*Coração*».

As excepções a esta regra são muitos numerosas: em geral póde-se dizer que são femininos os substantivos derivados de adjectivos e de verbos, ex.: «*Aptidão—multidão—transformação—variação*». Todos os augmentativos em *ão* são masculinos.

217. São femininos em virtude da desinencia os substantivos terminados:

1) por *a*, ex.: «*Casa—cunha*».

Exceptuam-se *alpaca, cabreuva, cholera* (doença), *phoca, mappa, pampa, tapa, vicunha, lhama*,

chinchilla e os derivados do Grego terminados em *ma* e *ta*, ex.: «*Clima, cometa*».

Asthma, cataplasma e *Chisma* são femininos.

Chisma (*cisma* melhor orthographia, segundo a pronuncia fixada pelo uso) é masculino e feminino.

Cometa, estratagema, planeta e alguns outros foram outrora femininos em Portuguez; explica-se assim a destemperada syllépse de genero que os grammaticos querem á fina força metter na conta a Camões:

“Mas já a *planeta* que no céu primeiro

“Habita cinco vezes *apressada*

“Agora meio rosto, agora inteiro

“Mostrára enquanto o mar cortava a armada (1)

A famigerada figura teve de certo origem em um erro typographico da edição *princeps* dos *Lusiadas*, reproduzido nas edições subsequentes.

2) por *ã, e*, ex.: «*Lã—mercê*».

Exceptuam-se dos acabados em *ã—cajtã, talismã*.

218. Converte-se um substantivo que representa individuo do sexo masculino, em outro que representa individuo do sexo feminino

1) mudando a desinencia

a) o em *a*, ex.: «*Filho, filha—gato, gata*».

b) ão em *ôa* ex.: «*Furão, furôa—leão, leôa*».

c) ão em *ona*, nos augmentativos ex.: «*Sabichão, sabichona*».

2) ajuntando *a* aos vocabulos terminados pela voz livre *u* ou por qualquer modificação, ex.: «*perú, perúa; defensor, defensora; juiz, juiza; marechal, marechala*».

Estes substantivos, ou antes, adjectivos substantivados, tiveram outrora uma só terminação

(1) *Lusiadas*, Canto V. Est. XXIV.

para ambos os generos, ex.: *D'averdes donas por entendedores*».

(*Cancioneiro da Vaticana*, n. 786)

«*Eu sou má ledor de lettra tirada*».

JORGE FERREIRA, *Eufrogina*.

219. Os adjectivos substantivos que terminam em *a*. e e não mudam, ex.: «*Persa, Arabe*».

220. São irregulares

Abbate	feminino	abbadessa	frei	feminino	soror
actor	»	actriz	gallo	»	gallinha
allemão	»	allemã	gamo	»	corça
alcaide	»	alcaideza	genro	»	nora
anão	»	anã	heróe	»	heroína
autocrata	»	autocratriz	hospede	»	hospeda
ancião	»	anciã	homem	»	mulher
avô	»	avó	ilhéo	»	ilhóa
barão	»	baroneza	imperador	»	imperatriz e
bode	»	cabra		»	imperadora
boi, touro	»	vacca		»	(Gil Vicen-
cão	»	cadella		»	te)
carneiro	»	ovelha	infante	»	infanta
catalão	»	catalã	irmão	»	irmã
cavallo	»	egua	judeu	»	judia
cervo	»	corça	christão	»	christã
cidadão	»	cidadã	ladrão	,	ladra
coimbrão	»	coimbrã	macho	,	fêmea
compadre	»	comadre	meião	,	meiã
conde	»	condessa	mestre	,	mestra
diacono	»	diconiza	monje	,	monja
dom	»	dona	mulo ou macho,		mula ou besta
duque	»	duqueza	padrasto	,	madrasta
elephante	»	elephanta	padre	,	madre
embaixador	»	embaixatriz	padrinho	,	madrinha
escrivão	»	escrivã	pae	,	mãe
filhote	»	filhota	pagão	,	pagã
folgazão	»	folgazona	papa	.	papiza
frade	»	freira	pardal	,	pardoca

<i>parente</i>	feminino	<i>parenta</i>	<i>réo</i>	feminino	<i>ré</i>
<i>perdigão</i>	"	<i>perdiz</i>	<i>sacerdote</i>	"	<i>sacerdotiza</i>
<i>perú</i>	"	<i>perua</i>	<i>sacristão</i>	"	<i>sacristã</i>
<i>poeta</i>	"	<i>poetiza</i>	<i>sandeu</i>	"	<i>sandia</i>
<i>príncipe</i>	"	<i>princeza</i>	<i>sultão</i>	"	<i>sultana</i>
<i>prior</i>	"	<i>prioreza</i>	<i>vão</i>	"	<i>vã</i>
<i>propheta</i>	"	<i>prophetiza</i>	<i>villão</i>	"	<i>villã</i>
<i>rapaz</i>	"	<i>rapariga</i>	<i>visconde</i>	"	<i>viscondessa</i>
<i>rei</i>	"	<i>rainha</i>	<i>zangão</i>	"	<i>abelha</i>

221. Alguns substantivos que significam cousas que não têm sexo, admittem flexão de genero, e no feminino indicam quasi sempre augmento de volume ou de capacidade, no sentido da largura. Taes são :

<i>bacio</i>	feminino	<i>bacia</i>	<i>jarro</i>	feminino	<i>jarra</i>
<i>bago</i>	>	<i>baga</i>	<i>poço</i>	>	<i>poça</i>
<i>barco</i>	>	<i>barca</i>	<i>regueiro</i>	>	<i>regueira</i>
<i>buraco</i>	>	<i>buraca</i>	<i>rio</i>	>	<i>ria</i>
<i>caldeiro</i>	>	<i>caldeira</i>	<i>sacco</i>	>	<i>sacca</i>
<i>caneco</i>	>	<i>caneca</i>	<i>sapato</i>	>	<i>sapata</i>
<i>cantharo</i>	>	<i>canthara</i>	<i>taleigo</i>	>	<i>taleiga</i>
<i>cesto</i>	>	<i>cesta</i>	<i>vallo</i>	>	<i>valla</i>
<i>fosso</i>	"	<i>fossa</i>	<i>chinello</i>	>	<i>chinella</i>
<i>horto</i>	"	<i>horta</i>	<i>chuço</i>	>	<i>chuça</i>

- 2) Com alguns ubstantivos o masculino exprime idéia de unidade, e o feminino tem sentido colectivo, ex. :

<i>fructo</i>	feminino	<i>fructa</i>
<i>grito</i>	>	<i>grita</i>
<i>lenho</i>	>	<i>lenha</i>
<i>madeiro</i>	>	<i>madeira</i>
<i>marujo</i>	>	<i>maruja</i>
<i>ramo</i>	>	<i>rama</i>

- 3) Muitos substantivos masculinos têm com outros femininos identidade morphica e etymologica, di-

vergindo completamente na significação, ex.: «*por-to* e *porta*».

- 4) Muitissimos substantivos masculinos têm com outros femininos semilhança morphica, sem que sejam congeneres, nem por significação, nem por etymologia, ex.:

MASCULINOS

aro, argola
banho, ablução
caso, successo
fito, alvo
limo, lodo
medo, pavor
prato, vaso
queixo, maxilla
sino, campã
tropo, termo rethorico.

FEMININOS

ara, altar
banha, gordura
casa, morada
fitã, tira de seda
lima, utensilio
mêda, montão de feixes
prata, metal
queixa, lamento
sina, sorte
trópa, récuã, exercito.

- 5) Os seguintes substantivos são indifferentemente masculinos ou femininos: «*aneurisma*, *apostema*, *espia*, *guia*, *personagem*, *sentinella*».

§ 2.º

Numero

222. O numero dos substantivos é indicado pela flexão.

Exceptuam-se os substantivos cujo singular termina por s, os quaes conservam-se invariaveis, ex.: «*O alferes, os alferes—o ourives, os ourives*». Todavia ainda neste caso usavam os antigos escriptores da flexão, escrevendo *alfere-ses, ouriveses*. Deus ainda faz *deuses*, e *simples*, no sentido de «ingrediente», faz *simplices*,

223. A *flexão nominal numeral* consiste na adicção da desinencia s ao singular dos nomes.

224. Recebem a flexão numeral, sem soffrer mais modificações, os substantivos terminados

1) por voz livre pura, ex.: *Filha, filhas—alvará, alvarás—rede, redes—galé, galés—nebri, nebris—livro, livros—cipó, cipós—tribu, tribus—jacú, jacús—tilbury, tilburys—tupy, tupys*».

2) por *d*, ex.: «*Galã, Galãs*».

Exceptuam-se *ademã*, que faz *ademães* eu *ademanes*.

3) por *am*, ex.: «*Orgam, orgams*».

4) por *n* ex.: «*Iman, imans—regimen, regimens—colon, colons*».

Exceptuam-se *canon* que faz *canones*.

5) por *k*, ex.: «*Almanak, almanaks*».

225. Soffrem modificações para receber a flexão numeral, todos os não comprehendidos nas especificações acima.

226. As modificações que experimentam os substantivos para receber a flexão numeral consistem na inserção, na troca e na queda de sons, e consequentemente, de letras.

227. Os substantivos terminados

1) por *r* ou *z* inserem um *e*, ex.: «*Mar, mares—matiz, matizes*».

2) por *al, ol, ul* deixam cahir *l* e inserem *e*, ex.: «*Capital, capitaes—lençol, lençoes—paúl, paúes*».

Exceptuam-se *cal, mal, real* (moeda hespanhola) e *consul* que fazem *cales, males, reales* e *consules*. *Real* (moeda portugueza e brazileira) faz *réis*.

3) por *el* deixam cahir o *l*, e inserem *i*, ex.:—«*Painel, painéis*».

4) por *il* (paroxytono) deixam cahir o *l*, e inserem *e* antes de *i*, ex.: «*Fóssil, fósseis*».

5) por *il* (oxytono) deixam sómente cahir o *l*, ex.: «*Reptíl, reptís*».

- 6) por *em, im, om, um*, trocam o *m* por *n*, ex.: «*Margem, margens—fim, fins—tom, tons—alum, atuns*».
- 7) por *x* trocam o *x* por *ce*, ex.: *calix, calices*».
- 8) por *ão* trocam *ão* por *õe*, ex.: «*Coração, corações*».

Exceptuam-se destes

- a) Os que recebem a flexão sem soffrer mais modificações.

São :

<i>Alão</i>	<i>irmão</i>
<i>aldeião</i>	<i>loução</i>
<i>ancião</i>	<i>mão</i>
<i>anão</i>	<i>meião</i>
<i>castellão</i>	<i>pagão</i>
<i>cidadão</i>	<i>soldão</i>
<i>coimbrão</i>	<i>vão</i>
<i>comarcão</i>	<i>villão</i>
<i>corleão</i>	<i>vulcão</i>
<i>christão</i>	<i>chão</i>
<i>grão</i>	

Alão faz tambem no plural *alães* e *alões*

<i>aldeião</i>	»	»	»	<i>aldeães</i> e <i>aldeões</i>
<i>ancião</i>	»	»	»	<i>anciães</i> e <i>anciões</i>
<i>cortezão</i>	»	»	»	<i>cortezões</i>
<i>soldão</i>	»	»	»	<i>soldões</i>
<i>villão</i>	»	»	»	<i>villães</i> e <i>villões</i>
<i>vulcão</i>	»	»	»	<i>vulcães</i> e <i>vulcões</i>

- b) os que para receber a flexão trocam *ão* por *õe*.

São :

<i>allemão</i>	<i>phaisão</i>
<i>capellão</i>	<i>guardião</i>

<i>capitão</i>	<i>guião</i>
<i>catalão</i>	<i>massapão</i>
<i>cão</i>	<i>pão</i>
<i>deão</i>	<i>sacristão</i>
<i>ermitão</i>	<i>tabellião</i>
<i>escrivão</i>	<i>truão</i>
<i>folião</i>	<i>charlatão</i>

<i>folião</i>	faz tambem no plural	<i>foliões</i>
<i>phaisão</i>	» » » »	<i>phaisões</i>
<i>guardião</i>	» » » »	<i>guardiões</i>
<i>guião</i>	» » » »	<i>guiões</i>
<i>sacristão</i>	» » » »	<i>sacristões</i>
<i>charlatão</i>	» » » »	<i>charlatões</i>

228. O plural dos substantivos compostos subordina-se ás seguintes regras :

- 1) Os substantivos compostos, formados por dous substantivos, ou por um substantivo e um adjectivo, recebem a flexão numeral em ambos os elementos, quando é uso escreverem-se esses elementos separados por hyphen, ex.: «*couve-flor, couves-flores—pedreiro-livre, pedreiros-livres*».

Exceptuam-se os que por uso se escrevem em uma palavra só, sem se descrimarem os elementos competentes, ex.: «*Lengalenga—madreperola—madresilva—pontapé—varapau—aguardente—cantochoão—logartenente—rapadura*», que fazem «*Lengalengas, varapaus, aguardentes, rapaduras, etc.*». «*Padre-nosso*» faz indifferentemente «*padre-nosso*» e «*padres-nossos*».

Precedendo o adjectivo na composição, o substantivo composto recebe a flexão numeral, sómente no ultimo elemento, ex.: «*retaguarda, retaguar-*

das, vangloria, vanglorias». *Gentil homem* faz no plural *gentis-homens*.

Recebem também uma flexão numeral, em ambos os elementos, os nomes dos dias da semana, ex.: *Segunda-feira, Terça-feira* que fazem *segundas-feiras, terças-feiras*. *Meio-dia, Norte-Sul, verde-mar, verde-montanha, verde-Pariz*, não se usam no plural.

Grandalmirante, grão-cruz, grão-mestre, grand'official, grand'opera fazem no plural *grandalmirantes, grão-cruzes, grão-mestres, grandofficiaes, grand'operas* (1).

- 2) os substantivos compostos formados por um verbo e um substantivo recebem flexão sómente no substantivo, ex.: «*Tirapés—guarda-chuvas*».
- 3) os substantivos compostos formados por um adverbio e um adjectivo, ou por uma preposição e um substantivo, recebem flexão sómente no substantivo, ou no adjectivo ex.: «*Sub-chefe, sempre-vivas*».
- 4) Os substantivos compostos, formados por dous substantivos, ligados por preposições, recebem a flexão sómente no primeiro substantivo ex.: «*Cabos-de-esquadra*».

Si o segundo elemento já está com flexão numerica pedida pelo sentido, é claro que ella deve ser conservada, ex.: «*Um mestre de meninos, dous mestres de meninos*».

- 5) Os substantivos compostos formados por dous verbos recebem a flexão em ambos, ex.: «*Luzes—ruges—ruges*».

Exceptuam-se *ganha-perde* e *leva-traz* que não admittem flexão numerica.

(1) A razão é que—*grão, gran, grand'* é o thema de *grande*, tendo-se de uma vez perdido a terminação. O mesmo se dá com *são: sant' sant'*.

A palavra "*vaivem*" forma o seu plural de dous modos: no sentido proprio faz "*vaivens*", ex.: "*Dar vaivens á porta*"; no sentido figurado, faz "*vais-vens*", ex.: "*Os vais-vens da sorte*".

6) Os substantivos compostos formados por um verbo e um adverbio não recebem flexão numerica, ex.: "*Uma sucia de pisa-mansinho*".

7) Os substantivos compostos, formados por tres palavras diversas, recebem flexão sómente no ultimo elemento, ex.: "*Mal-me-queres*".

229. Muitos substantivos empregam-se mais geralmente no plural; são:

1) "*algemas, alviçaras, arredores, ambages, andas, calendas, caricias, ervilhas, câs, cócegas, confins, damas, (jogo), escovens, esgares, espon-saes, exequias, fastos, fauces, férias, fezes, gre-lhas, idos, lampas, laudes, lémures, matinas, manes, migas, nonas, ovens, papas, páreas, preces, primicias, refens, sêmeas, sevicias, syrtes, suissas, tremoços, trevas, virtualhas, viveres, e os nomes dos naipes, copas, espadas, ouros, paus*".

2) Os nomes de cousas pares, ex.: "*bofes, bragas, calças, ceroulas, tesouras, ventas, etc.*".

Todavia se diz *grelha, tréva, refem, calça, ceroula, tesoura*, etc.; e até com alguns como *calça, tesoura, ceroula*, vai prevalecendo o uso do singular.

230. Não são habitualmente usados no plural:

1) os nomes proprios, ex.: Pedro, Tito.

Exceptua-se um caso: quando são elles tomados figuradamente, para significar individuos da mesma classe, como os *Virgilios*, os *Homeros*, os *Cesares*, os *Alexandres*, etc., isto é, os poetas celebres como Virgilio e Homero; os grandes generaes como Cesar, etc.

- 2) Os nomes de sciencias e artes, tomados individualmente, ex.: «*a theologia, a philosophia, a esculptura, a pintura, etc.*»:

Exceptua-se o caso de serem taes nomes tomados como nomes de doutrinas scientificas, de obras de arte, ex.: «as philosophias dos deistas—as esculturas de Miguel Angelo—as pinturas de Raphael.

- 3) Os nomes de qualidades habituaes e os de necessidades e molestias de organismo, ex.: «*a fé, a esperança, a caridade, a fome, a sede, a febre*», menos quando são tomados pelos actos e effeitos dellas, ex.: «*duas fés e crenças—Deus aborrece avarezas, isto é, os actos viciosos da avareza; passer fomes e sedes; reinam febres paludosas*».

- 4) Os nomes de metaes ou substancias elementares inorganicas, ex.: «*ouro, prata, cobre, hydrogenio, azoto, carbono, etc.*»; excepto si quizermos significar peças, artefactos, porções, ou especies, accidentalmente differentes, como «*estar a ferros—muitas pratas—aguas mineraes—aguas thermaes, etc.*»;

- 5) Os nomes de productos animaes ou vegetaes, ex.: *leite—mel—cera—canella—seda, etc.*».

Todavia diz-se: «*andar a leites; os méis do Brazil; as sedas de Lyão, etc.*».

- 6) Os nomes de ventos, etc.: «*norte—sul, etc.*»; todavia, cursando dias e temporadas, é costume dizer: *Entraram-lhe os suéstes, os nordéstes, as brisas—cursavam os levantes, etc.*»;

As vezes o singular emprega-se pelo plural, ex.: *Já tem visto muito: Janeiro—Sempre diz muita mentira—Tenho lá estado muita vez—Esta moça tem lindo cabello*».

§ 3.º

Grau

231. A *flexão nominal gradual* consiste na addição de desinencias augmentativas ou diminutivas aos nomes em grau normal.

232. São *desinencias augmentativas* principaes *ão, aço, azio, alha, orio* e *astro* (de uso litterario este ultimo).

233. Para formar o augmentativo

- 1) Os nomes terminados em voz livre pura deixam cahir a vogal que a representa, e assumem uma das desinencias acima, ex.:

de <i>macaco</i>	<i>macacão</i>
» <i>mestre</i>	<i>mestraço</i>
» <i>velhaco</i>	<i>velhacaz</i>
» <i>copo</i>	<i>copázio</i>
» <i>muro</i>	<i>muralha</i>
» <i>fino</i>	<i>finorio</i>
» <i>poeta</i>	<i>poetastro</i>

- 2) Os nomes terminados por voz modificada, isto é, por letra alterante, recebem as duas primeiras desinencias acima sem mais modificações, ex.:

de <i>mulher</i>	<i>mulherão</i>
» <i>monsenhor</i>	<i>monsenhoraço</i>

A desinencia *orio* só se adapta a nomes terminados por voz livre.

São muitos os augmentativos idiomáticos que se não sujeitam a regras e a classificações regulares, ex.: «*Amigalhão, beberraz, bebarro, beberrão, boqueirão, cabeçorra, casarão, corpanzil, cansarrão, doudarrão, espadagão, fataças, fradalhão, fradegão, gatarrão, homenzarrão, ladrazas, linguaraz, machacas, moçalhão, narigão,*

porcalhão, rapagão, sabichão, santarrão, toleirão, velhaças, velhão, velhancão.

Ha ainda *beijoca* de *beijo*, *moçoila* de *moça*, *naviarra* de *nau*.

234. O augmentativo exprime-se tambem pela adjuncção do adjectivo «*forte*, ex.: *forte admiração, forte maroto, forte tolo*. Taes phrases são sempre exclamativas.

235. Alguns substantivos ha formados pela adjuncção de desinencias augmentativas a themas verbaes, e não a outros substantivos, ex.: *estirão, fujão, chorão* e o irregular *comilão*.

236. São *desinencias diminutivas* principaes *inho, ilo*.

237. Para formar o diminutivo

- 1) Todos os nomes barytonos terminados por voz livre pura deixam cahir a vogal que a representa, e assumem uma das desinencias acima, ex.:

de <i>gato</i>	<i>gatinho</i>
„ <i>moça</i>	<i>mocita</i>

- 2) Todos os nomes terminados por voz livre nasal ou por diphthongo, bem como os oxytonos terminados por voz livre pura, inserem um *s* para se incorporarem a desinencia, ex.:

de <i>irmã</i>	<i>irmãzinha</i>
» <i>pagem</i>	<i>pagemzinho</i>
» <i>marfim</i>	<i>marfimzinho</i>
» <i>som</i>	<i>somzinho</i>
» <i>jejum</i>	<i>jejumzinho</i>
» <i>pae</i>	<i>paesinho</i>
» <i>boi</i>	<i>boizinho</i>
» <i>ladrão</i>	<i>ladrãozinho</i>

- 3) Os nomes acabados por voz modificada, isto é, por

letra alterante, recebem as desinencias, sem mais modificações, ex.:

de <i>colher</i>	<i>colherinha</i>
» <i>naris</i>	<i>narizinho</i>

Todavia diz-se *Gabrielzinho*, *Manoelzinho*, e tambem *colherzinha*, *mulherzinha*.

238. São desinencias diminutivas secundarias *ejo*, *el*, *ello*, *ete*, *eto*, *elho*, *ico*, *im*, *ilho*, *isco*, *ola*, *olo*, *ole*, *oto*, ex.:

de <i>logar</i>	<i>logarejo</i>
» <i>corda</i>	<i>cordel</i>
» <i>porta</i>	<i>portello</i>
» <i>jogo</i>	<i>joguete</i>
» <i>coro</i>	<i>coreto</i>
» <i>folha</i>	<i>folhelho</i>
» <i>abano</i>	<i>abanico</i>
» <i>espada</i>	<i>espadim</i>
» <i>brocado</i>	<i>brocadilho</i>
» <i>pedra</i>	<i>pedrisco</i>
» <i>rapaz</i>	<i>rapazola</i>
» <i>bolinho</i>	<i>bolinholo</i>
» <i>velho</i>	<i>velhote</i>
» <i>perdigão, pício,</i>	<i>perdigoto, picoto</i>

A flexão com estas desinencias rege-se pelas mesmas leis por que se governa a que foi feita com as principaes. A desinencia *olo* ajunta-se, as mais das vezes, a diminutivos em *inho*, ex.: de *bolinho*—*bolinholo*.

239. São diminutivos irregulares

de <i>aguia</i>	<i>aguilucho</i>	de <i>monte</i>	<i>montezinho</i>
» <i>ave</i>	<i>avezinha</i>	» <i>mulher</i>	<i>mulherzinha</i>
» <i>camara</i>	<i>camarazinha</i>	» <i>parte</i>	<i>partezinha</i>
» <i>cão</i>	<i>canito</i>	» <i>povo</i>	<i>populacho</i>
» <i>diabo</i>	<i>diabrete</i>	» <i>rapaz</i>	<i>rapagote</i>
» <i>fonte</i>	<i>fontezinha</i>	» <i>rio</i>	<i>riacho</i>
» <i>frango</i>	<i>franganito</i>	» <i>verão</i>	<i>veranico</i>
» <i>grão</i>	<i>granito</i>	» <i>velho</i>	<i>velhusco</i>
» <i>lobo</i>	<i>lobato e lobacho</i>	» <i>vulgo</i>	<i>vulgacho</i>
» <i>moça</i>	<i>moçazinha</i>		

240. Ha ainda

- 1) um diminutivo em *ebre—casebre*.
- 2) diminutivos familiares, ex.: “de *pae—papai—de tio, titio, de senhor, sôr. sô* e até *seu—de senhora, sóra, sia* (Minas) *nha* (S. Paulo)—de *soror, sôr*.
- 3) diminutivos eruditos em *culo, olo, ulo*, ex.: “*Corpusculo—homunculo—capréolo—nucléolo—globulo—granulo*”.
- 4) diminutivos caseiros e irregulares (alguns) de nomes próprios, ex.:

de <i>João</i>	<i>Joãosinho</i>
» <i>Pedro</i>	<i>Pedrinho</i>
» <i>Anna</i>	<i>Nicota</i>
» <i>Francisco</i>	<i>Chico, Chiquinho, etc.</i>
» <i>José</i>	<i>Juca, Juquinha, etc.</i>
» <i>Luiz</i>	<i>Lulú</i>
» <i>Maria</i>	<i>Maricas, Maricota, etc.</i>

241. A cada desinencia gradual masculina corresponde quasi sempre uma desinencia feminina: assim

a <i>ão</i>	corresponde	<i>ona</i>	a <i>ico</i>	corresponde	<i>ica</i>
» <i>ão</i>	»	<i>aça</i>	» <i>ilho</i>	»	<i>ilha</i>
» <i>orio</i>	»	<i>oria</i>	» <i>olo</i>	»	<i>ola</i>
» <i>inho</i>	»	<i>inha</i>	» <i>oto</i>	»	<i>ota</i>
» <i>ejo</i>	»	<i>eja</i>	» <i>culo</i>	»	<i>cula</i>
» <i>ello</i>	»	<i>ella</i>	» <i>eolo</i>	»	<i>eola</i>
» <i>eto</i>	»	<i>eta</i>	» <i>ulo</i>	»	<i>ula, etc.</i>
» <i>elho</i>	»	<i>elha</i>			

Exemplos .

<i>Macacão</i>	de <i>macaco</i>	corresponde a	<i>solteirona</i>	de <i>solteira</i>
<i>senhoraço</i>	» <i>senhor</i>	»	<i>senhoraça</i>	» <i>senhora</i>
<i>finorio</i>	» <i>fino</i>	»	<i>finoria</i>	» <i>finia</i>
<i>gatinho</i>	» <i>gato</i>	»	<i>gatinha</i>	» <i>gata</i>
<i>mocito</i>	» <i>moço</i>	»	<i>mocita</i>	» <i>moça</i>
<i>logarejo</i>	» <i>logar</i>	»	<i>carqueja</i>	» <i>carque</i>
<i>portello</i>	» <i>porta</i>	»	<i>picadella</i>	» <i>picada</i>
<i>coreto</i>	» <i>coro</i>	»	<i>maleta</i>	» <i>mala</i>
<i>folhelho</i>	» <i>folha</i>	»	<i>quartelha</i>	» <i>quarta</i>
<i>abanico</i>	» <i>abano</i>	»	<i>pellica</i>	» <i>pelle</i>
<i>brocadilho</i>	» <i>brocado</i>	»	<i>espiguiha</i>	» <i>espiga</i>
<i>bolinhólo</i>	» <i>bolinho, bolo</i>	»	<i>casinhola</i>	» <i>casinha, casa</i>
<i>picoto</i>	» <i>pico</i>	»	<i>casota</i>	» <i>casa</i>
<i>corpuscolo</i>	» <i>corpo</i>	»	<i>molecula</i>	» <i>mole</i>
<i>capréolo</i>	» <i>capro</i>	»	<i>capréola</i>	» <i>cabra (Latim p)</i>
<i>globulo</i>	» <i>globo</i>	»	<i>fórmula</i>	» <i>fórma</i>

A forma diminutiva tem por vezes força de superlativo, quer no sentido physico, quer no moral, ex.: "*Vacca chegadinha a parir*, isto é, *muito chegada*—*Um pobrezinho*, isto é *um homem muito pobre*".

A facilidade da flexão gradual é um dos elementos da vida energica e da mobilidade graciosa da lingua portugueza; tambem o emprego acertado dessas fórmãs, tão maravilhosamente cambiantes, é de grande de quasi iusuperavel difficuldade para quem não bebeu o conhecimento da lingua com o leite materno. Um exemplo entre milhares: de *pobre* fórma-se o diminuto *pobrete*, que representa a idéia primitiva burlescamente diminuida; de *pobrete* deriva-se o augmentativo *pobretão*, que mais ainda antúa o ridiculo que já pesava sobre *pobrete*; de *pobretão* obtem-se o

diminutivo *pobretãozinho*, que vem ajuntar ao ridículo uma como lastima insultuosa.

O infinito presente e o gerundio, fórmãs nominaes do verbo, equivalentes a substantivos, assume a flexão diminutiva, ex.: «*Um andarzinho—Estar dormindinho—Eu e ella andamos muito manas* PASSIANDITO a par (1).

Em Hespanhol e em Gallego dá-se o mesmo uso.

Synonymos, homonymos, antonymos e paronymos

Dá-se o nome de *synonymos* ás palavras que têm quasi a mesma significação. Ex.: *céo, firmamento: ira, colera, raiva*.

Rigorosamente fallando, não ha *synonymos*. Entre *beijos* e *labios*, ha differença: mordem-se os beijos; dão-se beijos com os labios.

Homonymos são palavras que se escrevem com as mesmas lettras, mas têm significação differente. Ex.: *manga* de, agua; *manga*, de vidro; *manga*, de vestido; *manga*, de fructa; *manga* de arcabuzeiros; *manga*, do verbo mangar.

Antonymos são palavras de significação opposta. Ex.: *dia, noite; amor, odio*.

Paronymos são palavras que têm com outra relação pela etymologia, ou só pela fórmula, ou só pela consonancia. Ex.: *Simulador, e dissimulador; revelar, e relevar; reclamar, e recamar*.

Os *paronymos* são raros em portuguez; são muito mais frequentes, e constituem até verdadeira difficuldade, em francez.

II

ARTIGO

242. O artigo, estrictamente fallando, não tem radical ou thema: é antes uma desinencia prepositiva, cujo fim é,

(1) A. F. Castilho, *Sonho de uma noite de S. João*, Acto II, Scene 2.^a

como já se viu, particularisar a significação do substantivo.

243. As flexões ou, melhor, as variações do artigo definido são :

Singular	masculino	<i>o</i>
„	feminino	<i>a</i>
Plural	masculino	<i>os</i>
„	feminino	<i>as</i>

III

ADJECTIVO

244. O adjectivo admite flexões de genero, de numero, de gráu de significação e de gráu de qualificação.

245. Em geral, as leis da flexão dos adjectivos são as mesmas que governam a flexão dos substantivos : assim de *bonito*, tiram-se *bonitos*, *bonita*, *bonitas*, *bonitão*, *bonitona*, *bonitinho*, *bonitinha*, *bonitote*, *bonitota*. etc.

§ 1.º

Genero

246. Admittem flexão de genero

1) os adjectivos descriptivos terminados

a) por *o*, os quaes mudam *o* em *a*, ex.: «*Branco*, *branca*».

b) por *es*, *ol*, *or*, *u*, os quaes ajuntam simplesmente a desinencia *a*, ex.: «*Campones*, *camponesa*—*hespanhol*, *hespanhola*—*defensor*, *defensora*—*nu*, *nua*”.

Exceptuam-se como invariaveis

a) dos acabados em *es*—*cortes* com seu composto *descortes*, *montes*, *pedres*, *pescares*, *soes*.

Todos os adjectivos em *es* eram antigamente invariaveis. Lê-se ainda em Diniz (1):

«Quem mais sente as terriveis consequencias

«É a nossa *portuguez*, casta linguagem».

b) dos acabados em *ol*—*reinol*.

Hespanhol era tambem invariavel: dizia-se «*lingua hespanhol*, *manta hespanhol*».

c) dos acabados em *or* — *anterior*, *citerior*, *exterior*, *inferior*, *interior*, *maior*, *melhor*, *peior*, *posterior*, *semsabor*, *superior*.

d) por *ão*, os quaes mudam *ão* em *ã*, ex.: «*Vão*, *vã*». *Grão* (*gran*, apocope de *grande*) é invariavel.

e) por *om*, em que *om* troca-se por *oa* ex.: «*bom*, *boa* (é o unico da classe).

2) os adjectivos determinativos na seguinte ordem

a) os numeros cardiaes *um*, *dois*, que fazem *uma*, *duas*.

b) todos os numeraes ordinaes, ex.: «*Quarta—quinta*, etc».

c) todos os multiplicativos, ex.: «*Duplo—quadruplo*, etc.» que fazem regularmente «*dupla—quadrupla*, etc.».

d) todos os demonstrativos, ex.: «*Este—esse*, etc.» que fazem «*Esta—essa*, etc.».

e) o distributivo «*cada um*» que faz regularmente «*cada uma*».

f) o conjunctivo «*cujo*» que faz regularmente «*cuja*».

g) os possessivos «*nosso*, *vosso*, *proprio*, *alheio*», que fazem regularmente «*nossa*, *vossa*, *propria*, *alheia*».

«*Meu, teu, seu*» fazem regularmente «*minha, tua, sua*.»

- h) os indefinitos «*algum, certo, mesmo, muito, outro, pouco quanto, queijando, tanto, todo*» que fazem o feminino regularmente «*alguma, certa, mesma, etc*.».

247. Não admittem flexão de genero

- 1) os adjectivos terminados por *e, al, el, il, ul, ar, er, az, is, os, m, n, s*, ex.: «*Leve—geral—fiel—subtil—azul—particular—esmoher—efficaz—feliz feros—ruim—joven—simples*».

- 2) os adjectivos determinativos seguintes :

- a) os numeros cardiaes de «*dous*» em diante ex.: *Tres—dez etc.*»

Exceptuam-se os compostos de «*um*» e «*dous*» ex.: «*Vinte e um — trinta e dous*» que fazem «*vinte e uma—trinta e duas*, e os nomes de centenas, ex.: «*duzentas, quinhentas*».

- b) o distributivo «*cada*».

- c) os conjunctivos «*qual, que*».

- d) os indefinitos «*mais, menos, qual, quer, só, tal*».

§ 2.º

Numero

248. Os adjectivos, tanto descriptivos como determinativos, seguem geralmente na flexão numeral as regras dadas para a flexão numeral dos substantivos.

249. São invariaveis quanto ao numero

- 1) *grão* (apócope de *grande*) e *São* (apócope de *Santo*)
- 2) os determinativos *cada, cada um, mais, menos, que*.
- «*Qualquer*» faz no plural «*quaesquer*».

§ 3.º

Grau

250. Considera-se a qualidade de uma coisa como existindo nella em maior ou menor grau. O adjectivo pôde exprimir essa qualidade em todos os seus graus. Quando o exprime como simplesmente existindo, diz-se que está no grau *positivo* de qualificação, «*O ouro é pesado*». Quando a exprime como existindo em grau maior ou menor, relativamente a outras cousas que também a tenham, diz-se que está no grau *comparativo*, ex.: «*A platina é mais pesada do que a prata, e menos fusivel do que o ouro*». Quando a exprime como existindo no mais elevado ou no mais diminuto grau, relativamente a outras cousas que também a tenham, diz-se que está no *superlativo relativo*, ex.: «*O ouro é o mais pesado dos metaes*». Quando a exprime como existindo em elevado grau, mas sem estabelecer comparação com outras cousas que também a tenham, diz-se que está no *superlativo absoluto*, ex.: «*O ouro é pesadissimo*».

251. Só o superlativo absoluto é que se fórma em portuguez por meio de flexão.

Ver-se-á na *syntaxe* a maneira de formar os graus de comparação e de superioridade relativa. Todavia *bom*, *mau*, *grande*, *pequeno* têm comparativos flexionaes de radicaes latinos, são: *Melhor*, *peior*, *maior*, *menor*, «*Junior*, *major*, *prior*, *senior*» e outros comparativos latinos são sempre substantivos em portuguez, e só remotamente envolvem idéia da comparação.

252. A desinencia gradual de superlatividade absoluta é *simo*.

Esta terminação *simo* deriva-se da terminação latina *simo* (ablativo de *simus*.) A fórma superlativa *simus* é abrandamento de *timus* que ainda se encontra pura em *intimus*; vem do aryaco *tamas*, ex.: *anatamas*. *Simus* = *timus* contrai-se em certos casos, de modo que desaparece

completamente $s=t$, ex.: *facilimus, maximus, pulcherrimus*; em 'portuguez: *facilimo, maximo, pulcherrimo*.

253. Para' receber esta desinencia os adjectivos terminados

- 1) por *al, il, u* nenhuma modificação experimentam, ex.: «de *essencial, essencialissimo—de agil, agilissimo—de crú, cruissimo*».
- 2) por *vel* mudam *vel* em *bil*, ex.: «de *amavel, amabilissimo*».
- 3) por *um* mudam *m'* em *n*, ex.: «de *commum, communissimo*».
- 4) por *ão* mudam *ão* em *an*, ex.: «de *vão, vanissimo*».
- 5) por *s* mudam *s* em *c*, ex.: «de *feras, feracissimo*».
- 6) por *e* e *o* deixam cahir a vogal, ex.: «de *triste, tristissimo—de lindo, lindissimo*».

254. São superlativos absolutos irregulares, ou antes, formados de radicaes latinos

<i>Acerissimo</i>	de	<i>acre</i>	<i>generalissimo</i>	de	<i>general</i>
<i>amicissimo</i>	"	<i>amigo</i>	<i>humillissimo</i> ou <i>humillimo</i>	"	<i>humilde</i>
<i>antiquissimo</i>	"	<i>antigo</i>	<i>liberrimo</i>	"	<i>livre</i>
<i>asperrimo</i>	"	<i>aspero</i>	<i>magnificentissimo</i>	"	<i>magnifico</i>
<i>celeberrimo</i>	"	<i>celebre</i>	<i>miserrimo</i>	"	<i>misero</i>
<i>christianissimo</i>	"	<i>christão</i>	<i>nobilissimo</i>	"	<i>nobre</i>
<i>crudelissimo</i>	"	<i>cruel</i>	<i>pauperrimo</i>	"	<i>pobre</i>
<i>difficilimo</i>	"	<i>difficil</i>	<i>sacralissimo</i>	"	<i>sagrado</i>
<i>dulcissimo</i>	"	<i>doce</i>	<i>sapientissimo</i>	"	<i>sabio</i>
<i>facilimo</i>	"	<i>facil</i>	<i>saluberrimo</i>	"	<i>salubre</i>
<i>fidelissimo</i>	"	<i>fiel</i>	<i>similimo</i>	"	<i>similhante</i>
<i>frigidissimo</i>	"	<i>frio</i>	<i>uberrimo</i>	"	<i>ubertoso</i>

Encontram-se todavia frequentemente 'as fórmulas regulares *amiguissimo, antiquissimo, asperissimo, celebrissimo, cruelissimo, humildissimo, etc.*

255 Os seguintes, formados tambem de radicaes latinos, são superlativos absolutos heterogeneos, isto é, correspondem a positivos de q' são morphologicamente diversissimos.

<i>Infimo</i>	de	<i>baixo</i>
<i>maximo</i>	»	<i>grande</i>
<i>minimo</i>	»	<i>pequeno</i>
<i>optimo</i>	»	<i>bom</i>
<i>pessimo</i>	»	<i>mau</i>
<i>summo</i>	»	} <i>alto</i>
<i>supremo</i>	»	

Encontram-se frequentemente as fórmulas regulares *baixissimo*, *grandissimo*, *pequenissimo*, *bonissimo*, *altissimo*. *Mau* faz tambem *malissimo*.

Comquanto, rigorosamente fallando, o substantivo não possa admittir esta flexão, que é propria do adjectivo descriptivo, todavia encontram-se as fórmulas—*cousissima*, *irma-nissimo*. Na idade média se dizia em Latim barbaro «*dominissima*». Plauto escreveu: «*O patruē mi patruissime*».

256. Os adjectivos podem tambem flexionar-se para exprimir o grau augmentativo e o diminutivo. As regras que seguem são as mesmas dos substantivos, ex.: «*de soberbo—soberbão, soberbaço; soberbinho, soberbito*, etc.

O particípio do presente e o aoristo assumem flexões augmentativas e diminutivas, ex.: «*Amantão, amantinho de amante—encolhidão, encolhidinho, de encolhido*».

257. São augmentativos irregulares de adjectivos

- 1) os adjectivos terminados em *udo* que indicam por si abundancia, desenvolvimento, na idéia significada pelo seu thema, ex.: *barrigudo, beicudo, lingua-rudo, narigudo, olhudo, orelhudo, testudo*, etc.

2) <i>feanchão</i>	de	<i>feio</i>
<i>fracalhão</i>	»	<i>fraco</i>
<i>grandalhão</i>	»	<i>grande</i>
<i>gordanhudo</i>	»	<i>gordo</i>
<i>pedinchão</i>	}	» <i>pedinte</i>
<i>pidonho</i>		

<i>santarrão</i>	de	<i>santo</i>
<i>secarrão</i>	„	<i>secco</i>
<i>tristonho</i>	„	<i>triste</i>

PRONOME

258. Os pronomes substantivos ou *pessoaes*, para exprimir as diversas relações (Vide a *syntaxe*), flexionam-se do modo especial seguinte :

SINGULAR

	1. ^a Pessoa	2. ^a Pessoa	3. ^a Pessoa
Relação subjectiva	<i>eu</i>	<i>tu</i>	<i>elle, ella</i>
„ objectiva	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>o, a, se</i>
„ adverbial	<i>mim, commigo</i>	<i>ti, contigo</i>	<i>si; comsigo,</i>
„ objectiva-			<i>elle, ella</i>
adverbial	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>lhe, se</i>

PLURAL

	1. ^a Pessoa	2. ^a Pessoa	3. ^a Pessoa
Relação subjectiva	<i>nós</i>	<i>vós</i>	<i>elles, ellas</i>
„ objectiva	<i>nos</i>	<i>vos</i>	<i>os as, se</i>
„ adverbial	<i>nós, connosco</i>	<i>vós, convosco</i>	<i>si, comsigo</i>
„ objectiva-			<i>elles, ellas</i>
adverbial	<i>nos</i>	<i>vos</i>	<i>lhes, se</i>

Lhe como se vê do esquema acima, só recebe flexão de numero e forma *lhes*.

Lhes em concurso com *o, a, os, as*, forma *lho, lha, lhos, lhas*; ex.:

“O’ santas que embalais os berços das crianças;

“E assim *lhos* revestis de floreas esperanças (1)”.

Nos *Lusiadas* encontra-se a cada passo *lhe* como forma invariavel ex.:

(1) **Guilherme Braga**, *Parnaso Portuguez* de Theophilo Braga, Lisboa, 1877, pag. 121.

- «A cidade *correram* e *notaram*
 «Muito menos daquillo que *queriam*
 «Que os Mouros cautelosos se guardavam
 «De *lhe* mostrarem tudo que *pediam* (1)»

O, a, os, as, me, te, lhe, nos, vos, lhes, chamam-se pronomes *enclíticos*, por isso que sempre se acostam ao verbo depois do qual vêm, ex.: *Viu-a* — *dizem-me*, etc.

259. Aos pronomes adjectivos applica-se tudo o que ficou dito sobre a flexão dos adjectivos determinativos.

V

VERBO

260. Ha em Portuguez quatro conjugações que se distinguem pela terminação do presente do infinito:

a primeira tem a terminação do presente infinito em <i>ar</i> , ex. « <i>Cantar</i> »	
„ segunda » » » » » » » <i>er</i> , ex. « <i>Vender</i> ».	
„ terceira » » » » » » » <i>ir</i> , ex. « <i>Partir</i> ».	
„ quarta » » » » » » » <i>or</i> , ex. « <i>Pôr</i> ».	

Os elementos completos da flexão verbal regular acham-se no seguinte quadro synoptico: para as tres conjugações *cantar*, *vender*, *partir*; nada mais ha fazer do que juncar as terminações do quadro aos *themas* —*am*, *vend*, *part*,—A quarta conjugação—*pôr*—está no quadro pratica e não scientificamente disposta: com effeito, antepondo-se a modificação—*p*—às terminações está conjugado o verbo. Mas cumpre notar que o *thema* do verbo não se limita a essa modificação—*p*—: ás vozes fechadas *ô* e *u* as nasaes que figuram nas terminações pertencem ao *thema* que é de *facto*—*pó*, *pô*; *pu*, *punh* e não—*p*—simplesmente.

(1) **Canto**, II, Est. IX.

Sobre as tabellas *retro* ha a notar :

TABELLA N.º 3 O participio presente *Tente* é usado na phrase "*A mão tente*".

TABELLA N.º 5 O participio presente *Estante* é classico : « Mouros mercadores *estantes* na terra », JOÃO DE BARROS, *Decada I*, Liv. VII, Cap. 9.

TABELLA N. 8. Desta conjugação empregam-se alguns participios presentes, como "*Ouvinte, pedinte, seguinte, etc.*".

TABELLA N. 10. Estão neste esquema sómente terminações masculinas do singular e do plural, sendo que a voz passiva admitte também terminações femininas; a conjugação completa deveria ser : « Indicativo presente *Sou vendido* ou *vendida*, etc. »

TABELLA N.º 11. Como o verbo periphrastico promissivo conjuga-se o periphrastico obrigativo, substituindo-se *ter* por *haver*. Fôrma-se a voz passiva de ambos estes verbos, trocando em todos os tempos, modos e fórmulas nominaes, a fôrma activa do infinito pela correspondente passiva, *ex.* : « *Hei* ou *tenho* DE LOUVAR » converte-se em « *Hei* ou *tenho* DE SER LOUVADO ».

TABELLA N.º 12. O verbo frequentativo não tem participios. Quando elle é formado por um verbo unico faltando-lhe também os tempos em que occorrem flexões homographas : « *Vir vindo* », por exemplo, não tem a segunda fôrma do indicativo mais que perfeito, a qual deveria ser « *Eu tinha vindo vindo* », e nem outras semelhantes.

261. São verbos irregulares principaes da primeira conjugação *dar, estar*, todos os verbos terminados por *ear* e alguns terminados por *iar*.

Os grammaticos chamam irregularidades todas as modificações dos themas e das terminações verbaes que elles não conseguiram fazer entrar em um ou noutro de seus inflexiveis paradigmas. O methodo racional, que vê na lingua um organismo e não o producto do capricho ou do acaso, não poderia admittir como anomalias as mais usadas fórmulas verbaes; aquellas fórmulas que constituem, por assim dizer, a propria essencia do discurso.

A disposição dos verbos nas tabellas seguintes, em columnas correspondentes horisontaes e verticaes, facilita o confronto dos tempos, modos e fórmias nominaes entre si. Póde-se estudar pela ordem vertical, primeiro todo o indicativo, depois o imperativo, e assim por diante. Todavia isso seria apenas uma concessão á rotina; é preferivel estudar-se pela ordem horisontal, primeiro o presente em todos os modos e fórmias nominaes, depois o imperfecto, etc. Além de militar para isso a razão de não serem os tempos dependencias dos modos, mas sim os modos dependencias dos tempos, ha mais a considerar que o estudo por ordem horisontal mostra a perfeita analogia que ha entre os modos de cada tempo — analogia perdida para quem conjuga primeiro todo o indicativo, depois o imperativo, etc.



[illegible]

Tempos simples das quatro Conjugações Regulares

FORMAS NOMINAES

SUBJUNCTIVO

INFINITO

PARTICI

Pessoal

Impessoal

[illegible]

MODOS			FORMAS NOMINAES		
PESSOAS	INDICATIVO	Imper- tivo	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO
					Pessoal Impessoal
1. ^a Hei				Haja	Haver
2. ^a Has		Ha		Hajas	Haveres
3. ^a Ha				Haja	Haver
1. ^a Havemos ou hemo				Hajamos	Havermos
2. ^a Haveis ou heis		Haei		Hajais	Haverdes
3. ^a Hão				Hajam	Haverm
1. ^a Havia ou hia			Haveria ou houvera	Houvesse ou houvera	
2. ^a Havias ou bias			Haverias ou ouveras	Houvesseis ou houveras	
3. ^a Havia ou hia			Haveria ou houvera	Houvesse ou houvera	
1. ^a Havíamos ou hiamos			Haveríamos ou houveramos	Houvessemos ou houveramos	
2. ^a Havieis ou hieis			Haverieis ou houvereis	Houvesseis ou houvereis	
3. ^a Haviam ou hiam			Haveriam ou houveram	Houvessem ou houveram	
1. ^a Tenho havido			Teria ou tivera havido	Ter havido	Ter havido
2. ^a Tens havido			Terias ou tiveras havido	Teres havido	Teres havido
3. ^a Tem havido			Teria ou tivera havido	Teria havido	Ter havido
1. ^a Temos havido			Teríamos ou tiveramos havido	Termos havido	Termos havido
2. ^a Tendes havido			Terieis ou tivereis havido	Terdes havido	Terdes havido
3. ^a Têm havido			Teriam ou tiveram havido	Terem Havido	Terem havido
1. ^a Houve					
2. ^a Houveste					
3. ^a Houve					
1. ^a Houve					
2. ^a Houvestes					
3. ^a Houveram					
					Havido, a, os, as

MODOS			FÓRMAS NOMINAES		
NUMEROS	INDICATIVO	Imperativo	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	
Pessoas					
1. ^a	Tenho			Tenha.	Ter
2. ^a	Tens	Tem		Tenhas	Teres
3. ^a	Tem			Tenha.	Ter
1. ^a	Temos			Tenhamos	Termos.
2. ^a	Tendes	Tende		Tenhais	Terdes
3. ^a	Têm			Tenham.	Terem
1. ^a	Tinha		Teria ou tivera	Tivesse ou tivera.	
2. ^a	Tinhas		Terias ou tiveras.	Tivesses ou tiveras	
3. ^a	Tinha		Teria ou tivera	Tivesse ou tivera.	
1. ^a	Tinhamos		Teriamos ou tiveramos	Tivéssemos ou tiveramos	
2. ^a	Tinheis		Terieis ou tivereis	Tivésseis ou tivereis	
3. ^a	Tinham		Teriam ou tiveram	Tivéssem ou tiveram	
1. ^a	Tenho tido.		Teria tido ou tivera tido	Tenha tido	Ter tido
2. ^a	Tens tido		Terias tido ou tiveras tido	Tenhas tido.	Teres tido
3. ^a	Têm tido		Teria tido ou tivera tido	Tenha tido	Ter tido
1. ^a	Temos tido.		Teriamos tido ou tiveramos tido	Tenhamos tido.	Termos tido
2. ^a	Tendes tido.		Terieis tido ou tivereis tido	Tenhais tido	Terdes tido
3. ^a	Têm tido.		Teriam tido ou tiveram tido	Tenham tido	Terem tido
1. ^a	Tive				
2. ^a	Tiveste				
3. ^a	Teve				
1. ^a	Tivemos				
2. ^a	Tivestes				
3. ^a	Tiveram				
					Tido a, os, as

[illegible]

NUMEROS

PESSOAS

M O D O S

INDICATIVO

IMPERATIVO

CONDICIONAL

SUBJUNCTIVO

FÓRMAS NOMINAES

INFINITO

Pessoal

Impessoal

PARTICIPIO

1.^a

2.^a

3.^a

Sou

És

É

1.^a

2.^a

3.^a

Somos

Sois

São

1.^a

2.^a

3.^a

Sê

Sêde

1.^a

2.^a

3.^a

Era

Eras

Era

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Seria ou fóra

Serias ou fóras

Seria ou fóra

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Tenho sido

Tens sido

Tem sido

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

2.^a

3.^a

Fui

Foste

Foi

1.^a

[illegible]

[illegible]

BELLA N. 6. Conjugação do verbo CANTAR (paradigma da 1.ª Conjugação)

MODOS					FÓRMAS NOMINAES			
PESSOAS		INDICATIVO	Impetativo	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO		PARTICIPIO
						Pessoal	Impessoal	
1. ^a	Singular	Canto .			Cante .	Cantar .		
2. ^a	Singular	Cantas .	Canta .		Cantes .	Cantares .		
3. ^a	Singular	Canta .			Cante .	Cantar .		
1. ^a	Plural	Cantamos .			Cantemos .	Cantarmos .		Cantante
2. ^a	Plural	Cantai .	Cantae .		Canteis .	Cantardes .		
3. ^a	Plural	Cantam .			Cantem .	Cantarem .		
1. ^a	Singular	Cantava .		Cantaria ou cantára .	Cantasse ou cantára .			
2. ^a	Singular	Cantavas .		Cantarias ou cantáras .	Cantasses ou cantáras .			
3. ^a	Singular	Cantava .		Cantaria ou cantára .	Cantasse ou cantára .			
1. ^a	Plural	Cantávamos .		Cantariamos ou cantáramos .	Cantássemos ou cantáramos .			
2. ^a	Plural	Cantáveis .		Cantariéis ou cantáreis .	Cantásseis ou cantáreis .			
3. ^a	Plural	Cantavam .		Cantariam ou cantaram .	Cantássem ou cantaram .			
1. ^a	Singular	Tenho cantado .		Teria ou tivera cantado .	Tenha cantado .	Ter cantado		
2. ^a	Singular	Tens cantado .		Terias ou tiveras cantado .	Tenhas cantado .	Teres cantado		
3. ^a	Singular	Tem cantado .		Teria ou tivera cantado .	Tenha cantado .	Ter cantado		
1. ^a	Plural	Temos cantado .		Teríamos ou tiveramos cantado .	Tenhamos cantado	Termos cantado	Ter cantado	
2. ^a	Plural	Tendes cantado .		Teríeis ou tiveríeis cantado .	Tenheis cantado	Terdes cantado		
3. ^a	Plural	Têm cantado .		Teriam ou tiveram cantado .	Tenham cantado	Terem cantado .		
1. ^a	Singular	Cantei .						
2. ^a	Singular	Cantaste .						
3. ^a	Singular	Cantou .						
1. ^a	Plural	Cantamos .						
2. ^a	Plural	Cantastes .						
3. ^a	Plural	Cantaram .						Cantado, a, os, as

[illegible]

NUMEROS

MODOM

INDICATIVO

Impres-
sivo

CONDICIONAL

SUBJUNCTIVO

INFINITO

Passoal

**Impes-
sol**

participio

1. ^a	Vendo	Vende		Venda	Vender	Vendente
2. ^a	Vendes			Vendes	Venderes	
3. ^a	Vende			Venda	Vender	
1. ^a	Vendemos			Vendamos	Vendermos	
2. ^a	Vendeis	Vendei		Vendeis	Venderdes	
3. ^a	Vendem			Vendam	Venderem	
1. ^a	Vendia		Venderia ou vendêra	Vendesse ou vendêra		
2. ^a	Vendias		Venderias ou vendêras	Vendesses ou vendêras		
3. ^a	Vendia		Venderia ou vendêra	Vendesse ou vendêra		
1. ^a	Vendíamos		Venderíamos ou venderamos	Vendessemos ou venderamos		
2. ^a	Vendeiis		Venderieis ou vendêreis	Vendesseis ou vendêreis		
3. ^a	Vendiam		Vendoriam ou venderam	Vendessem ou venderam		
1. ^a	Tenho vendido		Teria ou tivera vendido	Tenha vendido	Ter vendido	
2. ^a	Tens vendido		Terias ou tiveras vendido	Tenhas vendido	Teres vendido	
3. ^a	Tem vendido		Teria ou tivera vendido	Tenha vendido	Ter vendido	
1. ^a	Temos vendido		Teríamos ou tiveramos vendido	Tenhamos vendido	Termos vendido	
2. ^a	Tendes vendido		Terieis ou tivereis vendido	Tenhaiis vendido	Termes vendido	
3. ^a	Têm vendido		Teriam ou tiveram vendido	Tonham vendido	Terem vendido	
1. ^a	Vendi					
2. ^a	Vendeste					
3. ^a	Venden					
1. ^a	Vendemos					
2. ^a	Vendestes					
3. ^a	Venderam					Vendido, a, os, as

Singul	1. ^a Cantara ou tinha cantado. 2. ^a Cantaras ou tinhas cantado 3. ^a Cantára ou tinha cantado.	1. ^a Cantaremos ou tinhamos cantado 2. ^a Cantareis ou tinheis cantado 3. ^a Cantaram ou tinham cantado	1. ^a Cantarei. 2. ^a Cantarás. 3. ^a Cantará.	1. ^a Cantaremos. 2. ^a Cantareis 3. ^a Cantarão	Tivesse ou tivera cantado. Tivesses ou tiveras cantado. Tivesse ou tivera cantado. Tivéssemos ou tiveramos cantado. Tivésseis ou tiverais cantado. Tivessem ou tiveram cantado.	Cantar Cantares. Cantar Cantarmos Cantardes Cantarem	Tiver cantado. Tiveros cantado Tiver cantado. Tiveremos cantado Tiverdes cantado. Tiverem cantado.	Cantando	Tendo cantado
Plural	1. ^a Terreis cantado 2. ^a Terás cantado 3. ^a Terá cantado	1. ^a Teremos cantado 2. ^a Tereis cantado 3. ^a Terão cantado							

NÚMEROS		MODOS					FORMAS NOMINAES		
PESSOAS		INDICATIVO		Imperativo	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO		PARTICIPIO
							Pessoal	Impessoal	
1. ^a	Parto	1. ^a	Parto	Parte		Parta	Partir		
2. ^a	Partes	2. ^a	Partes			Partas	Partires		
3. ^a	Parte	3. ^a	Parte			Parta	Partir		
1. ^a	Partimos	1. ^a	Partimos	Parti		Partamos	Partirmos	Partir	
2. ^a	Partis	2. ^a	Partis			Partais	Partirdes		
3. ^a	Partem	3. ^a	Partem			Partam	Partirem		
1. ^a	Partia	1. ^a	Partia		Partiria ou partira.	Partisse ou partira.			
2. ^a	Partias	2. ^a	Partias		Partirias ou partiras	Partisses ou partiras			
3. ^a	Partia	3. ^a	Partia		Partiria ou partira.	Partisse ou partira			
1. ^a	Partiamos	1. ^a	Partiamos		Partiríamos ou partiramos	Partissemos ou partiramos			
2. ^a	Partieis	2. ^a	Partieis		Partiríeis ou partireis	Partissecis ou partireis			
3. ^a	Partiam	3. ^a	Partiam		Partiriam ou partiram	Partissem ou partiram			
1. ^a	Tenho partido	1. ^a	Tenho partido		Teria ou tivera partido	Tenha partido	Ter partido		
2. ^a	Tens partido.	2. ^a	Tens partido.		Terias ou tiveras partido.	Tenhas partido	Teres partido.		
3. ^a	Tem partido.	3. ^a	Tem partido.		Teria ou tivera partido	Tenha partido	Ter partido	Ter partido	
1. ^a	Temos partido	1. ^a	Temos partido		Teriamos ou tiveramos partido	Tenhamos partido	Termos partido		
2. ^a	Tendes partido	2. ^a	Tendes partido		Terieis ou tivereis partido	Tenhais partido.	Terdes partido		
3. ^a	Têm partido.	3. ^a	Têm partido.		Teriam ou tiveram partido	Tenham partido	Terem partido		
1. ^a	Parti	1. ^a	Parti						
2. ^a	Partiste	2. ^a	Partiste						
3. ^a	Partiu	3. ^a	Partiu						
1. ^a	Partimos	1. ^a	Partimos						
2. ^a	Partistes	2. ^a	Partistes						
3. ^a	Partiram	3. ^a	Partiram						Partido, aos, as

1. ^a Partira ou tinha partido.	Tivesse ou tivera partido.			
2. ^a Partiras ou tinhas partido.	Tivesse ou tiveras partido.			
3. ^a Partira ou tinha partido.	Tivesse ou tivera partido.			
1. ^a Partíramos ou tínhamos partido.	Tivéssemos ou tiveramos part.			
2. ^a Partíreis ou tínheis partido.	Tivésseis ou tivercis partido.			
3. ^a Partiram ou tinham partido.	Tivéssem ou tiveram partido.			
1. ^a Partirei.	Partir .			
2. ^a Partirás	Partires.			
3. ^a Partirá .	Partir .			
1. ^a Partiremos	Partirmos			
2. ^a Partireis	Partirdes			
3. ^a Partirão	Partirem			
1. ^a Terei partido.	Tiver partido.			
2. ^a Terás partido	Tiveres partido.			
3. ^a Terá partido	Tiver partido.			
1. ^a Teremos partido.	Tivermos partido			
2. ^a Tereis partido	Tiverdes partido			
3. ^a Terão partido	Tiverem partido.			
			Partindo	
				Tendo partido

PESSOAS
NUMEROS

MODOS

INDICATIVO

IMPERATIVO

CONDICIONAL

SUBJUNCTIVO

1.^a Ponto

2.^a Pões

3.^a Põe

1.^a Pomos

2.^a Pondes

3.^a Põem.

1.^a Poria

2.^a Pórias

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

1.^a Poria

2.^a Poria

3.^a Poria

Pessoal

INFINITO

Impessoal

Pôr.

Pões

Põe

Pomos

Pondes

Põem.

Poria

Pórias

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Ponha

Ponhas

Ponha

Ponhamos

Ponhais

Ponham

Pozesse

Pozesses

Pozesse

Pozessemos

Pozesseis

Pozessem

Pozesse

Pozesses

Pozesse

Pozessemos

Pozesseis

Pozessem

Pozesse

Pozesses

Pozesse

Pozessemos

Pozesseis

Pozessem

Pozesse

Pozesses

Pozesse

Pozessemos

Pozesseis

Pozessem

Pozesse

Pozesses

Pozesse

Pozessemos

Pozesseis

Pozessem

Pozesse

Pozesses

Pozesse

Pozessemos

Pozesseis

Pozessem

Pozesse

Pozesses

Pozesse

Põe tu

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

Põe

FÓRMAS NOMINAIS

INFINITO

Impessoal

Pôr.

Pões

Põe

Pomos

Pondes

Põem.

Poria

Pórias

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

Poria

MODOS			FORMAS NOMINAES		
PESSOAS	INDICATIVO	Imperativo	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO
					Pessoal Impessoal
1. ^a Hei de cantar				Haja de cantar	Haver de cantar.
2. ^a Hias de cantar				Hajas de cantar	Haveres de cantar.
3. ^a Ha de cantar.				Haja de cantar	Haver de cantar
1. ^a Havemos de cantar.				Hajamos de cantar	Havermos de cantar
2. ^a Haves de cantar				Hajais de cantar	Haverdes de cantar
3. ^a Hão de cantar				Hajam de cantar.	Haverem de cantar
1. ^a Havia de cantar.			Haveria ou houvera de cantar.	Houvesse ou houvera de cantar	
2. ^a Haviás de cantar			Haverias ou houveras de cantar	Houvesseis ou houveras de cantar	
3. ^a Havia de cantar.			Haveria ou houvera de cantar.	Houvesse ou houvera de cantar	
1. ^a Havíamos de cantar			Haveríamos ou houveramos de cantar.	Houvessemos ou houveramos de cantar	
2. ^a Haviés de cantar			Haveríeis ou houveríeis de cantar.	Houvesseis ou houveríeis de cantar	
3. ^a Haviam de cantar.			Haveriam ou houveram de cantar.	Houvessem ou houveram de cantar.	
1. ^a					
2. ^a					
3. ^a					
1. ^a					
2. ^a					
3. ^a					
1. ^a Houve de cantar					
2. ^a Houveste de cantar					
3. ^a Houve de cantar					
1. ^a Houvemos de cantar					
2. ^a Houvestes de cantar					
3. ^a Houveram de cantar					

[illegible]

MODOS

FORMAS NOMINAES

INDICATIVO			IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO		Particípio
NUMEROS	PESSOAS	INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Pessoal	Impessoal	
1. ^a	Ando cantando.	Anda cantando			Ande cantando.	Andar cantando		
2. ^a	Andas cantando				Andes cantando	Andares cantando.		
3. ^a	Anda cantando				Ande cantando.	Andar cantando		
1. ^a	Andamos cantando				Andemos cantando	Andarmos cantando.	Andar cantando	
2. ^a	Andais cantando		Andae cantando		Andeis cantando	Andardes cantando.		
3. ^a	Andam cantando				Andem cantando	Andarem cantando.		
1. ^a	Andava cantando.			Andaria ou andara cantando	Andasse ou andara cantando			
2. ^a	Andavas cantando.			Andarias ou andaras cantando	Andasses ou andaras cantando			
3. ^a	Andava cantando.			Andaria ou andara cantando	Andasse ou andara cantando			
1. ^a	Andavamos cantando.			Andariamos ou andáramos cantando.	Andássemos ou andáramos cantando.			
2. ^a	Andaveis cantando			Andarieis ou andáreis cantando	Andásseis ou andáreis cantando.			
3. ^a	Andavam cantando			Andariam ou andáram cantando.	Andassem ou andaram cantando.			
1. ^a	Tenho andado cantando			Teria ou tivera andado cantando.	Tenha andado cantando.	Ter andado cantando.		
2. ^a	Tens andado cantando			Terias ou tiveras andado cantando.	Tenhas andado cantando	Teres andado cantando.		
3. ^a	Tem andado cantando			Teria ou tivera andado cantando	Tenha andado cantando	Ter andado cantando.		
1. ^a	Temos andado cantando			Teríamos ou tiveramos andado cantando.	Tenhamos andado cantando	Termos andado cantando.	Ter andado cantando	
2. ^a	Terdes andado cantando			Teríeis ou tiveríeis andado cantando.	Tenhais andado cantando	Terdes andado cantando.		
3. ^a	Têm andado cantando			Teriam ou tiveram andado cantando.	Tenham andado cantando	Terem andado cantando.		
1. ^a	Andei cantando							
2. ^a	Andaste cantando.							
3. ^a	Andou cantando							
1. ^a	Andámos cantando							

Singular	Andarei ou terei andado cantando. 2. ^a Andaras ou tinhas andado cantando. 3. ^a Andara ou tinha andado cantando.			Tivesse ou tivera andado cantando. Tiveres ou tiveras andado cantando. Tiverse ou tivera andado cantando. Tivermos ou tivermos andado cantando. Tiverdes ou tiverdes andado cantando. Tiverem ou tiverem andado cantando.	
Plural	1. ^a Andáramos ou tínhamos andado cantando. 2. ^a Andáreis ou tínheis andado cantando. 3. ^a Andaram ou tinham andado cantando.			Andar cantando. Andares cantando. Andar cantando. Andarmos cantando. Andardes cantando. Andarem cantando.	
Singular	1. ^a Andarei cantando. 2. ^a Andaras cantando. 3. ^a Andara cantando.			Tiver andado cantando. Tiveres andado cantando. Tiver andado cantando. Tivermos andado cantando. Tiverdes andado cantando. Tiverem andado cantando.	
Plural	1. ^a Teremos andado cantando. 2. ^a Tereis andado cantando. 3. ^a Terão andado cantando.				Tendo andado cantando

MODOS			FÓRMAS NOMINAES					
PESSOAS		INDICATIVO	Imperativo	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO	Impessoal	Participio
1. ^a	Eu me queixo		Queixa-te		Eu me queixe	Queixar-me eu		
2. ^a	Tu te queixas				Tu te queixes	Queixares-te tu		
3. ^a	Elle se queixa				Elle se queixe	Queixar-se elle		
1. ^a	Nós nos queixamos				Nós dos queixemos	Queixarmos-nos nós		Queixante
2. ^a	Vós vos queixais		Queixae-vos vós		Vós vos queixais	Queixardes-vos vós		
3. ^a	Elles se queixam				Elles se queixem	Queixarem-se elles		
1. ^a	Eu me queixava			Eu me queixaria ou me queixara	Eu me queixasse ou me queixara			
2. ^a	Tu te queixavas			Tu te queixarias ou te queixaras	Tu te queixasses ou te queixaras			
3. ^a	Elle se queixa			Elle se queixaria ou se queixara	Elle se queixasse ou se queixara			
1. ^a	Nós nos queixavamos			Nós nos queixariamos ou nos queixaríamos	Nós nos queixássemos ou nos queixaríamos			
2. ^a	Vós vos queixáveis			Vós vos queixaríeis ou vos queixaríeis	Vós vos queixásseis ou vos queixaríeis			
3. ^a	Elles se queixavam			Elles se queixariam ou se queixariam	Elles se queixassem ou se queixariam			
1. ^a	Eu me tenho queixado			Eu me teria ou me tivera queixado	Eu me tenha queixado	Ter-me eu queixado		
2. ^a	Tu te tens queixado			Tu te terias ou te tiveras queixado	Tu te tenhas queixado	Ter-te tu queixado		
3. ^a	Elle se tem queixado			Elle se teria ou se tivera queixado	Elles se tenha queixado	Ter-se elle queixado		
1. ^a	Nós nos temos queixado			Nós os teríamos ou nos tiveramos queixado	Nós nos tenhamos queixado	Termo-nos nós queixado		
2. ^a	Vós vos tendes queixado			Vós vos teríeis ou vos tiveríeis queixado	Vós vos tenhaís queixado	Tordes-vos vós queixado		
3. ^a	Elles se têm queixado			Elles se teriam ou se tiveram queixado	Elles se tenham queixado	Terem-se elles queixado		
1. ^a	Eu me queixei							
2. ^a	Tu te queixaste							
3. ^a	Elle se queixou							Queixado

Singular	1. ^a	Eu me queixára ou me tinha queixado.			Eu me tivesse ou me tivera queixado.	
	2. ^a	Tu te queixáras ou te tinhas queixado.			Tu te tivesses ou te tiveras queixado.	
	3. ^a	Elle se queixára ou se tinha queixado.			Elle se tivesse ou se tivera queixado.	
	1. ^a	Nós nos queixáramos ou nos tínhamos queixado.			Nós nos tivéssemos ou nos tivéramos queixado.	
Plural	2. ^a	Vós vos queixáreis ou vos tínheis queixado.			Vós vos tivésseis ou vos tivéreis queixado.	
	3. ^a	Elles se queixaram ou se tinham queixado.			Elles se tivessem ou se tiveram queixado.	
Singular	1. ^a	Eu me queixarei			Eu me queixar	
	2. ^a	Tu te queixarás.			Tu te queixares	
	3. ^a	Elle se queixará			Elle se queixar	
Plural	1. ^a	Nós nos queixaremos.			Nós nos queixarmos	
	2. ^a	Vós vos queixareis.			Vós vos queixardes.	
	3. ^a	Elles se queixarão.			Elles se queixam.	
Singular	1. ^a	Eu me terei queixado.			Eu me tiver queixado.	
	2. ^a	Te te terás queixado.			Tu te tiveres queixado.	
	3. ^a	Elle se terá queixado.			Elle se tiver queixado.	
Plural	1. ^a	Nós nos teremos queixado.			Nós nos tivermos queixado.	
	2. ^a	Vós vos tereis queixado.			Vós vos tiverdes queixado.	
	3. ^a	Elles se terão queixado.			Elles se tiverem queixado.	
						Queixando-me
						Fendo-me queixado

TEMPOS	M O D O S				FÓRMAS NOMINAES	
	INDICATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO (Impessoal)	PARTICIPIO	
SENTE . . .	Troveja		Troveje	Trovejar . . .	Trovejante	
ERFEITO . . .	Trovejava	Trovejaria ou Trovejára . .	Trovejasse ou trovejára . .			
EFITO.	Tem trovejado.	Teria ou tivera trovejado . .	Tenha trovejado	Ter trovejado. .		
ISTO	Trovejou.		Tivesse ou tivera trovejado .		Trovejado	
IS QUE PERFEITO	Trovejára ou tinha trovejado.		Trovejar			
TURO	Trovejará		Tiver trovejado			
TURO ANTERIOR .	Terá trovejado					
UNDIO				Trovejando . .		
UNDIO ANTERIOR				Tendo trovejado		

methodo racional procura a razão dessas pretensas irregularidades, e as explica pelas leis da euphonia, cujo papel tão consideravel foi na formação das linguas romanicas. Exceptuando os verbos *ser* e *ir*, cada um dos quaes tem varios themas, não ha em Portuguez, propriamente fallando, verbos irregulares (1).

1) *Dar*

Indicativo presente—*Dou, dás, dá; damos, dais, dão.*

Indicativo aoristo—*Dei, deste, deu; demos, destes, deram.*

Subjunctivo presente—*Dê, dês, dê; demos, deis, dêm.*

2) *Estar*

Está conjugado por inteiro (Tabella n.º 4).

3) Verbos terminados por *ear*.

Os verbos terminados por *ear* tomam *i* entre *e* e *a* na primeira, na segunda e na terceira pessoa do singular, e na terceira do plural do indicativo presente, e communicam essa irregularidade ás mesmas pessoas do subjunctivo presente e á segunda do singular do imperativo, ex.: *Cear* que faz: Indicativo presente—*Ceio, ceias, ceia; ceiam.* Imperativo—*Ceia.* Subjunctivo presente—*Ceie, ceis, ceie; ceiem.*

Exceptua-se *crear* que só é irregular no indicativo presente—*Crio, crias, cria; creamos, creais, criam,* e, consequentemente, no subjunctivo presente—*Crie, cries,* etc. (Vide adiante a observação n. 2, sobre os verbos irregulares, (1).

4) verbos terminados por *iar*

Os verbos terminados por *iar* são regulares ex.: *Criar,* que se conjuga *Crio, crias,* etc.

Exceptuam-se *agenciar, ancian, cadenciar, commerciar, mediar, negociar, odiar, penitenciari, premiar, remediar, sentenciar,* que tomam um *e* antes de *i* nas mes-

(1) *Ayer*, Obra citada, pag. 177—178.

mas pessoas que as dos verbos em *car* acima mencionados, ex.: Indicativo presente—*Agenceio, agenceias; agenceiam*. Imperativo—*Agenceia*. Subjunctivo presente—*Agenceie, agenceies, agenceiem*.

262. São verbos irregulares principaes da segunda conjugação *caber, crer, dizer, fazer, haver, fazer, perder, poder, prazer, querer, requerer, saber, ter, trazer, valer, ver*.

1) *Caber*

Indicativo presente—*Caibo, cabes, cabe; cabemos, cabéis cabem*. Indicativo aoristo—*Coube, coubeste, coube; coubemos, coubestes, couberam*.

2) *Crer*

Indicativo presente—*Creio, crês, cre; cremos, credes, crêm*. Como *crer* se conjuga *ler*.

3) *Dizer*

Indicativo presente—*Digo, dizes, diz; dizemos, dizeis, dizem*. Indicativo aoristo—*Disse, disséste, disse; dissemos, dissestes, disseram*. Indicativo futuro—*Direi, dirás, dirá; diremos, direis, dirão*. Condicional imperfeito—*Diria, dirias, diria; diríamos, dirieis, diriam*.

4) *Fazer*

Indicativo presente—*Faço, fazes, faz; fazemos, fazeis, fazem*. Indicativo aoristo—*Fiz, fizeste, fez; fizemos, fizestes, fizeram*. Indicativo futuro—*Farei, farás, fará; faremos, fareis, farão*. Condicional imperfeito—*Faria, farias, faria; faríamos, farieis, fariam*.

5) *Haver*

Está já conjugado por inteiro (Tabella n.º 2).

6) *Jazer*

Indicativo presente—*Jazo, jazes, jaz; jazemos, jazeis, jazem*. Indicativo aoristo—Fôrma moderna, regular. *Jouve, jouveste, jouve; jouvemos, jouvestes, jouveram*, fôrma antiga.

7) *Perder*

Indicativo presente—*Perco, perdes, perdê; perdemos, perdeis, perdem*.

8) *Poder*

Indicativo presente—*Posso, podes, pode; podemos, podeis, podem*. Indicativo aoristo—*Pûde, poudeste, poude, poudemos, poudestes, puderam*, E' melhor orthographia do que—*Podeste, pôde; podemos, podestes, puderam*, porquanto representa-se assim, com o diphthongo portuguez *ou*, a attracção do diphthongo latino *ui* de *potui, potuisti*, etc. Não tem imperativo.

9) *Prazer* (impessoal)

Indicativo presente—*Praz*. Indicativo aoristo—*Prouve*. O composto pronominal *comprazer-se* e quasi perfeitamente regular: só na terceira pessoa do singular do presente de indicativo tem a fôrma irregular *compras*.

10) *Querer*

Indicativo presente—*Quero, queres, quer, queremos, quereis, querem*. Indicativo aoristo—*Quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizeste, quizeram*. Não tem imperativo. Subjunctivo presente—*Queira, queiras, queira; queiramos, queirais, queiram*. Tanto a este como ao verbo *poder* deu Vieira imperativo, quando disse: "*Querei* só o que podeis, e sereis omnipotentes. Si quereis ser omnipotentes, *podei* só o justo e o licito (1)."

(1) *Serm.* tom. IV, ediç. mod. pag. 297.

11) *Requerer*

Indicativo presente—*Requeiro, requeres, requer; requeremos, requireis, requerem*. Indicativo aoristo—*Requeri, requereste, requireu; requeremos, requerestes, requereram*.

12) *Saber*

Indicativo presente—*Sei, sabes, sabe; sabemos, sabeis, sabem*. Indicativo aoristo—*Soube, soubeste, soube; soubemos, soubestes, souberam*. Subjunctivo presente—*Saiba, saibas, saiba; saibamos, saibais, saibam*.

13) *Ter*

Está já conjugado por inteiro (Tabella n.º 2).

14) *Trazer*

Indicativo presente—*Trago, trazes, traz; trazemos, trazeis, trazem*. Indicativo aoristo—*Trouxe, trouxe, trouxe; trouxemos, trouxe, trouxeram*. Indicativo futuro—*Trarei, trará, trará; traremos, trareis, trarão*. Condicional imperfecto—*Traria, trarias, traria; trariam, trarieis, trariam*.

15) *Valer*

Indicativo presente—*Valho, vales, vale, ou val; valem, valeis, valem*.

16) *Ver*

Indicativo presente—*Vejo, vês, vê; vemos, vedes, vêem*. Indicativo aoristo—*Vi, viste, viu, vimos, viste, viram*. O verbo derivado *prover* aparta-se em alguns tempos da conjugação de *ver*. Indicativo aoristo—*Provi, proveste, proveu; provemos, provestes, proveram*. Participio aoristo—*Provido*.

263. São verbos irregulares da terceira conjugação

adherir, acudir, aggredir, cahir, cobrir, conduzir, cortar, rigir, ir, medir, parir, remir, vir, vir,

1) *Adherir*

Indicativo presente—*Adhiro, adheres, adhere ; adherimos. adheris, adherem.* Como *adherir*, conjuga-se *adver-tir, comedir, compellir, competir, convergir, despir, discernir, divergir, divertir, emergir, enxerir, expellir, ferir, impellir, inherir, mentir, preterir, reflectir, repellir, repetir, seguir, sentir, servir, vestir.* (*Enxerir* também se escreve *inserir*).

Convergir, divergir, emergir, são também da segunda conjugação—*converger, diverger, eme ger.*

2) *Acudir*

Indicativo presente—*Acudo, acodes, acode ; acudimos, acudis, acodem.* Como *acudir* conjugam-se *bulir, construir, cuspir, destruir, engulir, fugir, sacudir, subir, sumir, lussir.*

Os escriptores antigos conservavam sempre o *u* na mór parte destes verbos, escrevendo *acude, construe fuge.*

3) *Aggredir*

Indicativo presente—*aggrido, aggrides, aggride ; ag-gredimos, aggredis, aggridem.* Como *aggredir* conjugam-se *prevenir, progredir, transgredir.*

4) *Cahir*

Indicativo presente—*Caio, cais, cai ; cahimos, cahis, cáem.* Como *cahir* conjugam-se *sahir, trahir.*

5) *Cortir*

Indicativo presente—*Curto, curtes, curte ; cortimos, cortis, curtem.* Como *cortir* conjugam-se *urdir, sortir.*

A respeito deste ultimo diz Francisco José Freire (1): "Neste verbo ha uma especial irregularidade que é causa de alguns erros, pronuncian-do-se em diversas pessoas e linguagens algumas vezes *sor*, e outra *sur*. "A regra dos orthógraphos para o acerto é que, quando depois do *t* se "seguir *i*, se diga *sor*, v. g. *sortiamos*, *sortis*, *sortia*, *sortias*, etc., e "quando depois do *t* se seguir *i*, se diga *sor*, v. g., *sortiamos*, *sortis*, *sor-tia* *sortias*, etc., e quando depois do *t* se seguir *a* ou *e*, se pronuncie *sur*; por exemplo *surta elle*, *surte*, *surtem*, etc.

6) Cobrir

Indicativo presente—*Cubro*, *cobres*, *cobre*; *cobrimos*, *cobris*, *cobrem*. Como *cobrir* conjuga-se *dormir*.

7) Conduzir

Indicativo presente—*Conduzo*, *conduzes*, *conduz*; *con-duzimos*, *conduzis*, *condusem*. Como *conduzir* conjugam-se todos os verbos terminados em *uzir*, ex.: «*Induzir*».

8) Frigir

Indicativo presente—*Frijo*, *freges*, *frega*; *frigimos*, *frigis*, *fregem*.

9) Ir

Indicativo presente—*Vou*, *vais*, *vai*, *vamos* ou *imos*, *ides*, *vão*. Indicativo imperfecto—*Ia*, *ias*, *ia*; *iamos*, *ieis*, *iam*. Indicativo aoristo—*Fui*, *foste*, *foi*; *fomos*, *fostes*, *fô-ram*. Imperativo—*Vai*; *ide*. Subjunctivo presente—*Va*, *vas*, *va*; *vamos*, *vades*, *vão*.

10) Medir

Indicativo presente—*Meço*, *medes*, *mede*; *medimos*, *me-dis*, *medem*. Como *medir* conjugam-se *ouvir*, *pedir*.

Sobre os pretendidos compostos deste ultimo diz Francisco José Freire (2): "*Despedir*: grande controversia ha sobre si se ha de dizer *eu me*

(1) *Reflexões sobre a lingua Portuguesa*, Lisboa, 1842, 2.^a parte, pag. 31.

(2) *Obra citada*, pag. 29.

despido, ou *eu me despeço*. Esta pronunção é do uso reinante, mas a primeira é não menos que de Vieira em mais de um lugar das suas obras. Na 5.^a pag. do tom. 1, escrevendo ao principe D. Theodosio, elle diz: “*Eia, meu principe, despida-se vossa alteza dos livros*” etc. No tom. 2.^o pag. 343, disse tambem: “*Com esta ultima advertencia vos despido, ou me despido de vós*” etc. Seguiu este classico a Duarte Nunes de Leão na sua *Orthographia*, o qual, fazendo, um catalogo de varias pronunciações que se deviam emendar, diz na pag. 70 *despido-me* e não *despeço-me*. Os rigoristas estão ainda pelos exemplos de Vieira e outros bons”. *Impedir* nos nossos melhores auctores acho-o conjugado: *Eu impido, tu impides, elle impide*, etc. Duarte Nunes, na *Origem da Lingua Portuguesa*, pag. 124 diz: “*Adherencia é a que entre nós impide fazer-se justiça*”. etc. Fundados neste exemplo e em outros de diversos classicos, especialmente de Vieira, é que ainda alguns não querem fazer irregular “este verbo, dizendo: *impido, impides, impei*” etc., como hoje diz a maior “parte dos modernos”.

Os verbos *despedir* e *impedir* só têm com *pedir* semelhança de forma: sua origem e sua significação são diversissimas das deste ultimo.

11) *Parir*

Indicativo presente—*Pairo, pares, pare; parimos, paris, parem*.

12) *Remir*

Indicativo presente—*Redimo, redimes, redime; remimos, remis, redimem*. Imperativo—*Redime; remi*.

13) *Rir*

Indicativo presente—*Rio, ris, ri; rimos, rides, riem*.

14) *Vir*

Indicativo presente—*Venho, vens, vem; vimos, vindes, vêm*. Indicativo imperfeito—*Vinha, vinhas, vinha; vinhamos, vinheis, vinham*. Indicativo aoristo—*Vim, vieste, veio; viemos, viestes, vieram*. Imperativo—*Vem; vinde*.

Observação n. 1) Os verbos compostos conjugam-se exactamente como os simples de que se derivam. Por não attenderem a isto é que pessoas, alias duntas, conjugam os verbos *avir* e *desavir* com as flexões de *haver*; dizendo "*Elle tem de se haver commigo—Os socios se deshouveram*" devendo ser "*Elle tem de se avir commigo—Os socios se desavieram*". Moraes e Constancio erram, procurando explicar a phrase incorrecta "*Have-lo com alguem*" a qual deve ser emendada "*Avil-o com alguem*".

Comprazer, prover, requerer affastam-se de seus simples *prazer; ver, querer*, como fica consignado na lista dos verbos irregulares da segunda conjugação.

Observação n. 2) Na conjugação dos verbos irregulares, attendam com muito cuidado ás regras seguintes:

- 1) Quando um verbo é irregular na forma da primeira pessoa do singular do indicativo presente, communica essa irregularidade a todas as formas do subjunctivo presente, ex.: «*Medir*» Indicativo presente—*Meço*, subjunctivo presente—*Meça, meças, meça; meçamos, meçais, meçam*.

Exceptuam-se *dar, estar, haver, ir, querer, saber*, que, fazem no indicativo presente—*dou, estou, hei, vou, quero, sei*, fazem no subjunctivo presente—*Dê, esteja, haja, vá, queira, saiba*, como ficou consignado nos logares respectivos.

- 2) Quando um verbo é irregular nas formas da segunda pessoa tanto do singular como do plural do indicativo presente, communica essa irregularidade ás formas das pessoas correspondentes do imperativo, ex.: «*Remir*». Indicativo presente, segunda pessoa do singular—*Redimes*; segunda pessoa do plural *remis*: Imperativo, segunda pessoa do singular—*Redime*; segunda pessoa do plural—*remi*.
- 3) Quando um verbo é irregular na forma da terceira pessoa do plural do indicativo aoristo, communica essa irregularidade as formas em *ra* do indicativo mais que perfeito e do condicional imperfeito, a todas do subjunctivo imperfeito e ás do subjunctivo futuro, ex.: «*Trazer*» Indicativo aoristo—*Trouxeram*, indicativo mais que perfeito, condicional imperfeito e subjunctivo imperfeito em *ra*—*Trouxera, trouxeras, trouxera; trouxeram, trouxereis, trouxeram*: Subjunctivo imperfeito—(1.^a forma) *Trouxes-se, trnuxessem, trouxessem; trouxessemos, trouxesseis, trouxessem*. Futuro—*Trouxer, trouxeres, trouxer; trouxemos, trouxerdes, trouxerem*.

- 4) Todos os verbos regulares e irregulares communicam o radical de suas fórmulas do infinito presente impessoal a todas as fórmulas do indicativo futuro, do condicional imperfecto e do Infinito presente pessoal, ex.: «*Valer*» Indicativo futuro—*Valerei, valerás, valerá; valeremos, valereis, valerão*: Condicional imperfecto—*Valeria valerias, valeria; valeríamos, valerieis, valeriam*: infinito presente pessoal—*Valer, valeres, valer; valermos, valerdes, valerem*.

Exceptuam-se *dizer, fazer trazer*, que, por uma contracção especial no indicativo futuro, fazem—*Direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão*: *Farei, farás, fará; faremos, fareis, farão*: *Trarei, trarás, trará; traremos, trareis, trarão*; e no condicional imperfecto—*Diria, dirias, diria; diríamos, dirieis, diriam*: *Faria, farias, faria; fariamos, farieis, fariam*: *Traria, trarias, traria; trariamos, trarieis, trariam*.

Observação n.º 3) Os verbos chamados por muitos grammaticos accidentalmente irregulares são verbos perfeitamente regulares: as suas pretendidas irregularidades desapparecem, si se presta a devida attenção ás regras da orthographia.

Sobre tal assumpto diz sensatamente Soares Barbosa (1). «Nunca se devem confundir as consonancias com as consoantes, isto é, os sons elementares das consoantes, com as letras consoantes que nossa orthographia usual empregou para os exprimir na escriptura. Si um som elementar sôa sempre o mesmo ao ouvido, quer se escreva de um modo, quer de outro, para que se ha de fazer da irregularidade da escriptura uma irregularidade na conjugação?

«Por exemplo: as letras *c, g*, ante de *a, o, u*, dão a mesma consonancia que *qu* e *gu* antes de *e* e *i*. Não se devia, portanto, dar por irregular uma caterva de verbos portuguezes terminados em *çar* e *gar*, como: *ficar, julgar*, etc, pela razão de nossa orthographia se servir, não já destas figuras, mas de *qu* e *gu*, para exprimir a mesma consonancia antes de *e* e *i* no perfeito (aoristo) *fiquei, julguei*, e no presente do subjunctivo *fique, julgue*, etc.

«Da mesma sorte a letra *g* antes de *e* e *i* representa ao ouvido a mesma consonancia que exprime o nosso *j* consoantes antes de qualquer vogal. Os verbos, pois, em *ger*, e *gir*, como *eleger, fingir*, e infinitos outros destas especie, não deviam ser contados por nossos grammaticos na

(1) Obra citada, pag. 187.

«classe dos irregulares, por se escreverem com *j* em lugar de *g*, quando «se lhe segue *a*, *o*, como: *elejo*, *eleja*; *finjo*, *finja*. A anomalia, assim como a analogia, está sempre nos sons da lingua, e não em sua orthographia e, si de uma cousa se póde argumentar para outra, é desta para «aquella e não daquella para esta. Só esta observação restitue á classe dos «regulares um grande numero de verbos, excluidos della sem razão por nos «sos grammaticos.

«Pelo mesmo principio já estabelecido, não são tambem irregulares os «verbos *attrahir*, *cahir*, e seus compostos *contrahir*, *distrahir*, *recahir*, etc., «*sahir*, e outros semelhantes. Porque si o *h*, com que ora se escrevem, é «para separar as duas vogaes em ordem a não fazerem diphthongo, e mostrar que o *i*, é longo e agudo, muito melhor faziam isto os nossos antigos dobrando o *i*, e escrevendo *caïr*, *saïr*; e nós ainda melhor, accentuando o mesmo *i*, deste modo “*caír*, *saír*”; e tirando o accento quando «faz diphthongo no presente do indicativo e do subjunctivo, como *caio*; «*cair*, *saio*, *saia*, etc.».

264. São defectivos

- 1) Os verbos *brandir*, *carpir*, *feder*, *fruir*, *fngir*, *ganir*, e *latir*, que se não empregam nas formas em que ao thema se deveria seguir *a* ou *o*. Assim, não se pode dizer—*brando*, *branda*; *carpo*, *carpa*; *fedo*, *feda*; *fruo*, *frua*; *fruo*, *frua*; *gano*, *gana*, *lato*, *lata*, etc.
- 1) Os verbos *abolir*, *adir*, *addir*, *banir*, *colorir*, *delinquir*, *delir*, *demolir*, *emollir*, *empedernir*, *exinanir*, *exaurir*, *extorquir*, *fallir*, *florir*, *munir*, *polir*, *renhir*, *retorquir*, *submergir*, que se não empregam nas formas em que ao thema se deveria seguir, *a*, *e*, *o*. Assim não se pode dizer *addo*, *ado*, *bana*, *demole*, etc.

O correctissimo escriptor, snr. Ramalho Ortigão, usou da fórma *colorem* do verbo *colorir*.

- 3) Os verbos *precauer* e *rehaver* que não são usados nas tres pessoas do singular e na terceira do

plural do indicativo presente ; no imperativo e no subjunctivo presente.

265. Muitos verbos têm dous participios aoristos, um regular e outro irregular; este ultimo é contracção do primeiro, ou então vem immediatamente do verbo latino. Os participios aoristos irregulares são mais usados como adjectivos verbaes, e por isso é que os vemos quasi sempre depois de *ser e estar*.

É digno de ler-se o que escreve Leoni (1) sobre este assumpto "Os participios, que tem fôrma regular, são geralmente os que se conjugam com os verbos *ter e haver*, porque denotam uma acção feita ou executada : pelo contrario os irregulares, sendo apenas meros adjectivos verbaes, designam sómente qualidade, como todos os adjectivos. Assim, não podemos dizer : *Temos afflicto* *alguem*, em vez de *temos affligido*: porque *afflicto* pôde ser um estado não promovido ou causado por outrem; e *affligido* quer dizer "*feito afflicto*"; pelo que "*Temos affligido*" significa *Temos feito o acto de affligir*, ou *temos feito com que* *alguem ficasse afflicto*".

1) Primeira conjugação.

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Acceitar,	Acceitado,	Acceito ;
Afeiçoar,	Afeiçoado,	Affecto ;
Annexar,	Annexado,	Annexo ;
Apromptar,	Apromptado,	Prompto ;
Arrebatár,	Arrebatado,	Rapto, <i>ant</i> ;
Bemquistar,	Bemquistado,	Bemquistado ;
Botar, <i>embotar</i> ,	Botado,	Bôto ;
Captivar,	Captivado,	Captivo <i>ou</i> Capto ;
Cegar,	Cegado,	Cego ;
Circuncidar,	Circuncidado,	Circumciso ;
Compaginar,	Compaginado,	Compacto ;
Completar,	Completado,	Completo,

1) *Genio da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1858, tom. I pag. 244.

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Concretar,	Concentrado,	Concreto ;
Condensar,	Condensado,	Condense ;
Confessar,	Confessado,	Confesso ;
Cultivar,	Cultivado,	Culto ;
Curvar,	Curvado,	Curvo ;
Densar,	Densado,	Denso ;
Descalçar,	Descalçado,	Descalço ;
Despertar,	Despertado,	Desperto ;
Dispersar,	Dispersado,	Disperso ;
Entregar,	Entregado,	Entregue ;
Enxugar,	Enxugado,	Enxuto ;
Estreitar,	Estreitado,	Estreito ;
Exceptuar,	Exceptuado,	Excepto, <i>usado hoje como preposição</i> ;
Excusar,	Excusado,	Excuso, <i>ant</i> ;
Exemptar,	Exemptado,	Exempto ;
Expressar,	Expressado,	Expresso ;
Expulsar,	Expulsado,	Expulso ;
Extremar,	Extremado,	Extreme, <i>ant</i> ;
Faltar,	Faltado,	Falto ;
Fartar,	Fartado,	Farto ;
Findar,	Findado,	Findo ;
Fixar,	Fixado,	Fixo ;
Ganhar,	Ganhado,	Ganho ;
Ignorar,	Ignorado,	Ignoto ;
Infectar,	Infectado,	Infecto ;
Infestar,	Infestado,	Infesto ;
Inficionar,	Inficionado,	Infecto ;
Inquietar,	Inquietado,	Inquieto ;
Juntar,	Juntado,	Junto ;
Lesar,	Lesado,	Leso ;
Libertar,	Libertado,	Liberto ;
Limpar,	Limpado,	Limpo ;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Livrar,	Livrado,	Livre ;
Malquistar,	Malquistado,	Malquistado ;
Manifestar,	Manifestado,	Manifesto ;
Misturar,	Misturado,	Misto ;
Molestar,	Molestado,	Molesto ;
Murchar,	Murchado,	Murcho ;
Occultar,	Occultado,	Occulto ;
Pegar,	Pegado,	Pégo ;
Professar,	Professado,	Professo ;
Quietar,	Quietado,	Quieto ;
Rejeitar,	Rejeitado,	Rejeito, <i>ant.</i> ;
Requisitar,	Requisitado,	Requisito ;
Safar, <i>tirar fóra</i> <i>ou desembaraçar,</i>	Safado,	Safo ;
Salvar,	Salvado,	Salvo ;
Seccar,	Seccado,	Secco ;
Segurar,	Segurado,	Seguro ;
Sepultar,	Sepultado,	Sepulto, <i>ant.</i> ;
Situar,	Situado,	Sito ;
Soltar,	Soltado,	Solto ;
Sujeitar,	Sujeitado,	Sujeito ;
Suspeitar,	Suspeitado,	Suspeito ;
Suxar,	Suxado,	Suxo ;
Vagar,	Vagado,	Vago ;
Voltar,	Voltado,	Vôlto.

2) Segunda conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Absolver,	Absolvido,	Absolto <i>ou</i> absoluto ;
Absorver,	Asorvido,	Absorto ;
Accender,	Accendido,	Acceso ;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Agradecer,	Agradecido,	Grato ;
Arrepender,	Arrependido,	Arrepeso <i>ant.</i> ;
Attender,	Attendido,	Attento ;
Bemquerer,	Bemquerido,	Bemquisto ;
Benzer,	Benzido,	Bento ;
Colher,	Colhido,	Colheito, <i>ant.</i> ;
Comer,	Comido,	Comesto, <i>ant.</i> ;
Conceder,	Concedido,	Concesso, <i>ant.</i> ;
Conhecer,	Conhecido,	Cognito ;
Conter,	Contido,	Conteudo, <i>ant.</i> ;
Convencer,	Convencido,	Convicto ;
Converter,	Convertido,	Converso ;
Corromper,	Corrompido,	Corrupto ;
Cozer,	Cozido,	Cozeito, <i>ou</i> coito, <i>ant.</i> ;
Defender,	Defendido,	Defeso ;
Desenvolver,	Desenvolvido,	Desenvolto ;
Despender,	Despendido,	Despeso, <i>ant.</i> ;
Deter,	Detido,	Deteudo, <i>ant.</i> ;
Dissolver,	Dissolvido,	Dissoluto ;
Devolver,	Devolvido,	Devolutto ;
Eleger,	Elegido,	Eleito ;
Encher,	Enchido,	Cheio ;
Escolher,	Escolhido,	Escolheito, <i>ant.</i> ;
Esconder,	Escondido,	Escuso ;
Escorrer,	Escorrido,	Escorreito, <i>termo</i> <i>popular</i> ;
Escurecer,	Escurecido,	Escuro ;
Extender,	Extendido,	Extenso ;
Immerger,	Immergido,	Immerso ;
Incorrer,	Incorrido,	Incurso ;
Interromper,	Interrompido,	IntERRUPTO, <i>pouco</i> <i>usado</i> ;

INF. PRE.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR
Involver,	Involvido,	Involto ;
Manter,	Mantido,	Manteudo, <i>ant.</i> ;
Nascer,	Nascido,	Nado <i>ou</i> nato ;
Pender,	Pendido,	Penso,
Perverter,	Pervertido,	Perverso ;
Prender,	Prendido,	Preso ;
Propender,	Propendido,	Propenso ;
Querer, <i>quêrer bem</i> ,	Querido,	Quisto ;
Reconhecer,	Reconhecido,	Recognito ;
Recozer,	Recozido,	Recoito, <i>ant.</i> ;
Refranger,	Refrangido,	Refracto ;
Remover,	Removido,	Remoto ;
Reprehender,	Reprehendido,	Reprehenso ;
Resolver,	Resolvido,	Resoluto ;
Reter,	Retido,	Reteudo, <i>ant.</i> ;
Retorcer,	Retorcido,	Retorto ;
Revolver,	Revolvido,	Revolto ;
Romper,	Rompido,	Rote ;
Solver,	Solvido,	Soluto ;
Submetter,	Submettido,	Submisso ;
Surprehender,	Surprehendido,	Surpreso ;
Suspender,	Suspendido,	Suspensio ;
Tanger,	Tangido,	Tacto ;
Tender,	Tendido,	Tenso ;
Ter,	Tido,	Teudo, <i>ant.</i> ;
Tolher,	Tolhido,	Tolheito, <i>ant.</i> ;
Torcer,	Torcido,	Torto ;
Volver,	Volvido,	Vôlto, <i>ant.</i> :

3) *Terceira Conjugação*

Abstrahir,	Abstrahido,	Abstracto ;
Adquirir,	Adquirido,	Acquisto ;
Affligir,	Affligido,	Afflicto ;

INF. PRES.	PAR. AOR. REG.	PART. AOR. IMP.
Aspergir,	Aspergido,	Asperso ;
Assumir,	Assumido,	Assumpto ;
Cingir,	Cingido,	Cincto,
Circumduzir,	Circumduzido,	Circumducto ;
Coagir,	Coagido,	Coacto ;
Compellir,	Compellido,	Compulso ;
Comprimir,	Comprimido,	Compresso ;
Concluir,	Concluido,	Concluso ,
Confundir,	Confundido,	Confuso ;
Contrahir,	Contrahido,	Contracto ;
Contundir,	Contundido,	Contuso ;
Convellir,	Convellido,	Convulso ;
Corrigir,	Corrigido,	Correcto ;
Diffundir,	Diffundido,	Diffuso ;
Diluir,	Diluido,	Diluto ;
Digirir,	Digerido,	Digesto ;
Dirigir,	Dirigido,	Directo ;
Distinguir,	Distinguido,	Distincto ;
Distrahir,	Distrahido,	Distracto ;
Dividir,	Dividido,	Diviso, <i>ponco usado</i> ;
Erigir,	Erigido,	Erecto ;
Excluir,	Excluido,	Excluso ;
Exhaurir,	Exhaurido,	Exhausto ;
Eximir,	Eximido,	Exempto ;
Expellir,	Expellido,	Expulso ;
Exprimir,	Exprimido,	Expresso ;
Extinguir,	Extinguido,	Extincto ;
Extorquir,	Extorquido,	Extorto ;
Extrahir,	Extrahido,	Extracto ;
Fingir,	Fingido,	Ficto ;
Frigir,	Frigido,	Frito ;
Haurir,	Haurido,	Hausto ;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Illudir,	Illudido,	Illuso ;
Incluir,	Incluido,	Incluso ;
Induzir,	Induzido,	Inducto ;
Infundir,	Infundido,	Infuso ;
Inserir,	Inserido,	Inserto ;
Instruir,	Instruido,	Instructo, <i>pouco</i> <i>usado ;</i>
Introduzir,	Introduzido,	Introducto ;
Obtundir,	Obtundido,	Obtuso ;
Omittir,	Omittido,	Omisso ;
Opprimir,	Opprimido,	Oppresso ;
Possuir,	Possuido,	Possesso ;
Recluir,	Recluido,	Recluso ;
Remittir,	Remittido,	Remisso ;
Repellir,	Repellido,	Repulso ;
Reprimir,	Reprimido,	Represso, <i>pouco</i> <i>usado ;</i>
Restringir,	Restringido,	Restricto ;
Submergir,	Submergido,	Submerso ;
Supprimir,	Supprimido,	Suppressor, <i>pouco</i> <i>usado ;</i>
Surgir,	Surgido,	Surto ;
Tingir,	Tingido,	Tincto.

266 Alguns verbos ha cujas fórmas regulares do participio aoristo antiquaram-se, servindo as irregulares tanto de adjectivos verbaes, como de verdadeiros participios na formação dos tempos compostos. São :

1) Primeira Conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
	<i>Antiq.</i>	<i>usado.</i>
Gastar,	Gastado,	Gasto ;
Agar,	Pagado,	Pago ;

2) Segunda conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG. <i>Antiq.</i>	PART. AOR. IRR. <i>usado.</i>
Escrever,	Escrevido,	Escripto ;
Descrever,	Descrevido,	Descripto ;
Prescrever,	Prescrevido,	Prescripto, etc.

3) Terceira conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG. <i>Antiq.</i>	PART. AOR. IRR. <i>usado.</i>
Abrir,	Abrido,	Aberto ;
Cobrir,	Cobrido,	Coberto ;
Descobrir,	Descobrido,	Descoberto ;
Encobrir,	Encobrido,	Encoberto ;
Imprimir,	Imprimido,	Impresso.

VI

ADVERBIO

267. No admittir graus de comparação (*lindamente, mais lindamente, lindissimamente, boamente, melhormamente, optimamente*) revela o adverbio ter sido palavra flexional nas antigas linguas indo-germanicas, fontes da portugueza. Como já ficou dito (184) marca elle a transição das palavras variaveis para as invariaveis.

Alguns adverbios, os adjectivos adverbiados e as locuções adverbias assumem flexões diminutivas para exprimir encarecimento, superlatividade, ex. : «*Levantei-me cedinho — Fallou baixinho — Estar de pésinho*».

SECÇÃO TERCEIRA

ETYMOLOGIA

268. *Etymologia* é o conjuncto das leis que presidem á derivação das palavras nas diversas linguas.

Lexicogenia seria termo preferivel a *Etymologia*. Comtudo este nltimo tem em seu favor desde seculos a consagração universal: não póde, pois, ser substituido.

Bem como as especies organicas que povôam o muntlo, as linguas verdadeiros organismos sociologicos, estão sujeitas á grande lei da lucta pela existencia, á lei da selecção. E é para notar-se que a evolução linguistica se effectua muito mais promptamente do que a evolução das especies: nenhuma lingua parece ter vivido por mais de mil annos, ao passo que muitas especies parece terem-se perpetuado por milhares de seculos.

É admiravel o seguinte confronto (1):

A SELECÇÃO

nas especies

- 1) As especies têm suas variedades, obra do meio ou de causas physiologicas.
- 2) As especies vivas descendem geralmente das especies mortas do mesmo paiz.
- 3) Uma especie em um paiz isolado passa por menos variações.
- 4) Variações produzidas pelo cruzamento com especies distinctas ou estrangeiras.
- 5) A superioridade das qualidades physicas que asseguram a victoria dos individuos de uma especie, causa da selecção.

nas linguas

- 1) As linguas têm os seus dialectos, obra do meio ou dos costumes.
- 2) As linguas vivas descendem geralmente das linguas mortas do mesmo paiz.
- 3) Uma lingua em um paiz isolado passa por menos variações.
- 4) Variações produzidas pela introdução de palavras novas, devidas ás relações exteriores, ás sciencias, á industria.
- 5) O genio litterario e a instrucção publica centralisada, causas da selecção.

(1) **Emile Ferrière**, *Le Darwinisme*, Paris, pag. 121 a 223.

nas especies

- 6) A belleza da plumagem ou a melodia do canto, causa da selecção.
- 7) Lacunas numerosas nas especies extinctas.
- 8) Probabilidade de duração de uma especie, em um numero dos individuos que a compõem.
- 9) As especies extinctas não reapparecem mais.
- 10) Progresso nas especies, pela divisão do trabalho physiologico.

nas linguas

- 6) A brevidade ou a euphonia, causa da selecção.
- 7) Lacunas numerosas nas linguas extinctas.
- 8) Probabilidade de duração de uma lingua, em o numero dos individuos que a fallam.
- 9) As linguas extinctas não reapparecem mais.
- 10) Progresso nas linguas pela divisão do trabalho intellectual.

CLASIFICAÇÃO GENEALOGICA

nas especies

- 1) Constancia de estructura; organs de alta importancia physiologica; organs de importancia variada.
- 2) Vestigios de estructura primordial: organs rudimentares ou atrophiados: estructura embryonaria.
- 3) Uniformidade de um conjuncto de caracteres.
- 4) Cadeia de affinidades nas especies vivas ou extinctas.

nas linguas

- 1) Constancia de estructura; radicaes de alta importancia; flexão de importancia variada.
- 2) Vestigios de estructura primordial: lettras rudimentares ou atrophiadas: phase embryonaria.
- 3) Uniformidade de um conjuncto de caracteres.
- 4) Cadeia de affinidades nas linguas vivas ou extinctas.

269. As palavras da lingua portugueza derivam-se:

- 1) de palavras da lingua latina considerada mãe;
- 2) de outras palavras da mesma lingua portugueza
- 3) de palavras de linguas estrangeiras antigas e modernas.

A lingua latina, transformando-se, produziu sete linguas chamadas *novo-latinas* ou *romanicas*—O *Portuguez*, o *Hespanhol*, o *Frances*, o *Provençal*, o *Italiano*, o *Latino* e o *Remano* (1).

270. O dominio actual (2) da Lingua Portugueza comprehende 18.050:000 pessoas em uma área territorial de 10.277:000 kilometros quadrados, assim distribuida pela America do Sul, Europa, Africa, Asia, e Oceania :

	Kilometros quadrados	Habitantes
<i>Norte</i> —Amazonas, Pará, Maranhão, Piahy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco.....	4.172:000	3.080:000
<i>Léste</i> —Alagôas, Sergipe, Bahia Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo.....	942:000	3.950:000
<i>Sul</i> —Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul...	536:000	750:000
<i>Centro</i> —Minas Geraes, Goyaz Matto Grosso.....	2.702:000	2.320:000
Reino Europeu, Madeira, Açores.....	93.000	4.700:000
Ilhas da Africa.....	4.000	150:000
Guiné Meridional (3).....	810.000	2.000:000
Moçambique.....	1.000:000	350:000
India.....	4:000	450:000
Macau e Timor.....	14:000	300:000
Totaes....	10.277:000	18.050:000

1) Hovelacque, *La Linguistique*, Paris, 1877, pag. 317.

2) Anno de 1884.

3) Na população que dão os documentos officiaes a esta região, bem como nas de Moçambique e de Timor, estão comprehendidas muitissimas tribus que não fallam portuguez. Seria talvez razoavel baixar o total a 16.000.000.

271. O estudo comparativo das linguas romanicas leva-nos ao conhecimento das leis gloticas que presidiram á evolução do Latim. No estado actual da sciencia physiologica é impossivel assignalar todas as causas que produziram taes leis. O que não soffre duvida é quanto contribuiu para ellas a influencia do meio, alliada ao pendôr que tem o homem, assim como todo o animal, para empregar o minimo esforço possivel na realisação de actos physiologicos (1). Por causa dessa tendencia, pronunciadissima nos climas enervadores dos paizes intertropicaes, é que as linguas européas tanto se têm abrandado e corrompido em certas partes da America.

272. Na passagem do Latim para Portuguez nota-se:

1) O principio biologico que, conjunctamente com a acção dos meios produz a contracção dos sons vogaes e a permutação das alterantes, chama-se o—*principio da minima acção*,—isto é do menor esforço para pronunciar.

Baseia-se neste principio a celebre— **Lei de Grimm**—que se pôde assim resumir: «Estando verificado, como está: que o alphabeto primitivo de nossos idiomas só comporta as alterantes—*k, g, gh; t, d, dh; p, b, bh; n, m; r, l; j, v; s*—segue-se que:

as — <i>sonoras,</i>	<i>surdas;</i>	<i>aspiradas,</i> — originaes
são — <i>surdas,</i>	<i>aspiradas</i>	<i>sonoras,</i> — em Gothico
e — <i>aspiradas,</i>	<i>sonoras,</i>	<i>surdas,</i> — em Alto Alemão.

Exemplo tomado dos sons dentaes :

Sanskrito	<i>Danta</i> (dente)
Latim	<i>Dentis</i>
Grego	<i>Odóntos</i>
Gothico	<i>Tunthus</i>
Inglez	<i>Tooth</i>
Alto Allemão	<i>Zande</i>
Allemão	<i>Zahn</i>

- 1) a persistencia do accento tonico : *fêmea* de *fêmi-na*, *hómem*, de *hómine*, *pálido* de *pállido* (1).

Esta é a grande lei da evolução glottica que deu o dominio romanico : pela persistencia do accento perpetuou-se o Latim nas suas sete filhas. Si se eliminasse das palavras romanicas o accento latino, originar-se-ia um cahos linguistico em que ninguem se poderia mais entender ; perder-se-ia de uma vez o fio conductor que levou Diez e Brachet ás suas maravilhosas descobertas ; extinguir-se-ia o germen de vida que deu Ascoli á Italia e Cœlho a Portugal.

- 2) a queda da voz livre não accentuada
- a) no principio das palavras *bispo* de *episcopo*, *relogio* de *horologio*.
 - b) no meio das palavras : bondade de *bonitate*, caldo de *calido*.

Esta syncope dá-se especialmente com a voz *i*, sendo rara com as outras.

- c) no fim das palavras : *amor amore* ; *tom tono*.
Esta apócope dá-se com as vozes *e* e *i* depois das modificações *c*, *b*, *m*, *n*, *r*. Com *u* é ella rara.

- 3) queda de modificações vocaes e até de syllabas inteiras.

- a) no principio das palavras : *irmão* de *germano*.

Esta aphérese é rarissima.

- b) no meio das palavras ; *boi* de *bove*, *dedo* de *digito*, *dono* de *domino*, *vêa* (*veia*) de *vena*, *mãe* de *matre*.

(1) Para exemplos de derivação de substantivos e adjectivos empregamos o ablativo singular da declinação latina.

Esta syncope dá-se especialmente com as modificações *b, d, g, (gh), l, n, r, v*; com o grupo *tr* e com as syllabas em que entram taes elementos.

c) no fim das palavras : *si* (*sim*) de *sic*, de *ad*, *vime*, de *vimine*.

Esta apócope dá-se especialmente com as modificações *c, d, m, n, t*, e com as syllabas em que entram taes elementos:

4) conversão das vozes tónicas

- a) *e* em *i* : *migo*, de *mecum*, *sigo* de *secum*, *sigo* (verbo) de *sequor*, *tigo* de *tecum*.
- b) *i* em *e* : *cedo* de *cito*, *pero* de *piro*.
- c) *o* em *u* : *cumpro* de *compleo*.

E' rara esta conversão.

d) *u* em *o* : *copa* de *cupa*, *lupo* de *lupo*.

5) conversão das vozes atónicas

- a) *a* em *e* : *espargo* de *aspárago*.
- b) *a* » *i* : *Ignes* » *Agnes*
- c) *e* » *o* : *Oruga* » *erúca*.
- d) *e* » *ou* : (por attracção) : *ouriço* de *ericio*.
- e) *i* » *é* : *gengiva* » *gingiva*.
- f) *o* » *e* : *escuro* » *obsúro*
- g) *u* » *o* : *ortiga* » *urtica*
- h) *u* » *ou* : *ourina* » *urina*

6) conversão dos diphthongos

- a) *ae* em *e* : *Cesar* *Cæsar*.
- b) *au* em *a, o, ou, ou io* : *Agosto* de *Augusto*; *pobre* de *paupere*; *mouro, moiro*, de *mauro*; *ouro, oiro*, de *auro*.

7) conversão em *j* da voz livre quando posto antes

de outra também livre: *jeraxchia* de *hierarchia*; *Julio* de *Iulio*.

8) abrandamento das modificações vocaes fortes, especialmente

a) de *b* em *v*: *arvore* de *arbore*, *java* de *faba*:

b) de *c* em *g*: *gruta* de *crypta*, *lago* de *lacu*.

c) de *f* em *v*: *ourives* de *aurifice*, *Estevam* de *Stephano*.

d) de *n* em *l*: *alma* (álíma) de *anima*, *alimaria* de *animalia*.

e) de *p* em *b*: *lobo* de *lupo*, *pobre* de *paupere*.

Por meio de uma forma intermedia em *b*, *p*, transforma-se em *v*: *escova* de *scopa* por meio de *scoba*; *povo* de *pobo* (forma antiga) e de *popolo*, *poblo* formas conjecturaes. Compare-se o Hespanhol *pueblo*. Este abrandamento é raro.

f) de *t* em *d*: *roda* de *rota*, *vide* de *vile*.

9) reforço das modificações vocaes brandas, especialmente de *l* por *d*: *escada* de *scala*, *deixar* de *leixar*, forma intermédia de *laxare*.

10) dissimilação de modificações para evitar que sejam repetidas na mesma palavra. Faz-se:

a) convertendo uma modificação vocal em outra da mesma classe: *alvitre* de *arbitrio* (*r* em *l*); *marmelo* de *melimelo* (*l* em *r*); *rouxinol* de *lusciniolo* (*l* em *r*).

b) supprimindo uma modificação vocal: *prôa* de *prora* (supressão de *r*), *frade* de *fratre* (supressão de *r*).

11) degeneração

a) de *c* (*k*) em *s*: *cera* (pronuncia-se *sera*) de *cera* (pronuncia-se *kera*); *Cícero* (pronuncia-se *Sí-cero*) de *Cícero* (pronuncia-se *Kíkero*).

b) de *g* (*gh*) em *j*: *gente* (pronuncia-se *jente*) de

- gente* (pronuncia-se *ghente*); *giro* (pronuncia-se *giro*) de *gyro* (pronuncia-se *ghiro*).
- c) de *s* em *z*: *casa* (pronuncia-se *casa*) de *casa* (pronuncia-se *cassa*); *rosa* (pronuncia-se *rosa*) de *rosa* (pronuncia-se *rossa*).
- d) de *x* (*cs*) em *z*: *exame* (pronuncia-se *esame*) de *examine* (pronuncia-se *egxamine*).
- e) de *x* (*cs*) em *x* (*ch*): *luxo* (pronuncia-se *lucho*) de *luxu* (pronuncia-se *lucsu*).
- f) de *ti* em *ç*: *nação* de *natione*, *Horacio* de *Horatio*.
- 12) conversão de modificações geminadas em molhadas; especialmente
- a) de *ll* em *lh*: *galha* de *galla*, *centelha* de *scintilla*.
- b) de *nn* em *nh*: *grunhir* de *grunnire*, *pinha* de *pinna*.
- 13) desaparecimento da primeira de duas modificações que actuam sobre a mesma voz: *augmento* (pronuncia-se *aumento*) de *augmento*; *recto* (pronuncia-se *réto*); *psalmo* (pronuncia-se *salmo*) de *psalmo*),
- 14) dissolução em voz livre da primeira de duas modificações que actuam sobre a mesma voz.

A modificação dissolvida fica formando dipthongo com a voz precedente, *C*, *g*, *l*, *p*, iniciais de grupos modificativos dissolvem-se em *i*: *noite* de *nocte*; *reinar* de *regnare*; *buitre*, *escutar* (fórmula antiga e usada ainda no Brasil), *fruta* (fórmula antiga e ainda usada no Brasil), *muito*; de *vulture*, *ascultare*, *fructu*, *multu*; *conceito* de *concepto*. *X* divide-se em *cs*; *c* dissolve-se em *i*, e *s* assume a fórmula gráfica de *x* com valor de *ch*: *eixo* de *axe*, *teixo* de *taxo*. O mesmo acontece com os grupos *ct*, *ps*, *sc*, *ss*: *feito* de *facto*, *caixa* de *capsa*, *feixe* de *fasce*, *paixão* de *passione*.

Sobre a voz que precede a modificação dissolvida ha a notar

- a) a voz *a* antes de *i* resultante da dissolução de *p* (grupo

ps) e de *s* (grupo *ss*) fica inalterada: *caixa* de *capsa*, *paixão* de *passione*.

b) a voz *a* antes de *i*, resultante da dissolução de *e* (grupos *cs=x* e *cl*) e de *s* (grupo *sc*) converte-se em *e* e fórma o diphthongo *ei*: *teixo* de *taxo*, *feito* de *facto*, *feixe* de *fasce*.

c) a voz *a* antes de *i*, resultante da dissolução de *l*, converte-se em *o*, formando o diphthongo *oi*: *coice* de *calce*; *foice* de *falce*.

Na mór parte dos casos, a dissolução depois de *o*, além de ser em *i* póde também ser em *u*: *noite* ou *noute*, *coice* ou *couce*, *foice* ou *fouce*. Todavia ha fórmimas immoveis consagradas pelo uso; diz-se sempre *oito* e não *outo*; *Outubro*, *douto* e não *Oitubro*, *doito*.

Depois de *u* é rara a dissolução de *c* em *i*; todavia ha exemplos, como os acima citados *escuitar*, *fruito* que se encontram em Camões e são vigentes no Brazil.

Neste caso de dissolução a voz precedente *u* converte-se por vezes em *o*: *aloitar*, *loitor* (em Portuguez antigo, no dialecto Gallego e ainda hoje no interior do Brazil) por *luctar* de *luctare*.

15) conversão em *ch* dos grupos iniciaes *cl*, *fl*, *pl*: *chave* de *clave*; *chamma* de *flamma*; *chuva* de *pluvia*.

Para comprehender-se como estes grupos latinos puderam dar a modificação *ch*, o unico meio é recorrer á comparação com as outras linguas romanicas.

Os grupos iniciaes *cl*, *fl*, *pl*, em Francez permanecem inalterados—*clef*, *flamme*, *pluie*; em Hespanhol converte-se em *ll*—*llave*, *llama*, *lluvia*; em Italiano o segundo elemento (*l*) dissolve-se em *i*—*chiave*, *flamma*, *pioggia*. Esta ultima lingua permite-nos organizar o seguinte esquema (1) em o qual a transformação gradativa pode ser seguida pela vista.

(1) No esquema está *c* substituido por *k*: de facto, *k* é sempre o representante do *c* latino, e a lettra *c* nas linguas románicas symbolisa diversas modificações (*k*; *s*, *tch*).

<i>kl</i>	<i>fl</i>	<i>pl</i>
<i>ki</i>	<i>fi</i>	<i>pi</i>
<i>kj</i>	<i>fj</i>	<i>pj</i>
<i>j</i>	<i>j</i>	<i>j</i>
<i>ch</i>	<i>ch</i>	<i>ch</i>

Nos tres grupos *l* dissolve-se em *i*; por sua vez *i* transforma-se em *j*; *j* repelle o primeiro elemento (*k*, *f*, *p*), e toma o som que tem em Gallego (*Xente*, *Xaneiro*, *Xunho*, *Xuiz*) representado graphicamente por *ch*.

Robustecem ainda esta theoria as formas castelhanas *jaga*, *jano*, *jeno*; em Portuguez *chaga*, *chão*, *cheio*; em Hespanhol classico *llaga*, *llano*, *lleno*; em Italiano *piaga*, *piano*, *pieno*; em Francez *plaie*, *plain*, *plein*; em Latim *plaga*, *plano*, *pleno*. A consanguineidade das formas portuguezas *chaga*, *chão*, *cheio* com as castelhanas *jaga*, *jano*, *jeno*, além de ficar phonicamente estabelecida a uma simples audição, prova-se tambem historicamente. Em um praso do seculo XIV (1) lê-se "*Ua fila de Margarida que jamam Luzia, que traga com elles este herdamento*".

16) conversão do grupo medio *ct* em *ch* nas palavras *cacho* de *cacto* (2), *colcha* de *culc'ta*, *trecho* de *tracto*.

17) conversão em *lh* dos grupos medios

a) *bl*: *ralhar* de *rab'lare* (rabulare), *trilhar* de *trib'lare* (tribulare).

1) **Santa Rosa de Viterbo**, *Elucidario*, artigo *jamar*.

2) Esta é a primeira vez que apparece a verdadeira etymologia da palavra portugueza *cacho*. Moraes nada diz sobre a derivação de tal palavra; o douto organizador do *Diccionario de Fr. Domingos Vieira* ensina que é ella de origem duvidosa; Diez (*Worterbuch der Romanischen Sprachen*) propõe *cap'lare* (*capulare*). Constancio a deriva de *acinus*!!! O maior mestre actual da philologia portugueza, o colendo sr. Adolpho Coelho, entende que *colcha* e *trecho* são os casos unicos da conversão do grupo medio *ct* em *ch*.

Colcha e *trecho* auctorisam-nos a derivar *cacho* de *cacto* (*Kaktos*), palavra grega que significa **Alcachofra**, e que Plinio (2r, 16, 57) empregou em Latim como nome de uma planta siciliana «que tem caules sahidos da raiz e alastrados pelo chão.

- b) *cl*: *espelho* de *spec'lo* (*speculo*), *olho* de *ocl'o* (*oculo*).
- c) *gl*: *coalhar*, de *coag'lare* (*coagulare*), *telha* de *teg'la* (*tegula*).
- d) *pl*: *escolho* de *scop'lo* (*scopulo*) *manolho* (*manojo*, Brazil) de *manup'lo* (*manupulo*, *manipulo*).
- e) *sl*; *ilha* de *is'la* (*insula*).

E' o unico exemplo do caso. Comparece o Francez *île* (*isle*),

- f) *tl*: *rolha* de *rot'la* (*rotula*), *velho* de *vet'lo* (*vetulo*).

A par destes encontram-se outras fórmãs diversas, derivadas destes mesmos grupos, por exemplo:

- a) *bl*: *diabo*, *diacho*, *dianho* (S. Paulo) assim como a forma regular *dialho* (Minas),
- b) *cl*: *mancha* a par de *malha* de *mac'la* (*macula*).
- c) *gl*: *tecla* a par de *telha* *teg'la* (*tegula*; *regra* a par de *relha* de *reg'la* (*regula*).
- d) *pl*: *ancho* de *amplo*. A causa desta anomalia é a nasalidade da syllaba que precede o grupo; seria difficil, não impossivel, pronunciar satisfactoriamente *lh* depois de *m* ou *n*. *Encher* de *implere*; esta é uma palavra composta: raiz *ple* de *plere* (*thema*), *in* prefixo. Reduz-se, pois, a um simples caso da regra acima (16) sobre *pl* inicial.
- e) *tl*: *rolo*, *rol* de *rot'lo* (*rotulo*).

18 inserção de um *b* euphonico entre os elementos *m* e *r* do grupo *mr*, resultante da queda de uma voz: *lembrar* (*nembrar* antigo) de *mem'ra-re* (*memorare*), *hombro* de *hom'ro* (*humero*).

Compare-se *combro* de *cum'lo* (*cumulo*) *numbro* popular por *numero* de *num'ro* (*numero*); *semblante* (*seibrante*) antigo de *sim'lante* (*similante*).

A acção da mór parte das leis exaradas acima escapam muitos casos que, longe de serem excepções, são exem-

plos de leis mais particulares que não cabe aqui registrar.

19) a obliteração do genero neutro.

20) o apparecimento dos artigos *o, a, os, as, um, uma, uns, umas*.

21) a supressão dos casos e a passagem da declinação para o estado analytico por meio de preposição ex.:

<i>O (os) servo, os</i>	} em vez de }	<i>Servus, i</i>
<i>do (dos) servo os</i>		<i>servi, orum</i>
<i>ao (aos) servo, os</i>		<i>servo, is</i>
<i>o (os) servo, os</i>		<i>servum os</i>
<i>ó servo, os</i>		<i>serve. i</i>
<i>pelo (pelos) servo, os</i>		<i>servo. is</i>

22) a passagem da conjugação para o estado analytico por meio de auxiliares, ex.:

<i>Eu terei amado</i>	} em vez de }	<i>Amavero</i>
<i>eu teria amado</i>		<i>amavissem</i>
<i>eu sou amado</i>		<i>amor</i>
<i>eu serei amado</i>		<i>amabor</i>

23) construcção direita da phrase na ordem logica actual do pensamento, ex.:

<i>Escreverei a vida de D. João de Castro, varão ainda maior que o seu nome maior que as suas victorias.</i>	} confrontado a }	<i>Facturusne opera pretium</i>
		<i>sim, si a primordio Urbis res Populi Romani perscripserim, nec satis scio, nec si sciam dicere ausim.</i>

I

SUBSTANTIVO

§ 1.º

Substantivos portuguezes derivados de substantivos latinos

273. Os substantivos portuguezes derivam-se dos substantivos latinos em ablativo do singular ex.: «*Filha, servo, idade, exercito, especie*» vêm de «*Filia, servo, ætate, exercitu, specie*».

À medida que a linguagem latina popular foi desconhecendo a importância dos casos, foram-se estes reduzindo aos que, com mais sensível diferença de flexão, exprimiam as relações mais urgentes do pensamento. Por preencher a ambos estes requisitos triumphou o ablativo. Mas, que aconteceu com relação ao plural? A ignorancia do povo, ou antes, o seu bom senso, não se podia accommodar, com fórmulas diversísimas e, na apparencia, irregulares—*Filiabus, servis, ætatibus, exercitibus, speciebus*. Foi pois, adoptada a mais regular, a mais homologa, a menos complexa de todas, o accusativo plural, cuja flexão resumia-se quasi sempre em accrescentar um simples *s* ao ablativo singular—de *Filia*, de *servo*, *servos*, de *ætate*, *ætates*, de *exercitu*, *exercitus*, de *specie*, *species* (1).

(1) Quer Diez (*obra citada*, vol. II pag. 3 e seguintes) que o caso gerador dos nomes romanicos tenha sido o accusativo. Sobre o plural, não ha duvida, foi. Quanto ao singular, as considerações do douto mestre tanto se applicam ao accusativo, como ao ablativo. O que elle diz dos nomes neutros *fel, mel, corpus, pectus* em portuguez *fel, mel, corpo, peito* é justo: não podiam vir do ablativo, mas podiam vir do nominativo, e o proprio Diez o reconhece em relação a substantivos masculinos e femininos do Italiano e do Rumeno.

O que dá ganho de causa ao ablativo, que aliás satisfaz as exigencias, são as formas ablativas (atinas *meum, tecum, secum* que passaram agglutinadas com a preposição para o Italiano, para o Hespanho) para o Portuguez.

Os nomes acabados em *ão* constituem á primeira vista uma excepção a esta regra tão simples e tão logica da formação do plural. Basta, porém, um olhar aos seguintes esquemas para que resalte a perfeita regularidade do que é apparentemente uma irregularidade.

	Terminação singular do substantivo popular la- tino	Terminação plural do substantivo popular la- tino	Terminação singular do substantivo portuguez	Terminação plural do substantivo portuguez
<i>Ancião ..</i>				
<i>castellão</i>				
<i>cortezão</i>				
<i>grão</i>				
<i>irmão....</i>				
<i>vão.....</i>	ane	anos	ão	ãos

O *n* não se perdeu na passagem do Latim popular para o portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til (Vide 55).

	Terminação singular do substantivo latino	Terminação plural do substantivo latino	Terminação singular do substantivo portuguez	Terminação plural do substantivo portuguez
<i>ção.....</i>				
<i>pão.....</i>	ane	anes	ão	ães

Tambem neste caso não se perdeu o *n* ao passar o Latim popular para o Portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til.

Resta agora saber como a terminação *ane* do singular se converteu em *ão*. A terminação *ane* pela queda do *e* final reduziu-se a *an*, e este som era representado por *am*, ex.: «*Cam, pan,*». Ora, mais tarde *am* leu-se *ão*, e dahi resultou a confusão e a homologação de fórmulas diversas por origem (1).

(1) O facto de terem muitos nomes em *ão* pluraes anti-historicos e até mais de um plural, vem de que as combinações *am* e *om*, com que se representavam os derivados de substantivos de baixa latinidade em *ane*, *ane* e *one*, passaram com o volver de tempo a serem lidas da mesma maneira *ão*.

<i>acção</i>	Terminação	Terminação	Terminação	Terminação
<i>dicção</i>	singular do	plural do	singular do	plural do
<i>facção</i>	substantivo	substantivo	substantivo	substantivo
<i>habitação</i> ..	popular la-	popular la-	portuguez	portuguez
<i>prelecção</i> ..	tino	tino		
<i>supposição</i>				
etc.....	one	ones	ão	ões

Ainda neste terceiro caso não se perdeu o *n* ao passar o Latim popular para Portuguez: existe como nasalção do *a*, e é representado graphicamente pelo *til*.

A conversão de *one* em *ão* é devida á mesma causa acima exposta. *One* pela queda de *e* final reduziu-se a *on*, orthographado *om*, e lido *ão*. O plural, pois, em *ãos*, *ães*, *ões*, em vez de ser uma anomalia, é o fio que tem o linguista para penetrar neste labyrintho etymologico.

Dos tres generos que havia em latim, masculino, feminino e neutro, só os dous primeiros passaram para o Portuguez; e o neutro obliterou-se.

Eis em resumo a analyse destes factos:

- 1) Os substantivos latinos masculinos conservaram-se masculinos em Portuguez: assim *Mundus*, *murus*, *filus* deram *Mundo*, *muro*, *filho*. Os substantivos femininos portuguezes *Côr*, *dôr*, *flôr* vêm dos masculinos latinos *Color*, *dolor*, *flos*: esta anomalia é devida á influencia do Francez, em que só com tres excepções são femininos os substantivos de cousas inanimadas, derivadas de substantivos latinos masculinos em *or*. Na palavra *Houira* mudou-se o genero do radical *Honor* por influencia da terminação accidental feminina *a*.
- 2) Os substantivos latinos femininos conservaram-se femininos em Portuguez: assim *Rosa*, *luna*, *filia* deram *Rosa*, *lua*, *filha*.
- 3) Os nomes neutros latinos filiaram-se em Portuguez, ora entre os masculinos, ora entre os femininos.

O povo romano não conservou por muito tempo a intuição das razões que o tinham levado a dar de preferencia o genero neutro a *taes* ou *taes* substantivos: pouco a pouco os substantivos neutros se foram passando para o genero masculino. Este erro, que os grammaticos romanos consignam como usual sob o Imperio encontra-se frequentemente nas in-

scripções, em que gravadores ignorantes pozeram «*Templus, membrus, brachius*» em vez de «*Templum, membrum, brachium*». Dahi os masculinos portuguezes «*Templo, membro, braços*». Mais tarde, por occasião da queda do Imperio, a força sempre crescente da analogia deu logar a um engano ainda mais grosseiro; tomou-se o plural neutro em *a* por um nominativo singular da primeira declinação, e assim «*Folia, pira, poma*», pluraes de «*Folium, pirum, pomum*», foram declinados como *rosa*, apparecendo em certos textos de Latim merovingio fórmas monstruosas como *Pecoras, folias*, etc. Por isto é que temos em Portuguez os substantivos femininos «*Folha, pera, poma*, etc., derivados dos substantivos «*Folium, pirum, pomum*, etc.»

§ 2.º

Substantivo derivados de palavras da lingua portugueza

274. Além dos substantivos que constituem o fundo do Portuguez e dos de technologia moderna, que se vão multiplicando com o progredir das sciencias, outros ha que se derivam quotidianamente dos substantivos, adjectivos, e verbos já existentes na lingua.

Affixos

275. Com as palavras existentes consideradas como radicaes (Vide 183) formam-se novas palavras por meio de affixos.

276. *Affixo* é a palavra que ajunctada a uma palavra já existente ou ao seu thema, modifica-lhe a significação por meio de uma idéia accessoria que lhe accrescenta, ex.: «de *Fórma, refórma* (fórma nova)—de *guerra, guerreiro* (homem que faz a guerra)».

277. Dividem-se os affixos em prepositivos (que se põem antes do thema) e pospositivos (que se põem depois do thema).

278. Os affixos prepositivos chamam-se *prefixos*; os pospositivos chamam-se *suffixos*.

Prefixos ha que não alteram a significação do thema; chamam-se *expletivos*, ex.: «*Atambor*».

279. As palavras formadas de outras por meio de affixos chamam-se *derivadas-compostas*.

Prefixos

280. Os prefixos portuguezes são tomados em sua quasi totalidade do Latim e do Grego.

281. Alguns são tomados do Latim com pequena alteração, e outros sem nenhuma.

- 1) *a* (expletivo)—*Abarracamento*, *ametade*.
- 2) *a*, *ab*, *abs*, (apartamento)—*Aversão*, *abjuração*, *abstracção*.
- 3) *a*, *ad*, (logar onde, com palavras que significam estado, quietação; logar para onde, com palavras que exprimem tendencia, movimento)—*Abordagem*, *adjuncção*.

Antes de *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*.—*ad* homóloga o *d*, ex.: «*Accaso*, *affeição*, *aggravação*, *allusão*, *annuncio*, *approvação*, *arumação*, *accenso*, *atenção*».

- 4) *ante* (situação anterior, prioridade de tempo)—*Antebraço*, *aute-manhã*.
- 5) *bem* (exitos feliz, perfeição) — *Bemaventurança*, *bemcasado*, *bemfettoria*.
- 6) *bis* (repetição)—*Bisavô*, *bisseccão*.
- 7) *circum* (contorno)—*Circumferencia*, *circumloquio*.

Antes de letra vogal *circum* deixa cahir o *m*; ex.: «*circuitos*», conserva-o todavia em «*circumambiente*».

- 8) *com* (concurso, concomitancia) — *Coacção, conjectura, compaixão,*

Com

- a) antes do *b, m, p* conserva-se inalterado, ex.: «*Combatimento, commettimento, compadre*».
 b) antes de *c, d, f, g, j, n, q, s, t, v* muda o *m* em *n*, ex.: «*Concordia, conducção, confrade, conglobação, conjuiz, connexão, conquista, consogro, conturbação, convergência*».
 c) antes do *l* e *r* homóloga o *m*, ex.: «*Collocação correlação*».
 d) antes de letra vogal deixa cair o *m*, ex.: «*Coherdeiro, cooperação*».

- 9) *contra* (situação fronteira, opposição) — *Contrabateria, contrabando.*

- 10) *de* (principio, origem) — *Decurso, degradação.*

- 11) *des* (negação) — *Desfavor, desventura.*

- 12) *dis* (separação) — *Discordancia, disjunção.*

Dis

- a) antes de *c, p, s, t*, conserva-se inalterado, ex.: «*Discrepancia, disposição, dissecação, distracção*».
 b) antes de *f* homóloga o *s*, ex.: «*Diffamação, diffusão*».
 c) antes de *g, l, m, r, v* deixa cair o *s*; ex.: «*Digestão, diluvio, dimensão, directoria, diversão*».

- 13) *e* (extracção) — *Elucidação, emersão.*

- 14) *ex* (logar donde, cessação) — *Extracção, exuberancia.*

Antes de *f* — *ex* homóloga o *x*, ex.: «*Efeito*» Converte-se frequentemente em *is*, ex.: «*Isenção*».

- 15) *in* (logar onde, com palavras que significam esta-

do, quietação ; logar para onde, com palavras que significam tendencia, movimento ; negação)—*Inci-são ; influencia, injustiça.*

In

- a) antes de *b*, *p* muda o *n* em *m*, ex.: «*Imbibição, impiedade.*»
- b) antes de *l*, *m*, *r*, homóloga o *n*, ex.: «*Illapso. immundicie, ir-ruptão.*»
- c) *in* as mais das vezes converte-se em *en* e antes de *b*, *m*, *p*, em *em*, ex.: «*Encarcimento, embaraço, emmadeiramento, empino.*»

16) *inter* (situação media)—*Interposição, intersecção.*

Inter, as mais das vezes converte-se em *entre*, ex.: «*Entrecasca, entreferro.*»

17) *intro* (tendencia para logar interno) — *Introdução, introversão.*

18) *mal* (mau exito, imperfeição)—*Malandança, malfeitoria.*

19) *manu* (obra de mãos) — *Manufatura, manuscripto.*

Manu converte-se algumas vezes em *mam* e *maní*, ex.: «*Mam-posteiro, manistergio.*»

20) *meio* (dimidiação)—*Meiodia, meio relevo.*

21) *não* (negação)—*Não-conformidade, não razão.*

22) *ob* (situação fronteira, opposição)—*Objecto, obstaculo.*

Ob antes de *e*, *f*, *p* homóloga o *b*, ex.: «*Occurrencia, officio, oppugnação.*»

- 23) *per* (logar por onde, superlatividade)—*Perseguição, perfeição*.
- 24) *post* (sucessão)—*Postcommunio, posthumaria*.
- Antes de letras alterantes *post*, as mais das vezes, deixa cair o *t*, ex.: "*Pospello, posposição*".
- 25) *pre* (antecedencia)—*Preposição, previsão*.
- 26) *preter* (omissão, excesso)—*Prétermissão, preternaturalidade*.
- 27) *pro* (patrocínio, substituição)—*Promoção, pro-notario*.
- 28) *re* (repetição, regresso)—*Retoque, repulsão*.
- 29) *retro* (regresso) *Retrogradação*.
- 30) *salvo, a* (isenção)—*Salvoconducto, salvaguarda*.
- 31) *se* (apartamento)—*Seducção, segregação*.
- 32) *semi* (demidação)—*Semicirculo, semicupio*.
- 33) *soto, a* (inferioridade)—*Sotomestre, sotavento*.
- 34) *sub* (inferioridade)—*Subchefe, submissão*.

Antes de *c, f, g, p*—*sub* homóloga o *b*, ex.: "*Succursál, sufusão, suggestão, supposição*". Converte-se frequentemente em *soc, sof, sor*, com o *b* homológado, ex.: "*Soccorro, soffrimento, sorriso*"; ainda nesta conversão perde algumas vezes o *b*, ex.: "*Socava*".

- 35) *subter* (inferioridade)—*Subterfujo*.
- 36) *super* (superioridade)—*Superabundancia, superfluidade*.
- 37) *trans* (mutação, passagem)—*Transfiguração, transgressão*.

Trans converte-se frequentemente em *tra, tras, tres*, ex.: "*Tradução, Trasladação, tresvário*". Antes de *s*, deixa cair o *s*, ex.: "*Transcrição*".

38) *tris* (triplicação)—*Trisavô*.

Antes da lettra alterante *tris* deixa cahir s. ex.: «*Trifolio*».
 Converte-se frequentemente em *tres*, ex.: «*Tresbordo*».

39) *ultra* (situação além, excesso)—*Ultramar*, *ultraromantismo*, *ultramontano*.40) *vice* (substituição com inferioridade)—*Vice-al-mirante*, *vice-rei* (antigamente *viso-rei*).

Vice deixa ás vezes cahir o e, mudando o c, em s, ex.:
 «*Visconde*».

282. São tomados do Grego

- 1) *a* ou *an* (privação)—*Aphonia*, *anarchia*.
- 2) *amphi* (dualidade)—*Amphisbena*.
- 3) *ana* (elevação)—*Analogia*.
- 4) *anti* (oposição)—*Antipathia*.
- 5) *apo* (apartamento)—*Apogéo*.
- 6) *cata* (abaixamento)—*Catastrophe*.
- 7) *dia* (intermediação)—*Diametro*.
- 8) *ec* ou *ex* (apartamento)—*Extasis*, *exodo*.
- 9) *en* (tendencia)—*Enema*.
- 10) *endo* (internação)—*Endosmose*.
- 11) *epi* (superposição)—*Epilogo*.
- 12) *exo* (externação)—*Exosmose*.
- 13) *hyper* (excesso)—*Hyperbole*.
- 14) *hypo* (submissão)—*Hypothese*.
- 15) *meta* (transposição)—*Metathese*.
- 16) *para* (cognação)—*Paraphrase*.
- 17) *peri* (circuito)—*Perimetro*.
- 18) *pro* (anteposição)—*Prothese*.
- 19) *pros* (tendencia)—*Prosphonéma*.
- 20) *syn* (conjunção)—*Syntaxe*.

Antes de *l* e *n*—*syn* homóloga o *n*, ex.: «*Syllaba, symmetria*». Antes de *b* e *p* converte-se o *n* em *m*, ex.: «*Symbolo, sympathia*».

Suffixos

283. Os suffixos portuguezes são numerosos, uns derivados das fórmulas latinas, outros das formas augmentativas, diminutivas e pejorativas da própria lingua. Destes ultimos já tudo ficou dito na *Kampenomia* (230 a 240).

A) Suffixos que se juntam ao radical de substantivos.

- 1) *aço*; para nomes que exprimem percussão, golpe. ex.: «*Lançaço, pistolaço*».

Esta formação é muitissimo usada no Rio Grande do Sul, por influencia do Hespanhol das republicas limitrophes.

- 2) *ada*: para a maior parte dos nomes que exprimem a idéia de percussão e acto, como: «*Estlocada, facada, pedrada, rapaziada*».

Este suffixo é muito peculiar a lingua portugueza, no sentido indicado. Exprime tambem a idéia de porção, e de tempo, ex.: *Alvorada, barrigada, caldeirada, mesada, noitada, pratada, temporada, tigellada*.

- 3) *ade*: nos substantivos derivado da terceira declinação latina, cuja fórmula se fixou; como em *Mortandade, tempestade, cidade, (civitate)*.

Por analogia, muitos nomes tomaram este suffixo: *amizade (amicitia), ceguidade (C. Vie., II 354) mansidade (id., III,*

mansuetudine, mansidão), *soledade* (*solitudine*, solidão). Este suffixo exprime sobretudo qualidades abstractas consideradas em si, como: *Dilatabilidade*, *fusibilidade*, *impenetrabilidade*, *impressionabilidade*, *sensibilidade*.

- 4) *ado*: exprime dignidade, profissão, tal* e qual como no Latim, o suffixo *atus*, ainda conservado no Portuguez litterario em *ato*; taes são: *Condado*, *consulado*, *ducado*, *episcopado*, *marquezado*, *mestrado*, *professorado*.
- 5) *agem*: para denotar reunião, multidão; é derivado do suffixo latino *aticum* contrahido em *atcum*, porque o *t* antes de *e* ou *i* não accentuados teve o som de *z* e *g*; ex.: «*Portaticum* (portagem), *viaticum* (viagem), *plumagem*, *folhagem*, *contagem*, *cabotagem*, *tonelagem*, *matalotagem*, *camaradagem*».
- 6) *al*: exprime collecção, quantidade das cousas significadas pelos substantivos a que se junctam, ex.: «*Areial*, *colmeal*, *faval*, *feijoal*, *laranjal*, *olival*, *tojal*»,
- 7) *alha*: significa ajuntamento, ex.: «*cordoalha*». Adduz por vezes sentido pejorativo á idéia de ajuntamento, ex.: «*canalha*, *miuçalha*».
- 8) *ama*: exprime accumulação, concretisação em um todo das cousas significadas pelos substantivos a que se junctam, ex.: *Courama*, *dinheirama*.
- 9) *ame*: exprime o mesmo, ex.: «*vasilhame*, *velame*».
- 10) *aria*: exprime sobretudo estabelecimento e aglomeração, ex.: «*Hospedaria*, *ourivesaria*, *padaria*, *pastellaria*, *escadaria*, *ralaria*, *vogeria*».
- 11) *ato*: esta fôrma erudita ainda se encontra em «*Baronato*, *canonicato*, *cardinalato*. *curato*, *generalato*, etc.».
- 12) *dura*: exprime collecção completa das cousas si-

gnificadas pelos substantivos a que se juncta, ex.: «*Cercadura, dentadura, pregadura*».

- 13) *ão*: designa especialmente pessoa, quando derivado do suffixo latino *anus*; ex.: «*Irmão de germanus, romão*, (ant.) de *romanus*, *capellão*, *castellão*, *cirurgião*, *comarcão*, *hortelão*».
- 14) *edo, eda*: exprime plantio regular dos vegetaes significados pelos substantivos a que se junctam ex.: «*Alameda, arvoredos, figueiredos, olivedos, vinhedos*».
- 15) *eiro*: proveniente do suffixo latino *arius*, exprimindo a idéia de officio, ex.: «*Carpinteiro, charpente*, em Francez; perdeu-se o radical em Portuguez), *ferreiro, padeiro, sapateiro, vaqueiro*». Exprime tambem instrumentos e receptaculo: *Areeiro, braseiro, lanceiro, marteiro* (ant.), *taboleiro, tinteiro*». Significa ainda pessoa que gosta do objecto indicado pelo substantivo radical, ex.: *Broeiro* (que gosta de brôas, Portugal) *crianceiro, janelleiro, parenteiro*. (S. Paulo).

Finalmente, serve para formar nomes de arvores fructíferas, com a particularidade de que neste caso a terminação acompanha o thema em genero, isto é, de que fica o nome do fructo. Assim, diz-se *limeira, pereira* porque *lima* e *pera* são do genero feminino e *limoeiro, pereiro*, porque *limão, pero* são do genero masculino.

Exceptua-se *figueira* de *figo*, cumprindo notar que *figus* (figo) em Latim é substantivo feminino.

- 16) *ena*: designa especialmente os numeros collectivos, ex.: «*Centena, dezena, novena, onzena, quarentena, trezena, vintena*».
- 17) *essa e iza*: o suffixo latino *issa* dá estas tres formas portuguezas de substantivos femininos, ex.: «*Abbadessa, condessa, baroneza, duquesa, mar-*

queza, princeza, prioreza, poetiza, prophetiza, sacerdotiza».

18) *ia*: exprime emprego, cargo, e tambem, o lugar em que se exerce emprego, cargo; ex.: *Abbadia, freguezia, prelazia, primazia, recebedoria, sacristia; thesouraria».*

19) *io*: designa ajuntamento ex.: «*Rapazio, mulherio.*

20) *ista*: designa a generalisação do significado do substantivo primitivo, ex.: «*Heroismo, christianismo, materialismo, organismo. positivismo, transformismo».*

21) *ista* designa pessoa, e ao mesmo tempo seu emprego, profissão, estado, modo de ser, derivado do Latim barbaro *ista* ex.: «*Banhista, especialista, evangelista, oculista, pensionista, psalmista».*

22) *mento*: este suffixo é derivado do Latim *mentum*, que designava meio, instrumento, coisa propria para um fim; designa acção, progressão ex.: «*Pensamento, andamento».*

Uma grande parte dos substantivos que hoje têm o suffixo em *ão*, tinham no secuto XV o suffixo em *mento*, ex.: «*Perdimento* (perdição) *solvamento* (salvação).

23) *ume*: exprime accumulção, concretisação em um todo das cousas significadas pelos nomes a que se junctam, ex.: «*Cardume, queixume, tapume».*

B) Suffixos que se ajunctam ao radical de adjectivos.

284. Na lingua portugueza formam-se substantivos derivados de adjectivos por meio dos seguintes suffixos:

1) *aria*; ex.: *Porcaria, enfermaria».*

2) *encia*; ex.: «*Assistencia, continencia, pruden-*

- 3) *eza*; «*Certeza, firmeza, frieza, justeza, redondeza, simpliceza*».
 - 4) *ice*; ex.: *Damice* (JORG. FERR.; *Aul.*), *doudice*, *golosice* (goloseima), *mouquice*, *velhice*».
 - 5) *idade*; ex.: «*Fidelidade, fragilidade, mortalidade, mundanidade, pouquidade*, (J. FERR., *Euf.*, 299), *sensibilidade, simplicidade*».
 - 6) *ismo*, ex.: «*Atavismo, culteranismo, gallicismo, germanismo, latinismo, maneirismo, pedantismo*».
 - 7) *mento*; ex.: «*Contentamento, sacramento*».
 - 8) *ura*; ex.: «*Amargura, friura, loucura, mistura, negrura, segura, verdura*».
- C) Suffixos que se junctam ao radical dos verbos.

285. São numerosos os suffixos que dão ao radical dos verbos terminações que lhes modificam o sentido e os convertem em substantivos; taes são entre outros :

- 1) *ça*. Com themas de verbos da 1.^a conjugação insere nasalada a voz *a*; com thema 2 de verbos da 2.^a ou 3.^a insere também nasalada a voz *e*, ex.: «*andança; querença, avença*».
- 2) *ção*. Insere *a* com themas de verbos da 1.^a conjugação, e *i* com themas de verbos da 2.^a ou da 3.^a, ex.: «*fixação, imbecição, preterição*».
- 3) *cia*. Com themas de verbos de 1.^a conjugação insere nasalada a voz *a*; com themas de verbos da 2.^a ou 3.^a insere também nasalada a voz *e*, ex.: «*discrepância, intendância, fallencia*».
- 4) *della*. Insere a voz característica da conjugação, ex.: «*aparadella, espremedella, cahidella*». Só em estylo faceto se pôde usar destes compostos.
- 5) *deira*. Insere a voz característica da conjugação, ex.: «*travadeira, batedeira, abrideira*. E' o feminino do seguinte.
- 6) *dor*. Insere a voz característica da conjugação, ex.: «*trovador, batedor, abridor*».

- 7) *douro*. Insere a voz característica da conjugação, ex.: «*matadouro, estendedouro, surgidouro*».
- 8) *dura*. Insere a voz característica da conjugação, ex.: «*andadura, cozedura, urdidura*».
- 9) *eiro*. Ajunta-se simplesmente ao radical de alguns verbos de significação reiterativa ou pejorativa, ex.: «*Cavouqueiro, marinheiro, louvaminheiro*».
- 10) *iz*. «*Chamariz*» é o unico exemplo, provavelmente.
- 11) *mento*. Com themas de verbos da 1.^a conjugação insere a voz *a*; com themas de verbos da 2.^a ou da 3.^a insere *i*, ex.: «*andamento, defendimento, sahimento*».
- 12) *torio*. Insere a voz *a* com themas de verbos da 1.^a conjugação, e com themas de verbos da 3.^a insere *i*, ex.: «*fallatorio, dormitorio*». Não é usado com themas de verbos da 2.^a conjugação.

Substantivos derivados de verbos

286. A lingua portugueza fórma substantivos dos verbos, por tres modos:

- 1) ajunctando suffixos ao radical dos verbos
- 2) empregando a terceira pessoa do singular do indicativo presente da 1.^a e da 2.^a conjugação, ex.: «*a apanha da azeitona--a malha do centeio; os comes e bebes, os pertences*».
- 3) empregando o infinito presente, o particípio presente e o particípio aoristo.

287. Os substantivos verbaes da segunda categoria são de uso popular, e bastante frequentes.

288. O infinito presente do verbo, fórma verdadeiramente nominal, facilmente se converte em substantivo por meio do artigo, ex.: «*O comer, o dormir, o jantar, o passear, os dizeres*».

Alguns destes verbos subsistem unicamente como substantivos, ex.: «*Porvir, praser (placere)*».

De *praser* encontram-se fórmaz *praz* e *prouve*.

289.—Os participios do presente convertem-se em substantivos depois de terem sido tomados como adjectivos, ex.: «*Assistente (de assistir), amante, negociante, constituinte, presidente, imperante, aspirante*».

290. Os participios aoristos nas duas fórmaz, e especialmente na do genero feminino, são das principaes fontes de derivação do substantivo, ex.: *Vista, revista, reducto*, (de *reduzir*), *queimada, producto* (de *produzir*), *entrada, partida, sahida, chamada, progresso* (de *progredir*), *retrocesso* (de *retroceder*).

Algumas vezes o verbo tem-se perdido, e só se conserva o participio, ex.: «*Defuncto, transumpto, excerpto*».

§ 3.º

Substantivos derivados de linguas estrangeiras.

291. Além dos substantivos derivados da lingua latina, considerada mãe, como já se disse, ha em portuguez substantivos das seguintes linguas estrangeiras.

Antigas

1) Phenicio	ex.:	« <i>Atum — Mamona</i> ».
2) Hebraico	»	« <i>Abbade — cherubim</i> ».
3) Arabe	»	« <i>Alcora — Matraca</i> ».
4) Celtico	»	« <i>Dolmem — legua</i> ».
5) Grego	»	« <i>Armão — thio</i> ».
6) Gothico	»	« <i>Guerra — marechal</i> ».

Modernas

1) Provençal	ex. :	« <i>Ballada—menestrel</i> ».
2) Francez	»	« <i>Barricada—rotina</i> ».
3) Hespanhol	»	« <i>Almoço—fandango</i> ».
4) Italiano	»	« <i>Gazeta-sentinella</i> ».
5) Euskara	»	« <i>Esquerdo</i> ».
6) Cigano	»	« <i>Catão—piela</i> ».
7) Inglez	»	« <i>Doca—podim</i> ».
8) Allemão	»	« <i>Obuz—sinco</i> ».
9) Persicó	»	« <i>Bazar—derviche</i> ».
10) Malaio	»	« <i>Bambú—sagú</i> ».
11) Chinez	»	« <i>Chá—ganga</i> ».
12) Turco	»	« <i>Caftã—sultão</i> ».
13) Slavo	»	« <i>Polka—Stlepe</i> ».
14) Bunda e Congo	»	« <i>Inhame—urucungo</i> ».
15) Tupy	»	« <i>Caipóra—piracema</i> ».
16) Quichua	»	« <i>Goiaba—pampa</i> ».

Claro está que só uma grammatica especialmente historica e um dicionario etymologico poderão tratar detidamente das palavras portuguezas oriundas de todas estas fontes, e quizá de outras.

Todavia, como a sciencia moderna tem com suas nomenclaturas resuscitado e universalisado o Grego antigo, é de utilidade uma lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas.

E entra essa lista aqui, na secção dos substantivos, por isso que são substantivos, a mór parte dos derivados, os quaes, constituidos por seu turno em palavras radicaes, dão origem a outros substantivos, a adjectivos, a verbos e adverbios, ex. : “de *phôs*, *phótos* e *graphô* tira-se *photographia*, de que vem *photographo*, *photographico*, *photographar*, *photographicamente*.”

292. Lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas

- 1) A, B, ALPHA, BETA : alphabeto.
- 2) Acouo, *eu ouço* : acustica.

- 3) ACROS, *summidade, topo* : acrostico, acropolis.
- 4) ADELPHOS, *irmão* : Philadelphia ; Adelphos.
- 5) AER, *ar* : aeronauta, aeroscapho.
- 6) AGOGE, *conducção, acto de guiar* : synagoga.
- 7) AGOGOS, *guia* : demagogo, pedagogo.
- 8) AGON, *luta* : agonia, antagonista.
- 9) ANER, ANDROS, *homem varão* : monandria, pentandria.
- 10) ANGELOS, *mensageiro* : anjo, angelico.
- 11) ANTHOS, *flor* : anthologia, polyantho.
- 12) ANTHROPOS, *homem, ser humano* : misanthropia,
- 13) ARITHMOS, *numero* : arithmetica, logarithmo.
- 14) ARISTOS, *o melhor* : aristocracia.
- 15) ARCHO, *eu governo* : monarchia, archonte.
- 16) ARCTOS, *urso, norte* : artetico, Arcturo.
- 17) ASTRON, *estrella* : astrologia, astronomia.
- 18) ATHLETES, *luctador* : athleta, athletico.
- 19) ATMOS, *exhalação* : atmosphaera.
- 20) AULOS, *canudo* : hydraulica.
- 21) AUTOS, *o mesmo, identico* : autobiographia, autocrata.
- 22) BALLO, *eu tiro, lanço* : symbolo, hyperbole.
- 23) BAROS, *peso* : barometro.
- 24) BIBLION, *libro* : biblia, bibliotheca.
- 25) BIOS, *vida* : biologia, amphibio.
- 26) DAIMON, *genio, espirito mau* : demonio, pandemonio.
- 27) DECA, *dez* : decalogo, decalidro.
- 28) DEMOS, *povo* : democrata, philodemo.
- 29) DENDRON, *arvore* : lepidodandro, toxicodendro.
- 30) DIS, *duas vezes* : diptero, dioptrica.
- 31) DOXA, *opinião, louvor* : orthodoxia, heterodoxia.
- 32) DOGMA, *opinião, preceito* : dogma, dogmatico.
- 33) DRAMA, *representação* : drama, melodrama.

- 34) DROMOS, *carreira* : hipódromo, dromedario.
- 35) DYNAMIS, *força* : dynamica, dynamite.
- 36) EIDOS, *forma* : espheroide, kaleidoscopia.
- 37) EREMOS, *deserto* : eremita, ermida, ermitão.
- 38) ERGON, *trabalho* : cirurgião, metallurgia.
- 39) ETHOS, *character* : ethica, esthetica.
- 40) GAMOS, *casamento* : bigamia, polygamia.
- 41) GASTER, *estomago* : gastronomia, epigastrio.
- 42) GE, *terra* : geologia, geometria.
- 43) GENEÁ, *genesis, descendencia* : genealogia. Gen-
nesis.
- 44) GENOS, *especie* : heterogeneo, homogeneo.
- 45) GIGNOSCO, *eu conheço* : prognostico, gnostico.
- 46) GLOTTA, GLOSSA, *lingua* : polyglotta.
- 47) GLYPHO, *eu gravo* : hieroglypho, triglypho.
- 48) GONIA, *angulo* : polygono, trigonometria.
- 49) GRAMMA, GRAMMATOS, *letra* : grammatica, diagramma.
- 50) GRAPHO, *eu escrevo* : graphico, telegrapho.
- 51) GYMNO, *nu*, GYMNAZO, *eu me exercito* : gymnasio
gymnastica.
- 52) HECTO, *cem* : hectogramma, hectolitro.
- 53) HEDRA, *assento* : cathedra, octaedro.
- 54) HELIOS, *sol* : heliometro, Heliopolis.
- 55) HEMERA, *dia* : ephemeride, ephemero.
- 56) HEMI, *meio* : hemicyclo, hemispherio.
- 57) HEPTA, *sete* : heptagono, hepetarcha.
- 58) HEX, *seis* : hexagono, hexametro.
- 59) HIEROS, *sagrado* : hierophante, hieroglypho.
- 60) HIPPOS, *cavallo* : hippopotamo, hippódromo, Hip-
polyto.
- 61) HODOS, *caminho* : methodo, exodo.
- 62) HOMALOS, *regular* : anomalia.
- 63) HOMOS, *identico* : homologo, homœopathia.
- 64) HORIZO, *limite, extrema* : horizonte, aphorismo.
- 65) HYDRO, *agua* : hydraulica, hydrogeneo.

- 66) HYGROS, *humido* : hygrometro.
- 67) IDIOS, *peculiar* : idiopathico, idioma.
- 68) ICHTHYS, *peixe* : ichthyologia, ichthyophagos.
- 69) ISOS, *egual* : isosceles, isochrono.
- 70) KALOS, *bello* : calligraphia, callisthenico.
- 71) KALUPTO, *eu escondo* : apocalypse, eucalypto.
- 72) KAMPE, *flexão* : kampenomia, kampelogia.
- 73) KENOS, *vasio* : cenotaphio.
- 74) KERAS, *chifre* : rhinoceronte, monocero.
- 75) KHEIR, *mão* : chirographia, chiromancia.
- 76) KHILIOI, *mil* : kilogramma.
- 77) KHOLE, *bilis* : cholera, melancholia.
- 78) KHRISTOS, *ungido* : Christo, christandade.
- 79) KHRONOS, *tempo* : chronologia, anachronismo.
- 80) KHRYsos, *ouro* : chrysol, Chrysostomo.
- 81) KOSMOS, *mundo* : microcosmo, cosmographia.
- 82) KRATOS, *governo* : autocracia, theocracia.
- 83) KRINO, *eu separo, decido* : crise, critica.
- 84) KYCLOS, *circulo* : cyclo, encyclica.
- 85) LAMBEANO. *eu tomo* : SYLLABE, *acção de tomar conjunctamente* : syllaba (isto é, os elementos phonicos que são tomados conjunctamente para constituir uma emissão de voz).
- 86) LAOS, *povo* : Laodicéa, leigo.
- 87) LEPSIS, *acção de apoderar-se* : epilepsia, catalepsia.
- 88) LEXIS, *palavra* : lexeologia, lexeogenia.
- 89) LITHOS, *pedra* : lithographia, lithotomia.
- 90) LOGOS, *discurso, sciencia* : chronologia, geologia.
- 91) LYSIS, *perda* : analyse, paralysis.
- 92) MAGROS, *alfo* : macrologia.
- 93) MANIA, *loucura* : bibliomania, monomania.
- 94) MANTEIA, *adivinhação* : chiromancia, nigromante.
- 95) MARTYR, *testemunho* : martyr, martyrologio.
- 96) MATHEMA, *sciencia* : mathematica.
- 97) MEGAS, *grande* : oméga, micromegas.

- 98) MECHANE, *engenho* : machina, mechanica.
- 99) MELAS, *preto* : melancholia.
- 00) MELOS, *canto* : melodia, melodrama.
- 01) METER, *mãe, utero* : metropole, metrorrhagia.
- 02) METRON, *medida* : metróno, metrologia.
- 03) MICROS, *pequeno* : microscopio, micromegas.
- 04) MIMOS, *imitador* : pantomima, mimica.
- 05) MISEO, *eu odeio* : misanthropo, misogamia.
- 06) MNEME, *memoria* : mnemonica, Mnemosine.
- 07) MONOS, *só* : monarcha, monandria.
- 08) MORPHE, *fôrma* : morphologia, metamorphose.
- 09) MYRIA, *dez mil* : myriametro.
- 10) MYTHOS, *fabula* : mytho, mythologia.
- 11) NAUS, *navio* : nau, nauta, aereonuta.
- 12) NECROS, *morto* : nigromante, necrologio.
- 13) NEOS, *novo* : neophyto, neologismo.
- 14) NESOS, *ilha* : Peloponeso, Polynesia.
- 15) NOMOS, *lei* : astronomia, economia.
- 16) ODE, *canto* : prosodia, psalmodia.
- 17) OICOS, *vasa* : economia. diocese.
- 18) OLIGOI, *poucos* : oligarchia.
- 19) ONOMA, *nome* : anonymo, synonymo.
- 20) OPLON, *arma* : panoplia.
- 21) OPTOMAI, *eu vejo* : optica, synopse.
- 22) OPHTHALMOS, *olho* : ophthalmia, ophthalmologia.
- 23) ORAO, *eu vejo* : diorama, panorama.
- 24) ORNIS, ORNITHOS, *passaro* : ornithologia, ornithorinco.
- 25) ORTHOS, *direito* : orthographia, orthodoxia.
- 26) OXYS, *agudo* : oxygeneo, oxalico.
- 27) PAIDEA, *educação* : encyclopaedia, Cyropedia.
- 28) PAIS, PAIDOS, *meninos* : pedagogo, pedagogia.
- 29) PAN, PANTHOS, *tudo* : pantheon, pantheismo.
- 30) PATHOS, *sentimentos* : sympathia, pathetico.
- 31) PENTE, *cinco* : pentagono, pentametro.

- 132) PETALON, *folha de corolla de flôr*: monopetalo, polypetalo.
- 133) PHAGO, *eu como*: anthropophago, sarcophago.
- 134) PHANTAZO, *eu faço apparecer*: phantasia, phantasma.
- 135) PHAINOMAI, *eu appareço*: phenomeno, epiphania.
- 136) PHARMACON, *remedio*: pharmacia.
- 137) PHEMI, *eu digo*: emphase, prophesia.
- 138) PHERO, *eu trago*: phosphoro, metaphora.
- 139) PHILOS. *amigo*: philosopho, philanthropo.
- 140) PHONE, *voz*: phonetica, euphonia.
- 141) PHOS, PHOTOS, *luz*: photosphera, phosphoro.
- 142) PHRASIS, *modo de fallar*: methaphrase, antiphrase.
- 143) PHREN, PHRENOS, *cerebro*: phrenologia, phrenesi.
- 144) PHTHONGOS, *som*: diphthongo, triphthongo.
- 145) PHISYS, *natureza*: physica, physiologia.
- 146) PHYTON, *planta*: phytographia, zoophyto.
- 147) PLANAOMAL, *eu vagueio*: planeta.
- 148) PNEUMA, *êspirito, sopro*: pneumatica, pneumonia.
- 149) POIEO, *eu faço*: poeta, pharmacopéia.
- 150) POLEMOS, *guerra*: polemica, polemista.
- 151) POLEO, *eu vendo*: monopolio.
- 152) POLIS, *cidade*: metropole, Constantinopla.
- 153) POLITES, *cidadão*: metropolitano, politica.
- 154) POLYS, *muitos*: polygraphia, polypetalo.
- 155) POTAMOS, *rio*: hippopotamo, potamologia.
- 156) POUS, PODOs, *pé*: polypo, antipoda.
- 157) PROTOS, *primeiro*: protogonista, protomartyr.
- 158) PSALLO, *eu canto*: psalmodia, psalmo.
- 159) PSEUDES, *falso*: pseudonymo, pseudophilosopho.
- 160) PSYCHE, *alma*: psychologia, metempsychose.
- 161) PTERON, *asa*: cheiroptero, diptero.
- 162) PTOSIS, *flexão*: antiptosis, ptoseconomia.
- 163) PYR, *fogo*: pyrotechnico, pyramide.
- 164) RHËTOR, *orador*: rhetorica.

- 165) RHIS, RHINOS, *nariz* : catharrinio, rhinoplastia.
- 166) RHODON, *rosa* : rhododendro.
- 167) SARX, SARCOS, *carne* : sarcophago.
- 168) SKELOS, *perna* : isosceles.
- 169) SKETOMAI, *eu examino* : sceptico.
- 170) SCOPEO, *eu vejo, examino* : microscopio, telescopio.
- 171) SOPHIA, *sabedoria* : philosophia, theosophia.
- 172) SPAO, *eu puxo* : espasmo.
- 173) SPHAIRA, *bola* : hemispherio, esphera.
- 174) STASIS, *estação, posição* : apostasia, extase.
- 175) SIELLO, *eu mando para fóra* : apostolo, epistola.
- 176) STENOS, *estreito, pequeno* : estenographia.
- 177) SHENOS, *força* : hypersthenização, hyposthenizante.
- 178) STICHOS, *verso* : acrostico, hemistichio.
- 179) STROPE, *volta* : catastrophe, apostrophe.
- 180) TAPHOS, *tumulo* : epitaphio, cenotaphio.
- 181) TASSO, *eu ponho em ordem* : tactica, syntaxe.
- 182) TECHINE, *arte* : technico, polytechnico.
- 183) TELE, *ao longe* : telegrapho, telegramma.
- 184) TEMNO, *en córto* : anatomia, epitome.
- 185) THEAOIMAI, *eu olho* : theatro.
- 186) THEOS, *deus* : atheismo, theologia.
- 187) THERMOS, *quente* : thermometro, isothermico.
- 188) THESIS, *logar, posição* : hypotheses, synthese.
- 189) TONOS, *tensão* : monotono, tonico.
- 190) TOPOS, *logar* : topographia, topico.
- 191) TOXICON, *veneno* : toxicologia, toxico.
- 192) TREPO, *eu viro* : tropico, tropo.
- 193) ZOON, *animal* ; zoologia, zoophito.

II

ARTIGO

293. O artigo portuguez, cujas fórmas flexionaes ou melhor variantes são *o*, *a*, *os*, *as*, deriva-se de *hoc*, *hac*, *hos*, *has*, fórmas do ablativo singular e do accusativo plural do demonstrativo latino *hic*, *hæc*, *hoc*.

Como já ficou dito (133), o Latim classico não tinha artigo, e era tal falta uma causa de frequentes obscuridades no dizer. Nos fins quasi do Imperio, o povo para a clareza da phrase, começou a juntar aos substantivos os demonstrativos *ille*, *hicce*, *hic*, e esse uso é a origem do artigo romanico. *Ille* deu *le*, *la*, *les*, em Francez; *el*, *lo*, *la* em Hespanhol; *il*, *lo*, *la*, em Italiano, etc. *Hicce*, deu *ce*, usado ainda no dialecto picardo *ch'cu-ré ch'marichau*). *Hic* deu em Portuguez *o*, *a*, derivados dos ablativos do singular *hoc*, *hac*: pela queda do *c*: *os*, *as*, derivados dos accusativos do plural *hos*, *as*: em documentos antigos e mesmo em escriptos relativamente modernos encontram-se as fórmas *ho*, *ha*, *hos*, *has*, escriptos com *h* (1),

E' singular que quasi todos os etymologistas tenham desacertado a respeito da origem do artigo Portuguez: Diez (2) entende que elle tem certa apparencia particular, quasi anti-romanica, e quer á fina força identificá-lo com *el*, *lo*, *la*, hespanhol. Constancio (3) fal-o vir do Grego. José Alexandre Passos (4) segue a Constancio, e entra em explicações que tocam ao ridiculo. A origem do artigo acima exposta é intuitiva, e Leoni (1)

(1) O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.^o seculo da Era Christã, entendia que o pronome *hic*, *hæc*, *hoc*, empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo (**Probus Art. Gramm.**, Edição de Lindeman, § 572, pag. 349). Nas escolas do Imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic*, *hæc*, *hac*, para designar o genero dos nomes, como o confirma uma passagem de Prisciano, (**Egger, Apollonius Dyscolus**, Paris, MDCCCLIV, pag. 134—135).

2) *Obra citada*, 2.^o vol. pag. 29.

3) *Diccionario*, «Introducção Grammatical», pag. XVIII.

4) *Obra citada*, pag. 37—38.

comquanto cerebrino em suas locubrações philologicas, andou com muito criterio ueste ponto.

Todavia não se póde negar que houve no Portuguez, e no Gallego *lucta pela existencia* entre as fórmas *lo, la, los, las, e o, a, os, as*. Encontram-se em Portuguez antigo exemplos das primeiras. «*Alos alcaides* (F. Guard., 410) :—*Sobre lo pam* (F. Bej., 417), *Sobre los santos* (F. Sant., 571) ; etc.». As segundas, que prevalecem hoje, remontam tambem a grande antiguidade; já se encontram exemplos dellas em uma carta de 1202 (Esp. Sagr. XLI, 251). Os exemplos “*todolos*” “*todalas*” explicam-se pela antithese euphonica do *s* em *l*, bem como as fórmas ainda vivas “*pelo, pela, pelos, pelas*” em *r* de *per* abrandou-se em *l*. Diante da palavra *rei* o estylo de chancellaria tem conservado *el*. Em Gallego *el* vive ainda a par de *o*.

III

§ 1.º

Adjectivos descriptivos

294. Os adjectivos descriptivos portuguezes formam-se com os latinos.

- 1) por meio de prefixos ajuntados a outros adjectivos
- 2) por meio de suffixos ajuntados
 - a) ao radical de substantivos ;
 - b) ao radical de outros adjectivos ;
 - c) ao radical de verbos ;
- 3) considerando-se como adjectivos os participios do presente e do aoristo de certos verbos ;
- 4) pela combinação de dous adjectivos entre si, ou de um adverbio e de um adjectivo.

1) *Genio da Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1858, 1.º vol. pag. 201—

295. Prefixos principaes que se junctam aos adjectivos para formar outros adjectivos.

- 1) *des* : «*Desagradavel, descuidoso*».
- 2) *in* : «*Infeliz, injusto*».
- 3) *ob* : «*Obcecado, obscuro*».
- 4) *sobre* : «*Sobrehumano, sobrevivente*».
- 5) *sub* : «*Subjacente, submettido*».

296. Suffixos principaes que se junctam ao radical dos substantivos para formar adjectivos.

- 1) *al* : «*Especial, mortal*».

Vem de *ali*, fórma ablativa do suffixo latino *alis*.

- 2) *ano* : «*Espartano, mundano*».

Vem de *ano*, fórma ablativa do suffixo latino *anus*, empregado especialmente na formação de adjectivos geographicos.

- 3) *ar* : «*Articular, familiar*».

Vem de *ari*, fórma ablativa do suffixo latino *aris*.

- 4) *ario* : «*Parlamentario, voluntario*».

Vem de *ario*, fórma ablativa do suffixo latino *arius*. Em Portuguez antigo esse suffixo soffre quasi sempre uma metáthese «*Adversairo, contrario, vigario*».

- 5) *atico* : «*Lunatico, magestático*».

Vem de *atico*, fórma ablativa do suffixo latino *aticus*. É de uso erudito.

- 6) *eiro* : «*Embusteiro, interesseiro*».

Vem por metáthese de *erio*, fórma ablativa do suffixo latino *erius*.

- 7) *ento* : «*Ferrugento, praguento*».

Vem de *ento*, fôrma ablativa do suffixo latino *entus*.

- 8) *enho* : «*Estremenho, ferrenho*».

Vem por nasalisação de *eno*, fôrma ablativa do suffixo latino *enus*.

- 9) *ico* : «*Mythico, typico*».

Vem de *ico*, fôrma ablativa do suffixo latino *icus*.

- 10) *ifero* : «*Estellifero, soporifero*».

Vem de *ifero*, fôrma ablativa do suffixo latino *iferus*.

- 11) *il* : «*Febril, viril*».

Vem de *ili*, fôrma ablativa do suffixo latino *ilis*.

- 12) *ino* : «*Matutino, vespertino*».

Vem de *ino*, fôrma ablativa do suffixo latino *inus*.

- 13) *olico* : «*Parabolico, symbolico*».

Vem de *olico*, fôrma ablativa do suffixo latino *olicus*.

- 14) *onho* : «*Enfadonho, medonho*».

Vem de *onio*, fôrma ablativa do suffixo latino *onius*.

- 15) *oso* : «*Formoso, gibboso*».

Vem de *oso*, fôrma ablativa do suffixo latino *osus*.

É o suffixo de maior uso em Portuguez.

- 16) *udo* : «*Cabelludo, peitudo*».

Vem por abrandamento de *t*, em *d*, de *uto*, fôrma ablativa do suffixo latino *utus*.

- 17) *um* : *cabrum, ovelhum, vaccum* que só se empregam com o substantivo *gado*. Ha ainda *bodum*, que se usa como substantivo, significado "cheiro de bode"; e *gatum*

- 18) *undo* : «*Furibundo, meditabundo*».

Vem de *undo*, fôrma ablativa do suffixo latino

undo, desinencia de participios archaicos com força de participios presentes (1).

297. São suffixos que se juntam ao radical de adjectivos para formar outros adjectivos.

- 1) *ete*: «*Trigueirete*».
- 2) *onho*: «*Tristonho*».
- 3) *orio*: «*Finorio*».
- 4) *ote*: «*Grandote*».

Sobre estes e outros suffixos diminutivos veja-se mais adiante o tractado da flexão de grau.

298. São suffixos que se junctam ao radical de verbos para formar adjectivos.

- 1) *ando*, *endo*: «*Doutorando*, *tremendo*».

Vem dos participios do futuro da voz passiva latina. Alguns não tem verbo correspondente em Portuguez, ex.: «*Despiciendo*».

- 2) *avel*: «*Amavel*, *palpavel*».

Vem por abrandamento de *b* em *v* de *abili* fórma ablativa do suffixo latino *abilis*.

- 3) *evel*: «*Indelevel*».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ebili*, fórma ablativa do suffixo latino *ebilis*.

- 4) *icho*: «*Espantadiço*, *fugidiço*».

Vem de *icio*, forma ablativa do suffixo latino *icius*.

- 5) *ivel*: «*Crível*, *soffrível*».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ibili*, fórma ablativa do suffixo latino *ibilis*.

- 6) *ivo*: «*Pensativo*, *repressivo*».

Vem de *ivo*, forma ablativa do suffixo latino *ivus*.

- 7) *ovel*: «*Movel*».

1) Gaurdia et Wierzeyski, *Obra citada*, pag. 272.

Vem por abiandamento de *b* em *v*, de *obili*,
fórma ablativa de suffixo latino *obilis*.

8) *uvel*: «*Soluvel, voluvel*».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ubili*,
fórma ablativa do suffixo latino *ubilis*,

É de notar que em muitos pontos de Portugal o povo ainda pronuncia as palavras acabadas em *l* e *r* com o *i* etymológico:

«*Amarili, fatali, possivili, articulari, familiari, beberi, comeri, entenderi*, etc.

Além destes adjectivos descriptivos ha muitos de fórma erudita, tomados directamente dos correspondentes latinos, ex.: «*Caudato, famelico*,» etc.; e mesmo uma grande parte dos que constituem o fundo da lingua conservam os radicaes latinos, ex.: «*Sagitario, voluntario*, etc.»

Muitas palavras latinas ao passarem para as linguas romanicas tomaram duas fórmas uma popular: outra erudita. A fórma popular, producto fatal da evolução que transforma as linguas, tem sempre um cunho verdadeiramente nacional em cada idioma; a fórma erudita, introduzida pelos escriptores versados em latinidade classica, apezar de acceita e naturalisada conserva quasi sempre seu ar estrangeirado.

Taes palavras constituem as chamadas *duplas* (1) em philologia.

Exemplos de duplas

	FÓRMA POPULAR	FÓRMA ERUDITA	LATIM
DE SUBSTANTIVO	bésta	balista	<i>balista</i>
	chama	flamma	<i>flamma</i>
	chave	clave	<i>clavis</i>
	deão	decano	<i>decanus</i>
	escada	escala	<i>scala</i>
	mister	ministerio	<i>ministerium</i>
	molde	módulo	<i>modulus</i>
	selo	sigillo	<i>sigillum</i>

(1) Em Francez *doublet*,

DE ADEJECTIVOS

ancho	amplo	<i>amplus</i>
cheio	pleno	<i>plenus</i>
delgado	delicado	<i>delicatus</i>
estreito	estricto	<i>strictus</i>
ensonso	insulso	<i>insulsus</i>
nédio	nitido	<i>nitidus</i>
redondo	rotundo	<i>rotundus</i>
rijo	rigido	<i>rigidus</i>

299. Os participios do presente e do aoristo são considerados tambem como adjectivos, ex.: «*Amante, mordente, ouvinte,; amado, mordido, ouvido*».

300. Pela combinação de dous adjectivos entre si formam-se novos adjectivos, ex.: «*luso-britanico, anglo-frances*».

Ha a notar nesta composição que o primeiro elemento fica invariavel: *luso-britanico, luso-britanica*. Em alguns casos esse primeiro elemento soffre até uma apócope: «*heroi-comico*» por «*heroico-comico*».

301. Pela combinação de um adverbio e de um adjectivo fôrma-se novos adjectivos, ex.: «*Bemfeito, malavindo*».

§ 2.º

Adjectivos determinativos

302. Os adjectivos determinativos portuguezes derivam-se em sua quasi totalidade de seus correspondentes latinos.

Um, dous, tres, quatro, vem de *uno, duos* (1), *tres, quatuor*, etc. etc,

(1) Para facilidade de confronto empregam-se na maioria destes exemplos as fórmulas do ablativo singular e do accusativo plural, matrizes das palavras portuguezas.

<i>primeiro, segundo, ter-</i>	vem de <i>primario, secundo, ter-</i>
<i>ceiro, etc.</i>	<i>liario, etc.</i> [307,1) 3)]
<i>duplo, triplo, quadru-</i>	» » <i>duplo, triplo, quadruplo,</i>
<i>plo, etc.</i>	<i>etc.</i>
<i>este, esse, aquelle, est'ou-</i>	» » <i>iste, ipse, hic ille ist'alt'</i>
<i>tro, ess'outro, aquell'</i>	<i>ro, ips'alt'ro, hic ill'</i>
<i>outro</i>	<i>alt'ro.</i>
<i>que, qual, cujo</i>	» » <i>qui, quali, cujo.</i>
<i>meu, teu, seu, nosso, vos-</i>	» » <i>meo, tuo, suo, nostro,</i>
<i>so</i>	<i>vestro.</i>
<i>proprio, alheio</i>	» » <i>proprio, alieno</i>
<i>algum, certo, mais, me-</i>	
<i>nos, mesmo, muito,</i>	
<i>nenhum, outro. pouco,</i>	
<i>quanto, só, tal, tanto,</i>	
<i>tudo</i>	» » <i>aliqu'uno, certo, magis,</i>
	<i>minus; metipsimus,</i>
	<i>(contracção de metipsis-</i>
	<i>simus) multo, null'uno,</i>
	<i>altero, pauco, quanto,</i>
	<i>solo, tali, tanto, toto</i>

303. Os seguintes tem origens diversas :

<i>Cada</i>	vem de <i>Catá</i> , preposição grega que significa individuação de escolha, sucessão ; e talvez melhor de <i>quot</i> latino, que dá o sentido, exacto do Portuguez <i>cada</i> , e que tambem era usado no singular como se vê em <i>quotidie</i> .
<i>cada um</i>	» » <i>cada e um</i> , raizes já portuguezas.
<i>Qualquer</i>	» » <i>qual e quer</i> , raizes já portuguezas.

quejando

vem de *que* e *jando* do Francez
antigo *gent*, gentil, bello).

IV

PRONOME

§ 1.º

Pronomes substantivos

304. Os pronomes substantivos e suas variações são de pura origem latina.

Eu é o abrandamento da forma germanica *eo*, em que se converteu o pronome latino *ego*. Em um documento gallego do seculo XIII ja se lê "*E eo dé illis carta de meu seelu seelada* (1)". No celebre juramento de Luiz o Germanico, prestado em Strasburgo no anno de 842 já se vê *ego* transformado em *jeo* ou *iéo*: *Si salvara IEO ciste meon frade Karlo*".

Me, *tu*, *te*, *se*, *nós*, *nos*, *vós*, *vos* são formas latinas inalteradas. *Mim* vem de *mi*, contracção classica do dativo latino *mihi*, usada em vez do áblativo: antigamente a forma portugueza era *mi*, e ainda hoje o é em poesia, si a rima assim o exige. O povo nasalou o *i* por euphonia, e forma nasalada foi a que prevaleceu na lingua.

Ti, *si* vem dos dativos latinos *tibi*, *sibi* pela queda de *b*, e pela contracção de *ii* em *i*.

Comigo, *contigo*, *consigo*, *connosco*, *convosco*, vêm das formas latinas compostas *meum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum*, *vobiscum*, ás quaes o povo antepôz pleonasticamente a preposição *com*, já existente na posposição de *cum* ás formas primitivas.

(1) Hölferich, *Les langues néo-latines en Espagne*, pag. 37

Elle, ella, elles, ellas vem de *ille, illa, illis, illas*, fórmãs de *ille*.

Lhe, lhes, cujas fórmãs primitivas na lingua eram *lhi, lhis*, vem dos dativos latinos *illi, illis*.

Sobre as fórmãs objectivas, *o, a, os, as* veja-se a etymologia de artigo (290-291).

§ 2.º

Pronomes adjectivos

305. A etymologia dos pronomes adjectivos é a mesma que a dos adjectivos determinativos.

Ha as seguintes excepções :

<i>Quem</i>	de qu'heme (que homem), <i>heme</i> por <i>homem</i> (1)
<i>alguem</i>	» <i>algheme</i> (<i>aliquis homo</i>).
<i>ninguem</i>	» <i>nenheme</i> (<i>nec hem, nec homo</i>).
<i>al</i>	» <i>aliud</i>
<i>nada</i>	» <i>nata</i> (<i>res nata</i>)

beltrano }
fulano }
sicrano }

Origem incerta, Constancio entende que *fulano* é o termo arabe *folano* (2) : a ser assim, talvez que a attração da rima creasse os termos oppostos *beltrano, sicrano*. *Beltrano* parece ser o substantivo proprio *Beltrão*, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear do mesmo modo porque

(1) Theophilo Braga obra citada, pag. 65

(2) Obra citada, art. *Fulano*

se empregam para fim identico os substantivos proprios *Sancho* e *Martinho*. Nas *Fabulas* de La-fontaine encontram-se muitos exemplos de *Bertrand*, usado neste sentido (1). Em Portuguez mesmo temos o adagio: «Quem ama a *Bel-trão*, ama a seu cão».

V

VERBO

306. O Portuguez é a lingua romanica que tem conservado com mais fidelidade as fórmulas da conjugação latina.

307. Tabella comparativa das terminações da voz activa em latim e Portuguez :

TODOS OS MODOS, EXCEPTO O IMPERATIVO			IMPERATIVO	
	Latim	Portuguez	Latim	Portuguez
S	1. ^a Pessoa	m. o, i,	ou, o, a, ei, i, e, r	
	2. ^a Pessoa	s, sti,	s, ste	a, e, i, to a, e
	3. ^a Pessoa	t	a, e, i, ou, eu, in, a, r	to
P	1. ^a Pessoa	mus	mos	
	2. ^a Pessoa	tis	is, es	te, tote e, i
	3. ^a Pessoa	nt	am, ão, em	

(1) «*Bertrand avec Baton, l'un singe, l'autre chat*»—*Fables*. Edition de Hachette, Paris, 1849, Liv. IX, Fab. 17.

308. Tabella comparativa das desinencias da voz activa em Latim e Portuguez :

TODOS OS MODOS EXCEPTO O IMPERATIVO			IMPERATIVO	
Latim			Latim	Portuguez
S.	1. ^a Pessoa	<i>m</i>	falta	falta
	2. ^a Pessoa	<i>s, sti</i>	<i>to</i>	falta
	3. ^a Pessoa	<i>t</i>	<i>to</i>	falta
P.	1. ^a Pessoa	<i>mus</i>	falta	falta
	2. ^a Pessoa	<i>tis</i>	<i>te; tote</i>	<i>de ant é, i</i>
	3. ^a Pessoa	<i>nt</i>	<i>nto</i>	falta

309. Estudo historico das fórmas do verbo SER.

O verbo *Ser* foi appropriado do verbo latino *esse*; encontra-se, porém, em varias inscrições e diplomas do seculo VII até seculo IX, a fórma romanica «*essere*», assim como a par de «*posse*», encontra-se «*potere*», e, a par de «*offerre*»; «*offerere*». Segundo Brachet (1) a desinencia «*re*» do infinitivo era para dar mais corpo á palavra; A fórma italiana usual «*essere*» a provençal «*esser*» e a franceza antiga «*estre*» explicam esta fórma do infinito portuguez que é tambem a do hespanhol.

A conjugação actual do verbo «*ser*» em Portuguez sofreu alguma modificação

1) *Indicativo*

1) Presente

		LATIM	PORTUGUEZ
S.	1. ^a Pessoa	<i>Sum</i>	<i>Sou</i>
	2. ^a »	<i>Es</i>	<i>Es</i>
	3. ^a »	<i>Est</i>	<i>E'</i>

(1) *Nouvelle Grammaire Française*: pag. 121.

LATIM

PORTUGUEZ

P.	{	1. ^a Pessoa	<i>Sumus</i>	<i>Somos</i>
		2. ^a »	<i>Estis</i>	<i>Sois</i>
		3. ^a »	<i>Sunt</i>	<i>São</i>

- a) Singular, 1.^a Pessoa—Encontram-se nos *Livros de Linhagens*, na traducção da *Historia Geral de Hespanha* e na *Chronica de Guiné*, as fórmulas «som» e «san», no *Cancioneiro da Ajuda* achase «soou»; no *Cancioneiro de Resende*, «sam» e «san»; em Gil Vicente (1) "*Tres annos ha que sam seu*". No latim vulgar já se acham as fórmulas *su* e *so* que, attenta a tendencia do Portuguez para deixar cahir a desinencia da primeira pessoa do singular, explica a fixação da fórmula «sou» que já apparece em um documento de 1265 (2). Em Gil Vicente e tambem nos cancioneiros encontra-se «sejo» em vez de "*sou*", por confusão com "*sedeo*".
- b) 2.^a Pessoa.—A segunda pessoa do singular conservou-se inalterada porque, como se vê da tabela (305) a terminação *s* não se altera. Em Gil Vicente encontra-se a fórmula "*ses*".
- c) 3.^a Pessoa.—A terceira pessoa do singular conservou-se na linguagem poetica dos Cancioneiros Provençaes "*Est o praso salido*". Em Dom Diniz acha-se "*tal est o meu sem—Melhor est e mais será o meu bem*". O castelhano ficou com «es» como fórmula desta pessoa; mas em Portuguez, o *s* sendo desinencia da 2.^a pessoa, cahiu, e ficou constituida e vigente a fórmula «é» (3).

1) *Obras de Gil Vicente*, Hamburgo, 1884, vol. III, pag. 6.

2) J. P. Ribeiro, l. 292.

3) Adolpho Coelho, *Obra citada*, pag. 82.

- d) Plural, 1.^a Pessoa.—A primeira pessoa do plural, como se vê da tabella (305), conservou-se inalterada com a ligeira mudança orthographica de *u* em *o*.
- e) 2.^a Pessoa.—A segunda pessoa do plural foi substituída pela correspondente do presente do subjunctivo «*sitis*», que produziu «*sondes*, «*soedes*, «*sodes*» que quando se não podia dar a homonymia com «*soeis*» (do verbo *soer*, em Latim *sole-re*) syncopou-se em «*sois*». Encontram-se as formas «*sondes* (1), «*sodes* (2), «*soes* (3), «*soes* (4)».
- f) 3.^a Pessoa.—A terceira pessoa do plural, por apócope do *t* deu «*sum*» (5), depois «*som*» (6), e «*son*» (7), e ultimamente «*sam*» e «*são*», formas analogicas com as das terceiras pessoas do plural de todos os verbos portuguezes, e que tem a vantagem de evitar a homonymia com «*sum*», forma da primeira pessoa do singular. A forma «*sunt*» encontra-se ainda em um documento de 1298 (8).

2) Imperfeito

		LATIM	PORTUGUEZ
S.	{ 1. ^a Pessoa	<i>Eram</i>	<i>Era</i>
	{ 2. ^a »	<i>Eras</i>	<i>Eras</i>
	{ 3. ^a »	<i>Erat</i>	<i>Era</i>

1) Gil Vicente, *Obras citadas*, vol. III, pag. 75.

2) *Côrtes de D. Fernando*, 1363, art. 18.

3) Frei João Claro, *Opusculos*, 234.

4) João de Barros, *Grammatica*.

5) *Regra de S. Bento*, cap. 73.

6) J. P. Ribeiro, *Documento de 1303*, Diss. 1, 292.

7) *Cancioneiro da Ajuda*.

8) J. P. Ribeiro, *Diss.* 285,1.

		LATIM	PORTUGUEZ
P.	1. ^a Pessoa	<i>Eramus</i>	<i>Eramos</i>
	2. ^a »	<i>Eratis</i>	<i>Ereis</i>
	3. ^a »	<i>Erant</i>	<i>Eram</i>

- a) Singular, 1.^a Pessoa.—A primeira pessoa do singular passou para o portuguez, só com a alteração de apocopar o *m* «*era*».
- b) 2.^a Pessoa do singular passou inalterada para o Portuguez «*eras*».
- c) 3.^a Pessoa.—do singular passou para o Portuguez só com a alteração de apocopar o *t*, «*era*». Encontra-se «*sia*» como fórmula dessa pessoa. «*E o dito Juiz que presente: sia perguntou...*» (1). A explicação deste facto resalta da synonymia entre esse *stare* e *sedere* (*ser estar* e *ter assento*). «*Sia*» vem de «*sedet*» por queda de modificações e contracções de vozes.
- d) Plural, 1.^a Pessoa.—A primeira pessoa do plural, em Latim *eramus*, passou para o Portuguez, deslocando o accento tónico e com a ligeira mudança orthographica de *u* em *o*, *éramos*.
- e) 2.^a Pessoa.—A segunda pessoa do plural passou para o Portuguez, syncopando o *t*, e abrandando *a* em *e*. Encontra-se a fórmula «*erades*» (2).
- f) 3.^a Pessoa.—A terceira pessoa do plural passou para o Portuguez por apócope do *t*.

3) Aoristo

		LATIM (perfeito)	PORTUGUEZ (aoristo)
S.	1. ^a Pessoa	<i>Fui</i>	<i>Fui</i>
	2. ^a »	<i>Fuisti</i>	<i>Foste</i>
	3. ^a »	<i>Fuit</i>	<i>Foi</i>

1) J. P. Ribeiro. *Documento de 1364*, Diss. IV, 155.2) *Cancioneiro de D. Diniz*, pag. 24.

LATIM (perfeito) PORTUGUEZ (aoristo)

P.	1. ^a Pessoa	<i>Fuimus</i>	<i>Fomos</i>
	2. ^a »	<i>Fuistis</i>	<i>Fostes</i>
	3. ^a »	<i>Fuerunt</i>	<i>Foram</i>

Por um processo identico ao já explicado na passagem das fôrmas do presente e do imperfecto, passou para o aoristo portuguez o perfeito latino, como se pode verificar pelo simples confronto das fôrmas acima. Encontra-se a fôrma archaica «seve» (1).

4) Mais que perfeito

		LATIM	PORTUGUEZ
S.	1. ^a Pessoa	<i>Fueram</i>	<i>Fôra</i>
	2. ^a »	<i>Fueras</i>	<i>Fôras</i>
	3. ^a »	<i>Fuerat</i>	<i>Fôra</i>
P.	1. ^a »	<i>Fueramus</i>	<i>Fôramos</i>
	2. ^a »	<i>Fueratis</i>	<i>Fôreis</i>
	3. ^a »	<i>Fuerant</i>	<i>Fôram</i>

Como para o tempo acima, basta o simples confronto das fôrmas respectivas para o estudo da passagem do mais que perfeito latino para o portuguez.

5) Futuro

O futuro do indicativo portuguez, bem como o imperfecto do condicional, formaram-se por um processo paraphrastico, peculiarmente romanico, que adiante será explicado.

1) D. Diniz, n. 125.

II) *Imperativo*

As formas da segunda pessoa do singular e do plural «*sê, sêde*» provêm da confusão synonymica, já acima notada, entre *esse* e *sedere*, 206, 1) 1)

III) *Subjunctivo*.1) *Presente*

		LATIM (archaico)	PORTUGUEZ
S.	1. ^a Pessoa	<i>Siem</i>	<i>Seja</i>
	2. ^a »	<i>Sies</i>	<i>Sejas</i>
	3. ^a »	<i>Siet</i>	<i>Seja</i>
P.	1. ^a »	<i>Siamus</i>	<i>Sejâmos</i>
	2. ^a »	<i>Siatis</i>	<i>Sejais</i>
	3. ^a »	<i>Sient</i>	<i>Sejam</i>

As formas latinas archaicas confrontadas com as portuguezas explicam a passagem deste tempo. Encontra-se a forma «*Sejaees*» (1):

2) *Imperfeito*

		LATIM	PORTUGUEZ
S.	1. ^a Pessoa	<i>Fuissem</i>	<i>Fosse</i>
	2. ^a »	<i>Fuisses</i>	<i>Fosses</i>
	3. ^a »	<i>Fuisset</i>	<i>Fosse</i>
P.	1. ^a »	<i>Fuissemus</i>	<i>Fossemos</i>
	2. ^a »	<i>Fuissetis</i>	<i>Fosseis</i>
	3. ^a »	<i>Fuissent</i>	<i>Fossem</i>

1) Frei João Claro, 28.

O imperfeito do subjunctivo portuguez vem do mais que perfeito latino, pelo mesmo processo dos outros tempos. Encontra-se a fôrma «*fócedes*»: (1).

3) Futuro

		LATIM	PORTUGUEZ
S.	1. ^a Pessoa	<i>Fuerim</i>	<i>Fôr</i>
	2. ^a »	<i>Fueris</i>	<i>Fôres</i>
	3. ^a »	<i>Fuerit</i>	<i>Fôr</i>
P.	1. ^a »	<i>Furimus</i>	<i>Fôrmos</i>
	2. ^a »	<i>Fueritis</i>	<i>Fôrdes</i>
	3. ^a »	<i>Fuerint</i>	<i>Fôrem</i>

O confronto das fôrmas latinas e portuguezas explica a passagem do tempo. Encontram-se as formas «*sever*» (2), «*severim*», (3).

IV Infinito presente.

Encontram-se as fôrmas «*seer*» (4) e «*soer*», (5), «*sendo*», como não tinha analogo no verbo latino *esse*, foi tomado o verbo *sedere*. Encontram-se as fôrmas «*sendo*» (6).

V. Participio

1) Presente

1) *Idem*, Cap. 3º

2) *F. Guard.* 422.

3) » » 401:

4) *Doc. das Bentos do Porto*, 1318.

5) *Cancioneiro da Vaticana*, Canc. n. 509.

6) *Documento da Cam. Secul. de Vizeu*, 1304.

Encontra-se deste participio a fôrma *seente* (1).

3) Aoristo

Tambem por não haver fôrma especial no verbo *esse*, foi creado analogicamente o participio aoristo «*sido*».

310. Estudo historico da conjugação regular portugueza.

1) Indicativo

1) Presente

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S.	1. ^a Pes. <i>Cant-o</i>	<i>Vend-o</i>	<i>Part-o</i>	<i>P-onho-o</i>
	2. ^a „ <i>Canta-as</i>	<i>Vend-es</i>	<i>Part-es</i>	<i>P-õ-es</i>
	3. ^a „ <i>Cant-a</i>	<i>Vend-e</i>	<i>Part-e</i>	<i>P-õ-e</i>
P.	1. ^a „ <i>Cant-amos</i>	<i>Vend-emos</i>	<i>Part-imos</i>	<i>P-o-mos</i>
	2. ^a „ <i>Cant-tais</i>	<i>Vend-eis</i>	<i>Part-is</i>	<i>P-on-des</i>
	3. ^a „ <i>Cant-am</i>	<i>Vend-em</i>	<i>Part-em</i>	<i>P-ó-em</i>

Até os fins do seculo XIV a segunda pessoa do plural deste tempo nas tres primeiras conjugações conservou abrandado em *d* o *t* da terminação latina *tis* «*mata-DES, perde-DES, quere-DES.*

(2)». Todavia no *Cancioneiro Geral* já se encontram as fôrmas *guarda-ys, dirye-is, quizere-is*. Em uma carta de Affonso V (3), vêem-se as fôrmas *habe-is, pode-is, sabe-is*. A partir dos meados do seculo XV foi que prevaleceu esta fôrma syncopada: João

1) *Cod. Alf.* Liv. III, Tit., 53. § V.

2) *Cancioneiro inedito*, e D. Diniz.

3) 1841.

de Barros fixou-a (1). Na quarta conjugação, bem como em alguns verbos irregulares, conserva-se o *t* abrandado em *d*: «*pon-DES, ri-DES, ten-DES, vin-DES*». Sobre esta conservação diz Frederico Diez (2): «Apoiado no *n* conservou-se em alguns verbos o *d* primitivo, e em geral no futuro subjunctivo e no infinito conservou-se apoiado sobre o *r* (*cantar-des*). Regularmente, porém, tal *d* cahiu, e o *a* que o precedia; quando não fortificado pelo *accento*, converteu-se em *i* (*cantáis, cantaríeis*)». E' curioso o estudo das fórmulas da quarta conjugação. O infinito presente latino *ponêr* deu *pôer* (com *e* breve) que se contrahiu mais tarde em *pôr*. O confronto das fórmulas do presente do indicativo latino com as do portuguez elucida a formação portugueza, aparentemente irregular e todavia regularíssima.

		LATIM	PORTUGUEZ
S	1. ^a Pessoa	<i>Pon-o</i>	<i>P-onh-o</i>
	2. ^a »	<i>Pon-IS</i>	<i>P-ô-ES</i>
	3. ^a »	<i>Pon-IT</i>	<i>P-ô-E</i>
P	1. ^a »	<i>Pon-IMUS</i>	<i>P-o-MOS</i>
	2. ^a »	<i>Pon-ITIS</i>	<i>P-on-DES</i>
	3. ^a »	<i>Pon-UNT</i>	<i>P-ô-EM</i>

O *n* nasalou-se ou passar para o Portuguez, e essa nasalção é representada por *nh* na primeira pessoa do singular, e por *~* na segunda e terceira do singular e na terceira do plural.

Na primeira pessoa do plural, houve queda da syl-

1) *Grammatica*, 1540.

2) *Obra citada*, vol. II, pag. 170.

laba *ni*, e na segunda conservou-se, como já ficou dito, o *d* etymologico: o estar nestas pessoas a syllaba nasalada anteposta a *m* e *d* faz com que não seja necessario representar graphicamente a nasalação.

2) Imperfeito

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S	1. ^a Pes. <i>Cant-AVA</i>	<i>Vend-IA</i>	<i>Part-IA</i>	<i>P-unh-A</i>
	2. ^a » <i>Cant-AVAS</i>	<i>Vend-IAS</i>	<i>Part-IAS</i>	<i>P-unh-AS</i>
	3. ^a » <i>Cant-AVA</i>	<i>Vend-IA</i>	<i>Part-IA</i>	<i>P-unh-A</i>
P	1. ^a » <i>Cant-ÁVAMOS</i>	<i>Vend-ÍAMOS</i>	<i>Part-ÍAMOS</i>	<i>P-únh-AMOS</i>
	2. ^a » <i>Cant-ÁVEIS</i>	<i>Vend-ÍEIS</i>	<i>Part-ÍEIS</i>	<i>P-únh-AIS</i>
	3. ^a » <i>Cant-ÁVAM</i>	<i>Vend-ÍAM</i>	<i>Part-ÍAM</i>	<i>P-únh-AM</i>

Sobre a passagem deste tempo do Latim para o Portuguez ha a notar, como facto mais importante, a deslocação do accento na primeira e na segunda pessoa do plural—CANTABA'MUS, *cantávamos*, CANTABA'TIS, *cantáveis*. Os imperfeitos latinos em *abam* passaram para o Portuguez, mudando simplesmente o *b* em *v*. Nos imperfeitos em *ebam* syncopou-se o *b*, e o *e* converteu-se em *i*: assim de *vendebam* veio *vendêa*, *vendia*.

Nos imperfeitos em *iebam*, tambem syncopou-se o *b*, e *ie* contrahiui-se em *i*: assim de *vestiebam* veio *vestiea*, *vestia*. A respeito das fórmãs *punha*, *tinha*, *vinha*, escreve Diez (1): «O imperfeito do indicativo nos tres verbos *pôr*, *ter*, *vir*, apresenta flexões inteiramente particulares *punha*, *tinha*, *vinha*, com deslocação do accento e mudança da vogal radical. É de suppor que se tenha recuado

o accento para melhor consolidar o « *n* » radical que, sem isso, teria cahido como no infinito : empregou-se a fôrma *pónia* (escripta *ponha*) para que se não perdesse o « *n* », e trocaram-se « *o* » e « *e* » por « *u* » e « *i* », para distinguir esse tempo do presente do subjunctivo. Todavia, existiam outróra variantes usadas sem *n*, como *teeya* a par de *tinha*; *via* a par de *vinha*. (SANTA ROSA).

3) Aoristo

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S.	1. ^a Pes. <i>Cant</i> -EI	<i>Vend</i> -I	<i>Part</i> -1	<i>Puz</i> -(<i>i</i>)
	2. ^a » <i>Cant</i> -ASTE	<i>Vend</i> -ESTE	<i>Part</i> -ISTE	<i>Poz</i> -ÉSTE
	3. ^a » <i>Cant</i> -OU	<i>Vend</i> -EU	<i>Part</i> -IU	<i>Poz</i> -(<i>i</i>)
P.	1. ^a » <i>Cant</i> -ÂMOS	<i>Vend</i> -EMOS	<i>Part</i> -IMOS	<i>Poz</i> -ÉMOS
	2. ^a » <i>Cant</i> -ÂSTES	<i>Vend</i> -ESTES	<i>Part</i> -ISTES	<i>Poz</i> -ESTES
	3. ^a » <i>Cant</i> -ARAM	<i>Vend</i> -ERAM	<i>Part</i> -IRAM	<i>Poz</i> -ÉRAM

A diversidade de fôrmas do perfeito latino desapparece quasi totalmente em Portuguez : toma esta lingua para o typo o aoristo derivado do perfeito dos verbos latinos em *avi*, *evi*, *ivi*, e com esse typo, modificado phonicamente, confôrma quasi todos os aoristos, tanto dos verbos primitivos, como dos derivados. Na fôrma em *avi*, o *v* foi syncopado de accordo com a tendencia que já se dava no latim vulgar—*probai* por *probavi*; *probaisti* por *probavisti*; *probit* por *probavit*. A mudança de *ai* em *ei* é peculiar ao Portuguez, como se vê em *celleiro*, *primeiro* de *cellairo*, *primairo*, metháteses de *cellario*, *primario*, fôrmas ablativas de *cellarius*, *primarius*. A syncope de *ve* na terceira pessoa do plural já se encontra no Latim classico—*amarunt* por *amaverunt*.

Nos aoristos derivados de perfeitos latinos em *evi*

e *ivi*, a syncope de *v* deu *ei* e *ii* que se contrahiram em *i*: por analogia, syncoparam-se também outros sons figurativos, e realizou-se a mesma contração—de *vendidi* veio *vendii* contrahido em *vendi*. Na terceira pessoa do singular, nota-se que *vi* latino se converteu em *u*, mudando-se na primeira conjugação *a* em *o* — *amavit* deu *amou*. Tracta-se de saber como de *vi* nasceu *u*. Em latim, acha-se *fautor* por *favitor*: *lautum* por *lavitum*; *nauta* por *navita*, etc.: em taes fórmulas houve syncope de um *i*—*fautor* por *favitor*.—Ora o *v* consoante juncto ao *t* formava um grupo de sons anti latinos; teve pois o *v* de se dissolver na voz livre correspondente *u*. Foi por processo indetico que de *navis* tirou-se *nau*. A mudança de *a* em *o* na primeira conjugação «*amavit, amou*» está no genio do Portuguez, e tem nelle muitas analogas: *ouro* de *aurum*, *louro* de *laurus*, *mouro* de *maurus*, *thesouro* de *thesaurus*, etc. Os perfeitos latinos em *u* conservam-se nos aoristos portuguezes, modificados phonicamente: a vogal da primeira syllaba attrahiu o *u* da terminação.

1. *Capui* (em vez de *cepi*) deu *caupe*, *caube* e depois *coube*.
2. *Habui* deu *haube*, *hoube* e depois *houve*.
3. *Posui* deu *pouse*, *pous*, *puz*.
4. *Potui* deu *poute*, *poude*, *pude*.
5. *Sapui* deu *saupe*, *soupe*, *soube*, *sube*.
Traxui (em vez de *traxi*) deu *trauxe*, *trouxe*, *truxe*, (fôrma popular).

A mudança de *ou* em *u* na primeira pessoa do singular (*pude* por *poude*) teve por fim distinguir

essa fôrma da terceira pessoa do singular. De *houve*, *houveste*, *houve*, etc., encontram-se as fôrmas (1) *ouvi*, *uvi*, *ouve*, *ovi*, *ouvo*, *onveste*, etc. De *puz*, *pozeste*, *pôz*, etc. encontram-se as fôrmas (2) *puge*, *pugi*, *pugy*, *pos*, *pose*, *pusy*, etc. De *pude*, *poudeste*, *poude*, etc., encontram-se as fôrmas (3) *podí*, *puyd'*, *podo*, *pudo*, etc. O preterito *quis*, *quizeste*, *quis*, etc., vem de *quæsi*, *quæsi*. Encontram-se as fôrmas (4) *quige*, *quigi*, *quizo*, etc. O aoristo *tive* vem de *tenui*: o *n* cahiu por syncope, deu *teui*; e, para evitar-se hiato, o *u* converteu-se em *v*; por metáthese o som forte *i* passou para o primeiro lugar, afim de obviar á confusão entre as fôrmas da primeira e da terceira pessoa do singular: a segunda pessoa do singular e todas as do plural conservaram por analogia esse som. No Portuguez antigo encontram-se a cada passo fôrmas puras em que não ha troca de som — *teverom* (5) *teverõ* (6) *tevera* (7), etc.

Este aoristo *tive*, *tiveste*, *teve*, etc. serviu de typo a duas formações novas, a saber *estive*, *estiveste*, *esteve*, etc., aoristo de *estar*; e a *seve*, *severom* etc., fôrmas archaicas de *ser* Em *trouxe*, *trouxes-*

1) *Trovas e cantares*, Madrid, 1849, 32, 246. *Dom Diniz*, 72, 81, 118, 182, J. P. Ribeiro, 1, 273.

2) J. P. Ribeiro, 1, 297, *Actos dos Apostolos*, 13 47. *Trovas e cantares*, 41. *Dom Diniz*, 17. *Regra de São Bento*, 6. *Memorias das Rainhas de Portugal*, pag. 254. *Livros de Lanhagens*, II, 216.

3) *Trovas e Cantares*, 246, 258. *Dom Diniz*, 58, 63. *Fóros de Castello Rodrigo*, 869, 895.

4) *Dom Diniz*, 49, 72. *Gil Vicente*, 1, 135. *Trovas e Cantares*, 56.

5) *Chronica de Guiné*, 33.

6) *Historia Geral de Hespanha*, prologo

7) *Fernão Lopes*, 26

te, trouxe, etc., o *x* é pronunciado como *s*, e por isso apparece mudado em *g*, *trouge*; acha-se syn-copado nas fórmãs *trouve*, *trouveste*, *trouveram*, *trouverão*, (no) *trouvesse*, *trouvessem* (1). A fórma em *x*, hoje vigente, é mais archaica do que estas, e raro apparece nos antigos documentos portuguezes.

4) mais que perfeito

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S.	1. ^a Pes. <i>Cant-ARA</i>	<i>Vend-ERA</i>	<i>Part-IRA</i>	<i>Pos-ERA</i>
	2. ^a » <i>Cant-ARAS</i>	<i>Vend-ERAS</i>	<i>Part-IRAS</i>	<i>Pos-ERAS</i>
	3. ^a » <i>Cant-ARA</i>	<i>Vend-ERA</i>	<i>Part-IRA</i>	<i>Pos-ERÁ</i>
P.	1. ^a » <i>Cant-ÁRAMOS</i>	<i>Vend-ERAMOS</i>	<i>Part-IRAMOS</i>	<i>Pos-ÉRAMOS</i>
	2. ^a » <i>Cant-ÁREIS</i>	<i>Vend-EREIS</i>	<i>Part-IREIS</i>	<i>Pos-ÉREIS</i>
	3. ^a » <i>Cant-ARAM</i>	<i>Vend-ERAM</i>	<i>Part-IRAM</i>	<i>Pos-ERAM</i>

Este tempo vem do mais que perfeito latino, já syn-copado no periodo classico — *cantaram* por *canta-veram*. Na primeira e na segunda pessoa do plural soffre deslocação do accentto — *CANTARÁMUS*, *cantáramos*; *CANTARÁTIS*, *cantáreis*.

5) Futuro

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S.	1. ^a Pes. <i>Cantar-REI</i>	<i>Vender-EI</i>	<i>Partir-EI</i>	<i>Por-EI</i>
	2. ^a » <i>Cantar-RÁS</i>	<i>Vender-ÁS</i>	<i>Partir-ÁS</i>	<i>Por-ÁS</i>
	3. ^a » <i>Cantar-RÁ</i>	<i>Vender-Á</i>	<i>Partir-Á</i>	<i>Por-Á</i>
P.	1. ^a » <i>Cantar-RAMOS</i>	<i>Vender-EMOS</i>	<i>Partir-EMOS</i>	<i>Por-EMOS</i>
	2. ^a » <i>Cantar-REIS</i>	<i>Vender-EIS</i>	<i>Partir-EIS</i>	<i>Por-EIS</i>
	3. ^a » <i>Cantar-RÃO</i>	<i>Vender-ÃO</i>	<i>Partir-AO</i>	<i>Por-ÃO</i>

1) Gil Vicente, 1, 132, 257. *Livros de Linhagens*, 1, 161, 171, *Actos dos Apostolos*, 23, 25, 26. Fernão Lopes, 6.

Tendo-se ensurdecido e até extinguido nos fins do periodo classico as desinencias alterantes das flexões latinas (270). tornou-se summamente difficil aos illetrados distinguir de prompto o imperfeitó *amabam, amabas, amabat*, etc.; por exemplo, do futuro *amabo, amabis, amabit*, etc.; o futuro *tegam, teges, teget*, do presente do subjunctivo *tegam, tegas, tegat*, etc. A necessidade da clareza obrigou o povo romano a procurar uma nova fórma do futuro. *Habere* juncto ao infinito do verbo servia muitas vezes para exprimir o desejo de fazer alguma cousa em um tempo futuro. Cicero disse: *Habeo ad scribere--Quid habes igitur dicere de Gaditano foedere?*» Em Santo Agostinho acha-se «*Venire habet* por «*veniet*». Destas fórmas, ao futuro actual portuguez ou antes romanico, (1) ha apenas um passo. O presente do verbo *haver* agglutinou-se aos infinitos, e constituiu o futuro—*amar-hei; vender-has, partir-ha*, etc. *He-mos, heis* são contracções ainda usadas de *have-mos, haveis*. Vê-se que, propriamente fallando, não é o futuro um tempo simples, isto é, um tempo que venha directamente de um correspondente latino, mas sim um tempo composto de um verbo e de um auxiliar. As duas partes, porém, acham-se de tal modo soldadas entre si (*amarei, venderás, partirás*, etc.) que seria impossivel classificar tal tempo entre os compostos.

Os infinitos *dizer, fazer, trazer*, em ligação com *hei, has ha*, para exprimir o futuro, soffreram syncope do *s* e contracção das vogaes, postas em con-

1) Todas as linguas romanicas, excepto o Rumeno, aproveitaram esta construcção latina para exprimir o futuro.

tacto pela syncope: assim em vez de *diserei*, *Fazerás*, *trazerás*, etc., existem as fórmas *direis*, *farás*, *trará*s, etc.

Esta formação do futuro romanico foi reconhecida primeiramente no Hespanhol, por Antonio de Nebrixa (1), e depois no Portuguez por Duarte Nunes de Leão (2).

II. Imperativo.

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S. 2. ^a Pess.	<i>Cant-a</i>	<i>Vend-e</i>	<i>Part-e</i>	<i>P-õ-e</i>
P. 2. ^a »	<i>Cant-ae</i>	<i>Vend-ei</i>	<i>Part-i</i>	<i>P-on-de</i>

Este tempo tem duas fórmas suas, derivadas ambas das correspondentes latinas—a segunda pessoa do singular e a segunda do plural. As outras que alguns grammaticos lhe costumam junctar, a saber—a terceira pessoa do singular e primeira e terceira do plural—foram tomadas do presente do subjunctivo. *Ter*, *ir*, *rir*, *vir*, *pôr*, na segunda pessoa do plural, conservam abrandado em *d* o *t* etymologico; *Tende*, *ide*, *ride*, *vinde*, *ponde*.

III. Condicional imperfecto.

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S. { 1. ^a Pess.	<i>Cantar-ia</i>	<i>Vender-ia</i>	<i>Partir-ia</i>	<i>Por-ia</i>
2. ^a »	<i>Cantlar-ias</i>	<i>Vender-ias</i>	<i>Partir-ias</i>	<i>Por-ias</i>
3. ^a »	<i>Cantar-ia</i>	<i>Vender-ia</i>	<i>Partir-ia</i>	<i>Por-ia</i>
P. { 1. ^a »	<i>Cantlar-iamos</i>	<i>Vender-iamos</i>	<i>Partir-iamos</i>	<i>Por-iamos</i>
2. ^a »	<i>Cartar-ieis</i>	<i>Vender-ieis</i>	<i>Partir-ieis</i>	<i>Por-ieis</i>
3. ^a »	<i>Cantar-iam</i>	<i>Vender-iam</i>	<i>Partir-iam</i>	<i>Por-iam</i>

1) 1492.

2) 1606.

A formação deste tempo que, não existindo em Latim, era supprido pelo imperfeito do subjunctivo, é em tudo identica á formação do futuro do indicativo, substituindo o auxiliar presente *hei, has, ha*, etc., pelo auxiliar imperfeito *hia, hias, hia*, etc., contracções ainda usadas de *havia, havias; havia*, etc.

IV) *Subjunctivo.*

1) Presente.

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S.	1. ^a Pes. <i>Cant-E</i>	<i>Vend-A</i>	<i>Part-A</i>	<i>P-onh-A</i>
	2. ^a » <i>Cant-ES</i>	<i>Vend-AS</i>	<i>Part-AS</i>	<i>P-onh-AS</i>
	3. ^a » <i>Cant-E</i>	<i>Vend-A</i>	<i>Part-A</i>	<i>P-onh-A</i>
P.	1. ^a » <i>Cant-EMOS</i>	<i>Vend-AMOS</i>	<i>Part-AMOS</i>	<i>P-onh-AMOS</i>
	2. ^a » <i>Cant-EIS</i>	<i>Vend-AIS</i>	<i>Part-AIS</i>	<i>P-onh-AIS</i>
	3. ^a » <i>Cant-EM</i>	<i>Vend-AM</i>	<i>Part-AM</i>	<i>P-onh-AM</i>

Este tempo segue exactamente o seu correspondente latino, e fórma-se pelos processos geraes de derivação já conhecidos.

2) Imperfeito

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S.	1. ^a Pes. <i>Ca t-ASSE</i>	<i>Vend-ESSE</i>	<i>Part-ISSE</i>	<i>Pos-ESSE</i>
	2. ^a » <i>Cant-ASSES</i>	<i>Vend-ESSES</i>	<i>Part-ISSES</i>	<i>Pos-ESSES</i>
	3. ^a » <i>Cant-ASSE</i>	<i>Vend-ESSE</i>	<i>Part-ISSE</i>	<i>Pos-ESSE</i>
P.	1. ^a » <i>Cant-ÁSSEMOS</i>	<i>Vend-ÉSSEMOS</i>	<i>Part-ISSEMOS</i>	<i>Pos-ESSEMOS</i>
	2. ^a » <i>Cant-ÁSSEIS</i>	<i>Vend-ÉSSEIS</i>	<i>Part-ISSEIS</i>	<i>Pos-ESSEIS</i>
	3. ^a » <i>Cant-ÁSSEM</i>	<i>Vend-ESSEM</i>	<i>Part-ISSEM</i>	<i>Pos-ESSEM</i>

Deriva-se este tempo do mais que perfeito latino, já syncopado no periodo classico--*contassem*

por *eantavisse*m. Esta formação é commum a todas as linguas romanicas.

3) Futuro

	1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
S.	1. ^a Pes. <i>Cant-AR</i>	<i>Vend-ER</i>	<i>Part-IR</i>	<i>Poz-ER</i>
	2. ^a * <i>Cant-ARES</i>	<i>Vend-ERES</i>	<i>Part-IRES</i>	<i>Poz-ERES</i>
	3. ^a * <i>Cant-AR</i>	<i>Vend-DR</i>	<i>Part-IR</i>	<i>Poz-ER</i>
P.	1. ^a * <i>Cant-ARMOS</i>	<i>Vend-ERMOS</i>	<i>Part-IRMOS</i>	<i>Poz-ERMOS</i>
	2. ^a * <i>Cant-ARDES</i>	<i>Vend-ÉRIDES</i>	<i>Part-IRDES</i>	<i>Poz-ERDES</i>
	3. ^a * <i>Cant-AREM</i>	<i>Vend-EREM</i>	<i>Part-IR-EM</i>	<i>Poz-EREM</i>

Este tempo simples, tanto no Portuguez como no Hespanhol, é característico das transformações do verbo nas linguas romanicas, e segundo Diez (1), provém do futuro perfeito latino. As fórmulas hespanholas antigas approximam este tempo da sua origem (*podiero—potuero*) pela sua terminação em um *o* final: no Portuguez, a falta de vogal na flexão aproxima-o do infinito impessoal, na primeira e na terceira pessoa do singular.

V). Infinito.

1) Presente

1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
<i>Cant-AR</i>	<i>Vend-ER</i>	<i>Part-IR</i>	P-ó-R

O infinito presente portuguez tem a particularidade característica de poder apresentar todas as flexões do futuro do subjunctivo (Veja-se *supra* IV, 3).

1) Obra citada, vol. II, pag. 158.

2) Gerundio

1.^a CONJUGAÇÃO2.^a3.^a4.^a

Cant-ANDO | Vend-ENDO | Part-INDO | Pon-DO

O infinito gerundio portuguez é derivado da forma ablativa do gerundio latino *amando. monendo*, etc. (1).

VI) Participios

1) Presente

1.^a CONJUGAÇÃO2.^a3.^a4.^a

Cant-ANTE	Vend-ENTE (pouco usado)	Part-INTE, des- usado)	Po-ENTE OU Pon-ENTE
-----------	-----------------------------	---------------------------	------------------------

O participio presente é hoje exclusivamente usado como mero adjectivo. Todavia, nos documentos antigos, encontram-se a cada passo exemplos deste participio, com toda a força que tinha em Latim—*Filhantes a saia, leixam o manto* (2). *Os despresintes Deus cdem no inferno* (3). Mesmo em Camões ainda se lê:

«Perlas ricas e imitantes

«A côr da aurora (4).

1) O gerundio latino que é, por assim dizer, uma verdadeira declinação do nome verbal infinito presente, passou para o romanico na forma ablativa. Que o gerundio é o mesmo que o infinito presente acompanhado de preposição, prova-se pelas seguintes identicas phrases: *Vi-o chorando* (Brazil) *Vi-o a chorar* (Portugal).

2) *Regra de S. Bento*, 1 pag. 266.3) *Ibidem*, pag. 363.4) *Lusiadas*, Cant. X: Est. CII.

3) Aoristo

1.^a CONJUGAÇÃO2.^a3.^a4.^a*Cant-ADO A | Vend-IDO. A | Part-IDO, A | Post-O, A*

O participio aoristo foi tomado do participio perfeito da voz passiva latina, em *ado* (*utus*) para a primeira conjugação; em *ido* (*itus*) para a terceira: para a segunda, nas linguas romanicas, foi adoptado o suffixo *utus*, contracção da forma *uitus*. Assim no portuguez antigo encontram-se as duas formas de participios em *udo* e *ido*. Nos *Fóros de Beja* acha-se *movudo* por *movido*: *conheçudo* por *conhecido*, e conjunctamente *vendudo* e *vendido*. Esta forma em *utus* não deixava confundir os participios da segunda conjugação com os da terceira; na forma *uitus*, contrahida, veio a prevalecer a vogal accentuada, e por isso se transformou em *ido*. No portuguez moderno ainda se acha a forma *udo*, mas isso em alguns participios que perderam o character verbal, e ficaram puros adjectivos: *Teudo*, *manteudo*, *conteudo*, *sanhudo*. Em uma *Ordenação* de D. Duarte, lê-se: «Assim como era *conteudo* no dilo termo (1)».

Sendo geralmente passivo os participios aoristos variaveis, alguns todavia têm significação, ora activa, ora passiva, ex.: «*Homem atraído*», homem que atraiçoa, ou que é atraído; *homem lido*, que tem lido muito, instruido, erudito: *carta lida*, a carta que foi lida».

Os principaes participios aoristos que se subordinam a este uso são:

aborrecido	confuso (confundi-	limitado
canhado	do)	limpo
cautelado	conhecido	louvado
creditado	considerado	meditado
ferrado	conversado	merecido (<i>meritis-</i>
garrado	costumado	<i>simo</i> , superlati-
gradecido	crescido	vo erudito, fo-
iladroadado	decidido	rense)
ilargado	demorado	mettido
ilambicado	desconfiado	minguado
iltanado	descrido	moderado
amarrado	descuidado	namorado
antecipado	desenganado	offerecido
apertado	desesperado	ousado
apressado	desmazellado	parido
arrazoadado	desolado	pausado
arreatado	despachado	picado
arrendido	determinado	precatado
arriscado	dissimulado	prevenido
arrojado	embarçado	procedido
arrufado	encarado	puxado
assomado	encarecido	recatado
atabalhoadado	encolhido	reflectido
atirado	enfiado	regrado
atrainçoadado	engraçado	regulado
atrapalhado	engrolado	remontado
atrevido	enleiado	renegado
atroado	entalado	reservado
aturdido	entendido	resguardado
avantajado	esforçado	retardado
avisado	esperdiçado	retirado
calado	estirado	sabido
calculado	esquecido	sacudido
	estragado	sentido

cançado	exagerado	soffrido
carregado	exaltado	solto
comedido	experimentado	subido
compadecido	extrangeirado	tirado
comportado	fingido	valido
concentrado	lambido	versado
concertado	lembrado	vendido
conduzido	lido	vigiado
confiado	limado	zangado

E bem assim os compostos destes como «*insoffrido, reconcentrado*».

Alguns verbos de desempenho de funcções organicas como «*dormir, comer*» e, consequentemente, «*almoçar, jantar, merendar, cear*» prestam-se a uso identico; diz-se: «*Estar bem dormido, bem comido; Estou almoçado*».

Além das fórmas regulares dos participios, existem outras de origem erudita, e em geral immobilisadas no adjectivo (296).

VII. *Tempos compostos*

A mais profunda differença que separa a conjugação latina da portugueza é—que os tempos da acção incompleta da voz passiva e todos os da activa exprimem-se em Latim por desinencias (*amor, amavero*); ao passo que em Portuguez exprimem-se pelo participio aoristo, precedido de *ter* na voz activa, e de *ser* na passiva. Esta creação dos auxiliares para serviço da conjugação que, á primeira vista, parece estranha ao genio da lingua latina, não foi um facto isolado ou uma innovação sem precedentes: já existia ella em germen no fallar dos Romanos. Cicero dizia: «*De Cæsare satis dictum habeo* por *dixi*—*Habebas scriptum* por

scripseras». E Cesar «*Vectigalia parvo pretio redempta habet* em vez de *redemil*—*Copias quas habebat paratas* em vez de *paraverat*». A' medida que se foram desenvolvendo as tendencias analyticas da lingua, foi prevalecendo o uso desta segunda fórma, e, a partir do seculo VI, os textos latinos apresentam numerosos exemplos della. O mesmo aconteceu com as flexões da voz passiva : o latim vulgar se substituiu pelo verbo *sum* juncto ao participio passado—*sum amatus* em vez de *amor*. Nas collecções de diplomas merovingios encontram-se a todo o momento estas fórmulas novas «*Omnia quæ ibi sunt aspecta* por *aspectantur*—*Hoc volo esse donatum* por *donari*». A nova lingua que se ia constituindo, assim como tinha abandonado as desinencias dos casos (269, 7) para as substituir por preposições, tambem abandonou na conjugação as fórmulas verbaes dos tempos compostos, para as substituir por verbos auxiliares, consequencia natural da necessidade que impellia a lingua latina a passar do estado synthetico para o analytico (1),

311. Os verbos portuguezes formam-se segundo o mesmo processo dos nomes, por derivação e por composição.

312. Por derivação, formam-se verbos :

1) de substantivos : de *trabalho*, *trabalhar* ; de *dama*, *damejar* (J. FERR.; *Aul.* 42 V); de *caminho*,

Galopar (Portugal) andar a galope : *galopar* (Brasil) andar a galope, e tambem, com sentido transitivo, principiar a domar uma cavalgada, montando-a pelas primeiras tres vezes.

(1) Brachet, *Obra citada*, 119.

caminhar; de *numero*, *numerar*; de *purpura*, *purpurar*; de *pavão*, *pavonear*; etc.

- 2) de adjectivos, ou com a simples terminação verbal, ou também com o prefixo *a* ou *e*: de *doce*, *adoçar*; de *vermelho*, *avermelhar*; de *frances*, *afrancesar*. (Do baixo latim *izare* *senhorizar*) (J. P. RIBEIRO, IV), *bemfeitorizar*, *poetizar*, *prophetizar*. De *lucido*, *elucidar*, etc.

- 3) De verbos já existentes: de *escrever*, *escrevinhar*; de *cantar*, *cantarolar*; de *temer*, *tremelicar*; de *comer*, *comichar*; de *beber*, *beberricar*; de *germer*, *gemelicar*. Estes verbos têm sempre um sentido pejorativo e frequentativo; ex.: «*Namoris-car, namorejar*».

313. Por composição verbos já existentes fórmam outros, juntando-se

- 1) com um substantivo, ex.: «*Manobrar, manter*».
- 2) com um adjectivo, ex.: «*Purificar*»
- 3) com um adverbio, ex.: «*Transluzir, ultrapassar, entreabrir*».
- 4) com os prefixos que entram na composição dos nomes, ex.: «*Dispôr, repôr, compôr, suppôr*, etc.»

Pertencendo á primeira conjugação todos os verbos que se vão diariamente creando em Portuguez, é essa primeira conjugação considerada como *conjugação viva*; as outras tres, por se não prestarem á formação de novos verbos, são consideradas *mortas*. Os verbos portuguezes da primeira conjugação orçam por 8.000, ao passo que os das outras tres não chegam a 500.

VI

PREPOSIÇÃO

314. As preposições portuguezas derivam-se

- 1) de preposições latinas simples.

2) de duas preposições latinas reunidas.

3) de palavras ou de grupos de palavras do proprio cabedal da lingua portugueza.

315. São derivadas de preposições latinas simples

A que vem de *ad*

ante » » » *ante*

após (pós) » » » *post*

atrás (trás) » » » *trans*

até (té) » » » *hactenus, tenus*. A orthographia antiga (atlá) faz pensar no Arabe *fata, hattah*, que poderia ter substituido *tenus* latino, como *en-xa-Al-lah* subrogou *ut-nam*.

com » » » *cum*

contra » » » *contra*

de » » » *de*

em » » » *in*

entre » » » *inter*

per }
por } » » » *per*

por (em favor de) » » » *pro*

sem » » » *sine*

sub » » » *sub*

sobre » » » *super*

As preposições latinas *extra, infra, pós, (t), pro, supra, trans, ultra*, são usadas em composições de palavras, ex.: "*Extraordinario, transatlantico*".

Trans deixa algumas vezes cahir o *n*, ex.: "*Traspassar*" *Post* deixa sempre cahir o *t*, ex.: "*Pospôr*".

316. São derivadas de duas preposições latinas reu-

nidas algumas preposições portuguezas, ex.: "*Deante, para, perante*" que vêm de "*De ante, per ad* (1), *per ante*".

317. São derivadas de palavras ou de grupos de palavras, que já fazem parte do proprio cabedal da lingua, muitissimas preposições portuguezas, ex.: "*Excepto, salvo, defronte, emfrente*".

318. Quasi todas, si não todas, as locuções prepositivas portuguezas, são formadas por grupos de palavras que já fazem parte do cabedal proprio da lingua, ex.: "*Em cima de, a cavelleiro de*".

VII

CONJUNÇÃO

319. As conjunções portuguezas derivam-se

- 1) de conjunções e de outras palavras latinas mais ou menos correspondentes.
- 2) de palavras ou de grupos de palavras do cabedal proprio da lingua.

320. São derivadas de conjunções e de outras palavras latinas mais ou menos correspondentes

<i>Como</i>	que vem de	<i>cum</i>
<i>e</i>	» » »	<i>et</i>
<i>mas</i>	» » »	<i>magis</i>
<i>ora</i>	» » »	<i>hora</i>
<i>ou</i>	» » »	<i>aut</i>

(1) "*Lectos per ad pauperes* (*Espana Sagrada*, Madrid, 1747, XIX, 332, ann. 996)—*Post egressum domini per ad Romam* (*Ibidem*, XL, 22, ann. 934). Os antigos classicos portuguezes escreviam mais etymologicamente *«pera»*.

<i>pois</i>	que vem de	<i>post</i>
<i>quando</i>	» » »	<i>quando</i>
<i>que</i>	» » »	<i>quam, quod</i>
<i>si</i>	» » »	<i>si</i>

321. Quasi todas, si não todas as outras conjuncções, em como as locuções conjunctivas, são oriundas de palavras u de grupos de palavras, já pertencentes ao cabedal proprio a lingua ex. : «*Outrosim, todavia*».

VIII

ADVERBIO

322. Os adverbios portuguezes derivam-se :

- 1) de adverbios e de locuções adverbias da lingua latina, mais ou menos correspondentes.
- 2) de adjectivos que, empregados invariavelmente na fôrma masculina, tornam-se adverbios.
- 3) de adjectivos, a cuja fôrma feminina juncta-se o suffixo *mente*,
- 4) de locuções do cabedal proprio da lingua, empregadas adverbialmente.

323. Derivam-se de adverbios e de locuções adverbias da lingua latina, mais ou menos correspondentes

<i>Acaso</i>	que vem de	<i>ad casum</i>
<i>acima</i>	» » »	<i>ad cimam</i>
<i>acoldá</i>	» » »	<i>eccu'illac</i>
<i>adrede</i>	» » »	<i>ad recte</i>
<i>agora</i>	» » »	<i>huc hora</i>
<i>ahi</i>	» » »	<i>eccu'istic</i>
<i>ainda (inda)</i>	» » »	<i>ab. ind, inde</i>
<i>algures</i>	» » »	<i>alg-hu-er-es</i>
<i>alhures</i>	» » »	<i>ali-hu-er-es</i>

<i>nenhures</i>	que vem de	<i>nem-hu-er-es</i>
<i>alli</i>	» » »	<i>eccu'illic</i>
<i>amanhã</i>	» » »	<i>ad mane</i>
<i>antes</i>	» » »	<i>ante</i>
<i>aqui</i>	» » »	<i>eccu'hic</i>
<i>arriba</i>	» » »	<i>ad ripam</i>
<i>assás</i>	» » »	<i>ad salis</i>
<i>avante</i>	» » »	<i>ab ante</i>
<i>bem</i>	» » »	<i>bene</i>
<i>cá (em Hesp.) acá</i>	» » »	<i>eccu'hac</i>
<i>cedo</i>	» » »	<i>cito</i>
<i>como</i>	» » »	<i>quo modo</i>
<i>dentro</i>	» » »	<i>de intro</i>
<i>depois</i>	» » »	<i>de post</i>
<i>donde</i>	» » »	<i>de unde</i>
<i>eis</i>	» » »	<i>ecce</i>
<i>então</i>	» » »	<i>intunc</i>
<i>fóra</i>	» » »	<i>fóras</i>
<i>hoje</i>	» » »	<i>hodie</i>
<i>hontem</i>	» » »	<i>hodie ante</i>
<i>já</i>	» » »	<i>jam</i>
<i>jamais</i>	» » »	<i>jam magis</i>
<i>lá</i>	» » »	<i>illac</i>
<i>logo</i>	» » »	<i>loco (no logar como em Francez sur le champ)</i>
<i>longe</i>	» » »	<i>longe</i>
<i>mais</i>	» » »	<i>magis</i>
<i>mal</i>	» » »	<i>male</i>
<i>menos</i>	» » »	<i>minus</i>
<i>muito</i>	» » »	<i>multo</i>
<i>não</i>	» » »	<i>non</i>
<i>nunca</i>	» » »	<i>nunquam</i>
<i>onde</i>	» » »	<i>unde</i>
<i>ora</i>	» » »	<i>hora</i>

<i>perto</i>	que vem de	<i>pressum</i>	de	<i>premere</i>
<i>pouco</i>	»	»	»	<i>pauco</i>
<i>quão</i>	»	»	»	<i>quam</i>
<i>quando</i>	»	»	»	<i>quando</i>
<i>quanto</i>	»	»	»	<i>quanto</i>
<i>sempre</i>	»	»	»	<i>semper</i>
<i>sim</i>	»	»	»	<i>sic</i>
<i>só</i>	»	»	»	<i>solum</i>
<i>tão</i>	»	»	»	<i>tam</i>
<i>tanto</i>	»	»	»	<i>tanto</i>
<i>tarde</i>	»	»	»	<i>tarde</i>
<i>tras (atrás)</i>	»	»	»	<i>trans</i>

Ao transformar-se o Latim, sob as influencias variadas que cooperaram na creação das linguas romanicas, muitas palavras, em razão de sua euphonia, triumpharam na lucta pela existencia, passaram a ter accepção diversa da primitiva; assim, *unde* supplantou a *ubi*, e ficou servindo para exprimir *logar onde*. A necessidade de clareza e de perspicuidade no dizer, creou os grupos barbaros como *de post*, *ad satis*, etc. que se perpetuaram nos novos idiomas.

Aquém e além estão na lingua hodierna, por *aqui, ende, alli ende, Ende* do Latim *inde* é uma velha palavra que significa *delle, della*, etc. ex.: *Ganham herdamentos nos meus reguengos e fazem ende honras (1) Ende tem seu correspondente no Francez velho ent, e no Francez actual en.*

324. Os adjectivos são empregados adverbialmente na fôrma masculina, ex.: *“Fallar alto, gostar immenso”*

Em Gil Vicente encontra-se *“Fallo mui doce cortez (2)”*. Já no Latim classico era corrente este uso, tomando o adjectivo a fôrma neutra: *“Dulce ridentem Lalagem amabo, dulce loquentem (3)”*.

(1) Frei Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, Tomo IV, pag. 319.

(2) Obras citadas, II. 407.

(3) Horatius, Lib. 1, *Od*, 22.

325. Muitos adverbios, com especialidade os de modo, fórman-se pela junção do suffixo *mente* á fórma feminina dos adjectivos, ex. : “*Primeiramente, pudicamente*”.

Bem conhecida é a origem desta formação adverbial. Os suffixos *e, ter*, que serviam para formar adverbios (*docter, prudenter*) desapareceram, por isso que não estavam sob o *accento*, e o Portuguez, para crear uma classe de palavras com o cunho grammatical de adverbios, teve de recorrer a outro suffixo : adoptou para tal fim *mente*, ablativo de *mens*, que já mesmo entre os escriptores do Imperio tomára a accepção de *modo, maneira, feitiço*, etc. Acha-se em Quintiliano «*Bonamente factum*»; em Claudiano «*Devota mente tuentur*»; em S. Gregorio de Tours : *iniqua mente concupiscit.*»

326. Ha muitos adverbios portuguezes que são formados pela agglutinação de palavras do cabedal proprio da lingua, ex. : “*outrora, talvez, tampouco*”.

Quicá vem do Italiano “*Chi sa* (quem sabe)”.

IX

INTERJEIÇÃO

327. A interjeição, verdadeiro grito animal, mais clamor instinctivo do que signal de idéia (178,) não está sujeita ás leis do pensamento, não se governa pela grammatica, não tem derivação. As verdadeiras interjeições são sempre as mesmas em todas as linguas.

Coragem, eia, sus e outras semelhantes exclamações, claras ellipses de phrases completas, são empregadas interjectivamente, mas não são interjeições.

Estas locuções interjectivas têm derivação : *Apaga, eia, sus* ; vêm do Latim ; *Oxalá* é o Arabico *En-xa-allah* (Deus o queira), *Coragem, avante*, etc., são tomadas do cabedal proprio da lingua.

PARTE SEGUNDA

SYNTAXE

GENERALIDADES

328. A *syntaxe* considera as palavras como relacionadas umas com outras na construção de sentenças, e considera as sentenças no que diz respeito á sua estrutura, quer sejam simples, quer se componham de membros ou de clausulas.

329. *Sentença* é uma coordenação de palavras ou mesmo uma só palavra formando sentido perfeito, ex.: "*As abelhas fazem mel—Os cães ladram—Morro*".

Sentença do Latim *sententia* (pensamento, juízo, expressão completa) é denominação preferível a *período*. Com effeito, o termo *período*, do Grego *periodos* (caminho em volta, rodeio) não traduz bem a noção de pensamento, de juízo. Aristoteles (1) e Cícero (2) empregaram-n-o com a significação de «sentença rhetorica», figurada, ornada.

Por "formar sentido perfeito" entende-se — dizer alguma coisa a respeito de outra, de modo completo.

330. Relativamente á sua significação, as sentenças

1) *Rethorica*, 3, 9, 3.

2) *Orator*, LXI.

são declarativas, imperativas, condicionaes, interrogativas e exclamativas.

331. *Sentença declarativa* é a que declara ou assevera uma cousa, ex. : “*O dia está quente*”.

A sentença declarativa chama-se

1) *affirmativa* quando assevera que uma cousa é, ex.: “*O dia está quente*”.

2) *negativa*, quando assevera que uma cousa não é, ex. : “*O dia não está quente*”.

Estes dous generos de sentenças são identicos em fôrma e construção grammatical, com quanto directamente oppostos em significação. Para converter-se uma sentença affirmativa em negativa, basta ajuntar-se-lhe o adverbio *não*; e vice-versa; para converter-se uma sentença negativa em affirmativa, é sufficiente a subtracção do mesmo adverbio.

332. *Sentença imperativa* é aquella por meio da qual se ordena, se requer ou se pede que se faça alguma cousa. Seu caracteristico é o uso do verbo no modo imperativo, ex. : *Traze fogo—Despacha-me esta petição—Livra-me deste susto*”.

333. *Sentença condicional* é a que assevera uma cousa, mediante uma condição, ex. : *Pedro, si fôr avisado, escapará da cilada*.

334. *Sentença interrogativa* é a que se emprega para fazer perguntas, ex. : “*Está chovendo ?*”

335. *Sentença exclamativa* é a que exprime um sentimento ou opinião relativa, asseverada ou por asseverar, ex.: “*Quão estúpido é elle !—Que guerra dal haver !*”

As sentenças exclamativas são desconnexas relativamente ao discurso em que occorrem, e podem ser consideradas como phrases interjeccionaes.

336. Toda sentença consta de dous elementos

- 1) o que representa a cousa, a cujo respeito se falla : chama-se *sujeito*.
- 2) o que representa o que se diz a respeito do sujeito : chama-se *predicado*.

Este segundo elemento subdivide-se em dous outros :

- a) a idéia que se liga ao sujeito, chama-se *predicado propriamente dito*.
- b) o laço que prende o predicado propriamente dito ao sujeito : chama-se *copula*.

Neste exemplo «*Rosas são flores*» «*Ros.*» é o sujeito, «*são*» a copula ; «*flôres*», o predicado propriamente dito.

Neste outro «*Pedro ama*» : «*ama*» decompõe-se em *am* thema, o *a* terminação : o thema *am* fica tido como o predicado propriamente dito, e a terminação *a* como copula.

Em geral, pôde-se dizer com Mason (1) que a copula grammatical de todas as sentenças consiste na flexão do verbo.

O acto da mente, pelo qual o predicado se liga á noção expressa pelo sujeito, chama-se *juízo*.

O resultado de um juízo é um pensamento.

A expressão do pensamento é a sentença.

337. Quando uma sentença se compõe de duas ou de mais asserções, cada uma dessas asserções chama-se *membro*.

Nesta sentença : «*O plano foi bem concebido e produziu o effeito desejado*» as duas partes «*O plano foi bem concebido*» e «*produziu o effeito desejado*» são os membros da sentença.

338. Chamam-se *clausulas* os membros da sentença

1) *English Grammar*, London, 1864, pag. 95,

quando são tão connexos entre si, que um depende do outro, e até o modifica.

Nesta sentença "*foge o veado, si o acossa o cão*", "*Foge o veado*" é uma clausula: "*si o acossa o cão*", outra.

339. *Phrase* é uma combinação de palavras coordenadas entre si, mas sem formar sentido perfeito.

Nesta sentença: "*O orador excedeu a expectação do publico*" as palavras coordenadas "*excedeu a expectação do publico*" formam uma phrase.

340. A phrase construida com um infinito chama-se *phrase infinita* ex.: *OBEDECER Á LEI é dever do cidadão—Sirva-nos de lenitivo á derrota o termos resistido com valentia*".

341. A phrase construida com um particípio chama-se *phrase participal* ex.: "*Negreiros são TRAFICANTES DE ESCRAVOS — Patria, INVOLVENDO-SE NA BANDEIRA HOLLANDEZA, saltou ao mar—MORTO CESAR, os conjurados sahiram de Roma*".

342. Divide-se a syntaxe, em syntaxe lexica e syntaxe logica.

LIVRO PRIMEIRO

SYNTAXE LEXICA

343. A *syntaxe lexica* considera as palavras como relacionadas umas com as outras, na construcção de sentenças.

SECÇÃO PRIMEIRA

RELAÇÃO DE PALAVRAS ENTRE SI

344. Cinco são as relações que têm entre si as palavras ou grupos de palavras, a saber:

- 1) Relação subjectiva.
- 2) Relação predicativa.
- 3) Relação attributiva.
- 4) Relação objectiva.
- 5) Relação adverbial.

345. *Relação subjectiva* é a relação em que o sujeito duma sentença está para com o seu predicado.

Póde estar em relação subjectiva, um nome, um pronome, uma parte da oração substantivada, uma phrase, uma clausula, um membro, uma sentença.

Nestas sentenças «*Pedro é rico—Eu sou nervoso—«Vives» é verbo—É verdade que não fui a Roma*»—“*Pedro*”, “*eu*”, “*vives*” e “*que não fui a Roma*» estão em relação subjectiva.

346. *Relação predicativa*, é a relação em que o predicado de uma sentença está para com seu sujeito.

A relação predicativa póde ser expressa, ou por um verbo sómente, quando é completa a sua predicação; ou por um verbo de predicação incompleta juncto com o seu complemento; ou por um verbo qualquer seguido de adjunctos adverbiaes.

São verbos de predicação completa, os que não necessitam de palavra complementar, para fazer sentido perfeito, ex.: “*O vegetal vive*».

São verbos de predicação incompleta, os que necessitam de palavra complementar, para fazer sentido perfeito: *taes são*; o verbo *ser*, o verbo *estar*, alguns intransitivos, como *ficar*, *parecer* etc.; todos os transitivos como *amar*, *cantar*, etc., ex.: “*Eu sou rico—Antonio está doente—Pedro está pobre—A França parece rejuvenescida—O rei ama-nos—Lincoln cortava lenha*».

Nesta sentença “*O menino corre*»; o verbo “*corre*» está em relação predicativa com o sujeito “*menino*”. Nesta outra “*A mesa é redonda*” não sómente o verbo “*é*» está em relação predicativa com o sujeito “*mesa*», mas também o está o adjectivo “*redonda*”.

347. *Relação attributiva* é a relação em que a palavra que representa alguma qualidade, alguma circumstancia

da cousa de que se falla, está para com a palavra que representa tal cousa, sem que por isso haja asserção, sem que se faça uso do verbo para mostrar a connexão existente entre ambas.

Nesta sentença *Homens prudentes procedem ás vezes com imprudencia*, o adjectivo «prudente» está em relação attributiva para com o substantivo «homem»: o attributivo que esse adjectivo denota é tomado como pertencente ao substantivo «homem», porém não é affirmado a respeito delle. Si fôr dito «*Os homens são sabios*», haverá asserção, e o adjectivo «sabios» estará então em relação predicativa para com o substantivo «homens». Na sentença «*Socrates foi homem sabio*», o adjectivo «sabio» está em relação attributiva para com o substantivo «homem» e a phrase «*homem sabio*» está em relação predicativa para com o substantivo «*Socrates*».

Como attributos só podem pertencer a cousas, só com substantivos podem as palavras ou grupos de palavras estar em relação attributiva.

A relação attributiva é expressa

- 1) Por um artigo, exemplo «*O homem*».
- 2) por um substantivo apposto, ex: «*Epaminondas, general, — Afonso, rei*». O substantivo a que se oppõe outro substantivo chama-se *fundamental*.
- 3) por um adjectivo descriptivo, ex.: «*Maçã grande*».
- 4) por um adjectivo determinativo: ex.: «*Este livro — Cada casa | Minha lousa — Algum homem*».
- 5) por um particípio, ex.: «*O soldado ferido*».
- 6) por um substantivo precedido da preposição *de*, ex.: «*A casa de Pedro*».
- 7) por uma clausula adjectiva (Vide 374 — 375), «*A carta que eu escrevi*».

As palavras ou clausulas que estão em relação attributiva para com um substantivo chamam-se *adjunctos attributivos* desse substantivo.

348. *Relação objectiva* é a relação em que está para com um verbo de acção transitiva o objecto a que se dirige, ou sobre que se exerce essa acção.

Nesta sentença "*O cão levantou a cabeça*", o substantivo "*cabeça*" tá em relação objectiva para com o verbo "*levantou*".

A palavra que está em relação objectiva para com o verbo chama-*objecto* ou *paciente* desse verbo.

Como uma acção só pôde ser exercida sobre uma cousa, só podem também servir de objecto, substantivos ou então palavras, phrases, clausulas e sentenças tomadas como taes isto é, substantivadas.

A relação objectiva não é indicada por preposições, salvo quando para evitar amphibologias usa-se da preposição *a*, ex.: "*Enéas venceu a Turno*", ou quando por idiotismo da lingua empregam-se preposições expletivas, ex.: "*Pegar da lança—mizar da espada*".

349. *Relação adverbial* é a relação em que está para com um adjectivo, verbo ou adverbio a palavra, phrase ou clausula que qualifica esse adjectivo, verbo ou adverbio

A relação adverbial é expressa

- 1) por um adverbio, ex.: "*Elle combateu esforçadamente*".
- 2) por um substantivo precedido de proposição, ex.: "*Paulo gosta de fructas—Pedro escreve com gosto—Cesar foi louvado por Cícero*". O infinito de um verbo pôde ser usado neste caso, visto que é por sua natureza verdadeiro substantivo (Vide 207), ex.: "*Farto de brincar*". Também se pôde empregar uma clausula substantivo (Vide 372), ex.: "*Os homens gostam de que se lhes lisongeie o orgulho*".

- 3) pelos pronomes substantivos em relação apropriada ao caso:

São relações apropriadas ao caso

- a) a relação adverbial, ex.: "*Pedro vein commigo*"
- b) a relação objectiva dos pronomes pessoas usada, por idiotismo da lingua, em vez da relação adverbial, ex.: "*Paulo deu-me um livro*", em vez de "*Paulo deu a mim um livro*".

A relação objectiva dos pronomes substantivos, assim empregada, chama-se relação *objectiva-adverbial*.

- 4) por uma clausula adverbio (376,) ex.: "*Antonio estava lendo quando eu cheguei*".

As palavras ou sentenças, que estão em relação adverbial para com outras, chamam-se, *adjunctos adverbias*. A mór parte dos adjunctos adverbias incluem-se na seguinte classificação:

Adjunctos adverbias

- 1) *de tempo*
- 2) *de logar*
- 3) *de ordem*
- 4) *de modo*
- 5) *de conclusão*
- 6) *de quantidade*
- 7) *de affirmação*
- 8) *de negação*
- 9) *de duvida*
- 10) *de exclusão*
- 11) *de designação*

As palavras que na construcção de sentenças já estejam em diferentes relações, podem estar em qualquer relação para com outras.

SECÇÃO SEGUNDA

PARTICULARIDADES DO SUJEITO, DO PREDICADO E DO OBJECTO

I

SUJEITO

350. O sujeito de uma sentença é simples, composto ou complexo:

- 1) é *simples* quando consta de um só substantivo, de um pronome ou de um infinito de verbo, ex.: «*Cesar conquistou as Gallias—Eu sou ignorante—ERRAR é proprio do homem*»
- 2) é *composto* quando consta de dous ou de mais substantivos, pronomes ou infinitos de verbos, ex.:

CESAR E POMPEU *foram rivaes*—EU E TU *estamos ricos*».—COMER E DORMIR *são cousas diversas*».

- 3) é *complexo*, quando consta de uma clausula substantivo, de uma phrase, ou de uma citação qualquer, ex.: QUE ELLE O DISSE, *é certo* — «POR TODA A PARTE» *é uma phrase usada, por Luiz de Camões*—O AMAR-VOS UNS AOS OUTROS” *do Evangelho, derribou os templos pagãos*”.

351. Chama-se *sujetto ampliado*, o sujeito a que se liga um adjuncto attributivo, ex.: “O general morreu—Afonso, REI casou-se,—Chegaram-me as CARTAS QUE EU ESPERAVA,—Já se vêm terras de Hespanha”.

O sujeito, si é um infinito de verbo transitivo, póde ser ampliado pelo objecto só, ou por elle com um adjuncto adverbial, no caso de ser infinito de verbo intransitivo, amplia-se com um adjuncto adverbial, ex.: *Perdoar injurias é dever do sabio. Perdoar injurias com alegria é dever do christão. Andar ás pressas*’.

II

PREDICADO

352. O predicado de uma sentença é simples ou complexo :

- 1) é *simples*, quando expresso por um verbo, ex.: “A virtude FLORESCE—O homem MORRE”.
- 2) é *complexo*, quando expresso por um verbo de predicação incompleta, acompanhado por seu complemento.

353. Quando um verbo de predicação incompleta é intransitivo ou está na voz passiva, o complemento do predicado, substantivo ou adjectivo, fica em relação perdicativa para com o sujeito da sentença, ex.: “Eu sou chamado ANTONIO — Este homem parece RICO”.

354. Quando um verbo de predicação incompleta é transitivo ou está na voz activa, o complemento do predicado fica em relação attributiva para com o objecto do verbo, ex.: "*Compreei o panno VERMELHO—Chamei-o MEN-TIROSO*"

355. Quando o complemento do predicado é um verbo no modo infinito como "*Eu posso ESCREVER — Devo MANDAR*", o objecto da sentença está as mais das vezes ligado a esse infinito dependente, ex.: "*Eu posso escrever UMA CARTA—Devo mandar UM AVISO*".

356. Chama-se *predicado ampliado* o predicado a que se liga um adjuncto adverbial, ex.: "*O menino anda BEM—Cheguei HONTEM. Comi maçãs COM MUITO PRAZER—Vi MUITOS SOLDADOS em Berlim*".

III

OBJECTO

357. O objecto de um verbo é simples, composto ou complexo. Estas distincções são as mesmas que se fizeram já relativamente ao sujeito (349).

358. Chama-se *objecto ampliado* o objecto a que se liga um adjuncto attributivo, um outro objecto ou um adjuncto adverbial, ex.: "*Ouvi um CANTOR CELEBRE — Quero ESTUDAR o SÂOSKRITO—Vejo UM HOMEM COM UMA ESPINGARDA*".

Póde servir de objecto uma sentença, um discurso, um livro inteiro.

LIVRO SEGUNDO

SYNTAXE LOGICA

359. A *syntaxe logica* considera ás sentenças no que diz respeito á sua estrutura, quer sejam ellas simples, quer sejam compostas.

360. *Sentença simples* é a que contem uma só asserção, sejam ou não ampliados seu sujeito e seu predicado, ex.: "*Abelhas fazem mel*".

A sentença simples chama-se tambem *oração* ou *proposição*.

361. *Sentença composta* é a que contem mais de uma asserção, ex.: "*Pedro é feliz, porém eu sou desgraçado—Si me abandonas, considero-me perdido—Estou certo de que Napoleão teria vencido os alliados em Waterloo, si Grouchy tivesse chegado no tempo devido*".

362. Duas são as relações que podem manter entre si os membros de uma sentença composta :

- 1) relação de coordenação ;
- 2) relação de subordinação.

SECÇÃO PRIMEIRA

COORDENAÇÃO

363. Os membros de uma sentença composta estão em relação reciproca de *coordenação*, quando relativamente á sua força de expressão, ellas são independentes entre si, formando proposições separadas quanto ao sentido, unidas apenas grammaticalmente por palavras connectivas, ex.: "*Pedro é rico e Antonio é trabalhador*".

364. Si os membros de uma sentença composta não estão em opposição uns aos outros, mas simplesmente ligados, a relação de coordenação entre elles existente chama-se *copulativa*, ex.: "*Pedro é tenente e Antonio é capitão*".

365. Si os membros de uma sentença composta, além de se acharem ligados, exprimem ainda opposição, a relação de coordenação entre elles existente chama-se *adversativa*, ex.: "*Pedro é pobre, mas trabalha muito*".

366. Quando as sentenças coordenadas têm ou o mesmo sujeito, ou o mesmo predicado, ou o mesmo adjuncto adverbial, acontece frequentemente ser a parte common expressa uma só vez. Taes sentenças chamam-se *contractas*, ex.: *Pedro furtou um relógio e foi pilhado em flagrante*, isto é, *Pedro furtou um relógio*; *Pedro foi pilhado em flagrante*—*Pedro está bebede e Antonio está louco*, isto é, *Pedro está bebede e Antonio louco*—*Herculano pensava e escrevia bem*—isto é—*Herculano pensava bem, e Herculano escrevia bem*».

A sentença não é contracta, quando seu sujeito, composto de varios nomes no singular ou no plural, é explanação de um nome do plural, de sentido mais lato, que os comprehenda a todos. Em "*Pedro e Paulo são ricos*—*João e seus filhos são honestos*", não ha sentença contracta, porque "*Pedro e Paulo*—*João e seus filhos*," são explicações de uma phrase qualquer de sentido mais amplo, por exemplo: "*Os irmãos Pedro e Paulo*—*Aquelles homens João e seus filhos*,".

367. A relação de coordenação é sempre expressa por conjuncções coordenativas.

368. Do principio que rege a coordenação dos membros da sentença, deduz-se—que as conjuncções coordenativas só podem ligar palavras e membros, que estejam na mesma relação com as outras partes da sentença.

369. Encontram-se por vezes sentenças compostas, cujos membros não se acham ligados por conjunção alguma. Taes sentenças chamam-se *collateraes*. Exemplos:

“Vim, vi, venci,—

“Qual do cavallo vò, que não desce ;

“Qual, co'o cavallo em terra dando, geme ;

“Qual vermelhas as armas faz de brancas ;

“Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas (1);

370. As sentenças collateraes podem ser ao mesmo tempo contractas, ex.: “*As boas lettras criam a adolescencia, recreiam a velhice, adornam os successos prosperos, servem de asylo na adversidade, divertem-nos em vasa, não nos embarçam por fóra, velam connosco, nas tornadas os seguem-no, no campo nos acompanham* (3)”.

371. Ao seguirem-se os membros de uma sentença collateral, contracta ou não, o uso geral é que por meio da conjuncção «e» se desfaza a collateralidade entre os seus ultimos, ex.:

«Mas o de Luso, arnez, couraça **E** malha

«Rompe, corta, desfaz, abola **E** talha (2)».

SECÇÃO SEGUNDA

SUBORDINAÇÃO

372. Si um ou mais membros de uma sentença composta dependem de outro membro da mesma sentença, há relação de *subordinação*.

373. Na sentença composta, o membro de que dependem outros membros chama-se *clausula principal*; ao membro ou membros dependentes dá-se o nome de *clausu-*

(1) *Lusiadas*, Cant. VI, Est. LXIV.

(2) *Cicero*, *Pro Archia*, trad. de **Borges de Figueiredo**.

(3) *Lusiadas*, Cant. III, Est. LI.

las subordinadas, ex.: «*Eu não quis que Antonio partis-se, sem que tivesse chegado o correio*». «*Eu não quis*» clausula principal; «*que Antonio partis-se*» e «*sem que tivesse chegado o correio*» clausulas subordinadas.

374. As clausulas subordinadas são de tres especies: clausulas substantivos, clausulas adjectivos, clausulas adverbios.

I

CLAUSULAS SUBSTANTIVOS

375. *Clausula Substantivo* é aquella que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um substantivo.

A clausula substantivo pôde ser

- 1) sujeito do verbo da clausula principal, ex.: QUE EU CAHISSE NO LAÇO, *era o que elle desejava*.
- 2) objecto desse verbo, ex.: «*Eu te disse QUE FOSSES*».
- 3) predicado propriamente dito d'elle ex.: «*Pedro é exactamente O QUE PARECE SER*».
- 4) adjuncto attributivo do sujeito ou do objecto do mesmo verbo, e, em geral, tudo o que se liga por meio da preposição *de*, ex.: *A idéia DE QUE PARTIRÁS SEM MIM, tortura-me o coração—Tenho um presentimento DE QUE NÃO VIVEREI MUITO—Preciso DE QUE VENHAS HOJE*.

376. A clausula substantivo começa sempre pela conjuncção *que*, ou pela preposição *de*, ou por uma palavra interrogativa.

Nos escriptos classicos, muitas vezes omitta-se a conjuncção *que* ex.: «*A grande reputação que Gil Vicente adquiriu entre seus contemporaneos, e a celebridade que ainda hoje seu nome goza entre os litteratos, juncto a singularidade de suas obras, parece deveriam ter animado a algum zeloso*

da nossa litteratura a emprehender uma nova edição deste nosso antigo *scriptor*. (1).

Os caipiras de S. Paulo praticam frequentemente a mesma omissão, dizendo «*Podia elle viesse hoje*», etc.

II

CLAUSULAS ADJECTIVOS

377. *Clausula adjectivo*, é aquella que em sua relação com o resto da sentença equivale a um adjectivo.

378. A clausula adjectivo está sempre em relação attributiva com um substantivo expresso ou subentendido, ao qual se prende por meio de um pronome conjunctivo, ex.: «*Vêja este lenço QUE EU BORDEI*».

III

CLAUSULAS ADVERBIOS

379. *Clausula adverbio* é aquella que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um adverbio.

380. A clausula adverbio está sempre em relação adverbial (348), para com um adjectivo, ou para com um verbo, ex.: «*Anareí a Lalage formosa QUANDO KI, formosissima QUANDO CHORA — Pedro estava-te escrevendo uma carta, QUANDO CHEGASTE*».

Ha clausulas adverbios

- 1) *de tempo*.
- 2) *de logar*.
- 3) *de ordem*.

1) Barreto Feio, *Prologo á edição de Gil Vicente*.

4) *de modo.*

5) *de duvida.*

6) *de comparação.*

381. As clausulas adverbios de tempo começam por adverbios ou por locuções adverbias de tempo, ex.: "*Pedro estava lendo, QUANDO os ladrões lhe assaltaram a casa—Porque não pereci tanto que sahi do ventre de minha mãe*".

382. As clausulas adverbios de logar começam por adverbios ou por locuções adverbias de logar, ex.: "*ONDE quebraste o pote, procura a rodilha—ONDE quer que vás, has de ter trabalhos*".

383. As clausulas adverbios de ordem começam por locuções adverbias de ordem, como *antes que, depois que*, etc., ex.: "*ANTES QUE cases, olha o que fases—DEPOIS QUE tiveres passado, passarei eu*".

384. As clausulas adverbios de modo começam pelo adverbio *como*, por alguma locução composta com elle, e pelas conjunções e locuções conjunctivas causaes, ex.: "*Sa-hiu o negocio como eu o queria, OU ASSIM COMO eu o queria*".

385. As clausulas adverbios de duvida, ou adversativas, começam pelas conjunções e locuções conjunctivas de subordinação, ex.: "*Si tu fores, Pedro ficará—Antonio é feliz, SI BEM QUE seja pobre*".

386. As clausulas adverbios de comparação formam o segundo elemento das sentenças comparativas, e começam sempre pelas conjunções *que, como*, ou pela locução conjunctiva *do que*. São admittidas depois dos adjectivos no comparativo, nos adverbios de comparação, etc. Exemplos: "*Eu sou maior que Pedro—Tu és tão rico como Paulo—Antonio escreve menos atrevidamente do que Francisco—Pedro bebe mais do que José*".

387. As clausulas adverbios de causa começam pelas conjunções *porque, por quanto*, ou por qualquer locução

conjunctiva equivalente, ex.: "*Gasto muito dinheiro, porque sou rico—Já disse que não quero, portanto não me aborrecam—Quero ver, por isso vou*".

LIVRO TERCEIRO

REGRAS DE SYNTAXE

I

SUBSTANTIVO

388. Um substantivo apposto concorda sempre com o fundamental em relação, isto é, o apposto estará em relação subjectiva, predicativa, objectiva ou averbial, conforme o está o seu fundamental.

389 Sempre que é possível, concorda o apposto com o seu fundamental, em genero e numero, ex.: "*Alexandre, imperador da Russia—Victoria, imperatriz das Indias—Os Gregos, leões da Europa—As Musas, filhas de Jupiter*".

390. Si o apposto não tem flexão de genero, ou si é usado em um unico numero, prescinde-se da concordancia, ex.: "*Lucrecia, exemplo de honestidade—Albuquerque, algemas da Asia*".

391. Sempre que é possível, o substantivo usado predicativamente concorda com o sujeito em genero e numero, ex.: "*Antonio é rei—Maria é rainha—Os hespanhões são fidalgos—As moças são leões*",

392. Si o substantivo usado predicativamente não tem flexão de genero, ou si é usado em um unico numero, prescinde-se da concordancia, ex.: "*As legiões romanas eram o terror do mundo—As palavras de Pedro são ouro sem liga*".

393. Omitt-se muitas vezes a preposição, antes de um substantivo em relação attributiva de possessão, ex.: *«Rio Amazonas—O nome Pedro—Casa Garraux»* em vez de *“Rio das Amazonas—O nome de Pedro—A casa do Garraux”*.

394. Muitas vezes, para encarecer o sentido, representa-se um substantivo que desempenha na sentença uma função qualquer, ex.: *Dias e dias se passaram—Não era possível estar eu a dar-lhe dinheiro, dinheiro e dinheiro”*.

II

ARTIGO

§ 1.º

Concordancia do artigo

395. O artigo está sempre em relação attributiva para com um substantivo, ou para com uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomados substantivamente.

396. O artigo concorda sempre em genero e numero com o substantivo cuja significação particularisa, ex.: *“O homem—A mulher—Os homens—As mulheres”*.

Uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomada substantivamente, é considerada como sendo do genero masculino. ex.: *“Terrivel cousa é um não, OS comes e bebes—A V. Ex. devo O terem-me tractado bem—Admiro O “estí consummado” de Jesus”*.

§ 2.º

Uso do artigo antes de um só substantivo

397. Para particularisar a significação de modo certo, antepõe-se o artigo,

1) aos substantivos appellativos

a) quando estando em relação subjectiva ou objectiva são tomados em toda a sua extensão, ex.: «*O homem é mortal—O cavallo é solipede—O ferro é duro—Quando eu estive na Arabia, fiquei conhecendo bem o camello—Receio mais o tigre do que o leão*».

b) quando modificados por adjuncto attributivo, ex.: «*O rico lavrador—O filho de Pedro—O elephante que hontem vimos*».

O adjuncto póde estar occulto: em «*O homem veio*», subentende-se *de que fallamos, que esperavamos*, etc.:

2) ás palavras, phrases, membros, clausulas e sentenças substantivas, ex.: «*O sete de espadas*»—*Espero o sim*—O «*pois, eu fui*» *de Camões*—O «*morra e vingue-se*» *de Vieira*».

a qualquer substantivo de logar ou de tempo, quando tenha tambem como adjuncto attributivo *todo*, que por via de regra o precede, ex.: *Por toda a parte—Por todo o anno—Por todo o mez*».

Estas e outras phrases analogas podem soffrer uma inversão, ex.: «*Toda a casa está cheia de ratos* ou *A casa toda está cheia de ratos*». Quando *todo* equivale a *cada*, é facultativo o emprego do artigo, ex.: *Todo homem sensato* ou *Todo o homem sensato despreza a ostentação*». No plural é sempre obrigatorio o uso do artigo, ex.: «*Todos os homens sensatos despresam a ostentação*».

4) aos substantivos proprios de pessoas

a) quando modificados por um adjuncto attributivo que os preceda, ex.: «*O destemido Rabello—O sentencioso Sancho*».

b) quando appellidos ou alcunhas, ex.: *O Caramuru—O Pato Macho*».

- c) quando designam individuos de celebridade universal, ex.: «*O Christo—O Dante—O Byron*».
- d) em estylo familiar, ex.: «*O Joaquim casa com a Theresa*».

5) aos substantivos proprios

- a) das cinco partes do mundo e de grandes regiões, ex.: «*A Europa — A America — O Sahara—A Nigricia*».

Antigamente dizia-se «*Africa, Asia, etc.*» sem artigo.

- b) de paizes, ex.: «*O Brasil—O Tyrol*». Exceptuam-se *Portugal, Castella* e talvez poucos mais, que não levam artigo, a não ser quando modificados por um adjuncto attributivo, ex.: «*Portugal é rico—Castella é orgulhosa—O Portugal de D. José I deu leis á Inglaterra*».
- c) de provincias e de divisões analogas, ex.: «*O Ceará—O Minho—O Yorkshire—As Bocas do Rhodano*»;

Esta regra tem numerosas excepções, que só pela leitura de bons escriptores de geographia se poderão conhecer, ex.: «*Goyaz—Matto-Grosso—Minas—Pernambuco—Santa Catharina—S. Paulo—Sergipe—Trás-os-Montes, etc.*», que nunca levam artigo.

- d) de montanhas, ex.: «*Os Andes—Os Pyrreus—O Olympo—O Jaraguá*».
- e) de promontorios e cabos, ex.: «*O Orlegal—O Passaro*»
- f) de mares, ex.: «*O Atlantico—O Mediterraneo*».
- g) de estreitos, ex.: «*O Bosphoro—O Sund*».

Exceptuam-se *Gibraltar, Jenikalé* e alguns ou-

- h) de rios, ex.: «*Amazonas—O Tejo*».
- i) de obras primas artisticas e litterarias, ex.: *A Alhambra—A Batalha—O Laocoonte—Os Lusíadas*.
- j) de navios, ex.: «*O Great Eastern—A Bahiana*».
- k) de homens, quando tomados adjectivamente, ex.: «*Camões é o Virgilio portuguez—Os Alexandres são raros*».
- 6) muitas vezes aos adjectivos possessivos, ex.: «*A minha casa—Os meus amigos*».

Nestes casos o ouvido é que decide do emprego ou da omissão do artigo; todavia o uso moderno propende mais para a omissão.

- 7) aos nomes de parentesco e de objectos possuidos em vez dos adjectivos possessivos, isto quando o sentido da phrase é tão claro que não deixa duvida sobre o possuidor, ex.: «*Este menino perdeu a mãe—Rapaz, que é da gravata?*»
- 8) a *Senhor, Senhora*, etc., quando nos dirigimos a alguem, sem accrescentar mais nomes de tratamento, ex.: «*O Senhor quer pão? A Senhora vai sair?*»
- 9) aos pronomes possessivos, ex.: «*Este livro é meu; o teu é melhor*».
- 10) aos adjectivos numeraes que indicam horas, ex.: «*A's duas horas, às tres*».
- 11) ás palavras *meiodia, meianoite*, ex.: «*Virei ao meiodia—Cheguei á meianoite*».
- 12) aos nomes de numeração, ex.: «*O quatro não sahio—Falta o nove*».

O artigo serve tambem para uma construcção especialissima da lingua portugueza; junta-se a um adjectivo ou substantivo de qualificação, que se prende pela preposição *de* a um nome de individuo que se queira quali-

ficar energicamente, ex.: *“O bom do homem—a pobre da mulher—O tratante do alfaiate—a burra da criada”*,

Esta construcção é familiar e não se usa em estylo elevado.

398. Omitte-se o artigo

- 1) geralmente, antes de todos os substantivos proprios não precedidos de adjuncto attributivo, ex.: *«Minerva plantou a oliveira—Paris, em civilisação, leva de vencida todas as capitães do mundo»*.
- 2) particularmente, antes dos nomes proprios de ilhas, cidades e astros, ex.: *Ceylão é rica, e Java é bella—Lisbôa é limpa, e Constantinopla é immunda—Jupiter é maior do que Mercurio»*.

Exceptuam-se os nomes proprios de ilhas, cidades e constellações, quando procedentes de substantivos communs, ex.: *A Madeira por si só vale tanto como os Açores—O Porto é mais rico do que o Havre—Já vi o Cruzeiro do Sul e as Ursas*.

- 3) antes dos termos principaes de ditos sentenciosos, ex.: *«Pobreza não é vileza»*.
- 4) antes do substantivo capital de uma definição ex.: *«Biologia é a sciencia da vida»*.
- 5) antes das palavras em apostrophe, ex.: *«Surgi, povos, vinde a juizo!»*
- 6) nas phrases exclamativas, ex.: *«Bella criança!—Lindo menino!»*
- 7) antes dos substantivos que constituem uma enumeração de partes, ex.: *«Tudo quanto appetecemos na vida, glorias, honras, riquezas não nos satisfaz»*.
- 8) antes dos adjectivos possessivos seguidos de um

nome de parentesco, ex.: «*Minha mãe—Meus tios*».

Quando, porém, se quer distinguir com maior particularisação um parente, por meio de uma palavra determinativa, ou qualificativa, antepõe-se o artigo, ex.: «*O meu filho Jorge—A minha cunhada solteira*».

- 9) antes dos nomes de tratamento, precedidos de *Senhor, Senhora* etc., quando nos dirigimos ás pessoas a quem os damos ex.: *Que diz a isto, Senhor Barão?—Toma café, Senhora Condessa?*

Todavia, por uma especie de emphase, emprega-se o artigo quando os nomes de tratamento indicam cargo, dignidade, jurisdiccional, relação social, ex.: «*Que diz a isto o nobre Promotor?—Que decidem os Senhores Representantes do Povo?—Nunca accusarei o meu amigo...*» Por vezes, usa-se tambem da mesma construcção, quando a *Senhor, Senhora* seguem nomes proprios ex.: «*Que quer o Sr. João Gonçalves—Veja isto a Sra. D. Thereza*».

Em Portugal, usa-se do artigo antes dos nomes de parentesco e de relações sociaes, ainda mesmo dirigindo-se a pessoas que fala ao interlocutor ex.: *Rapaz, onde foste a estas horas? Pois o tio não me mandou á botica?—Quer, o amigo almoçar connosco?*

Na provincia de S. Paulo, especialmente na zona do oeste, ha um uso estranhissimo e absolutamente contrario a este. supprime-se artigo e adjectivo possessivo com os nomes *pae e mãe*, ainda mesmo fallando-se em ausencia ex.: **Mãe** não quer que eu case—**Pae** deu-me hoje um cavallo.

- 10) antes dos nomes de numero que indicam datas, ex.: «*A 14 de Março—a 18 de Maio*».

Todavia diz-se: «*A primeiro de Junho ou no primeiro d*

Junho. Quando se põe clara a palavra *dias*, também se usa do artigo, ex.: "Aos doze dias do mez de Janeiro,,.

- 11) antes dos pronomes conjunctivos empregados interrogativamente, ex.: «*Que queres?—Que te parece?*»

"*O que queres?—O que te parece?*" e outras construcções identicas são incorrectas. Nos escriptores classicos abundam exemplos do uso acertado:

«*Pois de ti, Gallo indigno que direi?*» **Camões.** «*E que vos parece que façamos?*» **Vieira,** "*O' homem, que fizeste?*» **Souza Caldas.** *Que havia de fazer?* **Bocage.** "*Que é o que ouço?*" **Francisco Manoel.**

§ 3.º

Uso do artigo antes de substantivos consecutivos

399. Si o primeiro de dous ou de mais substantivos consecutivos é precedido de artigo, a repetição ou a omissão delle antes do outro ou dos outros, é geralmente facultativa. Exemplo de repetição: «*Que cousa são as honras e as dignidades sinão fumo?*» Exemplo de omissão: *De Troia disse Ovidio que onde ella tinha estado, já maduravam searas. E o mesmo podemos dizer das planicies, valles e montes donde se levantam ás nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas e torres.*

400. E' de rigor a repetição

- 1) antes de termos que tenham entre si sentido opposito, ex.: «*O dia e a noite—As obras boas e as más.*».
- 2) antes dos membros de uma gradação, ex.: *A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do neces-*

sario para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio que despoticamente domina sobre todos os que vivem».

401. E' de rigor a omissão

- 1) antes de termos synonymos, ex.: *«O fumo, tabaco ou petum é uma planta originaria da America—A mudança e variedade das linguas do Brazil é sem duvida curiosa—Os homens compassivos e bons—As mulheres ajuizadas e prudentes».*
- 2) antes de termos relativos ao mesmo individuo, ex.: *«O rei da Prussia e imperador da Allemanha—O cunhado e socio de Pedro».*

II

ADJECTIVO

§ 1.º

Concordancia do adjectivo

402. O adjectivo está sempre em relação attributiva ou em relação predicativa para com um substantivo, ou para com uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomados substantivamente.

403. Geralmente, o adjectivo concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, ex.: *«O homem branco—A mulher branca—Os homens brancos—As mulheres brancas».*

404. O adjectivo que faz as vezes de um adverbio é

invariavel, ex.: *Vontade* TODO *poderosa*—*Casas* MEIO *derrubadas*».

Todavia, em relação a *meio* alguns escriptores fazem a concordancia ex.: *Porta meia aberta*--*Casas meias queimadas*».

405. Quando a um substantivo de um genero se refere outro de genero diverso e modificado por um adjectivo, este adjectivo concorda com o segundo substantivo, ex.: «*Cicero, AQUELLA fonte de eloquencia—Catilina, AQUELLA peste da republica*».

Os escriptores antigos e o povo ainda hoje fazem a concordancia com o primeiro, ex.: *Cicero, Aquelle fonte de eloquencia—Catilina, Aquelle peste da republica—Manuel, tu és um borra. Julio, tu serás um mamã*.

406. O adjectivo substantivado é do genero masculino, ex.: «*O bello do negocio—O difficil da questão*».

O adjectivo *pouco*, si está collocado antes de um substantivo feminino, pôde assumir, apezar de estar substantivado, a flexão do feminino, ex.: *Uma pouca de palha—Uma pouca de agua*».

407. Concorrendo dous ou mais substantivos do mesmo genero e do numero singular, o adjectivo toma a flexão do genero commum a todos e do numero plural, ex.: «*Improbos eram o ardor e o esforço empregados—Validas eram a coragem e a esperança*».

408. Concorrendo dous ou mais substantivos do singular, de genero e de significações differentes, o adjectivo toma em geral a flexão do genero masculino e do numero plural, ex.: *A noite e o dia eram claros*».

409. Concorrendo dous ou mais substantivos do singular, de geuero differente e de significação semelhante, o adjectivo concorda com o ultimo, ex.: *O amor e a amizade verdadeira*—ou *A amizade e o amor verdadeiro*».

É vicioso empregar um substantivo no plural e fazer concordar com elle adjectivos no singular: estas e outras phrases, por exemplo, são incorrectas: «*O primeiro e segundo juizes de paz — As grammaticas franceza e portugueza.*» Deve-se dizer: *O primeiro juiz de paz e o segundo — A grammatica franceza e a portugueza.*

Cumpré todavia notar que muitos grammaticos não são desta opinião: Diez (1), por exemplo, auctorisa esta concordancia de adjectivos do singular com um substantivo no plural, que até se dá em Latim. Camões escreveu: «*O quarto e quinto Affonsos* (2).

410. Concorrendo dous ou mais substantivos do plural de genero differente, o adjectivo concorda com aquelle de que está mais proximo, ex.: «*Seus temores e esperanças era vãs — Vãos eram seus temores e esperanças.*».

Alguns escriptores fazem o adjectivo assumir sempre a flexão masculina de genero, ex.: «*Vinham vestidos de pennas, com as faces, beiços, narizes, e orelhas cheios de grossos pendentes.*».

411. Concorrendo um ou mais substantivos do plural com outro ou outros do singular, e sendo os de um numero differentes em generos dos do outro, o adjectivo concorda em genero com aquelle ou aquelles que estiverem no plural, ex.: «*As fazendas e o dinheiro eram muitas.*»

Alguns escriptores fazem o adjectivo assumir sempre neste caso a flexão do masculino plural, ex.:

- «Porque essas honras vãs, esse ouro puro
- «Verdadeiro valor não dão á gente:
- «Melhor é merecel-os sem os ter,
- «Que possuil-os sem os merecer».

Camões.

1) *Obra citada*, vol. III, pag. 88.

2) *Lusiadas*, Cant. I, Est. XII.

"De branca seda leva o caro esposo
 "As calças e o jubão de ouro lavrados".

Corte Real.

Outros fazem o adjectivo concordar sómente com o ultimo substantivo, ex.:

"Era este Lazaraque um tyranno que, com manhas e astucia sua, se vein a fazer tão grande, que teve poder para desherdar os dous filhos de El-Rei Buçaide de Fez.

Duarte Nunes de Leão.

412. Anteposto a dous ou mais substantivos o adjectivo-concorda sómente com o primeiro, ex.: "*Com quanta prudencia, agrado e modestia se defende de todos—Cada um delles trazia seu arco e frechas*".

413. Nas phrases de tratamento, como *Vossa Senhoria, Sua Alteza, Sua Magestade*, etc., os adjectivos possessivos inseparaveis concordam em genero com o substantivo honorifico, ao passo que os adjectivos descriptivos separaveis assumem o genero da pessoa a quem ou de quem se falla, ex.: "*Vossas Senhorias, Senhores Vereadores, são cordatos e justos—Suas Altezas* (os principes) *são magnanimos e bons—Sua Magestade* (a rainha) *é illustradissima*".

A concordancia em numero é regular.

É uma das muitas extravagancias do estylo de chancellaria o conservarem-se, nas phrases de tratamento, as fórmãs do adjectivo possessivo da segunda pessoa do plural "*vossa, vossas*" quando o genio da lingua portugueza quer que se dirija em terceira pessoa ao individuo ou individuos com quem se falla.

414. Nos adjectivos compostos, a concordancia tanto em genero como em numero, cabe a ambos os componentes, quando em cada um se manifesta o sentido adjectival, ex.: "*Meninos surdos-mudos — Outras tantas meninas*".

415. Nos adjectivos compostos, a concordancia só cabe ao ultimo componente, quando o primeiro ou os primeiros têm um como sentido adverbial ex. : «*No cerrado das hostes palpitavam gloriosas as bandeiras auri-verdes do Brazil—Os exercitos austro-hungaros—A esquadra anglo-turco-francesa*».

2.º

Posição do adjectivo

416. Os adjectivos descriptivos se antepõem ou se pospõem aos substantivos, conforme o genio da lingua, o estylo da composição, e o gosto do escriptor: não se pôdem estabelecer regras positivas a este respeito. Todavia, nota-se

- 1) que alguns adjectivos de poucas syllabas, como *bello, bom* são mais communmente antepostos, ex.: «*Um bello homem — Um bom livro*». Não seria, porém, erro dizer-se «*Um homem bello— um livro bom*».
- 2) que se antepõem os adjectivos descriptivos aos substantivos proprios, ex. : «*O sublime Gæthe— O mystico Dante*».

Póde-se pospôr o adjectivo descriptivo ao substantivo proprio, quando se quer insistir sobre este, ou distinguil-o de seus homonymos, ex. : «*Raphael, o divino — Affonso, o sabio*»; mas neste caso, o adjectivo é quasi sempre precedido de artigo.

- 3) que se pospõem aos substantivos os adjectivos descriptivos, que exprimem relações externas e estados corporaes, ex. : «*Opinião commum Mulher doente*».

É de rigor a posposição com adjectivos descriptivos, derivados de substantivos proprios, ex. : «*A escola allemã — O estylo flo-*

rentino». Todavia, em estylo elevado, ainda neste caso, podem-se antepôr os adjectivos, ex.: «*Nada temem brasileiros corações — Luso valor*».

- 4) que os adjectivos de propriedades materiaes, como *côr, fôrma, gôsto*, etc., pospõem-se geralmente, ex.: «*Uma gravata vermelha — Uma mesa redonda — Um vinho doce*».

Bocage escreveu

“Contam que certa raposa,
 “Andando muito esfaimada,
 “Viu *roxos, maduros* cachos,
 “Pendentes de alta latada”

- 5) que alguns adjectivos variam de significação, conforme são antepostos ou pospostos, ex.: «*Uma pobre viuva ; Uma viuva pobre — Um novo livro ; Um livro novo*».

Em geral, o adjectivo posposto tem sentido proprio, e o anteposto, figurado.

417. O adjectivo determinativo antepõem-se ao substantivo, ex.: «*Este homem — Aquella mulher*».

418. Os adjectivos determinativos demonstrativos *este, esse, aquelle* pospõem-se em algumas sentenças exclamativas, ex.: «*Que homem este ! — Que pensamento esse ! — Que mulher aquella !*».

§ 3.º

Repetição e omissão do adjectivo determinativo, antes de um ou de mais substantivos

419. Em geral, militam para a repetição ou para a omissão do adjectivo determinativo antes de um só substantivo,

ou de substantivos consecutivos, as regras acima exaradas para a repetição ou para a omissão do artigo.

§ 4.º

Adjectivos numeraes

420. Os adjectivos numeraes, tomados como nomes dos dez algarismos, são substantivos, ex.: *Um sete e tres quartos. Os zeros são mal feitos, mas os cinco são bem acabados*. Também são substantivos, quando tomados como nomes de cartas, ax.: *“O dois de páus, o cinco de copas”*.

421. Os numeros entre *cem* e *duzentos* são expressos por *cento*, e não por *cem*, ex.: *«Cento e dez, cento e trinta»*.

422. Antes immediatamente de *mil*, usa-se de *cem*, ex.: *Cem mil homens*.

423. Quando entre *mil* e *cem* medeia outro nome de numero, usa-se de *cento* ex.: *«Cento e vinte mil homens»*.

424. No enunciado de quantidades

1) Si o numero se compõe de unidades e dezenas, ou de unidades, dezenas e centenas, põe-se a conjuncção *e* entre cada um dos elementos, ex.: *«Vinte E quatro—Duzentos E cincoenta E cinco»*.

2) si o numero se compõe de mais de uma casa de tres algarismos, não se põe conjuncção entre o primeiro algarismo da ultima casa e o numero que o precede, ex.: *«seis mil quinhentos e quarenta e seis (6.546)»*. No caso, porém, de ser esse primeiro algarismo um zero, interpõe-se a conjuncção, ex.: *cinco mil e vinte e oito (5.028)*. Quando o numero se compõe de varias casas de tres algarismos, omitta-se a conjuncção entre cada uma das casas, ex.: *«Tres trilhões, quatrocentos e*

quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte e oito mil, duzentos e vinte cinco (3,444.225.528.225)». Todavia, quando na ultima casa de tres algarismos faltam unidades e dezenas, interpõe-se a conjuncção, ex.: «*Vinte e um milhões, trezentos e cincoenta e dois mil e quatrocentos (21.352.400)*».

425. Na computação chronologica por seculos, emprega-se o adjectivo numeral ordinal anteposto, e numeral cardinal posposto, ex.: «*No decimo sexto seculo—No seculo dezeseis*».

426. Na computação dos dias do mez, emprega-se o adjectivo numeral cardinal, ex.: «*A dois de Maio*». Ha uma excepção: é o *dia primetro*; diz-se «*Primeiro de Maio*» e não «*Um de Maio*».

427. Na enumeração dos reis e personagens celebres do mesmo nome, usa-se do numero ordinal até *dez* e do cardinal dahi em diante, ex.: «*Carlos IX—Luiz XVI*» lêem-se «*Carlos nono—Luiz dezeseis*».

428. *Ambos* quer sempre depois de si o artigo, ex.: «*Ambos os filhos, ambas as mãos*».

Observação n. 1) *Ambos* não se póde usar a respeito de cousas entre si oppostas; não se deve, pois, dizer "*ambos os partidos brasileiros*" mas sim "*os dois partidos brasileiros*".

Observação n. 2) Os adjectivos determinativos numeraes ordinaes.

1) quando indicam meramente a ordem, são antepostos, ex.: "*O primeiro livro*".

2) quando indicam uma divisão, são pospostos, ex.: "*O livro primeiro*".

Observação n. 3) Quando um adjectivo determinativo numeral cardinal encontra-se com um ordinal, é indifferente collocar-se antes um ou outro, ex.: "*Os primeiros dez livros—Os dez primeiros livros*".

§ 5.º

Adjectivos conjunctivos

429. Os adjectivos conjunctivos sempre se referem a um nome da clausula principal : esse nome chama-se *antecedente*.

O adjectivo conjunctivo *qual* póde admitir depois de si uma repetição do antecedente que, assim repetido, toma o nome de *subsequente*, ex.: "*São perdidos os dias, nos quaes dias não fazemos algum bem*".

Esta construcção é quasi desusada, e só se emprega em casos especia-
lissimos, quando é absolutamente indispensavel a clareza do sentido.

O adjectivo conjunctivo *cujo*, equivalente exacto de "*do qual, da qual, dos quaes, das quaes*", por isso que tem significação restrictiva possessiva, quer sempre claro depois de si o substantivo que restringe, ex.: "*O homem, cujo filho aprende connigo—Vi a mulher, cujas filhas casaram-se hontem*".

Ao envez do que succede com "*qual*" o substantivo que segue a *cujo* é sempre diverso do antecedente.

O emprego de *cujo* sem antecedente e subsequente immediatos, si bem que classico, é archaico, ex.: "*Cujas são estas arvores? Eu sei cujo é o gado*".

§ 6.º

Adjectivos indefinitos

430. *Tanto*, no plural *tantos, tantas*, serve para completar nomes de numero, quando não se sabe ao certo quantas as dezenas ou as unidades, ex.: "*Compreei tresentas e tantas gallinhas—Ganhei vinte e tantos mil réis*". Usa-se de *muitos, muitas* nos mesmos casos, quando se presuppõe que o numero de dezenas ou de unidades ignoradas excede a cinco.

431. *Todo* torna-se adverbio em sentenças como estas: «*Sou todo ouvido—Deus é toda bondade.*»

432. Os adjectivos determinativos possessivos *meu, teu, seu, nosso, vosso*, e os indefinitos *algum, nenhum, qualquer, tal, tanto, todo*, pospõem-se algumas vezes aos seus substantivos, ex.: «*O livro meu—poder nenhum.*» *Alheio e proprio* pospõem-se frequentemente. Cumpre notar que estes dous possessivos e muitos dos indefinitos como *certo, mesmo, muito, pouco*, etc., assumem repetidas vezes o character de verdadeiros adjectivos descriptivos e que, como taes, subordinam-se á regra geral (410).

433. *Algum*, posposto significa *nenhum*, ex.: «*Eu por maneira alguma consinto.*»

§ 7.

Formação dos comparativos e dos superlativos

434. Fôrma-se geralmente um comparativo de inferioridade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *menos* e *que*, ex.: «*Pedro é MENOS rico QUE Antonio.*»

435. Fôrma-se geralmente um comparativo de egualdade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *tão* e *como*, ex.: «*Pedro é TÃO alto COMO José.*»

436. Fôrma-se geralmente um comparativo de superioridade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *mais* e *que*, ex.: «*Antonio é MAIS rico QUE Pedro.*»

437. Fôrma-se geralmente um superlativo relativo, collocando-se o adjectivo descriptivo entre o *mais* e *de*, ex.: «*Antonio é o MAIS rico DE todos.*»

438. Fôrma-se um superlativo absoluto, antepondo-se ao adjectivo descriptivo *muito, extremamente*, ou qualquer outro adverbio de quantidade ou de modo, que, indican-

exaltação, não tenha significação relativa, ex.: «*Pedro é MUITO rico—Antonio é EXTREMAMENTE pobre*».

Observação n. 1) Nos comparativos de inferioridade e de superioridade, em vez de *que* depois do adjectivo descriptivo, quer o uso que se empregue do *que*, ex.: *Pedro é menos alto do que Antonio—Paulo é mais rico do que José*.

Observação n. 2) Os comparativos de inferioridade e de superioridade admittem encarecimento por meio do adverbio *muito*, ex.: *Muito mais rico—muito menos provavel*.

Observação n. 3) Nos comparativos de egualdade, quando esta é estabelecida entre duas ou mais qualidades do mesmo ou de diversos sujeitos, em vez de *como* pôde-se usar de *quão* ou de *quanto*, ex.: «*Pedro é tão rico quão generoso—Antonio é tão activo quanto cortez—Paulo é tão bravo quanto covarde é Philippe*».

Observação n. 4) Em vez de *tão grande*, pode-se empregar *tamanho*. Camões (1) escreveu: Ora vê, Rei, *quamanha* terra andamos». *Quamanho* equivale a *quão grande*; na linguagem hodierna é desusado.

Observação n. 5) Em virtude do seu sentido já de si absoluto, não admittem grãos os adjectivos descriptivos *eterno*, *cxangue*, *immenso*, *infinito*, *innumero*, *omnipotente*, e outros semelhantes.

Observação n. 6) Vê-se com frequencia darem-se grãos a superlativos tomados directamente do Latim. «*Mais pessimo, muito uberrimo, optimissimo*» ouve-se a cada canto. Vasco Mousinho de Quevedo (1) escreveu: *A mais suprema parte da torre*. Si bem que fosse esse uso dos antigos que até diziam «*mui muito*», taes construcções, no estado actual da lingua, são erros deploraveis.

Observação n. 7) Por imitação da syntaxe latina, servem muitas vezes os superlativos absolutos de superlativos relativos, ex.: «*O optimo de todos—O prudentissimo dos conselhos*» em vez de «*O melhor de todos—O mais prudente dos conselhos*».

Observação n. 8) Os substantivos tomados adjectivamente assumem todos estes grãos, ex.: *Pedro é mais escultor do que poeta—Eu sou tão homem como tu—Elle é muito meu irmão*.

(1) *Lusiadas*, Canto VI. Est. LXIX.

(2) *Affonso Africano*. Edição de 1611, pag. 216.

§ 8.º

Adjectivos correlativos

439. Adjectivos determinativos ha que em certas clausulas comparativas exigem o emprego de outros da mesma natureza: chamam-se *correlativos*. *Tal* é correlativo de si proprio e de *qual*; *quanto* de *tanto*, etc., ex.: «*TAL PAE TAL filho—TAL mulher me fosse ella QUAL marido lhe sou eu—TANTAS cabeças QUANTAS sentenças*. Camões dá como correlativo a *qual* o adverbio *eis* (1).

IV

PRONOME

§ 1.º

Pronomes substantivos em relação adverbial

440. Os pronomes substantivos em relação adverbial são sempre regidos por uma preposição, ex.: «*A mim—De ti—Por si—Com elle*».

441. *Migo, tigo, sigo, nosco, vosco* são sempre regidos pela preposição *com*.

Encontram-se a cada passo incorrecções, como estas: *Man-dou lembranças para si; quer fallar comsigo; isso é lá comsigo*.

Esta maneira de exprimir-se um individuo que se dirige a um interlocutor, é incorrectissima. As pessoas grammaticaes

(1) *Lusiadas*: Canto I, Est. LXXXVIII e LXXXIX.

são estas: a *primeira* é a que falla; a *segunda* com que se allá; e a *terceira*, de quem se falla, ou o assumpto de que se tracta. Usar do pronome da terceira, de *si*, *comsigo*, dirigindo-se á segunda pessoa, ao *interlocutor*, e dislate que convem extirpar de uma vez para sempre. Os erros apontados acima devem assim corrigir-se: *quer fallar contigo*; mandou *lembranças p'ra ti*; isso é *lá contigo*.

No Brazil, por se considerar pouco respeitosa a expressão *de ti*, *contigo*, usa-se desta outra: *do senhor*, *da senhora*, etc., expressão que pode ser muito delicada, mas tambem é muito anti-grammatical. A terceira pessoa é a *de quem se falla*!!!..

Em apoio do que dizemos, transcrevemos para aqui o que, nos *Criticos do Cancioneiro Alegre*, escreveu o saudoso e in-substituível mestre, Camillo Castello Branco, (1).

"E' por tudo isto que eu tenho muito dó de *si*. De *si*, ó alarve! É incrível que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias supra mencionadas salisse tão adulta e descompassada besta!..

.....

.....

.....

"Insiste pela prova do erro do pronome *si*. Que vá á escola do visinho mestre de instrucção primaria, e pergunte-lhe se um pronome pessoal da terceira pessoa pôde empregar-se como pronome pessoal da segunda. O mestre naturalmente, responde-lhe cavalgando-o; e, debaixo da influencia do velho Lobato e do acicate, leva-o á porta dos 6.500 assignantes do *Diario do Commercio*, e obriga-o a ornear uma satisfação pelas asneiras impressas e miasmaticas que lhes tem mettido em casa pelo cano do folhetim; e depois obriga-o outrossim a declinar os pronomes pessoaes a compasso de patas-toadas. (Não se pode dizer *palma-toadas* com referencia a X). E elle rebusnando rebusnará:

N. S.	N. P.
-------	-------

eu	nós
me	nos
mim	nosco
migo	

N. S.	N. P.
-------	-------

tu	vós
te	vos
ti	vosco
tigo	

N. S.	N. P.
-------	-------

elle, ella,	elles, ellas
lhe	lhes

N. Singular e Plural

se
si
sigo

*Feito isto, duas esporas, e fazel-o lér em voz alta no Martinho e na casa Havaneza o seguinte trecho do seu folhetim:

.

Ora, actualmente já não servem estes epitaphios. Como X chama ás *epigraphes* epitaphios. ameace sepultal-o com epigraphe de vilipendio eterno que diga: *elle não sabia os pronomes. A terra lhe seja leve como os miolos.*

Se X, ainda assim não atirar aos quatro ventos do azul o seu ullular de vergonha, convença-se o mestre-escola que Desiderio Erasmo tinha razão quando escreveu no **Elogio da Lou**

cura: "Não ha burro que se entristeça pelo facto de ignorar a grammatica".

.

§ 2.º

Pronomes substantivos em relação objectiva adverbial

442. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem sempre a pronomes substantivos em relação adverbial, servindo de complementos ás preposições *a* e *de*.

Assim

<i>me</i>	equivale a	<i>a mim</i>	ou a	<i>de mim</i>
<i>te</i>	»	» <i>a ti</i>	»	» <i>de ti</i>
<i>se</i>	»	» <i>a si</i>	»	» <i>de si</i>
<i>nos</i>	»	» <i>a nós</i>	»	» <i>de nós</i>
<i>vos</i>	»	» <i>a vós</i>	»	» <i>de vós</i>
<i>se</i>	»	» <i>a si</i>	»	» <i>de si</i>

443. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjectivos possessivos, *meu*, *teu*, *seu*, etc. ex.: «*Elle me é pae—Amigas te somos—Não lhe sou tutor*» em vez de «*Elle é pae meu—Amigas tuas somos—Não sou tutor seu*».

Esta construcção é latina; Virgilio escreveu «*tibi vultus*» (1) em vez de «*tuus vultus*» e *huic conjux*» (2) por «*suius (ejus) conjux*».

(1) *Eneida*, Cant. 1 vers. 327.

(2) *Idem*. *Ibidem*, vers, 843.

444. Em lugar do pronome da primeira pessoa do singular *eu*, usam os escriptores da fórma da primeira pessoa do plural *nós*. O verbo vai para o plural; os adjectivos, em relação attributiva ou predicativa com esse pronome, ficam no singular, ex.: «*Antes sejamos breve que prolixo*».

Antigamente, dava-se geralmente o mesmo uso com o pronome da segunda pessoa: ainda hoje neste Estado (S. Paulo) os velhos fazendeiros, conservadores tenazes dos habitos fidalgos de seus avós, usam de tal tratamento em relação aos inferiores a quem votam affecto.

§ 3.º

Posição e influencia dos pronomes substantivos em relação subjectiva, objectiva e objectiva adverbial

445. A collocação dos pronomes sujeitos nas sentenças, effectua-se de accordo com os seguintes preceitos:

- 1) No indicativo e no condicional, nos tempos simples e nos compostos das sentenças declarativas, o pronome sujeito antepõe-se geralmente ao verbo, ex.: «*Nós queremos—Nós desejaríamos—Vós não sabeis—ELLES teriam vindo*».

Todavia, por emphase, pera maior intimação no dizer, pospõe-se muitas vezes o pronome sujeito, ex.: «*Estavamos nós em Pariz—Tinha elle chegado*».

Dá-se o mesmo, ainda quando o sujeito não é representado por pronome, ex.: «*Brilhava a lua em céu sem nuvens—Vinha desfilar o exercito*».

- 2) Nas sentenças interrogativas, pospõe-se o pronome sujeito ao verbo, ex.: «*Queres tu vir almoçar commigo?*».

Cumpra notar que, principalmente no Brazil, vai se estabelecendo o uso de construir as sentenças interrogativas

em ordem directiva, deixando-se o seu sentido de pergunta a cargo sómente da inflexão da voz, ex.: «*Tu queres vir almoçar commigo?*»

- 3) Com verbos no imperativo, o pronome sujeito, si vem claro, pospõe-se, ex.: «*Dize Tu — Correi Vós*».

Observa-se ainda o mesmo nas sentenças negativas em que o imperativo é substituído pelo subjunctivo presente, ex.: «*Não digas tu — Não corrais vós*».

- 4) Com verbos no subjunctivo, si é expressa a conjuncção de subordinação, o sujeito, quer seja representado por um pronome, quer por substantivo, antepõe-se geralmente, ex.: «*Desejo QUE ELLE venha, ANTES QUE OS CRIADOS tenham sahido*». Si fica occulta a conjuncção, o sujeito pospõe-se, ex.: «*Oxalá tenha ELLE vida!*»
- 5) Com verbos no infinito e no participio, pospõe-se o sujeito, ex.: «*Fallares TU assim é indecoroso*». — MORTO PEDRO, *ninguem mais reinará*.
- 6) Com verbos no infinito perfeito, o sujeito, pronome ou substantivo, fica geralmente entre o auxiliar e o participio aoristo, ex.: «*Ter EU faltado á palavra — Terem OS FRANCEZES chegado tarde*».
- 7) Servindo a phrase infinitiva de complemento a uma preposição, antepõe-se geralmente o sujeito, ex.: «*Para EU comer — Em PAULO chegando*».
- 8) *Eu* antepõe-se a *tu*, e *tu* a *elle*, *ella*; nós antepõe-se a *vós* e *vós* a *elles*, *ellas*, ex.: «*Eu e tu estamos bons — Tu e elle sois ricos*».

Dizer *tu e eu*, *elle e tu*, etc. é francezismo injustificavel.

446. A collocação dos pronomes objectos nas sentenças effectua-se de accordo com os preceitos seguintes:

- 1) Com o verbo no indicativo, o pronome objecto
 - a) nos tempos simples, excepto o futuro, antepõe-se ou pospõe-se indifferentemente, ex.: «*Eu TE amo* ou *amo-TE*».
 - b) nos tempos compostos, excepto o futuro anterior, antepõe-se ou pospõe-se ao auxiliar, ex.: «*Nós o temos visto* ou *temol-o visto*».
 - c) no futuro anterior, antepõe-se sempre ao auxiliar, ex.: «*Tu nos terás visto—Elle o terá querido*».
 - d) nos tempos simples dos verbos pronominaes, e em todas as pessoas verbaes que têm o accent tónico sobre a ultima ou sobre a penultima syllaba, exceptuado sempre o futuro, antepõe-se ou pospõe-se, contanto que não resulte equivoco ou collisão de sons, ex.: «*Eu ME quixei* ou *quixei-ME—Eu ME queixo* ou *queixo-ME*».

Estas construcções «*Vós queixais-vos — Nós queixavamos-nos*», são de difficil enunciação: deve se dizer «*Vós vos queixais—Nós nos queixavamos*».

- e) nas sentenças negativas, geralmente antepõe-se ex.: «*Elle ME não quer*».
- 2) Com verbos no imperativo, o pronome objecto
 - a) em sentenças affirmativas pospõe-se sempre, ex.: «*Mata-ME—Julgae-ME vós*».
 - b) em sentenças negativas, em as quaes o imperativo é substituido pelo subjunctivo, antepõe-se, continuando posposto [428-3] o pronome sujeito, ex.: «*Não ME descubras tu!*».
- 3) Com verbos no subjunctivo, o pronome objecto antepõe-se sempre, seja a sentença affirmativa, seja negativa, ex.: «*Que elle ME veja—Si nós o sou-*

bessemos — Si elles nos não tivessem avisado — Quando elles, me tenham visto”.

Ha a notar que nas sentenças negativas, em todos os modos e tempos, colloca-se o pronome objecto entre a negação e o verbo; todavia, nos tempos do subjunctivo, precedidos de *quando, como, si*, etc., encontra-se não raro o pronome objecto antes de negação ex.: *Si tu me não tivesses dito—Quando eu o não descubra*. Assim, é, mais correcto.

- 4) Com o verbo no infinito pessoal, o pronome objecto antepõe-se ao sujeito, ex. : *«Descobrires-me tu»*.

Si, porém, a phrase do infinito pessoal é complemento de uma preposição, o sujeito antepõe-se ao pronome objecto, e ambos ao verbo, ex.: *«Para tu me descobrires—Sem vós me verdes»*. Póde-se tambem dizer, deixando o sujeito depois do verbo *«Sem o vermos nós»*.

- 5) O pronome objecto, o pronome em relação objectiva adverbial e a particula apassivadora, *se* nunca devem começar a sentença : Seria incorrecto dizer *«Me querem lá—Te vejo sempre—Nos parece—Vos offereço—Lhe digo—Lhe peço—Se contam cousas feias—Se diz que elle vai*, etc.» Deve-se dizer *«Querem-me lá—Vejo-te sempre*, etc.

- 6) Com verbos no indicativo futuro e no condicional imperfeito, usa-se de uma construcção especial : insere-se, por tmése, o pronome objecto entre o radical do verbo e a sua terminação, ex. : *«Amar-te-á—Ver-te-ia»*.

Si o sujeito do verbo, nestes casos, está claro e é representado por pronome substantivo, melhor será construir *«Elle te amará—Elle te veria»*.

- 7) Nas sentenças negativas, estando o sujeito occulto, o pronome objecto antepõe-se sempre, ex.: «*Não TE espero mais—Não ME fallarias assim—Si o não quizerem*».
- 8) Com o verbo no infinito pessoal, estando o sujeito occulto, é indifferente antepôr ou pospôr o pronome objecto, ex.: «*Sem o ter ou Sem tel-o*».
- 9) Com dous verbos no infinito, colloca-se o pronome objecto ou antes do primeiro, ou depois do segundo, ou entre ambos, ex.: «*Sem nos poder vêr, ou Sem poder vêr-nos, ou Sem poder-nos vêr*».
- 10) Nunca se colloca o pronome objecto, depois do participio aoristo de tempo composto: assim, não se diz «*Havendo visto-TE*» mas sim «*Havendo-TE visto*».

447. Os pronomes substantivos em relação objectiva ou objectiva adverbial, que seguem o verbo, são considerados enclíticos, e ligados por um hyphen, ex.: «*Ama-me—Dei-te um livro*».

448. Quando, completando a significação de um verbo, vêm dois pronomes substantivos, um em relação objectiva e outro, em relação objectiva adverbial, este, que representa o dativo latino, vai em primeiro lugar, ambos são considerados enclíticos e presos ao verbo por hyphens, ex.: «*Vendeu-mo (vendeu-me-o—Tomou-lha (tomou-lhe-a))*».

449. Vindo, porém, se na construcção, elle é que sempre occupa o primeiro lugar, embóra esteja em simples relação objectiva, ex.: «*Converte-se-me o filho—Imputa-se-me um erro*».

450. Os pronomes substantivos, em relação objectiva ou objectiva adverbial admittem uma construcção especial, pelo povo rude em Portugal. O pronome sujeito pospõe-se ao pronome objecto ou em relação objectiva adverbial, ex.

«*Si vos é grave de vos EU bem querer—É como A TU que-
res—É como LHE EU digo—Assim que LHE NÓS garanti-
mos*».

451. O, a, os, as, vindo depois de uma fôrma de verbo terminado em *r*, *s*, ou *z*, fazem com que qualquer dessas modificações se mude em *l*, ex.: «*Amal-o—amamol-o—fil-o*» por «*Amar-o—amamos-o—fiz-o*».

452. O, a, os, as, também convertem em *l* o *s* das fôrmas *nos*, ex.: «*Nol-o—Vol-a*» por «*Nos-o—Vos-a*».

453. O, a, os, as, vindo depois de um verbo terminado por voz ou por diphthongo nasal, exigem a intercalação de um *n* euphonico, ex.: «*Tem-n-o—Dizem-n-o—Dão-n-o—Amavam-n-o*».

454. O, a, os, as, absorvem o *e* das fôrmas *me*, *te*, *lhe*, ex.: «*Mo—ta—lhos*» por «*Me-o—te-a—lhe-os*».

455. O, a, os, as, em concurso com *lhes* exigem a quêda do *s*, absorvem o *e*, e formam «*Lho—Lha—Lhos—Lhas* (257)».

456. *Nos*, *vos*, quando seguem immediatamente as fôrmas verbaes em *mos*, exigem a quêda do *s* dessas fôrmas, ex.: «*Amamo-nos—Queremo-vos*» por «*Amamos-nos—Queremos-vos*».

§ 4.º

Emprego pleonastico de pronomes substantivos

457. Com os verbos *parecer* e *querer-parecer* (composto) empregam-se pleonasticamente, e de modo como que anti-grammatical, os pronomes substantivos da primeira pessoa do singular, e do plural, em relação subjectiva, ex.: «*Eu parece-me que Pedro é rico—Nós quer-nos parecer que não vamos*».

Este uso, auctorisado pelo fallar do povo e mesmo por escriptores como Garret, não exige grande somma de attenção para ser entendido: é

um jogo rethorica instinctiva. A pessoa que falla, faz uma reticencia depois do pronome, e muda de phrase. Este modo de expressão torna-se clarissimo assim pontuado: *Eu... parece-me que Pedro é rico—Nós... quer-nos parecer que não vamos*. Em vez, pois, de ser erro, é uma figura cheia de naturalidade e bellissima.

458. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva, como explanação de um ou de mais substantivos já expressos, ex.: *«A lingua dessa terra não a sabiam elles.—Pinturas e pelepas melhor é vê-las de longe»*.

459. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial, como explanação de adjectivos determinativos possessivos já expressos, ex.: *«Seu pae delle—Sua formosura della»*.

Pelo que se pôde inferir dos exemplos classicos, este uso só se dá com os pronomes substantivos da terceira pessoa do singular e do plural.

460. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial, como explanação de outros pronomes substantivos já expressos em relação objectiva, ex.: *«Eu feri-me a mim—Vós os vistes a elles»*.

461. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de pronomes substantivos já expressos em relação objectiva adverbial, ex.: *«Parece-me a mim—Dei-lhes um livro a elles»*.

462. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva adverbial, como explanação de um ou de mais substantivos já expressos: *«Ao doente, não se lhe ha de fazer a vontade»*.

463. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial, prestam-se em Portuguez a um idiotismo de grande força de expressão. Collocados de certo modo na sentença, não se subordinam á regencia e traduzem por parte de quem falla, curiosidade, desejo, etc., ex.: *Quem é que ME*

anda a escrever artigos de philologia na Gazeta»?—*Quem ME déra uma coça naquelle velhaco!*» A's vezes é expletivo, ex.: «*Qual pleuriz, nem qual carapuça! E' comer-LHE e beber-LHE, que ha de passar!*»

Estes processos pleonasticos, que contribuem muito para a clareza e elegancia da expressão, encontram-se em varias linguas romanicas, em Latim barbaro, om Latim classico, em Grego moderno, em velho Alto Allemão, em Inglez, em Dinamarquez, em Sueco. Diz-se, por exemplo, em Hespanhol: «*Las ramas que lo peso de lu niere las desgaja—A mi hermano le parece*»; em Latim barbaro: «*Ipsam civitatem restauramus eam*» (1); em Latim classico: «*Quem neque fides neque jusjurandum neque illum misericordia repressit*» (2),

§ 5.^o

Uso particular de alguns pronomes demonstrativos

464. Os pronomes adjectivos demonstrativos *este, esse, aquelle* prestam-se a uma construcção elliptica e comparativa que, revestindo o pensamento de uma fórmula vaga, dá-lhe grande belleza. Em vez de dizer-se por exemplo, «*Esta cousa que parece ninho—Essas cousas que parecem astros—Aquellas cousas que parecem estrellas*», diz-se, «*Este como ninho—Esses como astros—Aquellas como estrellas*». O pronome toma o genero e o numero do termo de comparação.

465. O adjectivo indefinito presta-se tambem á construcção similhante, e assume então verdadeiro character de pronome demonstrativo. A concordancia é tambem com o termo de comparação, ex.: «*Um como ninho—Uma como nuvem*».

1) *España Sagrada*, XL, 365.

2) *Terentius, Adelphi*, Act. III Sc. 2.

Em Francez, existe uma construcção analoga a esta, com a differença, porém, de vir o artigo depois de *comme*, ex.: "*J'aperçus comme une forêt de mâts de vaisseaux* (1)"

§ 6.º

Pronomes conjunctivos

466. *Que, quem* sempre se referem a um nome da clausula principal. Esse nome chama-se *antecedente*: pôde ser masculino ou feminino; do singular ou do plural.

467. Nas sentenças interrogativas, o pronome *que* admite depois de si o nome a que se refere, ex.: "*Que homem é este?—Que casas são aquellas?*"

468. *Quem*, equivalente exacto de *homem que, mulher que, pessoa que, homens que, mulheres que, pessoas que*, por isso que encerra em si o seu antecedente, não pôde ter antes ou depois de si nome a que se refira ex.: "*Conheço quem escreveu o artigo—Vi quem me quiz offender*".

Quem (*qu'hem*—*que homem*) tem a sua syntaxe exactamente modelada pela syntaxe latina: frequentemente cala-se em Latim o substantivo antecedente de um pronome conjunctivo, e exprime-se o subsequente: Lê-se por exemplo em Cesar (2): "*Santones non longe a Tolosatium finibus absunt, quæ civitas est in provincia*".

469. Sendo *quem* governado por uma preposição, pôde referir-se a um antecedente, que é sempre nome de pessoa, ex.: "*O homem a quem démos o livro—As mulheres de quem comprámos fructas*".

Os escriptores antigos empregavam *quem* em referencia a cousas: é syntaxe anti-historica, e por conseguinte, pouco digna de imitação.

1) Fénelon, *Télémaque*, Livre II.

2) *De Bello Gallico*, I, 10.

Com a preposição *sem* usa-se o *qual*, a *qual*, os *quaes*, as *quaes* dizendo-se *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quaes*, *sem as quaes*, e não *sem quem* que formaria um echo desagradavel.

470. *Qual*, considerado como pronome conjunctivo, é sempre precedido do artigo: «*o qual*, *a qual*», etc. Serve para variar a phrase, evitar amphibologias, que se poderiam dar com o uso de *que*.

471. *Qual* faz as vezes dos demonstrativos *este*, *esse*, *aquelle* e em taes casos figura sem artigo, ex.:

Qual, do cavallo vôa que não desce;
Qual, co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual, vermelhas as armas faz de brancas;
Qual, co'os pennachos do elmo açouta as ancas (1)»

472. *Qual*, empregado como interrogativo não admite artigo, ex.: «*Quaes são teus amigos—Qual é o teu?*»

473. *Cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*, equivalem perfeitamente a *de que*, *de quem*, *do qual*, *da qual*, *dos quaes*, *das quaes*, e por consequencia, só devem ser empregados, quando podem ser substituidos por esses equivalentes, ex.: *O menino, cujo mestre sabe ensinar—As meninas, cuja mes'ra é indolente*».

O pronome *cujo*, tomado em todas as suas flexões do genitivo latino *cujus*, conserva a força plena do caso originario, e só pôde ser empregado em phrases restrictivas. O uso de *cujo* como predicado e sem ter antecedente claro, si bem que classico e correcto, é archaico, ex.: «*Cujo é o ganado—Cujas são estas arvores?*» O uso actual de *cujo*, é fazel-o servir de sujeito, de objectivo de verbo ou de regimen de preposição, dando-lhe antecedente claro, e fazendo-o seguir immediatamente do nome com quem concorda (Vide 429).

1) *Lusiadas*, logar já citado.

§ 7.º

Pronomes indefinitos

474. *Alguem* é equivalente exacto de «alguma pessoa», e *ninguem* de «nenhuma pessoa».

475. *Outrem* é equivalente exacto de «outra pessoa».

Actualmente mais se emprega *outrem* depois de preposição, ex. : «*Não faças a outrem o que não queres que te façam*». Todavia, pôde-se empregar como sujeito de sentença, ex. :

«*Que nunca tirará alheia inveja*
O bem que outrem merece e o céu deseja (1)

476. *Tal* considerado como pronome indefinito prescinde do artigo, ex. : «*Eu não disse tal—Nós não soubemos tal*»,

Alguns grammaticos consideram *tal*, nestes casos, como adverbio, e fundam-se no facto de se construir *tal* com verbos intransitivos, ex. : «*E verdade que estiveste em Paris? Não estive tal*».

Em estylo familiar, usa-se *tal* como artigo para indicar pessoa ou coisa personificada, de que já se fallou, ex. : «*Lá está o tal—Ahi vêm as taes*».

V

VERBO

§ 1.º

Sujeito

477. Toda a palayra que serve de sujeito a um verbo, põe-se em relação subjectiva.

1) *Lusiadas*, Canto I, Est. XXXIX.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o sujeito é um pronome substantivo, ex.: «*EU vejo as arvores—TU queres pão*».

Notam-se as seguintes excepções:

- 1) O pronome substantivo sujeito de um verbo no infinito dependente de um verbo no finito (1) põe-se em relação objectiva, ex.: «*Eu vi-o caminhar ás pressas—Deixa-o ir*».

Esta syntaxe, commum a varias linguas romanicas, é tomada directamente do Latim, em o qual o sujeito do verbo no infinitô vai para accusativo. E' erro vulgar no Brazil usar-se em casos taes da relação subjectiva; diz-se por exemplo, «*Vi elle caminhar ás pressas—Deixei elle ir*».

- 2) Quando o infinito de um verbo transitivo, que governa um objectivo ou uma phrase equivalente a um objectivo, se construe com os verbos *deixar*, *fazer*, *ouvir*, *ver*, o sujeito desse infinito, si é um pronome substantivo, pôde-se pôr em relação adverbial, e tambem em relação objectiva adverbial, ex.: «*Deixa AO vento levar magnas—Fiz A muitos verter lagrimas—Ouvi-LHE dizer que não vinha—Veja-ME erguer este peso*»

Todas estas sentenças contém dous verbos com duas pessoas activas, das quaes uma, em sua qualidade de sujeito, *deixa*, *faz*, *ouve*, *vê*; e outra opéra em relação á vontade ou á sensação da primeira. Si por parte da segunda pessoa não ha acção, usa-se de qualquer outro torneio de phrase (2).

1) Chamam-se *finitos* os quatro modos, indicativo, imperativo, conditional e subjunctivo.

2) *Diez*, *Obra citada*, vol III, pag. 122—123.

478. Os pronomes substantivos em relação adverbial nunca podem servir de sujeitos, nem mesmo nas phrases infinitivas que vêm depois de uma preposição. Em taes casos, usa-se da relação subjectiva, ex.: «*Esta laranja é para EU comer*».

No Brazil pecca-se contra este preceito, dizendo-se «*Para mim comer etc.*».

479. O sujeito, mórmente quando pronome substantivo, póde e até deve ser omittido, sempre que de tal omisão não resulte escuridade do sentido.

480. Não se póde em geral fazer omissão do sujeito, ainda mesmo sendo elle pronome substantivo :

1) nas clausulas que têm sujeito diverso, ex. : «*Eu me RIO e tu CHORAS—Si tu FICAS, eu PARTO*».

2) nas sentenças emphaticas e nas intimativas, ex. : «*EU SEI que Pedro tem dinheiro—NÓS te ORDENAMOS que vds.*».

481. Os pronomes adjectivos indefinitos *quanto, tanto*, nunca estão em relação subjectiva e, consequentemente, nunca podem servir de sujeitos.

§ 2.º

Predicado

482. A palavra que serve de predicado ao sujeito de um verbo, si é pronome substantivo, assume a relação flexional desse sujeito, isto é toma a flexão da relação subjectiva, ex. : «*Eu não sou tu—Si tu fosses elle*».

483. O predicado, quando é representado por um

pronome substantivo da terceira pessoa, referente a um ou mais substantivos mencionados na sentença ou na clausula anterior, assume a flexão da relação objectiva, ex.: «*Es tu o rei? Eu o sou -- Estarás tu cansado? Não o estou.*».

Sobre a concordancia destes pronomes substantivos da terceira pessoa em relação predicativa, e digna de ler-se a seguinte elucidação de Brachet (1), elucidação que, substituído *illud* por *hoc*, pode-se applicar sem restricções ao Portuguez;

«O quando não designa pessoas, mas sim cousas, como nesta phase: «*A Polonia perecerá, eu o prevejo*», significa isso, vem do Latim *illud* e «nos representa quasi o unico resto do genero neutro que possuímos ainda em Francez. Eis o que nos explica porque ás perguntas «*Sois vós a mãe deste menino?*» ou «*Sois vós a doente?*» torna-se necessario responder «*Eu a sou*» isto é, *Eu sou a pessoa de que fallais*; ao passo que ás perguntas «*Sois vós mãe?*» — «*Estais vós doente?*» a resposta deve ser «*Eu o sou*» — «*Eu o estou, illud*», isto é, *eu sou isso, é assim que eu estou; é o que me tendes perguntado; possuo a qualidade de mãe; estou em estado de doença*».

484. O predicado quando é representado por um substantivo que não tem flexão de genero, ou que é usado em um unico numero, prescinde da concordancia com o sujeito, ex.: «*Nós somos a directoria da sociedade — Albuquerque, tu foste as algemas da Asia*».

Os pronomes, em geral, podem todos servir de predicado, ex.: «*Quem és tu? — Quantos são elles? Tantos somos, quanto sois*».

§ 3.º

Objecto

485. Toda a palavra que serve de objecto a um verbo, põe-se em relação objectiva.

(1) Obra citada pag. 93.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o objecto é representado por um pronome substantivo, ex.: «*Eu o vejo—Queres-me muito*».

Pôr em relação subjectiva o pronome substantivo, que serve de objecto a um verbo, é erro comezinho no Brazil, até mesmo entre os doutos: ouvem-se a cada passo as locuções incorrectas «*Eu vi elle—Espera eu*».

486. Para evitar ambiguidade de sentido, põe-se em relação adverbial o objecto representa pessoa ou ser vivo geral, ex.: «*Cesar venceu a Pompeu—A mulher ama ao marido—O caçador matou ao leão*».

Esta regra, quasi de rigor na lingua hespanhola, não o é tanto em portuguez: Camões escreveu «*Quando Augusto o capitão venceu—Gente que segue o torpe Mafamede*».

487. Alguns verbos como *achar, appellar, chamar, congnominar, considerar, constituir, corôar, crer, declarar, deixar, descrever, dizer, eleger, escolher, fazer, instituir, julgar, jurar, nomear, pintar, representar, reputar, sagrar, saber, suppôr, tornar, trazer*, admitem, além do objecto, um attributo d'elle em relação objectiva, o qual pôde ser substantivo ou adjectivo, ex.: «*Achei-o Presidente—Elegeram-me juiz—Julgo-o rico—Tornaram-n-o louco*».

488. Com os verbos *conhecer* e *ter*, esse attributo do objecto pôde ser posto em relação adverbial, por meio da preposição *por*, ex.: «*Eu conheço-o por Pedro—Tenho-o por filho*».

489. O attributo do objecto dos verbos mencionados acima (464—465) presta-se tambem a ser construido com *como*, ex.: «*Achei-o como Presidente—Conheço-o como Pedro—Tenho-o como filho*».

Estas tres ultimas construcções (487—488—489) tambem têm logar

estando o verbo na voz passiva, ex.: «*Fui eleito juiz—Elle é conhecido por Pedro—Sou tido como filho*».

Todavia a construcção de verbos como *conhecer* e *ter* (488) em voz passiva com a preposição *por* dá logar a uma ambiguidade de sentido que seria conveniente evitar.

§ 4.º

Significação transitiva e significação intransitiva

490. Os verbos transitivos, si são tomados em sentido geral, dispensam o objecto, e tornam-se intransitivos, ex.: «*Este critico louva muito—Antonio come pouco—Pedro não estuda*».

491. Muitos verbos transitivos assumem significação intransitiva, e a palavra que representa o objecto põe-se então em relação adverbial, por meio de uma preposição. Taes são entre muitos outros verbos *consentir, crer, dominar, emular, encontrar, esperar, gosar, guerrear, habitar, egualar*. Diz-se egualmente «*Consinto isso ou nisso—Creio o que dizes ou no que dizes — Pedro emula-me ou emula commigo—Habitar a terra ou na terra*».

492. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, isto é, a actividade de muitos verbos, restringida originariamente ao sujeito, pôde ser dirigida para um objecto externo. Pertencem principalmente a esta classe os verbos que têm sua causa nesse objecto externo, taes como *escarnecer, gritar, anhelar, trabalhar, chorar*, e até o verbo *calar*, que é de todo destituído de actividade. Também filiam-se nesta classe os verbos que significam locomoção, como *andar, subir, correr, dansar, saltar, passear, descer, navegar*. Na construcção destes ultimos o logar em que se produz a actividade toma ares de ser objecto della. Diz-se por exemplo «*Escarnecer o amor—Gritar o cão—Anhelar o enlace—Chorar amigos mortos—*

Calar motivos—Andar terras estranhas—Subir morros—Correr valles—Dansar o circo—Saltar fossos—Passeiar cidades—Descer o rio—Navegar mares».

493. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, quando têm sentido fictício, isto é, quando o sujeito suscita no objecto a actividade expressa pelo verbo, sendo que essa actividade pertence ao objecto, limitando-se o sujeito a provocar apenas a manifestação della. Taes verbos são, entre outros muitos, *cessar, correr, crescer, demorar, descer, desesperar, entrar, levantar, montar, parar, passar, resurgir, resuscitar, subir, tinir, tocar, tombar, chegar*, ex.: «*Cessamos o fogo—As ruas corriam sangue—Cresci-lhe o ordenado—Entrámos estacas na terra—O general montou toda a infantaria*». A construção ordinaria destes exemplos seria «*Fizemos cessar o fogo—Fiz-lhe crescer o ordenado*, etc.»

494. O participio aoristo de verbo *morrer* pôde ser empregado com significação transitiva, ex.: «*O leão tem morto muitos carneiros*».

495. Muitos verbos intransitivos, para animar ou reforçar a expressão, se fazem acompanhar de um substantivo do mesmo radical em relação objectiva: esse substantivo pleonastico apparece raras vezes só na sentença; de ordinario é acompanhado de um attributo que lhe determina a significação. Taes são entre outros muitos, *brincar, caminhar, cavalgar, contar, ferir, morrer, sonhar, soar, vestir, viver*. Diz-se «*Brincar maus brinquedos—Caminhar longo caminho—Cavalgar bons cavallos—Contar contos incriveis—Ferir largas feridas—Morrer morte affrontosa*, etc.»

Ha exemplos deste uso com substantivos não identicos, mas apenas analogos em significação, ex.: «*Dormir somnos—Ferir golpes—Ir caminho—Temer medos—Chorar lagrimas*».

496. Os verbos intransitivos *dormir* e *viver* assumem

significação transitiva, tomando por objecto o substantivo que representa o tempo durante o qual se dormiu, viveu, ex.: «*Dormi duas horas—Viverei muitos annos*».

«Alguns grammaticos querem que haja nestas sentenças ellipses de *por*: *Dormi por duas horas—Viverei por muitos annos*.

497. O verbo intransitivo *passar* presta-se a identico uso, e toma por objecto substantivos de tempo, de logar e mesmo de circumstancias, ex.: «*Passámos frios—Passámos fomes*».

498. Os verbos intransitivos *custar*, *pesar*, *valer*, quando seguidos de substantivos que representam o custo, o peso, o valor, assumem significação transitiva, tomando por objectos esses mesmos substantivos de custo, de peso, de valor, modificados ou não por adjunctos attributivos, ex.: «*Esta espingarda custou 30 libras — Esta moeda pesa quatro oitavas—Este livro vale cem mil réis*».

§ 5.º

Voz activa e voz passiva

499. Os verbos intransitivos não se empregam na voz passiva. Todavia, os verbos intransitivos, tornados transitivos, em virtude das regras do paragrapho antecedente, são susceptiveis de construcções em voz passiva, ex.: «*As noites mal dormidas—Os golpes feridos — A ponte passada*».

500. Quando o verbo transitivo ou intransitivo, tomado transitivamente, está na voz passiva, o agente é representado por um substantivo posto em relação adverbial por meio da preposição *por* ex.: «*O veado foi dilacerado pelo leão—As lagrimas choradas por Antonio*»

Com alguns verbos emprega-se *de* em logar de *por*, ex.: «*Acompanhado de muitos amigos—Tomado de medo*».

O caso agente do verbo passivo era representado em Latim por ablativo, regido de *a* ou *ab*, por accusativo regido de *per*, e por dativo; destas tres construcções só passou para o Portuguez a do accusativo regido de *per*, preposição que se conservou inalterada até o seculo XVI, e que dahi em diante foi-se pouco a pouco convertendo em *por*, unica actualmente em uso (1) Vide 581—582).

501. O portuguez não tem forma especial para a voz passiva: suppre-se esta falta com tempos do verbo *ser* e particípios aoristos, da maneira indicada na tabella n.º 9.

502. Nas phrases de sentido geral, quando não é necessario pôr claro o agente, apassivam-se verbos nas terceiras pessoas do singular e do plural, por meio do pronome *se*, considerado então como MERA PARTICULA APASSIVADORA, ex.: «*Queima-se o campo—Concertam-se relógios*».

Grande debate tem suscitado esta particula *se*, entre os grammaticos portuguezes: a ultima palavra sobre a questão foi dita pelo eminente linguista, sr. Adolpho Coelho (2), que, estribado nas doudas investigações dos mestres allemães, elucidou-a cabalmente, filiando este processo portuguez de conjugação, no puro processo latino.

Cumpre todavia notar que, por meio do *se*, só se apassivam verbos cuja acção não possa neste caso ser exercida pelo sujeito. E a razão é que, podendo o sujeito exercer a acção, dar-se-ia ambiguidade de sentido: com effeito «*O homem feriu-se* não é o mesmo que «*O homem foi ferido*», porque o homem poderia ter-se ferido a si proprio. Em *Concertam-se relógios* não se dá ambiguidade; tal phrase equivale exactamente a «*Relógios são concertados*», porquanto relógios não podem concertar-se a si proprios.

Comquanto seja muito commum em Portuguez este uso de apassivar por meio de *se* verbos cujo agente deve ficar indeterminado, phrases ha em que elle é abusivo, e que portanto melhor se construirão com outro torneio. Taes são as phrases em que entra o verbo *ser*, e em geral todas aquellas que podem ter como sujeito claro *homem*, *pessoa*, ou qualquer

(1) *Per*, a não ser como prefixo, só se conserva na locução adverbial «*de per si*».

(2) *Theoria da conjugação em latim e portuguez*, pag. 48—56.

outra palavra de significação identica. Por exemplo: *“Deixa-se de ter boas intenções, todas as vezes que se escondem os sentimentos com expressões equivocas—Quando se é criado no meio das riquezas, tem-se difficuldade em persuadir-se de que todos os homens tem direitos”* melhor se construiriam: *“Deixa um homem de ter boas intenções, todas as vezes que esconde os seus sentimentos com expressões equivocas—A pessoa que é criada no meio das riquezas, sente difficuldade em persuadir-se de que todos os homens têm direitos”*.

503. O infinito dos verbos transitivos pôde, em certos casos, exprimir um sentido absolutamente passivo, de modo que a palavra que representa o agente desse infinito pôde ser posta em relação adverbial, por meio da preposição *por*. Isto acontece.

- 1) com o infinito simples depois dos verbos *deixar, fazer, ouvir, ver* ex.: *«Deixei comer o toucinho pelo gato—Fiz mol-o carregar pela cavallaria—Ouvi-o louvar por todos—Vi-o derribar por Pedro»*.
- 2) com o infinito acompanhado de preposição
 - a) depois dos verbos *estar, ser, levar, trazer* ex.: *«A carta está por escrever—É para admirar que elle não queira ir—Leva pão para comer—Traz agua para beber»*.
 - b) quando depende de adjectivos descriptivos, que indicam aptidão em maior ou menor gráu, taes como *agradavel, bello, bom, digno, difficil, duro, facil, máu, ruim, etc.*, ex.: *«Cousa agradavel de ver—Peixe bom para comer—Osso duro de roer—Massa facil de corromper»*,

Vale a pena lêr o que escreve Reinach (1) sobre isto:

«Como o supino latino, o infinito em sua origem não tem activo nem

(1) *Manuel de Philologie Classique*, Paris, 1880 pag. 145.

«passivo; ou antes, a mesma forma pôde tomar os dous sentidos como os «nomes abstractos: *amor dei*. E' o que ainda se vê nos torneios modernos «de phrase: «*Ich höre hrzählen—Par les traits de Jehu j'ai vu percer le père*». Porque o valor nominal primitivo do infinito reaparece em nossas linguas analyticas».

§ 6.º

Modos

I

Indicativo e subjunctivo

504. O indicativo mostra que é *real* o enunciado do verbo: o subjunctivo apresenta esse enunciado como *hypothetico*. Assim, o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo, quando o verbo da clausula principal (373) exprime alguma coisa de positivo, de affirmativo; e põe-se no subjunctivo, quando o verbo da clausula principal exprime alguma coisa de indeciso, de duvidoso.

Deste principio decorrem as seguintes regras :

1.^a

- 1) o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo, quando o verbo da clausula principal exprime modo de pensar, crença, apparencia, affirmação, etc., ex.: «PENSO *que vós sereis nomeados hoje*—CREIO *que tres e dois são cinco*—PARECE *que ella vive bem*—ASSEGURO-*te que perderemos dinheiro*».
- 2) o verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo, quando o verbo da clausula principal exprime surpresa, admiração, vontade, desejo, consentimento,

proibição · negação, duvida, receio, apprehensão, ordem, etc. ex.: ADMIRA-me *que estejas rico*—QUERO *que vás*—PROHIBO-te *que lhe falles*—NEGO *que ella seja pobre*».

2.º

O verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo, quando o verbo da clausula principal é verbo impessoal ou impessoalmente tomado, ex.: CONVEM *que estejas aqui hoje*—IMPORTA *que não faltes hoje á licção*—É IMPOSSIVEL *que vejas agora a lua*—BASTA *que endosse elle a lettra*».

Exceptuam-se *acontecer, resultar, seguir-se* e os verbos em cuja composição entra palavra que exprime idéia positiva como *é evidente, é certo, é verdade*, e o verbo *ser* tomado unipessoalmente, ex.: ACONTECE *que o rei TEM de passar aqui hoje*—E' VERDADE *que lhes NEGAMOS soccorros*—E' *que elles não QUEREM*».

3.º

Quando a clausula subordinada está ligada a clausula principal por um dos pronomes conjunctivos *que, qual, cujo*, tem-se de examinar si a clausula subordinada exprime cousa positiva ou cousa incerta: no primeiro caso, usa-se do indicativo; no segundo, do subjunctivo, ex.:

Quero a casa que me	Quero casa que me
AGRADA	AGRADE
Hei de ir para um re-	Hei de ir para um re-

tiro onde HEI DE ESTAR
SOCEGADO

Vou dizer-te cousas
que TE HÃO DE DEVERTIR.

Mostra-me o caminho
que VAI dar ao rio.

Enviaram deputados
que EXPRESSAM a vontade do povo.

Vou plantar alli arvores,
cuja sombra E' *es-*
pessa.

tiro onde ESTEJA SOCEGADO.

Vou dizer-te cousas
que te DIVIRTAM

Mostra-me um caminho
que VA dar ao rio.

Enviaram deputados
que EXPRESSISSEM a vontade do povo.

Vou plantar alli arvores
cuja sombra SEJA *es-*
pesa.

Põe-se no indicativo o verbo da clausula subordinada, que começa pelo pronome conjunctivo.

- 1) quanto *que* tem por antecedente um substantivo modificado por um superlativo relativo, ex.: «*A doutrina da evolução é o maior presente que a sciencia TEM FEITO a humanidade*».
- 2) quando *que* tem por antecedente um substantivo acompanhado ou representado pelos adjectivos ordinaes *primeiro, segundo, ultimo*, etc., ex.: «*Este leão é o primeiro que MATO—Esta pedra estriada é a segunda que VEJO—Esta é a ultima arvore que PLANTO*».
- 3) quando o verbo da clausula subordinada não pôde ser substituido por construcção do infinito, sem que o sentido fique alterado, ex.: «*Vi o pintor que, FEZ estes frescos—Conheço o advogado que LAVROU este protesto*».

Põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, que começa pelo pronome conjunctivo *que*, quando o verbo da clausula subordinada pôde, com leve troca de palavras, ser substituido por construcção do infinito, sem que o sentido fique alterado;

ex.: «*Tive gente que FOSSE por mim—Acharei artista que me DÉ conta deste trabalho*».

Quem, sendo, como é, equivalente de *homem que*, etc., (468) subordina-se ás disposições desta regra 3.^a, ex.: «*Vi quem FEZ estes frescos—Conheço quem LAVROU o protesto—Tive quem FOSSE por mim—Acharei quem me DÉ conta deste trabalho*».

4.º

Depois da conjuncção *si*, põe-se no indicativo o verbo da clausula subordinada.

- 1) quando a clausula subordinada exprime uma coisa positiva, actual, ex.: *Eu, si vou ao theatro, é por que gosto de representações dramaticas—Eu sei si sou pobre ou não*».
- 2) quando a clausula subordinada exprime uma coisa futura, cuja realisação tem de ser determinada por motivo estranho á vontade da pessoa que falla, ex.: «*Não sei si PODEREMOS ir hoje ao theatro—Só em vista da fazenda, é que decidiremos si FICAMOS com ella ou não*».

Depois da conjuncção *si*, põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada

- 1) quando é condicional a sentença, ex.: *si Pedro FOSSE, eu iria—si João FOR, eu não irei*».

Por uso da lingua, as sentenças condicionaes do futuro têm as vezes no presente do indicativo os verbos, tanto da clausula principal, como da subordinada ex.: *Si JOÃO VAI, eu não vou*».

- 2) quando a clausula subordinada exprime uma coisa duvidosa, futura, cuja realisação tem de ser determi-

nada pela vontade da pessoa que falla, ex.: «*Não sei si vá hoje ao theatro—Estou em duvida si ENDOSSE ou não esta lettra*».

5.^a

Depois das conjuncções *embora* e *quer*, põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: EMBORA SEJA *pobre*, *Pedro ha de obter o que deseja*—QUER *Paulo venha*, *quer não*, *Sancho irá*.

6.^a

Depois das conjuncções *porque*, *como*, põe-se o verbo da clausula subordinada, já no indicativo, já no subjunctivo, ex.: «*Não sei PORQUE ARRISCA* (OU ARRISQUE *elle tamanhos capitaes—Eu COMO ENTEN- DI* (OU COMO ENTENDESSE) *o que elles estavam dizendo...*»

7.^a

Depois das locuções conjunctivas *ainda que*, *antes que*, *caso*, *comquanto*, *contanto que*, *para que*, *por mais que*, *sem que*, *si bem que*, etc.: põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: AINDA QUE *eu seja rico*, *não farei despesas loucas*—ANTES QUE *cases*, *olha o que fazes*.

8.^a

Nas sentenças do sentido concessivo, desiderativo, imprecativo e comminativo, põe-se no subjunctivo o verbo da clausula principal, ex.: DIAGNOSTIQUE *quem poder*.—CURE *quem quizer*—DÊ-me *Deus vida e*

saúde—PARTA-me um raio—DIGA-me elle isso (1)».

A generalidade dos grammaticos, não admittindo clausula principal sem verbo no indicativo, explicam estas construcções por meio de ellipses (2). E' uma doutrina metaphysica, que a sciencia já não acceita hoje: as theorias deduzem-se dos factos, e não os factos das theorias.

2

Imperativo

505. O imperativo só tem duas fórmas em Portuguez: uma para a segunda pessoa do singular; outra para a segunda do plura¹.

A não ser em estylo solemne ou em estylo familiar, dá-se em Portuguez ás segundas pessoas o tratamento de terceiras.

Não tendo o imperativo fórmas para as terceiras pessoas,

(1) Não é pretensão do auctor que estas regras abranjam todos os casos possiveis do uso do subjunctivo. Este uso nas linguas aryanas, mórmente nas indicas, hellenicis e italicis, é um verdadeiro Proteu, quando o grammatico julga tel-o sob si vencido, atado, captivo, eil-o que se escaça fremente, livre, indomavel. O uso do subjunctivo é uma cousa instinctiva, como que o producto de uma faculdade creada no individuo pelo meio linguistico que o rodeia, desde a infancia. Entre nós, ouvem-se a pretos e a caipiras analphabetos formulas complicadas e correctissimas do subjunctivo portuguez, ao passo que estrangeiros litteratos, versados em grammatica e philologia, após longos annos de residencia no paiz, naufragam quasi sempre, quando as têm de empregar.

(1) Girault Duvivier, *Obra Citada*, pag. 689—690.

suppre-se a deficiência com as terceiras pessoas do presente do subjunctivo, ex.: «*Vá, meu amigo—Eiquem, senhores*».

506. Nas sentenças de negação, em vez do imperativo, usa-se do subjunctivo, ex.: «*Não faças a outrem o que não, quizeras que te fizessem a ti*».

Contra esta regra peccou o douto lexicographo portuguez, F. S. Constancio, que, na «Introdução Grammatical» do seu *Diccionario* (1) escreveu «*Não faz a outrem, etc.*».

Em hespanhol, é identica a construcção: «*No firmes carta que no leas, ni bebas agua que no veas*». Em italiano, substitue-se o imperativo pelo infinito presente: «*Non ti scordar di mè*». Em francez, emprega-se só o imperativo: «*Ne faites pas des folies*». Em Latim usa-se quasi indiffereentemente do imperativo ou do subjunctivo presente: «*Ne concupisce ou ne concupiscas*».

3

Condicional

507. O condicional representa o enunciado do verbo, como dependente de uma condição. Seu emprego não offerece difficuldades.

Entre o futuro e o condicional ha analogia, não somente de fôrma, mas até de significação. Com effeito, o condicional indica um porvir em relação ao passado, como o futuro designa um porvir em relação ao presente; «*Eu sei que você não irá a Pariz—Eu soube que você não iria a Pariz*». O portuguez, para exprimir este matiz de differença, concebeu o condicional sob a fôrma de um infinito (*amar*) que indica o futuro, e de desinencias (*ia, ias, etc.*) que mostram o passado (1).

1) Pag. XXI.

2) Ayer, Obra citada, pag. 175.

§ 7.º

Fórmulas nominaes do verbo

I

Infinito

508. O infinito portuguez tem a particularidade de poder flexionar-se, e divide-se, consequentemente, em *infinito pessoal* e *infinito impessoal*.

Esta particularidade da flexão do infinito, notada já nos mais antigos documentos da lingua portugueza, encontra-se tambem no dialecto gallego, ex.: *Para sabirem e entrarem* (1). Nenhuma outra lingua o possui. Gil Vicente commetteu o erro de escrever em Hespanhol *Teneis gran razõ de llorades vuestro mal* (2). Alguns poetas do *Cancioneiro Geral* (3) cahiram no mesmo engano. Camões que muito escreveu em Hespanhol, foi sempre correcto.

509. Emprega-se o infinito pessoal

- 1) quando a clausula do infinito pôde eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal, isto é, quando pôde ser substituida por outra do indicativo ou do subjunctivo.

2) depois de verbos no imperativo, ex.: «*Dize-lhes terem chegado hoje os navios*» (4).

- 3) por vezes arbitrariamente, nos escriptos antigos ex.: «*De morrermos desejando*» (5) — *Nam curees de*

1) *España Sagrada*, XLI, 351, carta de 1207.

2) *Gil Vicente*, II; 71.

3) *Gessner*, *Das Alleonesische*, pag. 26.

4) Esta construcção não é usual; seria preferivel dizer «*Dize-lhes que hegaram hoje os navios*».

5) *Cancioneiro Geral*, I, 209.

mays chorardes (1)». E tambem o contrario
«Não cures de te queixar (2)».

Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou no impessoal é indifferente que elle tenha ou não ~~se~~ sujeito proprio

Exemplos em que o sujeito do infinito pertence só a elle :

- 1) *E' tempo de partires* (isto é *de que partas*).
- 2) *Deus te desembarace o juizo para te emendares* (isto é, *para que te emendes*)
- 3) *Basta sermos dominantes* (isto é, *que sejamos*).
- 4) *Não me espanto de fallardes tão ousadamente* (isto é *de que falleis*).
- 5) *Viu nascerem duas fontes* (isto é, *que nasciam*).

Exemplos em que o sujeito do infinito tambem o é do verbo de que elle depende :

- 1) *Não tens vergonha de ganhares a tua vida tão torpemente* (isto é, *de que ganhes*).
- 2) *Todos estão alegres por terem paz* (isto é, *por que têm*).
- 3) *Não me podeis levar sem me matardes* (isto é, *sem que me mateis*).
- 4) *Folgarás de veres a policia* (isto é, *de que vejas*).
- 5) *Verdade sem trabalhares e padeceres não a verás tu jamais* (isto é, *sem que trabalhes e padeças*).

510. Emprega-se o infinito impessoal.

- 1) quando o verbo no infinito não pôde eximir-se da dependencia em que está paaa com o verbo princi-

(1) *Ibidem*, I 289.

(2) **Bernardim Ribeiro**, *Obras*, Lisboa, 1852, pag. 309.

pal. Acontece isto especialmente com os verbos que exprimem virtualidades, volições do espirito, taes como *poder, saber, desejar, intentar, pretender, querer, etc.*, ex.: «*Não podemos emprestar dinheiro—Sabeis fazer as cousas—Desejamos partir cedo—Intentais comprar casas—Os mouros pretendem levar-nos de vencida*».

- 2) quando com tal emprego se não prejudica a clareza do sentido, muito embora possa a clausula ser tam-bem construida com o infinito pessoal, ex.: *Napoleão via seus batalhões CAHIR feridos*».

Esta é a doutrina de F. Diez (1), deduzida dos factos, positiva, simples, satisfactoria. As regras cerebrinas que na differença de sujeitos baseiam Soares Barbosa, Sotero e com outros, servem só para gerar incerteza no espirito de quem estuda. Segundo taes regras, e os escriptos de Camões, de Frei Luiz de Souza, de Vieira, de Herculano, estão inçados de erros!!!

O infinito, quando não é empregado como substantivo, sempre se apoia sobre outra palavra. O infinito, independente só se tolera no discurso apaixonado, nas phrases exclamativas, ex.: *Mentir eu?!—Morrermos nós?!—Padecer assim vazão de taes virtudes!*“

2

Participios

511. O participio presente, usado hoje exclusivamente como adjectivo (310, VI, 1) não admite flexão de genero, e só concorda em numero com o substantivo a que se refere, quer como adjuncto attributivo, quer como predicado, ex.: «*Homem amante, mulher amante, homens amantes, mulheres amantes—Este estylo é brilhante, esta pedra é brilhante, estes estylos são brilhantes, estas pedras são brilhantes*».

1) Obra citada, vol. III, pag. 202 —203.

512. O gerundio serve de adjectivo accional, e funciona como elemento de formação do verbo frequentativo. E' sempre invariavel. Precedido da preposição *em* indica um facto que vai ser seguido immediatamente de outro, ex.: «*Eu, em recebendo o dinheiro, pago-lhes*».

Já se encontra em Latim o gerundo regido de *in*, ex.: «*Sed quid ego heic in lamentando pereo?* (1)»

513. O gerundio perfeito é um desenvolvimento paraphrastico romanico do gerundio: como elle é tambem invariavel.

514. O participio aoristo é empregado como adjectivo, quando elemento de formação de tempos compostos, e serve para formar clausulas participaes; empregado como adjectivo, isto é, como simples adjuncto attributivo, concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, ex.: «*Homem amado, mulher amada; homens amados, mulheres amadas*».

Empregado como elemento de formação de tempos compostos da voz passiva, concorda em genero e numero com o sujeito, ex.: «*O homem é amado - As mulheres são vendidas*» (Vide Tabella n.º 9).

A concordancia ou não concordancia deste participio auxiliar com o objecto do verbo, é uma das grandes difficuldades da lingua franceza: o Italiano e o Hespanhol movem-se mais livremente: o Portuguez emancipou-se da uma vez, e tornou invariavel o participio: Todavia, os antigos classicos o faziam concordar, ex.: «*Votos que em adversidades e doenças tinha feitos para remissão de quantas culpas tinham commettidas*»

(1) Plauto.

(1)—*Porque sempre o achára bom servidor e leal e muito ditoso nos serviços que lhe tinha feitos* (2) Ainda em Camões lê-se “*E do Jordão a areia tinha vista*” (3).

Nas phrases “*Ter occupados os sentidos—Ter casadas as filhas*” o participio concorda, porque não está como elemento de tempo composto, mas sim como simples adjuncto attributivo.

515. O participio aoristo, quando não empregado como adjuncto attributivo, nem como elemento de formação nos tempos compostos da voz activa e da passiva, forma clausulas participaes absolutas, equivalentes de outras clausulas do indicativo e do subjunctivo. Tâes clausulas correspondem exactamente aos ablativos absolutos latinos, formados com participios preteritos.

§ 8.º

Substituição dos tempos dos verbos uns pelos outros

516. Os tempos dos verbos determinam a actualidade, ou os differentes grâus de anterioridade ou posterioridade do enunciado da sentença.

517. Para dar mais viveza e colorido á narrativa, emprega-se frequentemente o presente do indicativo

- 1) em logar do aoristo do indicativo, ex.: “*Ao amanhecer de 19 de Fevereiro, a esquadra ACCENDE as fomalhas, LEVANTA ferros, SOBE o rio, e por sob avalanchas de balas, por entre bulções de fumo, heroica, temeraria, PASSA Humaytá e ANCÓRA*

1) Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, Lisboa, 1829, Tomo II pag.

2) Fernão Lopes, *Historia da India*, Tomo I, cap. 1.

3) *Lusiadas* Canto III, Est. 27.

além, atirando aos ares as notas guerreiras do hymno nacional».

2) em lugar do futuro do indicativo, ex.: *«Amanhã E' domingo—Nós VAMOS na semana que vem».*

3) em lugar do imperfeito do subjunctivo, ex.: *«Si SEI, não lhe tinha dado o dinheiro».*

4) em lugar do futuro do subjunctivo, ex.: *«Si AVANÇAS, morres».*

518. Por uso popular, emprega-se o imperfeito do indicativo, em vez do imperfeito do condicional, ex.: *Eu as não VIA si m'as não tivesses mostrado—Vossas excellencias PODIAM ficar para jantar hoje connosco».*

519. Emprega-se em lugar do imperativo presente o futuro do indicativo, e também o infinito presente, ex.: *«Amarás a Deus sobre todas as cousas—Preparar! Apontar! Descançar armas!»*

520. Para maior intimação, ao confirmar uma ordem, ao terminar um discurso, emprega-se o imperfeito do indicativo em lugar do aoristo, ex.: *«Tenho decidido—Tenho dito—Tenho concluido».*

521. Por um arrojo de linguagem, emprega-se ás vezes o aoristo do indicativo em vez do futuro, ex:

«—Onde está o passaro?»

—Alli, naquelle galho torto. Vê?»

—Vejo. Vou atirar-lhe, e já MORREU».

522. Nas sentenças dubitativas, emprega-se algumas vezes.

1) o futuro do indicativo em vez do presente, ex.: *«Quantos não ESTARÃO hoje sem um tecto!»*

2) o futuro anterior do indicativo em vez do perfeito do indicativo, ex.: *«Quantos não TERÃO já feito aquillo mesmo que hoje tão acicamente reprovam?»*

523. As fórmulas em *ra* do mais que perfeito do indicativo, do imperfeito e perfeito do condicional, e do imper-

leito e mais que perfeito [do subjunctivo, eram muitissimo usadas pelos classicos: hoje, as outras fórmulas são geralmente preferidas.

524. Nos escriptores do seculo XVI, encontra-se um uso curioso, que deve ser mencionado, apesar de estar hoje banido. O imperfecto do indicativo fazia as vezes do presente, e até alterava-se com elle na mesma sentença, ex.:

«Dar-te-ei, senhor illustre, relação
«De mi, da lei, das armas que *trazia* (trago)».

Camões (1).

«Deste Deus-homem, alto e infinito
«Os livros que tu pedes não *trazia* (trago).
«Que bem posso escusar trazer escripto
«Em papel o que na alma andar *deria* (deve)».

Camões (2)

«Os dias vive chorando; as noites
mal as *dormia* (dormo)».

Bernardim Ribeiro (3).

Este uso exquisito encontra-se tambem em Hespanhol e, o que é mais para notar, fóra da rima; ex.:

«Caçador me pareceys en
«los sabuesos que *trayas* (traes) (4)».

«Si hallo el agua clara, turbia
«la *beria* (bevo yo) (5)».

1) *Lusiadas*, Cant. I, Est. LXIV.

2) *Idem*, *Idem*, Est. LXVI.

3) *Egloga* IV.

4) *Silva de Romances Viejos*, Vienna, 1816, pag. 338.

5) *Idem*, pag. 310.

O que se dava entre o imperfeito do indicativo e o presente, dava-se também entre o imperfeito do condicional e futuro, ex.:

«Se armas queres ver, como tens dito,
«Cumprido esse desejo te seria (será)».

Camões (1).

Ferreira e Faria e Sousa chamaram «vulgaridade, modo vulgar» a este uso. Diez (2) tem-n-o por «solecismo».

§ 9.º

Correspondencia dos tempos dos verbos entre si

525. A correspondencia dos tempos dos verbos entre si, effectua-se da maneira seguinte:

1) Ao presente do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo ex.:

«Digo	que fazes bem,
	que fazias bem,
	que tens feito bem
	que fizeste bem
	que tinhas feito bem,
	que farás bem,
	que terás feito bem».

b) os dous tempos do condicional ex.:

«Digo	que farias bem,
	que terias feito bem».

1) *Lusiadas*, Cant. 1 Est. LXVI.

2) *Obra citada*, vol. III, pag. 255.

c) o presente, o perfeito e o mais que perfeito do subjunctivo, ex. :

«Estimo» { que venhas,
 que tenhas vindo,
 que tivesses vindo»:

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex. :

«Creio» { chegarem elles hoje,
 terem elles chegado hontem».

2) Ao imperfeito do indicativo correspondem

a) o imperfeito e mais que perfeito do indicativo,
ex. :

«Dizia» { que fazias bem,
 que tinhas feito bem».

b) os dous tempos do condicional, ex. :

«Eu julgava» { que virias,
 que terias vindo».

c) o imperfeito e o mais que perfeito do subjunctivo, ex. :

«Eu julgava» { que viesses,
 que tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex. :

«Eu sabia» { terem elles dinheiro,
 terem elles tido dinheiro».

Estas duas formulas, bem como outras analogas, são pouco usadas.

3) Ao perfeito do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex. :

«Tenho dito	{	que tu és rico,
		que tu eras rico,
		que tu tens sido rico,
		que tu foste rico,
		que tu tinhas sido rico,
		que tu serás rico,
		que tu terás sido rico».

b) os dous tempos do condicional, ex. :

«Tenho dito { que tu farias bem,
que tu terias feito bem».

c) o presente, o perfeito e o mais que perfeito do subjunctivo, ex. :

«Tenho etimado	{	que tu venhas,
		que tu tenhas vindo,
		que tu tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex. :

«Tenho dito { ser elle rico,
ter sido elle rico»

4) Ao aoristo do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex. :

«Eu disse	{	que tu és rico,
		que tu eras rico,
		que tu tens sido rico,
		que tu foste rico,
		que tu tinhas sido rico,
		que tu serás rico,
		que tu terás sido rico».

b) os dous tempos do condicional, ex. :

«Eu disse {
(que tu irias,
(que tu terias ido».

c) o imperfeito e o mais que perfeito do subjunctivo, ex. :

«Julguei {
(que tu viesses,
(que tu tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito, ex. :

«Julguei {
(estar elle aqui,
(ter elle estado aqui».

5) Ao mais que perfeito do indicativo correspondem:

a) o imperfeito e o mais que perfeito do indicativo, ex. :

«Eu tinha dito {
(que o amava,
(que o tinha amado».

b) os dous tempos do condicional, ex. :

«Eu tinha dito { que tu virias,
 (que tu terias vindo».

c) o imperfeito e o mais que perfeito do subjunctivo, ex. :

«Eu tinha de- (que elles viessem,
sejado (que elles tivessem vindo”.

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex. :

“Eu tinha es-(virem elles armados,
timado (terem elles vindo armados”

6) Ao futuro do indicativo correspondem :

a) todos os tempos do indicativo, ex. :

“Direi {	que tu vens,
	que tu vinhas,
	que tu tens vindo,
	que tu vieste,
	que tu tinhas vindo,
	que tu virás,
	que tu terás vindo”.

b) os dous tempos do condicional, ex. :

“Diria { que tu irias,
 (que tu terias ido”.

c) o presente, o perfeito, o futuro e o futuro anterior do subjunctivo, ex. :

“Direi” { quando venhas,
quando tenhas vindo,
quando viéres,
quando tiveres vindo”.

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex. :

“Estimarei” { vires tu,
teres tu vindo”.

1) Ao futuro anterior do indicativo correspondem :

a) todos os tempos do indicativo, ex. :

“Eu terei dito” { que tu vens,
que tu venhas,
que tu tens vindo,
que tu vieste,
que tu tinhas vindo,
que tu virás,
que tu terás vindo”.

b) os dous tempos do condicional, ex. :

“Eu terei dito” { que tu virias,
que tu terias vindo”.

c) o presente, o perfeito, o futuro, e o futuro anterior do subjunctivo, ex. :

“Pouco se te-
rá perdido” { quando tu venhas,
quando tu tenhas vindo,
quando tu vieres,
quando tu tiveres vindo”.

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex. :

«Ter-se-á dito { vires tu armado,
teres tu vindo armado».

9) A excepção do perfeito e do mais que perfeito do subjunctivo, do presente do imperativo correspondem todos os tempos que correspondem ao presente do indicativo, e correspondem mais o futuro e o futuro anterior do subjunctivo, ex. :

«Dize {	que eu venho,
	que eu vinha,
	que eu tenho vindo,
	que eu vim,
	que eu tinha vindo,
	que eu virei,
	que eu terei vindo,
	que eu viria,
	que eu teria vindo,
	quando eu venha,
	si eu vier,
	si eu tiver vindo,
vir eu,	
ter eu vindo,	

9) Ao imperfeito e ao perfeito do condicional correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex. :

«Eu diria ou { que vens,
que vinhas».

"Eu diria ou teria dito	{	que tens vindo,
		que vieste,
		que tinhas vindo,
		que virás,
		que terás vindo".

b) elles proprios, ex. :

"Eu diria ou teria dito	{	que virias,
		que terias vindo".

c) o imperfeito e o mais que perfeito do subjunctivo, ex. :

"Eu diria ou teria dito	{	que viesses,
		que tivesses vindo".

d) os dous tempos do infinito, ex. :

"Eu diria ou teria dito	{	vires tu,
		teres tu vindo".

10) A todos os tempos do subjunctivo correspondem: todos os tempos do indicativo, do condicional e do infinito, ex. :

"Quando eu diga	{	que vais,
		que ias,
"Si eu dissesse	{	que tens ido,
		que foste,
"Quanto eu te- nha dito	{	que tinhas ido,
		que irás,
"Quando eu ti- vesse dito	{	que terás ido,
		que irias,
"Quando eu dis- ser	{	que terias ido,
		ires,
"Quando eu ti- ver dito	{	teres ido".

11) Os tempos do subjunctivo correspondem-se entre si da maneira seguinte :

a) ao presente corresponde elle proprio, ex. :

“Quando mesmo eu diga que faças.

b) ao imperfeito e mais que perfeito correspondem elles proprios, ex. :

“Se eu dissesse que Pedro fosse.

ou tivesse dito que Paulo tivesse ido”.

12) Nas verdades positivas, provadas, a todos os tempos de todos os modos e fórmas nominaes corresponde o presente do indicativo, ex. :

•Tu dizes

Tu dizias

Tu tens dito

Tu disseste

Tu tinhas dito

Tu dirás,

Tu terás dito

Dize

Tu dirás

Tu dirias

Caso tu digas

Si tu dissesses

Quando tu tenhas dito

Si tu tivesses dito

Si tu disseres

Si tu tiveres dito

Dizeres tu

Teres tu dito

Dizer

Ter dito

Dizendo tu

Tendo tu dito

Dito

} que a materia é eterna”.

- 13) Aos dois tempos do infinito pessoal correspondem todos os tempos dos modos e fórmulas nominaes, quando elementos de clausulas substantivos, que porventura lhes sirvam do objecto.

526. Os participios, quando não empregados como adjunctos attributivos, nem como elementos de formação em tempos compostos, e em verbos frequentativos, não entram em relação com os tempos dos quatro modos e do infinito por isso que, como já ficou dito (314), formam clausulas absolutas, independentes.

§ 10.º

Ser e estar

527. A differenciação entre *ser* e *estar*, é uma das maiores difficuldades que encontram os estrangeiros na aprendizagem da lingua portugueza: preciso é, pois, discriminar bem estes dous verbos.

- 1) O verbo *ser* serve de auxiliar da voz passiva, em todas as phrases que podem passar para a voz activa, sem mudança de tempo, ex.: «*O cabo Tormentorio* FOI DESCOBERTO *por Bartholomeu Dias*», na voz activa «*Bartholomeu Dias* DESCOBRIU *o cabo Tormentorio*».
- 2) O verbo *estar* parece tomar algumas vezes um sentido passivo; neste caso, porém, elle exprime antes um estado do sujeito, do que uma acção sobre elle recahida, ex.: «*A ordem* ESTAVA FIRMADA *pelo general*».

Passando-se esta phrase para a voz activa, sem mudar o tempo do verbo, prova-se o que acima fica dito, por quanto altera-se-lhe o sentido. Com

efeito «*O general FIRMAVA a ordem*» não é equivalente exacto da primeira phrase, em que se não dava a entender que «*o general ESTAVA FIRMANDO a ordem*» mas que «*já a TINHA firmado*».

- 3) Para ligar ao sujeito uma idéia que lhe é propria, que lhe é inherente, usa-se de *ser*, ex.: «*A materia e indestructivel—A agua do mar é salgada*».
- 4) Para ligar ao sujeito uma idéia que indica apenas estado, situação, posição, usa-se de *estar*, ex.: «*Estou triste—Estou em Roma—Estou deitado*».

Milita esta regra ainda mesmo quando se seguem outras palavras que apresentam o estado, a situação, a posição do sujeito como cousa habitual, permanente, ex.: «*Pedro tem estado doente toda sua vida—Estas montanhas estão sempre cobertas de neve*».

- 5) O verbo *ser* póde ligar immediatamente ao sujeito um infinito, ex.: «*Vender com fraude, é furtar*».
- 6) O verbo *estar*, em virtude da sua significação intransitiva, por isso que indica sempre estado, situação, posição, liga immediatamente ao sujeito adjectivos e participios, mas não póde sem auxilio de particula ligar-lhe um infinito. Assim não se póde dizer «*Pedro está dormir*» mas sim dir-se-á «*Pedro está dormindo*» ou «*Pedro está a dormir*».
- 7) O verbo *ser* exprime

- a) a origem, a proveniência
- b) a propriedade
- c) a participação
- d) o destino

- ex.: «*Este vinho é de Xerez*».
- » «*A casa é de Paulo*».
- » «*Vasco é da armada*».
- » «*Este livro é para José*».

e) a dimensão	*	"A cidade é pequena".
f) a cor	*	"O lenço é azul".
g) a forma	*	"A mesa é redonda".
h) a materia	*	"O anel é de ouro".
i) as qualidades inherentes proprias	*	"A neve é fria".
j) as qualidades physiologicas	*	"Pedro é robusto".
k) o attributo expresso por substantivo ou infinito	*	"Paulo é intelligente".
	*	"Paulo é imperador".
	*	"Viver sem amar é vegetar".

8) O verbo *estar* exprime

a) o estado	ex.:	{ "Estou feliz".
		"Estou a ver navios".
		"Estou sem fazer nada".
b) a maneira de estar	*	"Estou sentado".
c) a existencia em um lugar	*	"A espingarda está na caixa".
d) a situação	*	"A casa está em um alto".

9) O mesmo predicado pôde exprimir uma qualidade propria da natureza do sujeito, e tambem pôde exprimir apenas um estado, uma situação, uma posição. Como já ficou dito, emprega-se no primeiro caso o verbo *ser*, no segundo o verbo *estar*. Facil é, pois, estabelecer a differença que existe entre (as seguintes phrases.

Pedro é alegre (por indole).

O chá é caro (é sempre artigo caro).

João foi feito eleitor (é possível que ainda esteja no desempenho do cargo).

Pedro está alegre (actualmente).

O chá está caro (actualmente).

João esteve feito eleitor (já não exerce mais as funcções do cargo).

10) Casos ha em que parece poder-se empregar igual-

mente o verbo *ser* e o verbo *estar*, ex.: «*Isso é claro—Isso está claro*». A razão é que a phrase pôde ser encarada tanto no sentido de um verbo, como no de outro; ou então porque são quasi imperceptiveis os matizes que nestes casos distinguem *ser* de *estar*. Com effeito, no primeiro exemplo diz-se que a cousa *é clara* por si propria; no segundo, que ella está *apresentada com clareza*. Qualquer delles serve perfeitamente para manifestar o pensamento.

- 11) O verbo *estar*, seguido de preposição *de* e de um substantivo de emprego ou de profissão, indica que o sujeito desempenha os encargos desse emprego, dessa profissão. Assim «*Paulo está de consul em Paris*» significa que Paulo está exercendo, em Paris, as funções de consul, o que pôde até acontecer sem que elle seja realmente consul.
- 12) O verbo *estar*, seguido da preposição *de* e de um substantivo qualquer, indica um estado actual que pôde durar ou não: «*Pedro está de cama—Antonio está de espingarda—Francisco está de luto—Maria está de filho*».
- 13) Casos ha todavia de difficil fixação, em que a escolha de *ser* ou de *estar* parece ter sido determinada unicamente pelo uso. Para taes casos, o guia unico é a leitura de bons escriptos portuguezes. *Ser*
- 14) e *estar* podem ser empregados em sentido impessoal, ex.: «*E' que nós não queremos—Ora está que não vamos*».
- 15) Na lingua antiga, *ser* era frequentemente usado por *estar*, ex.: «*Já sois chegados. (CAMÕES)*». Alguns escriptores modernos seguem ainda este uso, mas sómente em estylo elevado, ex.: «*Eu era mudo e só na rocha de granito. (GUERRA JUNQUEIRO)*».

§ II

Verbos impessoaes

528. O verbo impessoal, verdadeiro verbo defectivo, porque só é usado na terceira pessoa do singular, encerra em si um como sujeito impessoal, que se não exprime.

Todavia, uma outra ideia impessoal, uma clausula substantivo, por exemplo, um pronome de sentido neutro, podem, neste caso, desempenhar, também as funções de sujeito.

529. O verbo unipessoal ou entra em construcção só, de modo absoluto, ex.: *Chove—Troveja*; ou toma um adjuncto adverbial appropriado, ex.: *Chove a cantaros—Troveja horrorosamente*.

530. São verdadeiramente impessoaes certos verbos que indicam a realisação de phenomenos astronomicos e metereo logicos, taes como *amanhecer, anoitecer, gear, nevar, relampejar, trovejar, ventar, chover*, etc.

Estes verbos são empregados figuradamente quer como transitivos quer como intransitivos. ex.: *A espada lusitana chove estragos—Chovem bombas sobre a cidade*.

531. Sem que sejam unipessoaes por sua natureza, muitos verbos são usados unipessoalmente. Taes são entre outros, *acontecer, bastar, convir, constar, correr, costumar, cumprir, dar, dever, doer, estar, fazer, haver, importar, occorrer, parecer, pesar, poder, poder ser*, (composto), *querer parecer*, (composto), *relevar, ser, soer, succeder*, etc.

A' excepção de *dar, fazer e haver*, estes verbos, quando usados unipessoalmente, têm quasi sempre por sujeito uma clausula substantivos ou um dos pronomes *isto, isso, aquillo*, etc., ex.: *Convem ao general que os soldados observem a disciplina—Deve haver gente lá—Peza-me ter-te offendido—Estes homens parece estarem doentes—Da India é que nos vi-*

eram as tradições—Quer me parecer que estamos burlados—Ora está que não vamos—Isto convem—Succedeu isso hoje—Aquillo não parece bem”.

Emprega-se tambem unipessoalmente qualquer verbo, na terceira pessoa do plural. ex.: “Em Pariz dar-lhe-ão cabo da pelle—Mataram o Presidente”.

532. O verbo *dar*, empregado na sentença «*Já deu dez horas*» e em outras identicas, conservando-se transitivo, assume o character de verdadeiro verbo impessoal, e não pôde ter sujeito claro.

533. O verbo *fazer*, empregado em sentenças como «*Faz annos que estou aqui—Faz mezes que nos vimos*», conservando-se transitivo, assume o character de verdadeiro verbo impessoal, e não pôde ter sujeito claro (1).

Em Hespanhol e em Francez, ha construcções identicas, ex.: *Hace diez años—Il fait des éclairs*“, Gregorio de Tours escreveu em Latim (2). “*Gravem hyemem facit*“. Si é authentica a passagem, e sia verdadeira. Lição não é “*Gravis hyems fuit*“, como traz um unico manuscripto, este uso de verbo *facere* é antiquissimo.

534. O verbo *haver* em sentenças como «*Ha homens—Ha fructas—Ha leis*», conservando-se transitivo, assume o character de verdadeiro verbo unipessoal, e não pôde ter sujeito claro [Vide (163, 4)].

Em Italiano, Hespanhol, Francez, e Provençal, encontram-se construcções identicas, ex.: *Ha quindici giorni—Diez años ha—Il a des femmes—Non a tan fin aman cum me*“. Ha a notar que em Francez moderno, a construcção reqner sempre o emprego do adverbio de logar *y*, e que em Italiano, Hespanhol, Provençal e Francez antigo, ora apparece ella com um adverbio de logar, ora não.

1) Grilvet, Obra citada, pag. 158—161.

2) Ill. 37.

Em Portuguez antigo, empregava-se tambem o adverbio, ex.; *Não ha hi quem me soccorra?—Que geração tão dura, ha hi de gente?* (2). Hoje, não é mais usado tal adverbio:

As palavras requeridas pelo verbo *haver* nesta construcção representam o accusativo latino, e estão, conseguintemente, em relação objectiva. A prova disso são as seguintes passagens em que a flexão indica o caso original.

Provençal — «*Mans jocs y a* (3).

Francez velho — «*Aguait ad e traisun*» (4).

Portuguez — «*Mas ahi não os houve mais homens* (5).

— «*Bom vinho! Si o haverá tão maduro e tão ceceal em Salamanca*» (6).

E', pois, dislate a doutrina de Argote assim formulada por Vergeiro e Pertencé (7): «O verbo *haver*, empregado no sentido de existir «usa-se nas terceiras pessoas do singular, ainda que o sujeito seja da terceira pessoa do plural».

Tambem não passa de subtileza metaphysica, condemnada pelos factos linguisticos, a explicação que desenvolvidamente dá Sotero dos Reis (8): o verbo unipessoal *haver*, cuja significação é a mesma de «*existir*», empregase ordinariamente com o sujeito grammatical occulto—*classe, genero, especie, porção, quantidade, numero tempo, espaço, etc.*—e um complemento expresso desse sujeito, precedido da preposição *de* tambem occulta. Ex.:

“Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes

“Alguns traidores houve algumas vezes.”

(Camões)

1) *Chronica de Condestabre*, Lisboa 1526, cap. 58.

2) Camões, *Luziadas*, Can. II, Est. LXXXI.

3) *Choix des poésies originales de Troubadours*, Paris, 1816. Tomo III, pag. 211.

4) Le Roux de Lancy, *Les Quatre Livres des Rois*, Paris 1841, pag. 337.

5) Bernardim Ribeiro, *Obras Citadas*. pag. 19.

6) Garrett, *Arco de Sant'Anna*, Tomo 1, pag. 78.

7) *Obra Citada*, pag. 85.

8) *Postillas de Grammatica Geral*, 2.^a edição. Maranhão, MDCCCL-VIII, pag. 58—59.

«A syntaxe regular, neste-caso é: Dizei-lhe que tambem numero de alguns traidores portuguezes, ou de entre os Portuguezes, houve algumas vezes»

Como a de Sotero, pecca ainda por methaphysica e falsa a doutrina de Moraes, exposta pelo snr. Dr. Freire da Silva, nos seguintes termos (1): «Muitos grammaticos chamam o verbo *haver* unipessoal, quando empregado, como nas phrases seguintes: *Ha homens extraordinarios—Havia iguarias—Si houver tempo, irei visital-o*. É elle, ao contrario, o mesmo verbo *haver* pessoal e transitivo, com a significação de *ter* ou *possuir*, derivado de *habere* que, em tal caso, é elegantemente usado no singular com o sujeito occulto, o qual facilmente se subentende pelo sentido, como se vê das mesmas phrases que em seguida se acham repetidas com os sujeitos claros: «*Ha homens extraordinarios*. isto é, «*O mundo ha ou tem homens extraordinarios—Havia iguarias* isto é, *a mesa havia ou tinha iguarias—Si houver tempo, irei visital-o*, isto é, *Si eu houver ou tiver, tempo, irei visital-o*».

A verdade é que em taes construcções o verbo *haver* conserva-se transitivo, e assume o character de verdadeiro verbo unipessoal: e que não necessita mais de sujeito claro do que *chove*, *troveja*, ou outro qualquer.

Os *caipiras*. fieis aos usos archaicos da lingua, como sóe sel-o a gente do povo; exprimem-se de modo analogo, ao dos Francezes: põem claro um pronome que represente o sujeito neutro e impessoal dos verbos unipessoaes. Dizem: *Elle chove muito lá—Elle hai ainda algúas frutas—Elle corre por ahí que o rei vem vindo* (2).

Substituem tambem *ter* a *haver*, e dizem. *Tem muita gente na egreja—Agora tem muito peixe no tanque*„. Este uso vai-se tornando geral no Brazil, até mesmo entre as pessoas illustradas.

Empregam ainda *haver* como synonymo de existir, dizendo: *No tempo da revolução, eu ainda não havia—Quando eu me casei*

1) *Compendio de Grammatica Portugueza*, S. Paulo; 1879. pag. 150.

2) Parece ser tambem este o uso corrente em Portugal. Garret o põe na bocca da gente do povo que faz entrar em suas composições: *Tambem vós, Gertrudinhas! Elle era o que faltava* (*Arco de Sanct' Anna*, Tomo I, pag. 120)“. E só assim se explica a existencia de tal uso no falar da gente rude brasileira: é um legado dos colonisadores.

elle já havia» Só no imperfeito do indicativo, é que usam deste verbo com esta accepção.

535. O verbo *parecer* emprega-se impessoalmente em sentenças taes como. «*Estes homens PARECE estarem doentes*». Todavia tambem se pôde dizer «*Esses homens PARECEM estar doentes*».

536. O verbo *poder*, além da sua significação propria, tem tambem a de *ser possível* (1): neste caso assume o character de unipessoal, ex.: «*PÓDE haver muitas mortes, isto é, E' POSSIVEL haver muitas mortes*».

Os caipiras accentuam muito esta significação, dizendo: «*Póde que chova—Póde que elles venham*».

537. *Ser*, ao assumir character de verbo unipessoal, deixa de ser mero verbo de copula entre o sujeito e o predicado; toma a significação absoluta de existencia, que tambem tem esse em Latim, ex.: «*Da India E' que nos vieram as tradições—É. EXISTE, TEM REALIDADE*».

538. O verbo *estar*, ao assumir character de verbo unipessoal, comporta-se exactamente como *ser*, com a differença apenas de que inclue em sua significação um matiz da idéia de elevação, de posição erecta que tem o Latim *stare*; o Grego *staó*, *istémi* a raiz sankrita *STHA*; o Inglez *staud*; ex.: «*Ahi está o que eu previa, isto é, ahi existe erecto o facto que eu previa*».

§ 12

Concordancia do verbo com o sujeito

539. O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa, ex.: «*Eu sou estimado—Nós temos dinheiro—Elle é pobre—Ellas são ricas*».

1) Roquette Dictionario Portuguez-Francez, Pariz, 1855. Art. *Poder*,

Com os verbos que significam *sufficiencia, abastança, carencia, falta*, viola-se ás vezes esta regra, ex.: *falta muitos dias para os exames—Jose das Dornas é tambem uma bella personificação do nosso lavrador; basta os ditos que elle atira aos filhos e aos criados na occasião da esfolhada para inculcar a verdade daquella indole (1)».*

540. O verbo na voz passiva tambem concorda em genero com o sujeito.

541. Uma sentença, um membro ou uma clausula de sentença, uma phrase qualquer que sirva de sujeito, exige o verbo no singular, ex.: «*E verdade que somos ricos—Poder e não querer é preferivel a querer e não poder*».

542. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da primeira pessoa e outro da segunda ou da terceira, irá o verbo para a primeira do plural, ex., «*Eu e tu ficaremos (eu e tu, isto é, nós)*».

543. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da segunda pessoa do singular e outro da terceira, irá o verbo para a segunda do plural, ex.: «*Tu e ella passais bem tu e ella, isto é vós)*».

544. Quando na sentença concorrerem dous ou mais sujeitos, todos da terceira pessoa do singular, irá o verbo, ou para a terceira pessoa do plural a concordar com todos, ou para a terceira do singular a concordar com cada um de per si, ex.: «*A justiça e a providencia de Deus onde estão?*» ou «*Onde está a justiça e a providencia de Deus?*».

545. Quando o sujeito fôr um colectivo geral, seguido da preposição *de* e de um substantivo no plural, o verbo irá para o singular, concordando com o colectivo e não com o substantivo do plural, ex.: «*O exercito dos alliados ficou inteiramente derrotado*».

1) José Maria de Andrade Ferreira, *Crítica*, ás «Pupillas do snr. Reitor, *Gazeta Litteraria*, Porto, 1868, pag. 92.

546. Quando o sujeito é um colectivo geral, só ou seguido da preposição *de* e de um substantivo no singular, o adjectivo e o verbo ficarão no singular, concordando com o colectivo ou irão para o plural, concordando com um substantivo que represente todos os individuos comprehendidos na collecção, ex.: «*Ditosa gente que não é maltratada ou que não são maltratadas de ciumes*».

547. Quando o sujeito é um colectivo partitivo, seguido da preposição *de* e um substantivo no plural claro ou occulto, o adjectivo e o verbo devem empregar-se no plural, ex.: «*A maior parte dos homees são analphabetos*».

Mais depois de *um* leva o verbo ao singular ou ao plural. ex.: *mais de um é rico* ou *são ricos*.

Mais depois de qualquer numeral plural leva sempre o verbo ao plural, ex.: «*mais de dous são ricos—mais de mil estão em armas*».

548. Quando dois ou mais sujeitos estão separados pelas conjuncções *e*, *nem*, *ou*, pôde-se empregar o verbo no singular, concordando com cada um, ou no plural concordando com totos ex.: «*Ao adejar a victoria sobre um dos campos* TERÁ DESCIDO, *sobre o outro* O SILENCIO E O REPOUSO *do anniquilamento* ou TERÃO DESCIDO, etc.—NEM A PESCA NEM A CAÇA O DIVERTE ou DIVERTEM—OU A CAÇA OU A PESCA O DIVERTE ou O DIVERTEM».

549. Dando-se, porém, a alternativa, isto é, não podendo o facto expresso pelo verbo caber sinão a um só, irá o verbo para o singular, ex.: «*Ou o pae ou o filho será eleito presidente*».

550. Representando as palavras componentes do sujeito differentes pessoas, o verbo irá para o plural, e concordará em pessoa com a que tiver prioridade, ex.: «*Desta vez ou eu ou tu seremos presidente da camara*».

551. Quando na sentença ha dous ou mais sujeitos, e o primeiro está ligado aos outras pela preposição *com*,

póde empregar-se o verbo no singular ou no plural ex.: «*O general com todos os seus soldados padecia ou padeciam grande fome*». Mas si o verbo precede o primeiro sujeito do singular, deve empregar-se no singular, ex.: «*Padecia o general com todos os seus grande fome*».

552. Quando o sujeito é *um e outro* ou *nem um nem outro*, póde empregar-se o verbo no singular ou no plural, ex.: «*Um e outro é meu irmão, ou um outro são meus irmãos. Nem um nem outro é meu irmão, ou nem um nem outro são meus irmãos*».

553. *Tudo e nada*, postos depois de muitos sujeitos continuados levam commumente o verbo ao singular, ex.: «*O ouro, as perolas e os diamantes, tudo é terra—Jogos espectaculos, nada o tirava do seu retiro*».

554. *Isso e tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, levam o verbo ao plural, ex.: «*Tudo são sonhos de Scipião, enredos de Palmeirim, gigantes de palha—Isso são boatos sem fundamento*».

555. O pronome conjunctivo *que*, quando tem por antecedente um pronome pessoal, é sempre da mesma pessoa desse pronome, ex.: «*Sou eu que tenho—E's tu que tens—E' elle que tem—Somos nós que temos, etc.*» Mas quando em vez de *que*, se empregar *quem*, como esta palavra equivale neste caso a *homem que, mulher que, homens que, mulheres que*, dêve-se empregar o verbo na terceira pessoa, ex.: «*Sou eu quem tem—Es tu quem tem—Somos nós quem tem, etc.*».

Assim, pode-se indifferentemente dizer: *Fui eu quem comprei* ou *quem comprou este livro*: ou com Inversão: «*Quem comprou este livro fui eu*».

556. Quando o predicado do verbo *ser*, é um substantivo acompanhado de *que*, o verbo seguinte póde concordar em pessoa com o sujeito desse verbo *ser*, ou com o

predicado, devendo-se com tudo preferir a concordancia com o sujeito, ex.: «*Eu sou um homem que ainda não vendi, ou, que ainda não vendeu a consciencia—Eu sou uma dona que venho ou que vem aqui*».

Ha exemplos frequentes de ir sempre ser para a terceira pessoa do singular, dando-se a concordancia com o outro verbo: «*Eu é que fallo—Tu é que fallas—Nós é que fallamos—Vós é que fallais—Elles é que fallam*».

VI

NEGAÇÕES

557. São palavras negativas *não, nem, nada, nenhum, ninguém, nunca*; e tambem conforme a phrase *algum; jamais*.

558. *Não* é a palavra de negação perfeita ex.: «*NÃO posso—NÃO dou—NÃO*».

Em algumas provincias do Brazil, como Bahia, Minas *não* duplica-se, ex.: *Não posso, não. Não dou, não*.

Nas sentenças exclamativas, *não* emprega-se como particula intensiva para reforçar á expressão, ex.: «*Quantos a estas horas não estão mortos!*

Que poeta que não era

Da linda Ignez o cantor!».

559. *Nem* por vezes tem sentido affirmativo, equivalendo a *e* ex.: «*Por ventura a necessidade será lá tamanha, NEM a esmola tão bem empregada?* Phrases ha em que *nem* equivale a *nem mesmo*, ex.: «*O pão nem de graça me serve*».

Nem que significa por vezes como *si*; ex.: «*Gasta NEM QUE fôra rico*».

Nem que equivale tambem a *ainda mesmo que*, quando mesmo, ex.: «*Nem que elle me peça de joelhos*».

Que nem equivale a *como*, ex.: «*Bebe QUE NEM uma esponja*».

Nem, emprega-se.

1) apoiando-se em uma clausula, em que já exista *não*, ex.: «*NÃO como NEM quero ver comer*».

2) reforçada pela repetição, ex.: «*NEM tenho, NEM quero TER TAL coisa em casa*».

3) só: mas isto raras vezes e com sentido dubitativo, ex.: «*Deixei-o, NEM sei si morto*».

4) reforçada por *não* na mesma clausula, mas só em estylo familiar, ex.: «*NÃO tenho NEM um vintem que possa dar a este homem*».

5) reforçada por *sem*, ex.:

«*E vão a seu prazer fazer aguadas.*

«*SEM achar resistencia, nem defesa*».

CAMÕES (1)

• **560**, *Nada, nenhum, ninguém nunca* empregam-se

1) sós na clausula, si procedem o verbo, ex.: *NADA tenho—NENHUM veio—NINGUEM vemos—NUNCA estudamos*».

2) reforçados por *não*, si estão depois do verbo, ex.: «*NÃO tenho NADA—NÃO veio NENHUM—NÃO vemos NINGUEM—NÃO estudamos NUNCA*».

3) reforçados por *nem*, em estylo familiar, ex.: «*NÃO vi festas NEM nada—NEM NENHUM tenho—NEM NINGUEM veio—NEM NUNCA estudamos*».

1) *Lusiadas*, Cant. 1, Est. XCIII.

E' este o uso actual da lingua: os classicos reforçavam com a negativa *não a nada, nenhum, ninguém, nunca*, estivessem muito embóra antes do verbo, ex.: *Para que ninguém não saiba*. Empregavam ás vezes como reforço, sinão como pleonasma, uma triplice negação, ex.: *Eu não vou nunca á casa de ninguém* (1). Os caipiras dizem *Não deixa de não fazer mal—Não deixa de não atrapalhar* «em vez de *Não deixa de fazer mal—Não deixa de atrapalhar*». O preceito da grammatica latina—*duas negativas equivalem a uma affirmativa*—preceito aliás falso—em muitas construcções latinas, não passou para as linguas romanicas.

561. *Jamais* emprega-se em lugar de *nunca*, ex.: *«Eu JAMAIS poderei ser rico»*. E' tambem reforçado pela negativa principal *não*, no mesmo caso em que o é *nunca*, ex.: *«NÃO descansou JAMAIS»*. Encontram-se exemplos classicos de *nunca jamais*, ex.: *«Os maiores apparatus de guerra que NUNCA JAMAIS se viram* (2).

562. *Algum* emprega-se ás vezes no fim da phrase em lugar de *nenhum*, ex.: *«Eu por maneira ALGUMA consentirei»*.

Todavia, ha exemplos de *a um* posposto com o seu sentido proprio de affirmação ex.:

«D'esta gente refresco algum tomamos».

Camões (3)

«Ethiopes são todos, parece

Que com gente melhor communicavam ;

Palavra alguma arabia se conhece

Entre a linguagem sua que fallavam (4).

563. Em estylo faceto, empregam-se como intensivas da negação as palavras *boia, cominho, fava, figo, gota,*

1) *Diez*, *Obra citada*, vol. III, pag. 390.

2) *Moraes*, *Diccionario*, edição citada, Art. *Jamais*.

3) *Camões*, Cant. V, Est. LXIX.

4) *Idem*, Cant. V. Est. LXXVI.

mique, nada, pataca, patavina, pitada, rasto, sombra, chique, etc., ex., «Não entende patavina—Não sabe pitada—Não vi rasto—Não ha nem sombra—Nem chique, nem mique, nem nada (1)».

O uso de palavras intensivas para negar com vehemencia, era muito frequente no Latim: *circum, granum, micam, passum, punctum, unguem* e muitas outras eram a cada passo empregadas pelos melhores escriptores, como reforço da negação, *Passum* e *punctum* introduziram-se no Francez e, sob as fórmãs *pas* e *point*, fazem hoje parte do fundo da lingua, ex.: «*Je ne veux pas—Je ne vais point*». Em Gil Vicente lê-se,

«*Triste pranto até Belem,*

«*Nem passo não se esquecia (2)».*

Mica, miga encontra-se no Italiano, ex.: «*Ni mica trovo il mio ardente disio—Se sa miga*». Gil Vicente usou em Portuguez do derivado *migalha*: «*Não me presta ne migalha (3)»*. A antiga palavra *rem* foi tambem muito usada como intensiva, ex.: «*Não valeu rem (4)»*. As palavras latinas *nil, nihil, nihilum* e as innumeras que dellas se derivam, devem o ser ao uso das intensivas: com effeito. *nil, nihil nihilum* equivalem a *ne hilum (5)»*.

VII

PREPOSIÇÃO

§ 1.º

A

564. A preposição *a* do Latim *ad* que exprime essencialmente o movimento para um ponto determinado) indica.

1) Gil Vicente, *Obras*, edição citada, vol. I, pag. 127:

2) *Ibidem*, vol. III, pag. 350.

3) *Ibidem*, vol. II, pag. 501.

4) *Nobiliario do Conde D. Pedro*, Roma, pag. 288

5) «*Hilum*» significa «olho preto da fava».

- 1) a direcção, ex.: *“Estar a oeste — Jazer a leste — Ir a Lisboa — Vir a Madrid”*
- 2) contiguidade, ex.: *“Estar a janella — Estar a porta — Estar a beira do rio”*
- 3) A exposição, ex.: *“Viver ao sol — Estar a chuva”*.
- 4) o tempo em que, ex.: *“A 4 de Janeiro — A oito dias precisos — A 1 hora, ás 5”*.
- 5) a tendencia, ex.: *“Incitar a ira — Guiar a loucura”*.
- 6) a hora, ex.: *“A’s tres horas — A uma hora e cinco minutos”*.
- 7) o modo ex.: *“Vender a retalhos — Comprar a pedaços — Andar á moda — Vestir á Luiz XV — Matar a sopapos — Ferir a lançadas — Beber a sorvos — Chorar a potes”*.
- 8) a distancia, ex.: *“A tres leguas — A doze milhas — A dezoito kilometros — A trinta passos — A cincoenta braças”*.
- 9) o instrumento, ex.: *“Bater-se a espada — Matar a pistola — Carregar a bala — Passaro morto a chumbo — Pintar a pincel”*.
- 10) a materia ex.: *“Bordar a ouro — Pintar a oleo”*.
- 11) o fim, ex.: *“Antonio vai a capitão — Pedro a bispo”*
- 12) realisação em futuro muito proximo, ex.: *“Antonio está a chegar — A fructa está a cahir”*,
- 13) o preço distributivo, ex.: *“Vendo carneiros a dez mil réis — Comprro vacas a quinze moedas — Dou os figos a vintem”*.
- 14) a taxa de juros, ex.: *“Dinheiro a dez por cento — Tomei um conto de réis a cinco por cento”*.

565. A preposição *a* serve (Vide 486) para pôr em relação adverbial o objecto de um verbo, a fim de evitar ambiguidade, ex.: *“Milão matou a Clodio”*.

566. Unida aos artigos *o, os*, a preposição *a* incorpora-se e fórma com elles uma palavra só—*ao, aos*.

567. Unida a *a, as, aquelles*, etc., *aquillo*, a preposição *a* desaparece, e um accento agudo indica essa desapareição, ex.: *á—ás—áquelle*, etc., *áquillo*.

568. A preposição *a* liga-se por vezes ao nome que rege, de modo que fórma com elle um todo susceptível de ser regido por outra preposição, ex.: «*Vou de a pé—Andamos de a cavallo*».

Estas locuções, usadíssimas entre nós pelos *caipiras*, constituem um romanicismo extreme, que tambem se encontra no Hespanhol, ex.: «*Mozos de hasta veinte años—Rimas de a seis versos*». A construcção franceza do chamado artigo partitivo *du, de la, des*, outra cousa não é, sinão o mesmo romanicismo, ex.: «*Avec du sucre—Sans de la farine*».

§ 2.º

Ante

569. A preposição *ante* (do Latim *ante*), bem como a sua composta *perante*, indica confronto, comparecimento, ex.: «*Ante mim estás tu—Perante o principe*».

§ 3.º

Após, pós

570. As preposições *após, pós*, (do Latim *post*) indicam posposição, seguimento, ex.: «*Após o exercito—Pós elles*». *Pós* é hoje pouco usada.

§ 4.º

Até, té

571. As preposições *até, té*, (do Latim *hactenus*) indicam o termo local ou temporal preciso, exacto, ex.: *Até*

Paris—Até aqui — Até hoje — Até hontem a noite. Té é pouco usada em prosa.

§ 5.^o

Com

572. A preposição *com* (do Latim *cum*) indica

- 1) a companhia, ex.: "*Estou com Pedro — Antonio está com o rei*".
- 2) a permanencia sob o dominio ou em poder de alguém, ex.: "*Esse moço está commigo — Meu dinheiro está com João*".
- 3) a adjuncção, a mistura, ex.: "*Topar com alguém — Cal com areia*".
- 4) o termo de acção, ex.: "*Usa caridade com os inimigos — Sé brando commigo*".
- 5) a comparação, ex.: "*Antonio se parece com Pedro*".
- 6) o modo, ex.: "*Andar com pressa — responder com altives*".
- 7) o meio, ex.: "*Elle ganha dinheiro com seus romances*".
- 8) o motivo, ex.: "*Gritar com dores*".
- 9) o instrumento, : "*Matar com faca — Ferir com espada*".
- 10) o preço, ex.: "*Comprar com vinte mil réis*".
- 11) opposição, ex.: "*Arcar com os males — Atrever-se com os elementos*".

573. A preposição *com*, precedida de *para*, significa *em relação*, ex.: "*Para com ella minha alma é de cera — Elle tem procedido bem para commigo*".

§ 6.º

Contra

574. A preposição *contra* (do Latim *contra*) indica

- 1) opposição, ex.: «*Pelejar contra os mouros*».
- 2) posição fronteira, ex.: «*Dista cinco leguas de Din, contra a ilha de Bet*».

§ 7.º

De

575. A preposição *de* (Latim *de*, que primitivamente exprimia a descida e depois o afastamento em geral) indica

- 1) o lugar donde, ex.: «*Venho de Roma—Parto de Stockolmo*».
- 2) a extracção, a origem, ex.: «*Sou de Ravenna—Somos de Obidos*».
- 3) a possessão, ex.: «*Casa de Pedro—Servo de Paulo*».
- 4) a limitação, a restricção, ex.: «*O reino de Napoles—A cidade de Coimbra*».
- 5) a exposição, ex.: «*Estou de frente—Estou de costas*».
- 6) o estado ex.: «*Antonio está de sitio—Francisca está de parto*».
- 7) a separação, ex.: «*Tirar os filhos da mãe*».
- 8) mudança, ex.: «*Trocar de fato*».
- 9) o ponto de partida, em relação a lugar e a tempo, ex.: «*De Vianna para cá—De hoje em diante*».
- 10) o tempo em que, relativamente aos phenomenos astronomicos, ex.: «*De madrugada—De manhã—De*

- dia—De tarde — De noite — De verão — De inverno».*
- 10) a participação, ex. : *«Comer deste pão—Beber deste vinho—Ser dos nossos».*
- 11) a materia, ou constituinte, ou componente, ou con-teuda, ex. : *«Livro de ouro—Bolo de milho—Cacho de uvas—Feixe de cannas—Calix de licor—Copo de vinho».*
- 12) o assumpto ex. : *«Fallar de guerra—Murmurar do rei».*
- 13) a mudança de estado, ex. : *«De leão está feito ovelha—Liberto, de servo que era».*
- 14) o agente do verbo passivo, ex. : *«Lavores gastos do tempo—Bemdito de Deus—O mar que só dos feios phocas se navega».*
- 15) o motivo, ex. : *«Morrer de medo—Chorar de alegria—Escumar de bravo».*
- 16) a falta, a isenção, o provimento, ex. : *«Privado de bens—Baldo de recursos—Abrigado de chuvas—Livre de dividas—Cheio de filhos — Rico de terrenos».*
- 17) meio ex. : *«Cercar de muros—Nutrir-se de fructas».*

De encontra-se aqui com a instrumental *cum*, si bem que a primeira particula propriamente só accrescente um complemento a certas idéias verbaes, ao passo que a segunda accrescenta uma circumstancia especial ás idéias mais diversas, porquanto a concepção não é a mesma, quando se diz, por exemplo *«Sustentar-se de peixe»* e *«Sustentar alguém com dois peixes.»* No estado mais antigo da lingua popular romanica, *de* tinha uma força instrumental illimitada, de sorte que, sob este ponto de vista, substituiu absolutamente o ablativo, e designava por isso o instrumento até que *cum* lhe disputasse essa acceção. Pelo menos em Latim baixo, *de* é muitas vezes empregado com esse valor. Eis uma lista de empregos diversos desta *de* instrumen-

tal; «*Emi de mea pecunia Brequigny et Thell, Diplomata, chartæ, epistolæ et alia monumenta ad res franciscas spectantia*, Paris, 1791, 2.^a ann. 475)—*De anulo nostro subtersigillare*, (*Ibidem*, 27.^a ann. 528)—*De radicibus alebatur* (*Gregorio de Tours*), 6, 8)—*Vittam de auro exornatam Brequigny*, *Op. cit.*, 86. b, ann. 490)—*De manus suas excorticatas* (*Vetera anallecta, formulæ Mabillionii*, Paris, 1723, 24)—*De linguas eorum dixerunt* (*Formulæ veteres Marculphi Monachi aliorum que auctorum*, Paris, 1765. app. 33)—*Alveus de cadaveribus repletus* (*Gesta regum Francorum*, Paris, 1739, Tome II du Recueil des Historiens de la Gaule et la France. 37). *De ramis celare* (*Lex salica*, Tit. LXVIII—*De nostris opibus subvenire* (*Tiraboschi. Storia della badia di Nomantolo*, Modena, 1785, 7: b, ann. 753)—*De ignibus concremaverunt* (*España Sagrada* Madrid, 1747 XIX, 384, ann. 995), O sentido opposto de despojar exige tambem de: em Italiano, por exemplo. «*Spogliare, privare, diffraudare, sgombrare, scaricare, sfornire d'una cosa*». Em Latim baixo «*De pecoribus denudare* (*Gregorio de Tours*), 4, 45)—*Evacuare de hominibus* (*Ibidem*, 6, 31) (1)».

- 18) a determinação, ex.: «*Estar bem de saúde—Prompto de mãos—Formoso de rosto—Ruivo de cabellos*»
- 19) o modo ex.: «*Estar de luto—Pôr-se de joelhos—Vir de carro*».
- 20) a intermyação entre o verbo e o adjectivo que representa a natureza ou a propriedade phedísica ou moral de uma pessoa, ex.: «*Acoimar de feio—Chamar de coxo—Fazer de ignorante—Tractar de pobre*»
- 21) a medida, ex.: «*Fosso de cinco palmos—Fita de trinta pés*».

22) a quantidade, ex.: "*Corpo de vinte soldados—Esquadra de trinta vasos*".

Expletivamente, para dar força a expressão, emprega-se a preposição *de* entre o adjectivo descriptivo e o substantivo ou pronome, ex.: "*O bom do homem—Pobre de mim*".

§ 8.º

Desde, des

576. As preposições *desde* e *des* (sem origem immediata latina) indicam precisamente o ponto de partida quer local, quer temporal, ex.: "*Desde Sevilha—Desde hontem a noite, até hoje pelas cinco horas*".

§ 9.º

Em

577. A preposição *em* (Latim *in*) indica

- 1) logar onde, ex.: "*Estou em Roma—Moro em Milão*".
- 2) o tempo em que, ex.: "*Em 1814—No terceiro dia*".

Frequentemente, occulta-se esta preposição, quando ella indica tempo, ex.: "*Vim Domingo—Dou um baile esta semana*".

- 8) divisão, ex.: "*Cortado em quatro—Livro dividido em capitulos*".
- 4) o modo, ex.: "*Braços em cruz—Gente em circulo—Andar em guerra—Viver em paz*",
- 5) o assumpto, ex.: "*Pensar em amores—Fallar em combates—Crêr em Deus*".

- 6) o fim, ex.: «*Declaro-o em abono de verdade—Digo-o em honra da patria*».
- 7) a avaliação, a estimativa, ex.: «*Tenho-o em grande conta—Avalio-o em cinco contos de réis*».
- 8) a transição de um estado para outro, ex.: «*Traduzir em Francês—Converter em peixes—Fazer em pedaços*».

578. A preposição *em* ao combinar-se com *o, a*; *este, isto*; *esse, isso, aquelle, aquillo*, etc., deixa cahir o *e* muda o *m* em *n*; o que dá «*no, na; neste, nisto; naquelle, naquillo*: etc. (Vide 56)».

§ 10.º

Entre

579. A preposição *entre* (do Latim *inter*) indica

- 1) posição intermediária, ex.: «*Entre Pedro e Paulo—Entre quatro paredes—Entre vermelho e azul—Entre triste e alegre*».
- 2) a reciprocidade, ex.: «*Artes e sciencias tem muita connexão entre si*».

§ 11.º

Para

580. A preposição *para* (do Latim *per ad*) indica

- 1) a direcção, ex.: «*Virado para o nascente—Voltados para a esquerda*».
- 2) o lugar para onde, ex.: «*Vou para Milão—Irei para Macáu*».

O emprego da preposição *para*, quando se quer exprimir lugar para onde, indica a intenção de demorar no lugar; quando se pretende passar pouco tempo no lugar, usa-se de *à*; ex.: «*Vou hoje a Londres, onde tenho negocios; e depois de amanhã, partirei para Calcuttã, onde resido.*»

- 3) o fim, ex.: «*Livros para estudo—Ferros para o trabalho.*»
- 4) a futuridade, ex.: «*Para o anno —Para o mez que vem.*»
- 5) a realisação em futuro proximo, ex.: «*Pedro está para chegar—Antonio está para fechar o negocio.*»
- 6) a proporção, ex.: «*3 está para 6; assim como 7 esta para 14.*»
- 7) a attribuição, ex.: «*Zelo para as cousas da religião.*»
- 8 a approximação de quantidades, ex.: «*De duas para tres leguas.*»

581. Relativamente a locução "*para com*" veja-se o que fica dito acima (573).

§ 12.º

Por

582. A preposição *por* tem duas séries de accepções diversas, por isso que é dupla a sua origem etymologica. *Por*, com effeito, vem de *per* e vem de *pro*.

Até o seculo XVI a fórma inalterada *per* era a representante em Portuguez da preposição latina *per*, como *por* o era do *pro*: dizia-se «*Per montes e valles*» e *Pola ley e pola grey.*»

Mais tarde, confundidas as significações, *per* e *por* tornaram-se indistinctas, e uma dellas teve de desaparecer: foi *per*. *Por* supplantou-a, e é hoje a unica. Todavia, *per* teve tambem as suas victorias: ás fórmas compostas *pelo*, *pela*, etc. venceram e eliminaram as fórmas rivaes *polo*, *pola*, etc. *Per* vive ainda em muitas palavras compostas, e

na locução «*de per si*» conserva-se em toda a pureza primitiva.

A confusão de *per* e *pro* data já da baixa latinidade: muitas vezes figuram ambas na mesma sentença. Na *Espanha Sagrada*, por exemplo, lê-se: «*Per omnes montes ac pro illis locis*».

583. A preposição *por*, derivada de *per*, indica

- 1) logar por onde, ex.: "*Por mar e por terra — Elle anda por lá*"
- 2) a parte por onde se pega habitual ou accidentalmente qualquer objecto, ex.: "*Pegar pelo cabo — Segurar pela perna*".
- 3) individuação e distribuição, ex.: "*Um por um — Grão por grão — Milhares por dia — Seis contos de réis por anno*".
- 4) a duração, ex.: "*Por duas horas — Por tres annos*".
- 5) a divisão, ex.: "*Repartir por pobres*".
- 6) o modo, ex.: "*Contar por partes*"
- 7) o meio, ex.: "*Elevar-se pela intriga — Vencer por armas*".
- 8) o motivo, ex.: "*Fallar por enfermo — Ocultar-se por vergonha*".
- 9) o agente do verbo passivo, ex.: "*Assassinado por Indios — Cultivados por nós*".
- 10) o juramento, a attestação, ex.: "*Juro por Deus — Affirmo por minha honra*".

584. A preposição *por* derivada de *pro* indica

- 1) a substituição, ex.: "*Dar homem por si — Pedro compareceu por Paulo*".
- 2) preço, ex.: "*Vendi o livro por cinco mil réis — Comprei a casa por seis contos de réis*".
- 3) a opinião, a qualidade em que se tem, em que se

recebe pessoa ou cousa, ex.: «*Tenho-o por sabio—Tomei-o por transfuga—Recebi-a por mulher—Adoptei-o por filho*».

4) a parcialidade, o favor, ex.: «*Estou pelo rei—Somos pela republica—Combatemos por Paulo*».

5) o não acabamento, ex.: «*A casa está por concluir—O muro está por emboçar*».

§ 13.º

Sem

585. A preposição *sem* (do Latim *sine*) indica privação, falta, ex.: «*Estou sem dinheiro—Pedro está sem mulher*».

§ 14.º

Sob

586. A preposição *sob* (do Latim *sub*) indica a situação inferior, ex.: «*Sob a cama—Sob os olhos*».

Desta Significação decorrem todas as outras que tem *sob*, taes como a de disfarce, a de tempo de governo, ex.: «*Sob apparencia de paz—Sob Napoleão I.º*».

§ 15.º

Sobre

587. A preposição *sobre* (do Latim *super*) indica

- 1) a situação superior, ex.: «*Está sobre a montanha—Paira a nuvem sobre nós*».
- 2) a approximação, ex.: «*Sobre a manhã—Sobre a noite—Sobre o branco*».

- 3) o excesso, ex.: "*Sobre cem mortos, duzentos feridos—Sobre quéda, coice*".
 4) o assumpto, ex.: "*Fallar sobre physica—Escrever sobre biologia*".

§ 16.º

Trás

588. A preposição *trás* (do Latim *trans*) indica a preposição, ex.: "*Trás-os-montes—Trás-mim*".

E' pouco usada. Substituiue-a a locução *atrás de* ex: *Atrás de mim—Atrás da casa*.

§ 17.º

Preposição concorrente

589. Muitas vezes, para exprimir a natureza complexa de duas relações que se dão conjunctamente, unem-se duas preposições, ex.: "*De sob—De sobre—Por entre—Por sobre*, etc. »

VIII

CONJUNCCÃO

590. Quando por meio de *e* liga-se uma phrase começada por *que* (pronome ou conjuncção), a outra que deva começar pelo mesmo *que*, é facultativo exprimir-o ou calar-o na segunda phrase, ex.: "*Eis o homem que atacou e que venceu os Palmares* ou *atacou e venceu—Creio que elle é rico e quer comprar esta casa* ou *que elle é rico e quer comprar esta casa*".

591. É quasi de obrigação exprimir-se a conjuncção

que no segundo membro, quando se passa do sentido affirmativo para o negativo, e vice-versa, ex.: "*Creio que elle é rico, e que não quer comprar esta casa*".

592. Depois de *e* e de outras conjuncções coordenativas, pôdem-se exprimir ou calar certas palavras de fôrma ou de determinação precisa, ex.: "*Da Italia e da França* ou *Da Italia e França—Para a corôa e para o sceptro* ou *Para a corôa e sceptro*."

A grammatica franceza, cujas leis a este respeito são ferrenhas, não nos pôde servir aqui de modelo; o Italiano e o Provençal movem-se um pouco mais á vontade; só o Hespanhol gosa neste terreno da mesma liberdade que tem o Portuguez. A ommissão ou a repetição do artigo, depois de conjuncções, subordina-se a regras especiaes, já consignadas no logar competente,

IX

ADVERBIO

593. O adverbio colloca-se juncto da palavra por elle modificada, ex.: "*Homem MUITO ILLUSTRADO - Pedro ESCRIVE RAPIDO—Cesar escreven MUITO CONCISAMENTE*".

Por vezes, o adjecto concordado com o sujeito tem força de adverbio, ex.: "*Ella soffre sobre calada—Os Turcos atacaram resolutos*".

594. Quando se aggrupam varios adverbios terminados em *mente*, só o ultimo assume esta desinencia, guardando os outros a fôrma feminina singular dos adjectivos de que nascem, ex.: "*Luctaram os Paraguayos calorosa, desatinada, loucamente*".

Esta regra, que hoje só existe no Portuguez, existiu nos velhos dia-

lectos francezes d'*oc* e d'*oil*: nesses dialectos, a terminação *ment* se collocava, ou só depois do primeiro, ou só depois do ultimo adverbio.

Os actuaes escriptores portuguezes e brazileiros já nem sempre respeitam a regra: usam por vezes de todos os adverbios completos, ex.: «*Batem rijamente, brutamente, de encontro á verdade*».

E isso fazem para dar emphase á expressão.

595. *Cá* emprega-se como intensivo da primeira pessoa, e *lá* como intensivo das outras ex.: «*Eu cá julgo que elle não vem—Nós cá queremos — Tu lá sabes—Vós lá podeis—Elles lá têm—Elles lá são ricos*».

596. *Lá* emprega-se como dubitativo em referencia a todas as pessoas, ex.: «*Eu lá sei — Nós lá queremos isso*».

Este modo de expressão é acompanhado de uma entonação particular.

597. A locução adverbial *no mais* equivale a *não mais* como se encontra duas vezes em Camões (1); o colendo mestre, sr. Adolpho Coelho, tem-n-a por peculiaridade camoneana, que se não faz mister attribuir á influencia da lingua hespanhola.

Em Sorocaba, cidade do Estado de S. Paulo, que uma feira annual de bestas punha sempre em contacto com Orientaes e Correntinos, e onde a linguagem é ainda sensivelmente acastelhanada, tal locução é usadissima; ouve-se a cada passo: «*Entre no mais—Tire churrasco no mais—Ensilhe no mais o matungo*» isto é, *Entre, não mais; entre sem cerimonia— Tire churrasco, não mais; sem mais preambulos—Ensilhe o matungo, não mais; nada mais tem a fazer, não ensilhar o matungo*. A existencia da locução no dialecto sorocabano só pôde ser devida a influencia castelhana.

(1) *Lusiadas*, Cant, III, Est. LXVII, e Cant. X Est. CXLV.

598. A fôrma masculina dos adjectivos, que têm fôrma differente para cada genero, é empregada adverbialmente, «Fallar ALTO (Vide 324).

Os adjectivos que têm uma só fôrma para ambos os generos, admittem tambem este uso, porém mais raramente. Já se viu o exemplo de Gil Vicente (324). Uma construcção usadissima é a adverbiação do adjectivo *possivel*, ex.: *Vai em nove annos que o auctor apprehendeu trabalhos que deviam ser os mais completos POSSIVEL, sobre as linguas, as tradições e as superstições do seu país* (1).

X

INTERJEIÇÃO

599. A *interjeição*, como brado instinctivo que é, não se subordina a regras de syntaxe. Nada ha aqui a dizer sobre ella.

LIVRO QUARTO

ADDITAMENTOS

I

PONTUAÇÃO

600. *Pontuação* é a arte de dividir por meio de signaes graphicos as partes do discurso, que não têm entre si ligação intima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes.

1) Adolpho Coelho, *Questões da Língua Portuguesa*, Porto, 1874, Advertencia, pag. V.

A pontuação é para a syntaxe, o que a accentuação é para a lexeologia: a accentuação faz distinguir a significação das palavras isoladas: a pontuação discrimina o sentido dos membros, clausulas e sentenças do discurso, Os *accents* são, pois, *signaes lexeologicos*; as *notações da pontuação*, *signaes syntacticos*.

601. Doze são as notações graphicas da pontuação:

- | | |
|---|---------|
| 1) a <i>virgula</i> ou <i>comma</i> | (,) |
| 2) o <i>ponto e virgula</i> ou <i>semicolon</i> | (;) |
| 3) os <i>dois pontos</i> ou <i>colon</i> | (:) |
| 4) o <i>ponto final</i> | (.) |
| 5) o <i>ponto de interrogação</i> | (?) |
| 6) o <i>ponto de admiração</i> | (!) |
| 7) os <i>pontos de relidencia</i> | (...) |
| 8) a <i>parenthesis</i> | (()) |
| 9) as <i>aspas</i> | (« ») |
| 10) o <i>hyphen</i> | (-) |
| 11) o <i>travessão</i> | (—) |
| 12) o <i>paragrapho</i> | (§) |

I

Virgula

602. Usa-se da *virgula*

- 1) entre palavras, membros e clausulas que estão na mesma relação, ex.:—*A riqueza, a saúde, o prazer, são cousas transitorias*—*Antonio vive, Pedro vegeta*—*Francisco disse me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros*.
- 2) antes e depois de toda a palavra, phrase ou clausula que se pôde supprimir, sem desnaturar o sentido, ex.: «*Não vos aparteis, FILHOS, do caminho*

da honra—A amizade, DOM DO CÉO, é o goso do sabio—A vida, DIZIA SOCRATES, só deve ser a meditação da morte—O tempo, QUE VÔA, QUANDO SOMOS FELIZES, parece estacar, quando somos desgraçados».

- 3) depois de uma clausula que se não póde supprimir sem offensa do sentido, mas que é bastante extensa, ex.: *«Um arabe que se destina ao rude officio de salteador do deserto, cedo se acostuma ás fadigas das correrias».*

Chama-se a esta virgula, *virgula de respiração*.

- 4) para substituir um verbo subentendido ex.: *«Eu comi figos; Antonio, laranjas».*
 5) depois de muitos sujeitos eguaes em força de expressão, quando entre os dois ultimos não medeia a conjuncção e, ex.: *«Africanos, Gualesses, Getullos, Egypcios, tinham transformado a linguagem de Roma».*

Esta regra tem por fim evitar que o verbo pareça referirse, com mais especialidade, ao sujeito que o precede immediatamente.

- 6) depois das conjuncções *mas, ora, pois, porquanto, todavia, quando*; si, principiando por ellas a sentença, queremos insistir sobre a sua significação, ex.: *Mas, note, bem o que eu digo».*
 7) depois de *assim, então, demais* e de outros adverbios e locuções adverbiaes, empregadas em principio de sentenças, com sentido ~~de~~ conjuncção, ex.: *«Assim, conto, com o que me prometteram—Então, iremos hoje sem falta»?*
 8) depois de *sim* ou *não* collocados no principio da sentença, ex.: *«Sim, irei—Não, já lhe disse».*

603. Omitte-se a *virgula* :

- 1) entre partes ligadas pelas conjunções *e*, *nem*, *ou*, a não ser que taes partes sejam muito extensas, ex.: «*A soberba destróe e suffoca todas as virtudes—Não estive em Roma, nem em Napoles—É preciso vencer ou morrer*».

Diz-se, porém: «*Ninguém se contenta com o que possue, nem se descontenta com o espirito que tem*» porque as partes ligadas pela conjuncção *nem*, são em demasia extensas, para serem pronunciadas de um só folego.

- 2) depois do ultimo de muitos sujeitos, quando a esse ultimo se tem chegado por uma como gradação, ex.: «*Uma palavra, um sorriso, um só olhar basta*».

2

Ponto e virgula

604. Usa-se de *ponto e virgula*, para separar proposições semelhantes e de alguma extensão, principalmente si taes proposições se compõem de partes já divididas pela virgula, ex.: «*As graças, que ha no mundo, mais seductoras, são da belleza; as mais picantes, as do espirito; as mais commoventes, as do coração*».

3

*Dois pontos***605.** Empregam-se os *dois pontos*

- 1) antes de uma citação, ex.: «*Aristoteles dizia a seus discipulos: Meus amigos, não ha amigos*».
- 2) antes de uma ennumeração, si pela ennumeração termina a sentença, ex.: «*Eis toda a religião christã: crer, esperar, amar*».

- 3) depois de uma ennumeração, si pela ennumeração começa a sentença, ex.: *«Crer, esperar, amar : eis toda religião christã».*
- 4) antes de uma reflexão ou de uma explanação ex.: *«Nada faças encolerizado : levantarias ferro, em occasião de tempestade?».*

4

Ponto final

606. Usa-se do *ponto final*:

- 1) para fechar a sentença, ex.: *«Saudei um morto. Vou fallar rapidamente de um livro que foi a sua despedida, e é o seu monumento. Volvo a este modesto cantinho, onde tenho affirmado uma cousa que julgo grande e útil».*
- 2) nas abreviações, ex.: *«Sr.—Gram. Port».*

5

Ponto de interrogação

607. O *ponto de interrogação* põe-se no fim das sentenças interrogativas, ex.: *«Como passa ? Quantos são?»*

608. Muitas vezes o verbo está em fórma interrogativa, sem que haja interrogação no pensamento : neste caso não se usa do ponto de interrogação, ex.: *Fazem-lhe a menor observação, zanga-se».*

609. Quando uma interrogação é seguida das phrases *disse elle, perguntou ella* ou de outras analogas, precede-as o ponto de interrogação, ex.: *Que quer você? perguntou-lhe a velha».*

6

Ponto de admiração

610. O *ponto de admiração* emprega-se no fim das phrases que exprimem affectos subitos, considerações vivas e, em geral, depois das interjeições, ex.: «*Que prazer!—Como é bello!—Ah!*».

611. Quando uma parte da phrase exclamativa é seguida de palavras que della dependem, mas que estão fóra da exclamação propriamente dita, põe-se o ponto de admiração antes dessas palavras, e então póde elle equivaler a uma virgula, conforme o sentido, ex.: «*Que transportes! mesmo antes de erguer o panno,*».

7

Pontos de reticencias

612. Os *pontos de reticencias* indicam interrupção de expressão do pensamento, ex.: *Ventos ousados, eu vos... Insto, porém, abrandar as vagas,*».

8

Parenthesis

613. A *parenthesis* é um signal duplo, que serve para fechar palavras que, no meio de uma sentença, formam sentido distincto e separado, ex.:

- «Eu só com meus vassallos e com esta,
- «(E dizendo isto arranca meia espada)
- «Defenderei da força dura e infesta,
- «A terra nunca de outrem subjugada: (1)».

(1) *Lusiadas*, Cant. IX, Est. XIX.

9

Aspas

614. *Aspas* são signaes que se põem no começo e no fim de uma citação, e muitas vezes mesmo no começo de todas as linhas della e no fim da ultima, ex.: *Dis o sr. Guerra Junqueiro*: "Ha duas especies de pudor: o que nasce da ignorancia e o que nasce da dignidade; o pudor da menina e o pudor da mulher".

10

Hyphen

615. O *hyphen* serve para unir duas ou mais palavras, que se devem pronunciar como sifossem uma só ex.: *Mestre-Escola. Espera-me.—Dir-te-ia*".

C, locado no fim da linha, indica que a palavra se dividiu alli, indo acabar no principio da linha seguinte.

11

Travessão

616. O *travessão* indica

- 1) uma pausa maior que a do ponto e virgula, e ao mesmo tempo, pedido de attenção para as palavras que seguem, ex.: "*Os Christãos viam, com apparente indifferença os seus vencedores poluirem as ultimas causas que, até sem esperança, ainda defende uma nação conquistada—as mulheres e os templos*".
- 2) mudança de interlocutores em um dialogo, substituindo as phrases *disse elle, acudiu ella, responderam elles, interromperam ellas*".

«Os forasteiros são nossos irmãos pela carne, disse Amador Bueno.

Os paulistas assassinados o eram pelo sangue, volveu Luiz Pedroso.

—Matar o inimigo vencido é uma baixeza.

—Poupar-o é quasi um crime.

—A humanidade requer perdão para os *emboabas*.

—Piratininga exige o seu extermínio.

—É inútil vencer, si não é possível transigir.

—Si se vence para amnistiar, não vale a pena combater.

—O cauterio actual queima as carnes...

—E cura o cancro.

—O rigor aterra...

—E submete.

—O odio excessivo é vilania.

—Clemencia demasiada degenera em traição ⁽¹⁾.

617. O *paragrapho* que é formado por um espaço em branco, deixado no principio da linha, deve ser considerado como um signal de pontuação. Indica elle uma separação mais accentuada do que a do ponto, e emprega-se para distinguir os differentes grupos de idéias, de que se compõe um escripto, ou para marcar a transição de um assumpto para outro. O *parágrafo* acaba geralmente por um ponto final; todavia, pôde também terminar-se por um ponto e virgula e dous pontos, como acontece nos *considerandos*, e nas ennumerações.

Para certos casos da composição typographica ha notações peculiares, taes como o *asteristico* (*), o *obelisco* ou *adaga* () a *dupla adaga* (), a *secção* (§), as *parallelas* (||), o *párrafo* ([]), os *colchetes* ([]), a *chave* ({}), o *carete* (), a *mãosinha* (☞), etc.

II

EMPREGO DE LETTRAS MAIUSCULAS

618. Empregam-se *letras maiúsculas*

(1) *Padre Belchior de Pontes* (romance do auctor), Campinas, 1876. Tomo 1, pag. 229—230.

- 1) no começo de sentenças, ex.: *«Tudo perdemos, excepto a honra»*.
- 2) no começo de citações, ex.: *“Ao vêr erguido sobre si o punhal de Bruto, Cesar exclamou; Também tu, meu filho”*.
- 3) na palavra que segue aos pontos de interrogação e admiração, quando elles finalisam o sentido, ex.: *“Não me vê? Pois sou bem alto—Que loucura a de meu filho, santo Deus! Si elle nos abandona, perecemos”*.
- 4) nos nomes proprios, ou no communs tomados como taes, quer sejam de pessoas, quer de coisas, ex.: *Deus—Romulo—os portuguezes—os Quebra Kilos—Abril—Londres—o Evangelho—o Coliseu*”.

Os nomes referentes as divisões territoriaes do mundo, quando empregados como adjectivos escrevem-se com letra minúscula ex.: *“Aprendi Francez por livros portuguezes; Inglez, por livros francezes; Grego, por livros inglezes.”*

- 5) nos nomes de tractamento, ex.: *“Vossa Senhoria, Vossa Santidade—Senhor—Senhora, etc.”*.

Nos escriptos môdernos, mórmente nos do jornalismo, vai-se estabelecendo o uso de escrever estes nomes com letra minúscula.

- 6) no principio de cada verso, ex.:

«Vai despontando o rosicler da aurora:

O azul sereno e vasto

Empallidece e córa,

Como se Deus lhe dêsse

Um grande beijo-luminoso e casto.

A estrella da manhã

Na altura resplandece

E a cotovia, a sua linda irmã,

Vai pelo azul um cantico vibrando,

Tão limpido, tão alto, que parece

Quê é a estrella no céu que está cantando (1)

(1) Guerra Junqueiro, *Morte de D. João*. Porto. 1876, pag. 133.

7) nos titulos de livros, jornaes, ex.: *Os Lusíadas*,—*A União Catholica*».

Nestes casos, bem como em taboletas, inscripções, epitaphios, é tambem uso serem maiusculas todas as lettras, ex.: «OS LUSIADAS—A GAZETA DE NOTÍCIAS—VINHOS FINOS—A MEMORIA DE TIRADENTES—AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES».

ORDEM DAS PALAVRAS E PHRASES NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS SIMPLES

619. A construção da sentença simples chama-se *directa*, quando se segue na disposição das palavras e phrases a ordem logica da concepção do pensamento, ex.: «*Antonio livrou-se das garras do monstro, por um esforço desesperado*».

620. A construção da sentença simples chama-se *inversa*, quando para maior energia da expressão se não atende na disposição das palavras e phrases á ordem logica das idéias, ex.: «*Por um desesperado esforço, livrou-se Antonio das garras do monstro*».

Sobre o logar que, em casos especiaes, devem occupar as differentes partes do discurso, já tudo ficou dito nas secções respectivas.

IV

ORDEM DOS MEMBROS E CLAUSULAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS COMPOSTAS

621. A construção da sentença composta chama-se *directa*, quando se segue na disposição dos membros e clausulas a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex.: «*Ha poucas linguas nesta sociedade gangrenada em que vivemos, que não apregõem as minhas vergonhosas derrotas, como triumphos esplendidos*».

622. A construcção da sentença composta chama-se *inversa*, quando na disposição dos membros e clausulas se não guarda a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex. : «*Nesta sociedade gangrenada em que vivemos, poucas linguas ha, que não apregõem como triumphos esplendidos as minhas vergonhosas derrotas*».

A tendencia que actualmente apresentam todas as linguas, para se tornarem analyticas, é a causa da preferencia que cada vez mais tem a construcção direita sobre a inversa.

Não é por se não fazer estudo dos modelos legitimos e castiços, não é por se lerem muito os livros francezes que se vai transformando a lingua portugueza; nem tal transformação é vergonhosa ou prejudicial ⁽¹⁾. Producto inevitavel, necessario, fatal da evolução linguistica, ella accusa nova phase do modo de pensar, accusa desenvolvimento do cerebro, accusa progresso da humanidade.

Compare-se a linguagem das seguintes descripções; uma, feita por um escriptor do seculo XVI, outra por um contemporaneo nosso:

«Seis leguãs de Congoxima está uma fortaleza sujeita ao mesmo rei de Sacçuma, que se póde contar entre as maravilhas do Japão: nem das desta sorte haverá muitas no mundo; porque, se n'outras partes se esmerou a arte, e industria humana em mostrar o saber, e ingenho com que contrafaz as cousas naturaes, aqui deu todas as mostras da força e violencia, que póde fazer á mesma natureza. He o sitio uma alta e grande serra de rocha viva, onde está em roda, feita ao picão,

-O chão estava cheio de folhas sêccas, e, entre os troncos espaçados, moitas de hortensias pendiam abatidas, amarelladas dos chuviros: ao fundo a casa baixa, velha, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede, grandes aboboras amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro do inverno, esvoaçavam pombos. Por trás, o laranjal formava uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.

.....

(1) Ao pouco estudo dos classicos portuguezes e á Leitura de livros francezes, attribue Sotero dos Reis a transformação do Portuguez, e a qualifica de *vergonhosa metamorphose* (Postillas citadas, pag. 56-58!!!

hum a cava mui larga, e estão profunda, que mais parece se abria para ir fazer guerra aos dominios do inferno que para os homens se defenderem huns dos outros na terra: ficarão no meio do vão, a largura d'esta cava desapegados e postos, como insulas no mar, dez baluartes, que tendo no baixo o mesmo firme com ella, vem subindo, em boa proporção, solidos e massiços até o alto, onde são vasados quanto basta para commoda habitação da gente, que os defende. Ha d'huns aos outros boa distancia; por que assim é muito grande o circuito da espantosa cava: mas todos se correm com pontes levadiças; e da mesma maneira se passa de cada hum ao campo do meio, onde está o forte principal, a quem estes de fóra servem sómente de muro (1)*.

Junto do muro cresciam rosas de todo o anno; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz com tons amarellados, um grande campo de herva; os tectos baixos do curral coberto de colmo destacavam ao longe em escuro, e desse lado um fumozinho leve e branco perdia-se no ar muito azul.

Era uma abertura estreita no vallado: a terra do outro lado mais baixa, estava toda lamacenta. Via-se dalli a fazenda da S. Joanneira: o campo plano estendia-se até um olival, com a herva fina muito estrellada de pequenos malmequeres brancos; uma vacca preta, de grandes malhas, "pastava; e para além viam-se tectos aguçados dos casaes, onde voavam revoadas de pardaes(2).*

V

ESTYLO

623. *Estylo* é o modo peculiar de fallar e escrever que tem cada homem: quem o determina é a natureza: quem o corrige é a observação.

Todavia, ha certos modos irregulares de expressão de pensamento, que é util classificar. Estes modos irregulares

1) Lucena, *Vida de São Francisco Xavier*, Liv. VII, Cap. 21. Foi conservada a orthographia do auctor.

2) Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, Porto, 1880, pag. 157, 148, 150.

de pensar e de exprimir o pensamento manifestam-se, alterados a syntaxe regular.

- | | |
|---------------------|-------------------------|
| 1) por omissão | } de palavras e phrases |
| 2) por augmento | |
| 3) por transposição | |

624. As alterações da syntaxe regular, accéptas pelo uso, chamam-se *figuras da syntaxe*.

625. A omissão faz-se pela figura *ellipse*.

626. Consiste a *ellipse* na supressão de uma ou mais palavras, faceis de subentenderem-se, ex.: «*Ordeno que saias daqui*».

Neste exemplo, constitue *ellipse* a supressão dos pronomes *eu* e *tu*.

627. A *ellipse* toma o nome.

- 1) de *zeugma*, quando se supprime o sujeito ou o verbo da sentença que se coordena com outra, formando-se assim sentença contracta (Vide 366) ex.: «*Napoleão bateu os Austriacos, derrotou os Ingleses, destruiu os Mamelucos, venceu a todos. Deu a uns conselhos, a outros esperanças, a todos dinheiro*».
- 2) de *syllipse*, quando supprime o substantivo ou o pronome, com que deveria concordar o verbo ou o predicado, ex.: «*Eu e tu somos tolos*».

628. A *syllipse* póde ser :

- 1) de genero, ex.: «*Vossa Magestade é justo e bom*».
- 2) de numero, ex.: «*Parte dos inimigos fugiram*».
- 3) de genero e de numero, ex.: «*Parte da gente foram destroçados e mortos*».

629. O augmento faz-se pela figura pleonasmo.

630. Consiste o *pleonasmo* em juncar ás phrases, outras phrases, que em rigor deveriam ser omittidas, mas que servem para dar graça e energia ao pensamento, ex. : «*Parece-me a mim—Vi com estes olhos*».

631. A transposição faz-se pela figura hyperbato.

632. Consiste o *hyperbato*, na inversão das palavras e phrases da sentença.

633. O hyperbato toma o nome

- 1) de *anástrophe*, quando é ordenada a inversão das palavras e phrases, e. : «*De Jesus Christo a igreja vezes nove*».
- 2) de *synchysis*, quando é desordenada a inversão de palavras e phrases, ex. : «*O céu fere com gritos nisto a gente* (1)».

634. É viciosa a *synchysis* que gera confusão de idéas, ex. :

«*Entre todos co'o dedo eras notado*

Lindos moços de Arzilla em galhardia (2)».

VI

VICIOS

635. Vícios ha que deturpam o discurso, já nos seus elementos lexeologicos, já nos seus elementos syntacticos.

(1) Camões, *Lusiadas*, Cant. VI, Est. LXXII.

(2) Vasco de Quevedo Mousinho, *Affonso Africano*, Cant. III, Est. LXXIII.

636. O vicio lexeologico chama-se *barbarismo*, e consiste

- 1) em usar de palavras e phrases estranhas á lingua, ex.: «*Afroso — Abat-jour*» em vez de *Medonho — Quebra-luz*.
- 2) em dar ás palavras significação que ellas não têm, ex.: «*Confeccionar — Desapercebido*» em vez de «*Organizar — Despercebido*».
- 3) em accentuar e articular erradamente as palavras, ex.: «*Púdico — Cravão*» em vez de «*Pudico — Carvão*».
- 4) em empregar termos obsoletos, ex.: «*Bofe — Lt-dimo*» em vez de «*Certamente — Legitimo*».

ARCHAISMO

Archaismo: Dá-se este nome a termos que já foram usados, e hoje estão esquecidos. Ex.: *arteirice*, hoje *astucia*; *avença*, hoje *concordia* harmonia; *britar*, *partir*; *catar*, *olhar*, empregado no composto *catavento*.

NEOLOGISMO

Neologismo: Dá-se o nome de *neologismo* a palavras novas, que se vão introduzindo na lingua. Ex.: *carambolar*, *periodicista*, *bilontra*, *nasoculos*, *cardapio*. etc.

A mania do neologismo é das mais detestaveis. Hoje, no Brazil, ser novo quer dizer ser *neologista*. O neologismo só se justifica pela necessidade de uma denominação nova, para uma descoberta que tambem é nova, para um novo instrumento; ou então quando vem apadrinhado por um nome respeitado na lingua. Os *periodiqueiros* e os *novos*, não passam de deturpadores da lingua. Para trás!...

HYBRIDISMO

Dá-se nome de *hybridismo* ás palavras de creação nova, e que se formam com elementos de linguas differentes. Ex.: *photogravura*, *pulvero-graphia*; *oleographia*; em que o primeiro elemento é latino, e o segundo, grego.

As palavras de criação nova devem ser pedidas unicamente a uma lingua; *telegrapho, telephono*, são palavras de cunho legitimo.

Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte, cadent, parce detorta.

(Horatius, Ars Poetica).

637. O vicio syntactico chama-se *solecismo* e consiste em infringir as regras da syntaxe, ex.: "*Nós vai—Para tu*" em vez de "*Nós vamos—Para ti*".

638. Ha outros vícios, que deturpam a parte musical, a harmonia do discurso : são :

- 1) a *cacophonia* ou encontro de duas palavras que produza uma terceira de significação baixa ou torpe, ex.: "*Alma minha—Essa fada—Ella trina.*"
- 2) o *hiato*, ou encontro de vogaes accentuadas, ex.: "*Vou á aula —Mandou-o o honrado chefe.*"
- 3) o *écho* ou concurrencia de sons identicos, ex.: "*Quand ando trabalhando—Elles procurarão consolação á afflicção-do seu coração.*"
- 4) a *collisão* ou som aspero e desagradavel, resultante da successão de articulações roladas ou sibilantes, ex.: "*Temol-o por rei—As asas asues.*"

Os rethoricos têm regras e figuras para fazer de todos estes vicios, primores de linguagem.

FIM

ANNEXOS

Agente indeterminado em Romanico

Os factos de uma lingua qualquer, só pódem ser cabalmente elucidados, pelo estudo historico comparativo da grammatica dessa lingua.

As explicações metaphysicas, mais ou menos subteis, mais ou menos engenhosas, nunca satisfazem.

Os meios que emprega o Latim, que empregam as linguas romanicas, para indicar de modo abstracto a indeterminação do agente de um verbo, têm servido de thema a milhares de divagações, tão prolixas quanto abstrusas, tão requintadas quanto estereis.

Analyzar esses meios á luz do estudo historico comparativo das grammaticas romanicas e da latina, eis o fim que levo em vista.

E me não apresento, como exhibindo novidades: sigó apenas os passos dos srs. C. Waldbach e Adolpho Coelho, de Diez e Bopp, de todos os mestres de philologia e linguistica.

I

O primeiro meio de indicar em Baixo Latim, e nas linguas romanicas, a indeterminação do agente de um verbo, é dar por sujeito a esse verbo o substantivo *homo*, em Latim : *uomo* em Italiano, *hombre* ou *ome* em Hespanhol : *homem* em Portuguez ; *on* em Francez ; *omul* em Valaquoio.

Taes substantivos assumem neste caso verdadeiro character pronominal, e equivalem exactamente ao *man* allemão.

Exemplos :

BAIXO LATIM *Ut inter tabulas adspicere homo non posset* (1).

Sic debet (debet) homo considerare (2).

ITALIANO. *Com'uom fa dell'orribili cose* (3). *Com'uom dice* (4).

HESPAÑHOL. *No puede hombre conocer* (5) *Es razon que ome guarde mucho aquello* (6).

PORTUGUEZ. *O que homem traz na phantasia* (7). *Segredos que homem não conhece* (8).

FRANCEZ. *On dit. On croit.*

VALAQUIO. *De este omul beteage.*

1) Gregorio de Tours, IV. 12.

2) Lupus, *Codex Diplomaticus*, pag. 527.

3) Dante, *Purgatorio*, XIV, 69.

4) Bocaccio, *Decameron*, I. 7.

5) Marquez de Santillana, *Proverbios*, 70.

6) *Las siete partidas del rey don Affonso el sabio*, Tom. I pag: 76.

7) Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, cap. VII.

8) Camões, *Lusiadas*, Cant. III. Est. 69.

O FRANCEZ é a unica lingua romanica que no periodo actual ainda conserva vigente este modo de expressão : applica-o elle a ambos os generos, a ambos os numeros — *On doit être bon : On doit être bonne. On se battit en désespérés.*

Em Portuguez a palavra *gente* presta-se a uso identico : *Quando a gente tem tutor ou padrinho.*

II

Indica-se tambem nas linguas romanicas a indeterminação do agente de um verbo, unindo-se a esse o pronome reflexivo *se*, considerado como mera particula apassivadora.

Neste uso que remonta aos monumentos mais antigos do dominio romanico, cumpre distinguir dous casos :

1.º) *Expressão impessoal*

A) Com verbos transitivos

a) ITALIANO. *Si dice. Si crede. Si sa. Non può dire.*

b) HESPAÑHOL. *Se dice. Se cree. Se sabe.*

c) PORTUGUEZ. *Dis-se. Crê-se. Sabe-se.*

B) com verbos intransitivos

a) ITALIANO. *Si va. Si vien. Si vive.*

b) HESPAÑHOL. *Se anda. Se viene. Si vive.*

c) PORTUGUEZ. *Vai-se. Vem-se. Vive-se.*

d) VALAQUIO. *Se mearge. Se vine.*

2.º) *Expressão pessoal.* Neste caso o verbo, que só transitivo pôde ser, regula-se pelo numero do sujeito.

a) ITALIANO. *Il libro non si trova. I libri non si trovano.*

b) HESPAÑHOL. *Se teme una borrasca. Si dicen muchas cosas.*

c) PORTUGUEZ. *Dá-se um baile. Plantam-se árvores.*

d) FRANCEZ. *Cela se fait. La maison se bâtit.*

Sendo o sujeito, como nos exemplos adduzidos, nome de cousas, nada se oppõe a esta construcção; si é, porém, o sujeito nome de pessoa ou mesmo de ser vivo, a expressão póde ficar equivocada. Assim, não se dirá em Italiano—*I fratelli se puniscono*; em Hespanhol—*Las mujeres se miran*; em Portuguez—*Ferem-se os soldados*, etc.

Mas, como não ha confusão a temer, diz-se em Italiano—*Laddove Cristo tutto di si merca* (1); em Hespanhol—*Las mujeres se conquistam por semejantes medios* (2); em Portuguez—*Vencem-se os reis com lisonjas*.

Segundo Diez, a grammatica italiana prescreve o emprego da voz passiva propria em vez desta construcção com *si*, sempre que a phrase contém um pronome pessoal, ensina o douto mestre que se deve dizer—*Mi é stata tagliata la borsa*, e não *Mi si taglió*. Todavia Silvio Pellico escreveu: *Mi si fece un lungo interrogatorio* (3).

Ora o que resta a saber é si estas fórmulas são realmente passivas.

São, e a prova é que ás vezes empregam-se com o agente claro.

Lé-se em Solis: *Adorno-se luego por sus mismos criados con las mejores alhajas de su guardaropa* (4). E em Cervantes: *En un instante se coronaron todos los corredores del patio de criados e criadas* (5).

1) Dante, *Purgatorio*, XVII, 51.

2) Menezes.

3) *Le mie prigioni*.

4) *Historia de la conquista de Mejico*.

5) *Dom Quijote*.

E não é tudo: estas fórmulas correspondem com exactidão mathematica ás fórmulas passivas latinas.

A voz passiva em Latim classico tem por principaes objectos

- 1) trazer a lume o nome que teria servido de paciente, si a oração fosse construida em voz activa, nome esse que na passiva figura como sujeito.
- 2) indicar uma acção, sem designação precisa do agente que a leva a effeito (1).

O primeiro destes usos só tem logar como verbos transitivos; o segundo estende-se até os intransitivos.

São ambos tão communs nos escriptos latinos do periodo classico, que não se faz mister apontar exemplo: todavia adduzirei alguns do segundo.

- 1) com verbos intransitivos:

Subeatur ista quantacunque est indignitas.

Quum de fœdere agitatū esset. (TITUS LIVIUS).

- 2) Com os verbos transitivos:

Vivitur ex rapto.

Nunc pedibus itur (OVIDIUS).

Itum est in consilio.

De provinciis decedatur. (CICERO).

Si agro Samnitum decederetur. (TITUS LIVIUS).

Fica, pois, demonstrado que as fórmulas romanicas construidas com *se*, bem como as fórmulas latinas passivas, servem para exprimir a acção, sem trazer a lume o agente.

Mas como servem construcções tão differentes para um mesmo fim?

1) Guardia Wierzeyski.

Não são diferentes as construcções. e quem o vai provar, é ainda o estudo historico comparativo.

As antigas linguas aryanas tinham tres vozes—a activo, a media e a passiva.

A *voz activa* indica uma acção do sujeito, a qual passava para um objecto : a *média* exprimia uma acção que, partida do sujeito, recahia sobre elle proprio ; a *passiva* traduzia uma acção que, vinda de agente estranho, era recebida ou soffrida pelo sujeito.

Volvendo os annos, a voz média confundia-se com a passiva.

Os tempos dos verbos em Grego, á excepção do primeiro aoristo e do futuro, têm as mesmas fórmas para a voz média e para a passiva.

O Latim teve de certo, para exprimir o sentido da voz média, desinencias analogas ás gregas *mai, sai, tai* ; perderam-se, porém, deixando apenas os vestigios que hoje nos auctorisam a tal supposição. Substituiu-as uma formação periphrastica: o pronome reflexivo *se* juntou-se ás fórmas de todas as pessoas dos tempos de acção incompleta da voz activa, para construir uma nova forma de voz média, que afinal veio a ser a passiva do periodo classico.

A tendencia das linguas aryanas foi sempre exprimir o sentido da voz média por fórmas simples: os elementos, pois, da composição fundiram-se em Latim, e constituíram palavras aparentemente simples.

Tal fusão operou-se sob a acção das leis phoneticas peculiares ao Latim.

Dessas leis tres ha que se faz mister conhecer, para se poder comprehender o processo da fusão :

- 1.^a) Entre duas vozes a modificação *s* converte-se em *r*.
- 2.^a) As vozes finaes, não accentuadas, cáem.
- 3.^a) As vozes longas finaes abreviam-se.

Assim, pois, por exemplo, pela addição do pronome reflexo *se*.

lego	deu	legose,	legore,	legor:
lege	»	legese,	legere,	
legeto	»	legetose,	legetore,	legetor:
leganto	»	legantose,	legantore,	legantor:
legam	»	legase,	legare,	legar:
legis	»	legise,	legire,	legere:
legimus	»	legimuse,	legimure,	legimur:

Nas terceiras pessoas em *t*, como *legit*, *legunt*, encontra-se na voz passiva, entre a desinencia activa e o pronome reflexivo apassivador *se*, um *u* :

legite	legituse,	legiture,	legitur ;
legunt,	leguntuse,	legunture,	leguntur;

Provém de certo esse *u* de um *o* connectivo que se vê tambem na desinencia grega *to*.

É verdade que em Latim não ha fórmula correspondente a fórmula grega *elécto*, mas ás fórmulas gregas *legoito*, *legointo* correspondem as latinas *legeto*, *legento*, que pela addição do pronome *se*, e por transformações regulares converteram-se em *legetor*, *legentor*.

Muito se poderia aprofundar este assumpto ; basta porém, o que fica dito para provar que as fórmulas passivas dos tempos de acção incompleta do periodo classico latino foram fórmulas médias creadas pela addição do pronome *se* ás fórmulas activas correspondentes.

Ora, é exactamente o mesmo que se dá nas linguas romanicas : a voz média ou reflexa converteu-se em voz passiva, appropriando-se nas terceiras pessoas a exprimir a indeterminação de um agente que se não especifica.

Ha ainda a notar que a voz reflexa em romanico, é tambem empregada como equivalente da passiva nas pri-

meiras e nas segundas pessoas. E' obvio o sentido passivo destas construcções.

Devoro-me de pesar.

Tu te pagas de lisonjas.

Mesmo em Inglez, lingua *foncièrement* germanica, ha um passivo curiosissimo para exprimir a indeterminação do agente :

Peter is said to have spent uselessly his time.

We do not suffer ourselves to be trifled with.

Nesta identidade dos meios de expressão, dos processos linguisticos dos modernos idiomas arianos, não se enxergará um effeito do atavismo, lei tão provada na evolução sociologica, como está na biologica ?

III

Em Latim e Grego, a terceira pessoa do singular da voz passiva, quando se tracta de indicar a indeterminação do agente, pôde ser trocada pela terceira pessoa do plural da voz activa sem sujeito claro : em Latim, *dicitur* equivale a *dicunt*; em Grego *legutai* tem a mesma força que *legousti*.

O mesmo dá-se na mór parte das linguas romanicas, o mesmo acontece em Inglez; em Italiano *sí dice* vale tanto como *dicono*; em Inglez *credit is given to this* e *they give credit to this* são expressões identicas.

Em Portuguez e Hespanhol, são vernaculissimas construcções como estas :

Mataram o general em Pariz.

Me han convidado para las cinco menos cuarto.

Este verbo no plural representa muitas vezes uma acção que, pelo contexto, sabe-se ter sido exercida por agente de singular.

Menina e moça me levaram da casa de meu pae pera longes terras (1)
Una vira me han tirado (2).

Em ambos estes exemplos, quem executou a acção do verbo foi uma sô pessoa.

Frequentemente, dá-se em Portuguez á terreira pessoa do plural da voz activa um sujeito que, sendo incapaz de exercer a acção do verbo, indica por isso mesmo a indeterminação do agente.

Muitos a vida, e em terra estranha e alheia,
Os ossos para sempre sepultaram. (3).

E os que neste sentido o acompanharam
Os ossos em penhascos transformaram (4)

Objectar-se-á, de certo, que, a ser assim, só philologos e linguistas poderão entender e explicar taes construcções.

Mas, por Deus, de accordo, de perfeito accordo !

Não ha necessidade de dar a uma pessoa razões falsas, por isso que ella não pôde entender as verdadeiras.

Ao estudante de grammatica basta que lhe ensinem o uso correcto: quem se lembrou jámais de explicar a um menino que começa a aprender a grammatica de sua lingua

1) Bernardim Ribeiro, *Menina e moça*.

2) Silva de romances viejos.

3) Camões. *Lusiadas*, Cant. V. Est. 81.

4) Gabriel Pereira de Castro, *Ulisséa* Cant. V. Est. 91.

o processo de derivação porque passaram as conjugações dessa lingua, para chegarem ao estado em que se acham ?

Ninguém, porque seria desatino.

Pois o que se dá na lexeologia, porque se não dará na syntaxe ?

Apresente-se a declinação, a conjugação como factos linguisticos; pois apresenta-se tambem do mesmo modo a construcção, deixando-se de parte elucidações especiosas.

Explique e entenda um e outro facto, e todos os da lingua, quem tiver estudado philologia e linguistica.

Subtilezas só engendram confusão: em metaphysica, cada qual discreteia a seu modo, e ha sempre tantas sentenças, quantas são as cabeças.

As irregularidades, os idiotismos, os dizeres intimos de uma lingua, só pelo estudo historico comparativo podem ser postos em luz, explicados, solvidos.

Campinas, 27 de Agosto de 1881.

II

O artigo Portuguez (1)

Postas de parte, por anti-historicas e falhas, as opiniões de Constancio (2) e de José Alexandre Passos (3), que entendem vir o artigo portuguez das fórmãs do artigo grego *ó o* (ho, he), examine-se a doutrina de Diez (4), seguida por quasi todos os romanistas.

Diz o grande mestre que o artigo portuguez foi outr'ora identico ao artigo hespanhol. e que as fórmãs *lo, la* abreviaram-se por aphérese em *o, a*. Diz mais—que se acha em Gallego *el* ao lado de *o*; que esta fórmula actual remonta tão alto no romanismo que já é encontrada em documento

1) Este bem como os subsequentes artigos, escrevi-os em homenagem ao erudito dr. Karl von Reinhardstoettner: era dever meu dar as razões de não acceitação de algumas das emendas, que em o numero 5 do "*Literaturblatt für germanisch und romanische Philologie*" de 1882 fez-me o douto professor.

Outras observações suas, que não são poucas, achal-as-á elle aproveitadas nos logares competentes.

Sobre a etymologia de *algures, alhures nenhures*, nada aqui adduzo, porque a esse respeito escrevi em Francez uma memoria que vou mandar para uma revista de philologia.

2) *Novo Diccionario Critico e Etymologico*.

3) *Diccionario Grammatical Portuguez*, Rio de Janeiro 1865.

4) *Grammaire des Langues Romanes*, Traduction de Morel, Patio et Gaston Paris, Paris. 1874, vol. II. pag. 29 et suivantes.

do seculo XIII; que as duas fórmãs *el* e *o* viveram de par em Portuguez, muitos seculos.

Admittidos os factos da segunda parte das asserções do mestre, porque são rigorosamente exactos, discuta-se a primeira parte das mesmas asserções, o ensinamento de que *lo* abrandou-se em *o*.

Porque esta aphérese? Qual a sua razão de ser?

Nenhuma.

Si o *o* de *lo* fosse uma voz tónica, isto é, uma voz fortemente accentuada, poder-se-ia ter dado o facto: sendo elle, porém, voz atónica, sendo o artigo um verdadeiro proclítico, era de boa razão, era mais, era glótico, era physiologico, que se conservasse, para apoio da voz fraca, a modificação característica *l*.

Foi o que fez sempre o Francez, foi o que fizeram o Hespanhol e o Italiano em certas emergencias.

O caso é que o artigo portuguez não vem de *ille* em forma nenhuma, mas sim de *hoc*, *hac*, fórmãs ablativas de *hic*.

Que *hic*, *hæc*, *hoc* empregam-se em Latim para distinguir o genero dos nomes não ha que duvidar. Plinio o antigo, seguido por seu sobrinho, Plinio o moço, e pelos grammaticos posteriores, propõe que se reconheça um artigo em *hic*, *hæc*, *hoc*.

Na baixa latinidade, encontra-se a cada passo *ille* como forma articular e pronominal, mas tambem não faltam exemplos de *hic*.

Eis alguns desses exemplos tomados da collecção *Diplomatae et Chartae*, de que vem extractos no começo do segundo volume do *Diccionario* de Frei Domingos Vieira:

«*Que spontanea morte corporea de hoc seculo ad alia uita humana transferuntur animas...* (Anno 870)».

Para melhor elucidação veja-se o *seculo* (*seculo* precedido de *o*) em Moraes, artigo *seculo*.

«*Ranemirus presbiter qui* HEC notuit manu mea (Anno 897)».

«*Et qui hunc ex nobis ad infringendum uenerit* HUNC culmellos divisionis charcat omne sua portione in **has** villas desuper nominatos (Anno 950)».

«*Cum demone habeant participium qui* HUNC votum «nostrum irrumpere voluerint (Anno de 983)».

«*Moneo ut nemo presumerent in alia parte transferre uindere uel donare sed in* HOC loco predicto seruire... (Anno 1041)».

«*Has uillas et ecclesias sicut in* HANC tesmamento et «in alias nostras scripturas sun colligate... (Anno 1058)».

Encontram-se exemplos de *ille* alternado com *hic* na mesma sentença :

«*Nunc autem ordinamus ut ipsa uilla osgildi habeant* «*ILLA in ipso arcisterio sorores in stipendio illorum in uictum et tolleracione per manu abbatis qui* HUNC cenobio ductum habuerit et reddat ad *ILLAS* fideliter *ILLO* fructu per «*curriculum annos cunctis diebus sceptis alia sua ratione* «*que de* HANC monasterio sunt solitas accipere (Anno 1211)»

A forma *o* articular e pronominal alterna com *lo* nos primeiros documentos escriptos em Portuguez :

«*Venerum a Vila, e filali o porco ante seus filios e cumerum-s'si-lo. Venerum alia vee er filarum o trigo ante* «*ILLES, er cumerum-s'o. Venerum in alia vive, er filiarum* «*uma ansar ante sa filia, er cumerum-e. A* (Anno 1185 a 1211).

O, a, os, as, fórmās articulares já inconcussas no Portuguez antigo, escrevem-se por vezes com *h* etymologico em documentos do seculo XII :

«Hos *alcaldes non estem em corral com os VI sinon quando enviaren por ellos.*

«Hos *alcaldes non fagan en uno corral con VI, nin en vernes, nin en sabado, si non fore por barallar sus vozes.*».

(FOROS DE CASTEL RODRIGO, *Liber Secundus*, L. LI, anno 1209).

Ha a notar que parece haver tendencia a usar de *o* (*hoc*) como artigo e de *lo*, *illo* (*ille*) como pronome :

«*Super isto plazo ar ferum suo pleito e a maior ajuda que illos hic conocerum que les acanocese Laurencio Fernandis, sa irdade per preito, que a tevesse o Abade de Santo Martino, que como vencessem outra que assi les desse de ista o Abade, e que nunca illos leixassem d'aquella irdade* (Anno 1185 a 1211)».

«*E' las colonas que forem feytas en una alcaideria si non la demandaren essos alcaldes de esse anno, hos outros alcaldes que entraren non las demanden mays, mas demande o quereloso o seu deryto.*».

(FOROS DE CASTEL RODRIGO, *Liber Secundus*, XXXXVI, Anno 1209).

Nos seculos subseqüentes, accentua-se o triumpho definitivo das fórmās *o*, *a*, *os*, *as*, quer como artigos, quer como pronomes, e as fórmās vencidas *lo*, *la*, *los*, *las*, desaparecem de uma vez.

Em conclusão : porque recusar uma etymologia de perfeito accordo com o systema romanico, e, o que é mais attestada pela evidencia dos factos ?

III

Aoristo

As grammaticas francezas, seguidas por muitas portuezas, chamam *perfeito definito* a um tempo verbal que as grammaticas inglezas appellidam *indefinite*, as italianas *indeterminato*, e as gregas *aóristos*.

Burnouff, procurando explicar esta contradição, diz (1): «Le mot *aoriste* vient du grec *aóristos* et signifie *indefini, indéterminé*. Pourquoi donc le même temps s'appelle-t-il en français *défini* et en grec *indéfini*? Le voici : «en français, la denomination de ce temps est tirée de l'emploi qu'on en fait. Or, on ne s'en sert que quand l'époque est fixée par quelque terme accessoire, come *l'an dernier*. En grec, au contraire, sa denomination est tirée de sa nature même. Or, par sa nature, il est indéterminé ; car si vous dites, *je lus ce livre*, on vous demandera, *quand?* et c'est la réponse à cette question qui seule déterminera l'époque. *Je lus* n'offre donc par lui même qu'une idée indéfinie, indéterminée ; la denomination d'*aoriste* est donc parfaitement juste. A la difference du français, le grec emploie souvent cette forme dans les phrases où l'époque n'est marquée par aucun terme».

Porque Diez ensinou que *o* vem de *ille*?

Mas isto é forçar a derivação, e o perspicassismo e honestissimo Diez reconhece-o: Diz elle: (1)

« Este artigo dá ares de ter alguma cousa de particular, quasi anti-romanico ».

Ainda mais: em relação ao nome provençal, Diez reconhece a verdadeira etymologia da fôrma *o*. Para a terceira pessoa, diz o venerando e saudoso mestre (2), « faz-se mister assignalar ainda o neutro *o* (Latim *hoc*) de um radical differente, por exemplo «*S'ilh es folha, ja ieu non o serai*».

Em vista do exposto, relevar-me-á o douto professor de Munich (3) que eu continue a manter nesta edição a etymologia que dei na primeira ao artigo portuguez.

C. pivary, 31 de Dezembro de 1884.

(1) *Obra citada*, logar citado.

(2) *Obra citada*, vol. II, pag. 88.

(3) Dr. Karl von Reinhardstoettner.

Em relação ao nome do tempo, Diez é ainda mais positivo: « Os grammaticos francezes chamam-lhe *definito* « porque, segundo a opinião d'elles, esse tempo designa « um momento determinado—*j'ecrivis hier*—É uma expres- « são *mal escolhida*, e que *não convem* ao seu emprego « mais importante como tempo historico. O Italiano diz « pelo inverso *indeterminato*, e o Grego designa um tempo absolutamente semelhante pela palavra aóristos.

O tempo verbal em questão, é o que indica em absoluto a preteritividade do enunciado; eu lhe chamo com os Gregos *aoristo*.

O tempo verbal que indica a reiteração preterita do enunciado, é um tempo acabado, completo: para este reservo eu o nome de *perfeito* (*perfectum*, acabado, completo).

Ha ainda uma razão historica, melhor diria eu—ativa, para dar a tal tempo o nome de *aoristo*. O perfeito latino, de quem elle é filho legitimo, mais deve ser considerado como um artigo aoristo do que como um perfeito.

Diz Bopp ⁽¹⁾: « Assim o perfeito latino, a que por sua « significação ter-se-ia bem o direito de chamar aoristo, « *nada tem de commun com o perfeito grego e sãoskrito*. Eu creio poder relacionar todas as fórmas delle ao « aoristo sãoskrito, mesmo sem exceptuar as fórmas redobradas como *cucurri*, *momordi*, *cecini*. Temos, com effeito, aoristos como *dcûcuram*, medio *dcûcurê* (raiz *cur* « roubar » e *épephladon*, *épephlon*. *Cucurri*, *momordi*, *cecini* perderam simplesmente o augmento, como também « o perderam *scripsi*, *vexi*, *mansi*, e como também o perdeu o imperfeito. E esta ausencia de augmento que lhes « dá o aspecto de perfeitos gregos e sãoskritos ».

Isto posto, considerando

(1) *Grammaire Comparée des langues Indo-Européennes*, Traduction de M. Michel Bréal, Paris MDCCCLXXV, vol. 3.º pag. 179.

- 1) que em Sãoskrito e em Grego ha dous tempos *aoristo* e *perfeito*;
- 2) que o *perfeito* latino desempenha as funcções de ambos;
- 3) que o *perfeito* latino é um aoristo e não um verdadeiro perfeito;
- 4) que o tempo portuguez, em questão, é filho legítimo do perfeito latino ou antes, é o mesmo perfeito latino «com pouca corrupção»;
- 5) que a funcção exercida pelo tempo portuguez é essencialmente aoristica:

Concluo que, sem restricções e legitimamente, se pode chamar a esse tempo *aoristo*.

E para corroborar a conclusão tenho ainda duas auctoridade.

1.a

DIEZ ⁽¹⁾: «Os tempos do passado (romanico) compararam-se melhor com os tempos do Grego do que com os do Latim. O imperfeito corresponde ao imperfeito grego; o primeiro perfeito ⁽²⁾ ao aoristo; o segundo perfeito ⁽³⁾ ao perfeito».

2.a

CAIX DE SAINT AYMOUR ⁽⁴⁾: «En dehors de ce parfait «par redoublement, le latin connait deux autres parfaits «d'une formation tout differente; nous voulons parler des «parfaits en vi ou Benfey a reconnu le premier le parfait FUI du verbe FU (rac. BHU. exister, être), et aussi du «parfait en si qu'il fraudrait nommer AORISTE, né du verbe AS, en latin ES, souffler, respirer exister, être».

Capivary, 1 de Janeiro de 1884.

⁽¹⁾ *Obra citada*, volume citado, pag: 256.

⁽²⁾ O *defini* das grammaticas francezas.

⁽³⁾ O *indefini* das sobreditas grammaticas.

IV

Conjugações portugezas

Quer o douto professor de Munich que haja em Portuguez só tres conjugações

Diz elle que *pôr* é uma contracção de *poer*, e que por isso, é um verbo da segunda conjugação.

Quanto á primeira parte do asserto, nada ha a dizer: *pôr* é de facto uma contracção de *poer*. Quanto á outra, o illustre philologò não tem razão.

Com effeito, que é conjugação, praticamente fallando? É a maneira de flexionar-se um verbo. Haverá, pois, tantas conjugações quantas forem as maneiras mais geraes de se flexionar os verbos. *Pôr* e seus compostos, tendo fórmás exclusivamente suas, constituem conjugação á parte.

E este systema de arvorar em conjugação cada maneira especial de flexionar um grupo de verbos é de tanto alcance pratico, que até Brachet ⁽¹⁾ chega a admittir cinco conjugações em Francez, geminando a chamada segunda das grammaticas usuaes.

A vigorar na pratica a theoria do sabio professor de Munich, haveria nas grammaticas latinas uma só conjugação, a de flexão forte, a terceira cujo thema termina por *u* ou por modificação vocalica; a primeira, a segunda e a

(1) *Nouvelle Grammaire Française*, Paris. 1878, pag. 103.

quarta cujo thema acaba em *a, e, i* desapareceriam, filiando-se todas na referida terceira da qual são contracções.

Amare effectivamente está por *amãere*, *monére* por *monéere*, *vestire* por *vestiere*.

E, havendo em Latim uma só conjugação, tambem em Portuguez, tambem em Francez, uma só haveria.

Sob o ponto de vista scientifico, historico, de facto assim é: tanto em Latim, como em Portuguez, como em Francez, ha uma só conjugação.

As *quatro* conjugações latinas, as *quatro* Portuguezas, as *cinco* francezas de Brachet, são mais praticas do que theoricas, mais do uso do que de sciencia.

Cepivary, 2 de Janeiro de 1884.

INDICE

PREFACIO	I
INTRODUÇÃO	1

PRIMEIRA PARTE

Lexeologia	
----------------------	--

LIVRO PRIMEIRO

Elementos materiaes das palavras	3
Secção primeira—Phonetica	3
» segunda—Prosodia	12
» terceira—Orthographia	27

LIVRO SEGUNDO

Elementos morphicos das palavras	60
Secção primeira—Taxeonomia	60
I—Substantivo	62
II—Artigo	65
III—Adjectivo	65
IV—Pronome	70
V—Verbo	72
VI—Adverbio	76
VII—Preposição	77
VIII—Conjunção	78
IX—Interjeição	80
Secção segunda—Kampenomia Ptoseonomia	81
I—Substantivo	88
1.º—Genero	88
2.º—Numero	96
3.º—Grau	102
II—Artigo	107
III—Adjectivo	108
1.º—Genero	108
2.º—Numero	110
3.º—Grau	111
IV—Pronome	114
V—Verbo	115

Tabella 1—Quadro comparativo das terminações dos tempos simples das quatro conjugações regulares

» 2—Conjugação do verbo	H AVER.	115
» 3— » » »	T ER.	115
» 4— » » »	S ER.	115
» 5— » » »	E STAR.	115
» 6— » » »	C ANTAR	115
» 7— » » »	V ENDER	115
» 8— » » »	P ARTIR.	115
» 9— » » »	P ÔR.	115
» 10— » » »	S ER VENDIDO.	115
» 11— » » »	H AVER DE CANTAR	115
» 12— » » »	ÂNDAR CANTANDO	115
» 13— » » »	Q UEIXAR-SE	115
» 14— » » »	T ROVEJAR.	115

VI—Adverbio	134
-------------	-----

Secção terceira—Etymologia

I—Substantivo	147
---------------	-----

§ 1.º—Substantivos portuguezes derivados de substantivos latinos.	147
---	-----

§ 2.º—Substantivos derivados de palavras da lingua portugueza	150
---	-----

—Affixo	150
---------	-----

—Prefixo	152
----------	-----

—Suffixos	156
-----------	-----

—Substantivos derivados de verbos	161
-----------------------------------	-----

§ 3.º—Substantivos derivados de linguas estrangeiras	162
--	-----

—Lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas.	163
--	-----

—Artigo	170
---------	-----

II—Adjectivos	171
---------------	-----

§ 1.º—Adjectivos descriptivos	171
-------------------------------	-----

§ 2.º—Adjectivos	176
------------------	-----

VI—Pronome	178
------------	-----

§ 1.º—Pronomes substantivos	178
-----------------------------	-----

§ 2.º—Pronomes adjectivos	179
---------------------------	-----

V—Verbo	180
---------	-----

—Estudo historico das fórmãs do verbo S ER	181
--	-----

—Estudo historico da conjugação regular portugueza	188
--	-----

—Formação dos verbos	203
----------------------	-----

VI—Preposição	204
---------------	-----

VII—Conjunção	206
---------------	-----

VIII—Adverbio	207
---------------	-----

IX—Interjeição	210
----------------	-----

PARTE SEGUNDA

LIVRO PRIMEIRO

Syntaxe lexica.	214
Secção primeira — Relação das palavras entre si	214
» segunda — Particularidades do sujeito, do predicado e do objecto	218
I—Sujeito	218
II—Predicado.	219
III—Objectos	220

LIVRO SEGUNDO

Syntaxe Logica	221
Secção primeira—Coordenação.	221
» segunda —Subordinação	223
I—Clausulas substantivos	224
II—Clausulas objectivos	225
III—Clausulas adverbios	225

LIVRO TERCEIRO

Regras de Syntaxe	—
I—Substantivo	227
II—Artigo	228
1.º—Concordancia do artigo	228
2.º—Uso do artigo antes de um só substantivo	228
3.º—Uso do artigo antes de substantivos consecutivos	234
III—Adjectivos.	235
1.º—Concordancia do adjectivo	235
2.º—Posição do adjectivo	239
3.º—Repetição e omissão do adjectivo determinativo antes de um ou mais substantivos.	240
4.º—Adjectivos numeraes	241
5.º—Adjectivos conjunctivos	243
6.º—Adjectivos indefinitos	243
7.º—Formação dos comparativos e dos superlativos	244
8.º—Adjectivos correlativos.	246
I—Pronome	246
1.º—Pronomes substantivos em relação adverbial.	249
2.º—Pronomes substantivos em relação objectiva adverbial	249
3.º—Posição e influencia dos pronomes substantivos em relação subjectiva, objectiva e objectiva adverbial	250
4.º—Emprego pleonastico de pronomes substantivos	255
5.º—Uso particular de alguns pronomes demonstrativos.	257

6.º—Pronomes conjunctivos	258
7.º—Pronomes indefinitos	260
V—Verbo	260
1.º—Sujeito	260
2.º—Predicado	262
3.º—Objecto	263
4.º—Significação transitiva e significação in- transitiva	265
5.º—Voz activa e voz passiva	267
6.º—Modos	270
I—Indicativo e subjunctivo	270
II—Imperativo	275
III—Condicional	276
7.º—Formas nominaes do verbo	277
I—Infinito	277
II—Participio	279
8.º—Substituições dos tempos dos verbos uns pelos outros	281
9.º—Correspondencia dos tempos dos verbos entre si	284
10.º—Ser e estar	293
11.º—Verbos impessoaes	297
12.º—Concordancia do verbo com o sujeito	301
VI—Negações	305
VII—Preposição	308
1.º—A	308
2.º—Ante	310
3.º—Após Pós	310
4.º—Até, Té	310
5.º—Com	311
6.º—Contra	312
7.º—De	312
8.º—Desde, Des	315
9.º—Em	315
10.º—Entre	316
11.º—Para	317
12.º—Por	317
13.º—Sem	319
14.º—Sob	119
15.º—Sobre	319
16.º—Trás	320
17.º—Preposições concorrentes	320
VIII—Conjunção	320
IX—Adverbio	321
X—Interjeição	323

LIVRO QUARTO

Additamentos	324
I—Pontuação	323

1.º—Virgula	324
2.º—Ponto e virgula	326
3.º—Dois pontos	326
4.º—Ponto final	327
5.º—Interrogação	327
6.º—Admiração	328
7.º—Reticencia	328
8.º—Parenthesis	328
9.º—Aspas	329
10.º—Hyphen	329
11.º—Travessão	329
II—Emprego de letras maiusculas	330
III—Ordem das palavras e phrases na construcção de sentença simples	332
IV—Ordem dos membros e clausulas na construcção de sentenças compostas	332
V—Estylo	334
VI—Vícios	337
—Archaismo	337
—Neologismo	337
Hybridismo	337

ANNEXOS

I—Agente indeterminado em romanico	340
II—O artigo portuguez	350
III—Aoristo	355
IV—Conjugações portuguezas	358

Unidade PD-IFCH

Proc. 819/70

N. F. _____

N. Empenho 3028/70

Agente Paulo Duarte

Preço 4\$500.000,00

(Biblioteca)

Data Emissão _____

Data 24/5/77